

ABRUEM

Relatos de experiências sobre **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM INSTITUIÇÕES ESTADUAIS E MUNICIPAIS** de Ensino Superior do Brasil

Organizadores:

Evandro Salvador Alves de Oliveira
Juliane Rezende Cunha
Fabiana Regina Veloso
Alfredo Balduino Santos
Luiz Alberto Rodrigues
Leticia Maria Pinto da Costa
Anita Bellotto Leme Nagih
Flavia Haddad França
Rogério Ohhira
Moacyr Laterza Filho
Kyldes Batista Vicente
Esdras Marchezan
Maria Anezilany Gomes do Nascimento

Reitor
Prof. Dr. Marco Aurélio Ferreira

Vice-Reitora
Profa. Dra. Anita Bellotto Leme Nagib

EDITORA UNIFAE
Editora Científica
Profa. Dra. Laura Ferreira de Rezende Franco

Projeto Gráfico e Diagramação
Profa. Esp. Ana Paula Malheiros Romeiro
Profa. Esp. Daniela Leopoldino da Silva
Estagiária - Luísa Silva Campos
Estagiária - Anna Cecília Gomes

Produção Editorial e Revisão
Profa. Esp. Ana Paula Malheiros Romeiro
Profa. Esp. Daniela Leopoldino da Silva
Estagiária - Luísa Silva Campos
Estagiária - Anna Cecília Gomes

2023

Ficha Catalográfica

A149r
2023
Relatos de experiências sobre a extensão universitária em instituições estaduais e municipais de ensino superior do Brasil / Coordenação ABRUEM; Evandro Salvador Alves de Oliveira... [et al.]. (orgs.). – São João da Boa Vista: Editora UNIFAE, 2023.

303 p.: il.

Inclui bibliografia.

1. Projetos de extensão. 2. Universidade estadual. 3. Universidade municipal. I. Oliveira, Evandro Salvador Alves de. II. ABRUEM. III. Título.

CDU: 374.72

CDU: 378.12

APRESENTAÇÃO	7
PREFÁCIO	14
Etevaldo Almeida (UERN).....	14
1 A VOZ DOS ADOLESCENTES DA FLORESTA AMAZÔNICA ECOA PELA GARANTIA DOS DIREITOS, EM TERRITÓRIO AMAZONENSE	15
Joelma Monteiro de Carvalho (UEA).....	15
Corina Lucia Costa Ramos (IIDAC)	15
2 CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO “BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA UNIFIMES” DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	22
Evandro Salvador Alves de Oliveira (UNIFIMES)	22
Juliane Rezende Cunha (UNIFIMES)	22
3 LADO ROSA DA VIDA: PROGRAMA DE TELEORIENTAÇÃO DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19 – RELATO DE EXPERIÊNCIA	29
Laura Ferreira de Rezende (UNIFAE)	29
Bruno Figueiredo Custódio Alves (UNIFAE)	29
Anita Bellotto Leme Nagib (UNIFAE).....	29
4 COMPONENTE CURRICULAR LIBRAS: CONTEXTUALIZANDO AÇÕES DA EXTENSÃO NA GRADUAÇÃO DO CAMPUS I – SALVADOR - DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA	41
Sheila Batista Maia Santos Reis da Costa (UNEB).....	41
5 A SUCATOTECA COMO MEIO DE INTEGRAÇÃO ENTRE A MEMÓRIA DO BRINCAR E A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE: A EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NAS REDES SOCIAIS	55
Paloma Rezende de Oliveira (UEMG – Carangola)	55
Fernando Rodrigo dos Santos Silva (FSJT/SME – Duque de Caxias)	55
Luciana Borges Patroclo (UERJ – RJ)	55
Cintia Nascimento de Oliveira Conceição (UNESA/SME – Rio de Janeiro).....	55
6 EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS EM TERRITÓRIO FRONTEIRIÇO	65
Eliana Lamberti (UEMS).....	65
Rosele Marques Vieira (UEMS).....	65
7 PENSAR OUTROS: UMA IMERSÃO NAS COSMOGONIAS NAGÔ E GUARANI	79
Tatiana Maciel Gontijo de Carvlho (UEMG – Divinópolis).....	79
Ana Carolina Moreira Barcelos (UEMG – Divinópolis)	79
Vítor Olegário Oliveira (UEMG – Divinópolis).....	79
8 A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR: CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM PEDAGOGIA	87
Macilene Vilma Gonçalves-Ribeiro (FaE/UEMG)	87
Daniel Cardoso Alves (FaE/UEMG)	87
9 O PROJETO FIC NO CAMPUS E OS DESAFIOS PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	99
Liliana Borges (FaE/UEMG)	99
Daniela Perri Bandeira (FaE/UEMG).....	99
Laurici Vagner Gomes (FaE/UEMG).....	99
10 A RELAÇÃO EDUCATIVA E DE AJUDA EM CONTEXTOS EXTRAESCOLARES: PERPASSANDO FRONTEIRAS ENTRE EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA, INTERNACIONALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM SOLIDÁRIA	112
Nicola Andrian (UNEB)	112
Edmerson dos Santos Reis (UNEB)	112
11 NORMALIZA.UEMA: UMA ALTERNATIVA DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO	122
Claudiene Diniz da Silva (UEMA)	122
Alberto Henrique Costa de Castro (UEMA)	122
12 O USO DO INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE DE UM GRUPO DE EXTENSÃO PARA GESTANTES E PUÉRPERAS	129

Thaisnara Rocha dos Santos (UECE)	129
Bianca Rodrigues de Sousa (UECE)	129
Flávia Alessandra Correia da Silva (UECE)	129
Vivian Magalhães de Souza (UECE)	129
Saiwori de Jesus Silva Bezerra dos Anjos (UECE)	129
Eryjocy Marculino Guerreiro Barbosa (UECE)	129
13 INTERVENÇÃO EDUCACIONAL EM SALA DE ESPERA DE CONSULTAS PRÉ E PÓS-NATAL DO PROJETO DE EXTENSÃO GESTANDO VIDAS	137
Júlia Franca Torres (UECE)	137
Caren Cristine Oliveira Gomes (UECE)	137
Sabrina Stefanne Viana Ramos (UECE).....	137
Aline Pereira de Queiroz Magalhães (PMF)	137
Eryjocy Marculino Guerreiro Barbosa (UNICHRISTUS)	137
Saiwori de Jesus Silva Bezerra dos Anjos (UECE)	137
14 PET AT HOME: UMA INTERAÇÃO ANIMAL EM MEIO A PANDEMIA	148
Laís Dantas Ferreira (UECE)	148
Roberta Ramalho Furtado (UECE).....	148
Julyanna Cordeiro Maciel (UECE)	148
Aderson Martins Viana Neto (UFC)	148
15 EXPERIÊNCIA COM JOGOS PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA	154
Ana Caroline Rocha Pascoal (UECE/FAFIDAM)	154
Hiorana Nascimento Marques (UECE/FAFIDAM)	154
Ana Maria Pereira Lima (UECE/FAFIDAM)	154
16 ABORDAGEM EDUCATIVA À PUÉRPERAS NO INCENTIVO À AMAMENTAÇÃO EXCLUSIVA EM HOSPITAL DE REFERÊNCIA.....	162
Bianca Rodrigues de Sousa (UECE)	162
Dalila Sousa Freitas (UECE)	162
Antonio Rodrigues Ferreira Júnior (UECE)	162
17 A PRÁTICA EXTENSIONISTA NA ARTE DE PODAR PLANTAS DE PEQUENO E MÉDIO PORTE NA CIDADE DE TAUÁ.....	170
Silvio César Gomes de Lima (CECITEC/UECE)	170
Fabiula da Silva Loiola (CECITEC/UECE)	170
Franciso Herbert Carlos Teixeira (CECITEC/UECE)	170
Jose Eduardo de Andrade (CECITEC/UECE)	170
18 O USO DE RPG COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL	177
Gabrielle Barros da Silva (FECLESC/UECE)	177
Maria Guíllia Targino Lôbo (FECLESC/UECE)	177
Vivian Suelen Rodrigues Teófilo (FECLESC/UECE)	177
Felipe Queiroz Siqueira (FECLESC/UECE).....	177
19 PLANO DE UNIDADE CURRICULAR DE EXTENSÃO – UCE: para o atendimento da Resolução nº 7 de dezembro de 2018	184
Alfredo José Machado Neto (Uni-FACEF)	184
Flávia Haddad França (Uni-FACEF)	184
João Baptista Comparini (Uni-FACEF)	184
José Alfredo de Pádua Guerra (Uni-FACEF)	184
Melissa Cavalcanti Bandos (Uni-FACEF)	184
Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira (Uni-FACEF)	184
20 O RUÍDO DOS HOMENS.....	197
Juliana Oliveira Santos (UESB)	197
Angélica Mascarenhas Brandão (UESB)	197
Odilza Lines de Almeida (UESB).....	197

21 AÇÃO EDUCATIVA REALIZADA POR ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM PARA ALUNAS DO ENSINO MÉDIO SOBRE SAÚDE FEMININA.....	205
Ana Eulária Silva Costa (UECE).....	205
Ana Carolina Oliveira da Silva (UECE)	205
Alana Bezerra Lima (UECE)	205
Christian Raphael Fernandes Almeida (UECE)	205
Thaisnara Rocha dos Santos (UECE).....	205
Ana Virgínia de Melo Fialho (UECE).....	205
22 RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PROJETO DE EXTENSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO: DESAFIOS E ADAPTAÇÕES DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO	212
Jonas Lima Cavalcante (UECE).....	212
Miguel Angelo Monteiro Lessa (UECE)	212
Leonardo Torres Marques (UECE)	212
Francisco Evaldo Pereira Mariano (UECE)	212
Eudásio Rodrigues de Sousa (UECE)	212
23 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS NO NÚCLEO DE ESTUDOS DE DIDÁTICA, INTERAÇÃO E METODOLOGIAS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO - NEDIMPE.....	219
Francisca Joselena Ramos Barroso (SME/CASCADEL-CE).....	219
Maria Leticia de Sousa David (SME/ITAPIPOCA-CE)	219
José Erison Matias Oliveira (FACEDI/UECE)	219
Jefferson Soares Galvão (FACEDI/UECE)	219
José Valdemir de Sousa Soares(FACEDI/UECE).....	219
Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro (FACEDI/UECE).....	219
24 “BEBÊ AGORA NÃO”: PROPAGAÇÃO DE CONHECIMENTO ACERCA DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS NAS REDES SOCIAIS.....	231
Eliana Mesquita Alves (UECE).....	231
Leticia Teles Mesquita (UECE)	231
Camila Loren Costa Lima (UECE).....	231
Elton Rodrigues Santos (UECE)	231
Maria do Socorro Litaiff Rodrigues Dantas (UECE)	231
Andrea Caprara (UECE).....	231
25 USO DE MÍDIA DIGITAL COMO FERRAMENTA DE AUXÍLIO NA PREVENÇÃO DO INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO E ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	241
Geovana Cristina Silva de Sousa (UECE)	241
Wellison Moreira Arcaño (UECE)	241
Mateus Gomes de Oliveira (UECE)	241
Andressa Nogueira Cardoso (UECE)	241
Denis Francisco Gonçalves de Oliveira (UFC).....	241
Sthefane Gomes Feitosa (UECE).....	241
26 KARATE COMO BASE EDUCACIONAL E FILOSÓFICA EM UM PROJETO DE EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ	247
Ana Raquel Reginaldo Vieira (UECE)	247
Alana Maria Nunes Dos Santos Ribeiro (UECE)	247
Heraldo Simões Ferreira (UECE)	247
27 PROGRAMA DE EXTENSÃO UEA CIDADÃ	253
Fabrcio Bruno dos Santos (UEA)	253
Marcia Gonçalves Costa (UEA)	253
28 PREVENÇÃO DA HIPERTENSÃO E DIABETES NA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	259

Roberta Duarte Maia Barakat (UECE)	259
Sarah Ellen da Paz Fabrício (UECE)	259
Vitória Pessoa Nogueira (UECE)	259
Edna Maria Camelo Chaves (UECE)	259
Thereza Maria Magalhães Moreira (UECE)	259
29 RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIA DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM NA UTILIZAÇÃO DA AURICULOTERAPIA NO CUIDADO DE IDOSAS COM DOR EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA - ILPI	267
Jamylle de Almeida Braz, UECE	267
Cícera Abiliana da Silva Lopes, UECE	267
Vitoria Regia Santos Alves Ramos, UECE	267
Francisca Dalila Paiva Damasceno de Lima, UECE	267
30 TELECUIDADO DE ENFERMAGEM COM IDOSOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19.....	273
Terezinha Almeida Queiroz (UECE)	273
Carla Stéfanny Pinheiro Pinto (UECE)	273
Ana Marília Ancelmo Oliveira Lima (UECE)	273
Sadi Antonio Pezzi Junior (UECE)	273
Rebeca Nogueira Feitosa (UECE)	273
Samya Coutinho de Oliveira Mousinho (UECE)	273
31 FATORES AMBIENTAIS E RISCO DE QUEDAS EM IDOSOS: AÇÃO EDUCATIVA SOBRE PREVENÇÃO E CUIDADOS	283
Bianca Rodrigues de Sousa (UECE)	283
Livia Elen Silva Lopes (UECE)	283
Francisca Luana Gomes Teixeira (UECE)	283
Caroline Araújo Lopes (UECE)	283
Luana Nunes Caldini (UECE)	283
32 A UTILIZAÇÃO DE HQS COMO INSTRUMENTO À PROMOÇÃO DA SAÚDE E USO CONSCIENTE DOS RECURSOS NATURAIS	290
Damião Sampaio de Sousa (UECE)	290
Anthony Belarmino Barbosa (UECE)	290
Francisco Rogênio da Silva Mendes (UECE)	290
Hélcio Silva dos Santos (UVA)	290
Márcia Machado Marinho (UECE)	290
Gabrielle Silva Marinho (UECE)	290
33 CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIFIMES POR MEIO DA REALIZAÇÃO DO CENSO ANIMAL CANINO E FELINO: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	296
ERIC MATEUS NASCIMENTO DE PAULA (FCAVJ-UNESP).....	296
PRISCILA CHEDIEK DALL'ACQUA (FCAVJ-UNESP).....	296

APRESENTAÇÃO

Câmara Técnica de extensão da ABRUEM

São muito plurais e diversos os assuntos que abarcam a extensão universitária no Brasil, dada a sua natureza, dimensões e aspectos com as quais ela é construída, trabalhada e avaliada nas universidades públicas estaduais e municipais. Nesta terceira coletânea organizada pela Câmara Técnica de Extensão da ABRUEM apresentamos 33 capítulos oriundos de relatos de experiências vivenciados em várias regiões do país como forma de destacar o quanto a extensão promovida pela universidade é potente e capaz de alcançar e contribuir com a sociedade a partir de intervenções nela realizadas.

O capítulo um, com título **A voz dos adolescentes da floresta amazônica ecoa pela garantia dos direitos, em território amazonense**, é da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), escrito por Joelma Monteiro de Carvalho (UEA) e Corina Lucia Costa Ramos (IIDAC). Nele as autoras relatam o protagonismo dos Adolescentes da floresta amazônica, no território amazonense, a partir de uma ação extensionista promovida pela Universidade Estadual do Amazonas integrada ao Programa do Parlamento Juvenil e Observatório dos Adolescentes.

O capítulo dois, denominado **Contribuições do projeto de extensão “Brinquedoteca Universitária Unifimes” durante a pandemia da Covid-19**, escrito pelos professores Evandro Salvador Alves de Oliveira e Juliene Rezende Cunha, ambos docentes da UNIFIMES, apresenta algumas contribuições de um projeto de extensão do Centro Universitário de Mineiros, “Brinquedoteca Universitária”, ação extensionista que trabalhou com escolas públicas municipais de Educação Infantil no município de Mineiros, Goiás. Os autores mostram a importância e as potencialidades da extensão universitária, bem como apresentam ações formativas, relacionadas ao período de pandemia, que foram desenvolvidas com professores da pré-escola.

O capítulo três, cujo título é **Lado rosa da vida: programa de teleorientação de mulheres com câncer de mama em tempos de pandemia d Covid-19 – relato de experiência**, se trata de uma contribuição da UNIFAE, dos professores Laura Ferreira de Rezende, Bruno Figueiredo Custódio Alves e Anita Belloto Leme Nagib. Neste capítulo eles destacam que o surto de COVID-19 apresentou desafios críticos para a saúde pública, assim como para os projetos de pesquisa e de extensão. No texto os autores avaliam se as orientações multiprofissionais realizadas pelo computador ou pelo celular foram eficazes no pós-operatório de câncer de mama, uma ação realizada em forma de projeto de extensão.

O capítulo quatro, intitulado **Componente curricular libras: contextualizando ações da extensão na graduação do Campus I – Salvador - da Universidade do Estado da Bahia**, é um relato de experiência produzido pela professora Sheila Batista Maia Santos Reis da Costa, da Uneb. Neste capítulo a autora apresenta um relato de experiência funcional sobre as atividades de extensão que a mesma tem proposto e desenvolvido no Departamento de Educação, campus I - Salvador - da Universidade do Estado da Bahia.

O capítulo cinco, **A sucatoteca como meio de integração entre a memória do brincar e a preservação do meio ambiente: a experiência de um projeto de extensão nas redes sociais**, é um relato de experiência que apresenta a trajetória do projeto de extensão intitulado: A suca-

toteca como meio de integração entre a memória do brincar e a preservação do meio ambiente, aprovado pelo edital PAEX 01/2020 – UEMG, desenvolvido desde abril de 2020 na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Carangola. O texto é uma colaboração dos autores Paloma Rezende de Oliveira (UEMG – Carangola), Fernando Rodrigo dos Santos Silva (FSJT/SME – Duque de Caxias), Luciana Borges Patroclo (UERJ – RJ) e Cintia Nascimento de Oliveira Conceição (UNESA/SME – Rio de Janeiro).

O capítulo seis é fruto de um trabalho realizado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), produzido pelas professoras Eliana Lamberti e Rosele Marques Vieira. Com o título **Experiências extensionistas em território fronteiriço**, o capítulo objetiva refletir sobre a experiência extensionista junto aos cursos de graduação (Ciências Econômicas - ofertado na Unidade Universitária de Ponta Porã, e Direito - ofertado na Unidade Universitária de Dourados) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS. De modo complementar, as autoras apresentam alguns dados e detalhes dos projetos realizados bem como discutem aspectos sobre a importância da experiência extensionista e potencialidades para a graduação e pós graduação em território fronteiriço.

O capítulo sete é uma produção da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Divinópolis/MG, com título **Pensar outros: uma imersão nas cosmogonias Nagô e Guarani**, escrito por Tatiana Maciel Gontijo de Carvalho, Ana Carolina Moreira Barcelos e Vítor Olegário Oliveira. No texto os autores relatam uma experiência extensionista que ocorreu em 2021, a partir de um projeto que foi ofertado à comunidade acadêmica e público externo, pela UEMG, Unidade Divinópolis/MG, e, dentre os objetivos, buscaram apresentar algumas contribuições para a articulação entre pesquisa, ensino e extensão na formação dos graduandos de licenciatura em História, bem como investigar as categorias conceituais e ontológicas das cosmogonias Nagô e Guarani em duas obras específicas e destacar possíveis dialogias com a tradição filosófica ocidental.

O capítulo oito, intitulado **A prática pedagógica no ambiente hospitalar: contribuições do projeto de extensão para a formação do licenciando em pedagogia**, é uma produção de Macilene Vilma Gonçalves-Ribeiro e Daniel Cardoso Alves, ambos vinculados à Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), que apresentam os resultados de um estudo que analisou a ação extensionista denominada “Mala Mágica”, que foi desenvolvida durante o período pandêmico – primeiro semestre do ano civil de 2021 - no âmbito do projeto de extensão “Ressignificando o Espaço Hospitalar: atendimento pedagógico ao escolar hospitalizado”.

O capítulo nove é um relato de experiência sobre **O projeto FIC no campus e os desafios para a extensão universitária**, fruto de um trabalho também desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). As autoras Liliana Borges, Daniela Perri Bandeira e Laurici Vagner Gomes destacam que, apesar de não haver obrigatoriedade de formação continuada para docentes da educação superior, ou mesmo uma política, ou programa formativo dessa natureza em âmbito nacional, o capítulo produzido por elas apresenta uma experiência local, suas ações e desafios, diante de uma proposta de formação construída em projeto de extensão universitária.

O capítulo dez é uma contribuição da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e os autores Nicola Andrian e Edmerson dos Santos Reis apresentam o texto denominado **A relação educativa e de ajuda em contextos extraescolares: perpassando fronteiras entre educação contextu-**

alizada, internacionalização e aprendizagem solidária. Neste trabalho eles compartilham uma experiência que por muitos aspectos pode ser pensada e avaliada como o desafio de um curso e de um projeto de extensão propostos pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da UNEB, que se realizam, um em meio ao outro, com as atividades de um projeto de pesquisa e intercâmbio entre o Brasil e a Itália.

O capítulo onze é um contributo da Universidade Estadual do Maranhão, do campus de Itapeturu Mirim que foi produzido pela professora Claudiene Diniz da Silva e pelo estudante Alberto Henrique Costa de Castro. Com o título **Normaliza.UEMA: uma alternativa de curricularização da extensão**, os autores iniciam a discussão do capítulo levantando a seguinte pergunta: É possível desenvolver extensão dentro do currículo dos cursos de graduação? Se sim, como isso é pode ser feito? O relato de experiência visa responder essas perguntas e ainda demonstram como é possível trabalhar a extensão a partir do Manual de orientações para elaboração de TCC na Universidade.

O capítulo doze, denominado **O uso do Instagram como ferramenta de educação em saúde de um grupo de extensão para gestantes e puérperas**, é um trabalho produzido pela Universidade Estadual do Ceará em colaboração entre os autores Thaisnara Rocha dos Santos, Bianca Rodrigues de Sousa, Flávia Alessandra Correia da Silva, Vivian Magalhães de Souza, Saiwori de Jesus Silva Bezerra dos Anjos e Eryjosity Marculino Guerreiro Barbosa. Nesta produção o grupo de extensão Gestando Vidas, que foi criado em 2018 para atuar de forma presencial, precisou adaptar-se à nova realidade durante a pandemia da COVID-19, quando começou a utilizar a rede social Instagram como ferramenta de educação em saúde para a população-alvo, que oportunizou mostrar o relato sobre a utilização da rede social Instagram como ferramenta de educação em saúde de um grupo de extensão para gestantes e puérperas.

O capítulo treze é uma contribuição da Universidade Estadual do Ceará (UECE), produzido por seis autores, são eles: Júlia Franca Torres, Caren Cristine Oliveira Gomes, Sabrina Stefanne Viana Ramos, Aline Pereira de Queiroz Magalhães, Eryjosity Marculino Guerreiro Barbosa e Saiwori de Jesus Silva Bezerra dos Anjos. Com o texto intitulado **Intervenção educacional em sala de espera de consultas pré e pós-natal do projeto de extensão gestando vidas**, o objetivo do presente estudo foi relatar a experiência de acadêmicas de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará sobre as intervenções educacionais do Projeto de Extensão Grupo de Convivência Gestando Vidas nas salas de espera de consulta de pré e pós-natal.

O capítulo quatorze foi elaborado por três estudantes da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e um professor da UFC, são eles: Laís Dantas Ferreira, Roberta Ramalho Furtado, Julyanna Cordeiro Maciel e Aderson Martins Viana Neto. O texto, intitulado **Pet at home: uma interação animal em meio a pandemia**, apresenta o relato sobre a experiência de criação e execução do projeto “Pet at Home”, uma interação social em ambiente virtual realizada por alunos do curso de medicina veterinária da Universidade Estadual do Ceará durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia do novo coronavírus.

O capítulo quinze apresenta a **Experiência com jogos para o ensino de gramática**. Os autores, vinculados à Universidade Estadual do Ceará, Ana Caroline Rocha Pascoal, Hiorana Nascimento Marques e Ana Maria Pereira Lima trazem à tona um relato de experiência promovido por

um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Estadual do Ceará no campus de Limoeiro do Norte, a partir de atividades que foram realizadas em uma escola pública de ensino fundamental no município de Russas-Ce.

O capítulo dezesseis apresenta uma **Abordagem educativa à puérperas no incentivo à amamentação exclusiva em hospital de referência**. Trata-se de uma contribuição dos autores Bianca Rodrigues de Sousa, Dalila Sousa Freitas e Antonio Rodrigues Ferreira Júnior, vinculados à Universidade Estadual do Ceará. No relato de experiência, de abordagem qualitativa construído com base em um projeto de extensão chamado “Tecendo Diálogos na Maternidade”, o foco é a disseminação do conhecimento sobre o ciclo gravídico puerperal e a promoção da saúde às mulheres em condições hospitalares.

O capítulo dezessete é fruto de um projeto de extensão promovido pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Neste texto, denominado **A prática extensionista na arte de podar plantas de pequeno e médio porte na cidade de Tauá**, o professor Silvio César Gomes de Lima e os estudantes Fabiula da Silva Loiola, Franciso Herbert Carlos Teixeira e Jose Eduardo de Andrade demonstram as práticas extensionistas dos discentes do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas do Centro de Educação, Ciências & Tecnologia da Região dos Inhamuns da Universidade Estadual do Ceará, sobre a arte de realizar poda de forma correta nos espaços públicos e privados da cidade de Tauá (CE).

O capítulo dezoito explora **O uso de RPG como ferramenta no ensino de produção textual** e foi produzido pelos autores Gabrielle Barros da Silva, Maria Guíllia Targino Lôbo, Vivian Suelen Rodrigues Teófilo e Felipe Queiroz Siqueira. Neste trabalho eles apresentam uma experiência de extensão a qual permite que o professor motive o aluno no ensino de produção textual, por meio de atividades lúdicas, possibilitando, através de um momento de interação, que o estudante entre em contato com o conteúdo programático da disciplina por intermédio do RPG (Role Playing Game).

O capítulo dezenove é uma produção de um grupo de gestores do Centro Universitário Municipal de Franca (Uni-FACEF). O texto intitulado **Plano de Unidade Curricular de Extensão – UCE: para o atendimento da Resolução nº 7 de dezembro de 2018**, escrito por Alfredo José Machado Neto, Flávia Haddad França, João Baptista Comparini, José Alfredo de Pádua Guerra, Melissa Cavalcanti Bandos e Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira apresenta parte da documentação de planejamento das atividades extensionistas, assim como formas de registro delas, a fim de institucionalizar a política e as estratégias estabelecidas pela Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, especialmente no Capítulo III – Do Registro, em uma IES municipal do estado de São Paulo.

O capítulo vinte, denominado **O ruído dos homens**, é um relato de experiência produzido a partir de grupos reflexivos, durante o ano de 2022, composto por homens acusados de violência doméstica, atividade que articula o componente curricular estágio supervisionado com a extensão e ao NEPP (Núcleo de Pesquisa em Prisões, Violência e Direitos Humanos). Os autores, Juliana Oliveira Santos, Angélica Mascarenhas Brandão e Odilza Lines de Almeida são vinculados ao curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), este que possui parceria com a Vara de Violência da Mulher do município de Vitória da Conquista (BA), desde o ano de 2018.

O capítulo vinte e um mostra o relato de experiência construído por cinco estudantes e

uma professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Ana Eulária Silva Costa, Ana Carolina Oliveira da Silva, Alana Bezerra Lima, Christian Raphael Fernandes Almeida, Thaisnara Rocha dos Santos e Ana Virgínia de Melo Fialho. Com título **Ação educativa realizada por acadêmicos de enfermagem para alunas do ensino médio sobre saúde feminina**, os autores relatam a experiência vivenciada por acadêmicas do Curso de Enfermagem durante uma atividade de extensão realizada em uma escola técnica de Fortaleza, sobre saúde feminina, envolvendo as temáticas: menstruação, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.

O capítulo vinte e dois refere-se à uma contribuição de professores e estudantes da Universidade Estadual do Ceará. Com o título **Relato de experiência em projeto de extensão do curso de licenciatura em computação: desafios e adaptações durante o período pandêmico**, Jonas Lima Cavalcante, Miguel Angelo Monteiro Lessa, Leonardo Torres Marques, Francisco Evaldo Pereira Mariano e Eudásio Rodrigues de Sousa descrevem algumas experiências oportunizadas a partir das vivências com o projeto de extensão denominado “Informatizando e educando: a tecnologia e a educação caminhando juntas para um objetivo comum”. Tal projeto foi desenvolvido durante a pandemia da COVID-19, abordando os desafios e as adaptações para o ensino remoto, com discentes extensionistas do curso de Licenciatura em Computação, da Universidade Estadual do Ceará, Campus Mombaça - CE.

O capítulo vinte e três, intitulado **Extensão universitária: experiências e aprendizagens no núcleo de estudos de didática, interação e metodologias de pesquisa em educação – NEDIM-PE**, tem como autores profissionais da Secretaria Municipal de Educação (SME) e da Universidade Estadual do Ceará (UECE), como Francisca Joselena Ramos Barroso, Maria Leticia de Sousa David, José Erison Matias Oliveira, Jefferson Soares Galvão, José Valdemir de Sousa Soares e Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro. O trabalho surgiu do problema: que experiências formativas a participação em um projeto de Extensão Universitária potencializa na constituição da profissionalização docente, tomando como ponto de análise a experiência de integrantes do projeto? Os autores analisam experiências formativas frutos de um projeto de Extensão Universitária, tomando como ponto de análise a experiência de integrantes do projeto.

O capítulo vinte e quatro apresenta um relato de experiência fruto do projeto **“Bebê agora não”: propagação de conhecimento acerca de métodos contraceptivos nas redes sociais da Universidade Estadual do Ceará**. Os autores Eliana Mesquita Alves, Leticia Teles Mesquita, Camila Loren Costa Lima, Elton Rodrigues Santos, Maria do Socorro Litaiff Rodrigues Dantas e Andrea Caprara trazem para o debate relatos de um projeto desenvolvido em 2019 por estudantes do curso de Medicina que fazem parte da Liga Acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia da Universidade Estadual do Ceará-UECE (LIGEO). O objetivo do trabalho foi promover educação em saúde com adolescentes e jovens adultos no que tange ao planejamento familiar, levando conhecimentos atualizados e descomplicados, em linguagem inclusiva, acerca de métodos contraceptivos, com o intuito de ajudar esse público alvo a se precaver de gestações indesejadas.

O capítulo vinte e cinco explora o **Uso de mídia digital como ferramenta de auxílio na prevenção do infarto agudo do miocárdio e acidente vascular encefálico: um relato de experiência**. Este trabalho busca evidenciar a experiência de alunos do projeto de extensão “Infarto Agudo do Miocárdio e Acidente Vascular Encefálico: um like para a prevenção”, vinculados à Liga de

Emergência da Universidade Estadual do Ceará (LEMERG), por meio da utilização da rede social "Instagram" para promoção da educação em saúde para a comunidade, de forma acessível, no que tange a fornecer informações objetivas de prevenção das principais doenças cardiovasculares: infarto agudo do miocárdio (IAM) e o acidente vascular cerebral (AVC). Os autores desta produção são Geovana Cristina Silva de Sousa, Wellison Moreira Arcanjo, Mateus Gomes de Oliveira, Andressa Nogueira Cardoso, Denis Francisco Gonçalves de Oliveira e Sthefane Gomes Feitosa.

O capítulo vinte e seis aborda o **Karate como base educacional e filosófica em um projeto de extensão na Universidade Estadual do Ceará**. Neste capítulo os colaboradores Ana Raquel Reginaldo Vieira, Alana Maria Nunes Dos Santos Ribeiro e Heraldo Simões Ferreira apresentam o relato de experiência realizado com a modalidade de Karate, praticada com fins educacionais e filosóficos, em um projeto de extensão intitulado Núcleo de Danças e Lutas da UECE – NUDAL.

O capítulo vinte e sete é fruto de um trabalho coletivo realizado pela Universidade do Estado do Amazonas. Por meio do texto intitulado **Programa de extensão UEA cidadã**, os autores Fabrício Bruno dos Santos e Marcia Gonçalves Costa discorrem sobre o programa de extensão UEA cidadã que realiza atendimentos básicos à população, tanto nos bairros da capital do Amazonas, quanto nos municípios do interior. Trata-se de um trabalho realizado de forma voluntária, com o apoio de acadêmicos dos cursos de medicina, odontologia, enfermagem e educação física da Escola superior de Ciências da Saúde - ESA.

O capítulo vinte e oito trata da **Prevenção da hipertensão e diabetes na comunidade universitária: relato de experiência**. É uma contribuição da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que contou com o esforço coletivo das autoras Roberta Duarte Maia Barakat, Sarah Ellen da Paz Fabrício, Vitória Pessoa Nogueira, Edna Maria Camelo Chaves e Thereza Maria. Neste trabalho elas relatam uma experiência de extensão universitária junto a graduandos do curso de Enfermagem da Universidade, em ações preventivas de Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), Diabetes Mellitus (DM) e suas complicações no ambiente da universidade.

O capítulo vinte e nove mostra a importância da extensão universitária ao expor o **Relato de experiência: vivência de estudantes de enfermagem na utilização da auriculoterapia no cuidado de idosas com dor em uma instituição de longa permanência – ILPI**. O trabalho descreve a experiência de quatro acadêmicas do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Janylle de Almeida Braz, Cícera Abiliana da Silva Lopes, Vitoria Regia Santos Alves Ramos e Francisca Dalila Paiva Damasceno de Lima, sobre um projeto de extensão voltado para às práticas integrativas e complementares, especificamente a auriculoterapia, no contexto de vida e no cuidado de idosas com dor vivendo em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos - ILPI.

O capítulo trinta destaca aspectos sobre o **Telecuidado de enfermagem com idosos no contexto da pandemia da Covid-19**. Trata-se de um importante contributo elaborado a partir da parceria entre as profissionais Terezinha Almeida Queiroz, Carla Stéfanny Pinheiro Pinto, Ana Marília Ancelmo Oliveira Lima, Sadi Antonio Pezzi Junior, Rebeca Nogueira Feitosa e Samya Coutinho de Oliveira Mousinho, em que o objetivo da produção foi relatar a experiência dos discentes de enfermagem na realização do telecuidado com idosos no contexto da pandemia da Covid-19.

O capítulo trinta e um aborda **Fatores ambientais e risco de quedas em idosos: ação educativa sobre prevenção e cuidados**. Neste trabalho os autores relatam a experiência da elabora-

ção de uma ação educativa desenvolvida por discentes do curso de graduação de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE), incentivando a necessidade de conhecer e levantar os fatores de risco de quedas em idosos com vista à identificação da situação e possível prevenção. O capítulo foi elaborado por Bianca Rodrigues de Sousa, Livia Elen Silva Lopes, Francisca Luana Gomes Teixeira, Caroline Araújo Lopes e Luana Nunes Caldini.

O capítulo trinta e dois é uma contribuição que surgiu a partir da colaboração entre autores da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) e Universidade Estadual do Ceará (UECE), a exemplo de Damião Sampaio de Sousa, Anthony Belarmino Barbosa, Francisco Rogênio da Silva Mendes, Hélcio Silva dos Santos, Márcia Machado Marinho e Gabrielle Silva Marinho. O trabalho coletivo originou o texto intitulado **A utilização de HQS como instrumento à promoção da saúde e uso consciente dos recursos naturais**. Neste texto os autores discorrem sobre o processo de produção de quadrinhos e tirinhas baseados nos conteúdos apresentados na formação dos bolsistas envolvidos.

O capítulo trinta e três finaliza o conjunto de trabalhos que constituem a 3ª Coletânea de estudos sobre relatos de experiências que atravessam o tema da extensão universitária em IES estaduais e municipais do Brasil. Nesta produção os autores do Centro Universitário de Mineiros, professores Eric Mateus Nascimento de Paula e Priscila Chediek Dall'Acqua, ambos médicos veterinários, apresentam um panorama sobre **A curricularização da extensão no curso de graduação em medicina veterinária da UNIFIMES por meio da realização do censo animal canino e felino: relato de experiência**. O Texto é fruto de um projeto de extensão e o mesmo relata a experiência da curricularização da extensão universitária no curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES, por meio da realização do censo animal de cães e gatos realizado na cidade de Mineiros, Estado de Goiás.

Como é possível constatar existe uma rica diversidade de assuntos que têm sido explorados em forma de projetos de extensão universitária em instituições públicas inseridas em regiões diversas do nosso país. Tais projetos comprovam a existência de inúmeros relatos de experiências que fortalecem o caráter e o papel crucial da extensão na universidade, essencialmente quando a reconhecemos como base transformadora, sólida e potente da educação no ensino superior público.

A Câmara Técnica de Extensão da ABRUEM convida a comunidade a acessar e conhecer um pouco mais sobre esses projetos bem sucedidos que foram brevemente mencionados nesta apresentação, bem como agradece a contribuição de todas as universidades estaduais e municipais espalhadas pelo Brasil, que socializaram as produções que aqui se encontram, visando colaborar com a profusão e circulação de ideias e relatos positivos de experiências sobre a extensão universitária.

Câmara Técnica de Extensão da ABRUEM
Março de 2023

PREFÁCIO

Neste e-book, a Câmara de Extensão da Associação Brasileira de Reitoras e Reitores das Universidades Estaduais e Municipais – ABRUEM, reúne uma coletânea de artigos resultantes de ações de extensão universitária realizadas em vários estados brasileiros. O conteúdo de cada produção por vezes nos faz adentrar na realidade concreta dos eixos integradores das Áreas Temáticas, Territórios e Grupos Populacionais.

A produção do conhecimento originado a partir da dimensão acadêmica da extensão só é possível a partir da concretização da socialização de saberes, em que o processo interdisciplinar, político, educacional, cultural, científico e tecnológico permeia os fazeres cotidianos do ensino e da pesquisa. Universalizar a extensão como parte do pensar e do fazer acadêmico vem se consolidando a cada ano com o Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024, que assegura a integralização curricular de créditos em atividades de extensão. Por conseguinte, a universalização da produção científica pela extensão universitária se consolidará na mesma proporcionalidade.

Penetrando na essência de cada uma das produções, percebemos que o saber acadêmico se completa a partir da articulação de saberes presentes em outros lugares, nas observações próprias, nas atitudes reflexivas e questionadoras que decorrem no espaço concreto da relação dialógica. Ao lê-los, nos damos conta que a formação pela extensão tem profundidade acadêmica: diagnóstico, elaboração de projeto, planejamento, gestão, execução, avaliação, ação concreta de ensino-aprendizagem.

O conjunto da obra evidencia que a Câmara de Extensão da ABRUEM, deixa um legado digno que assegura a formação e funcionamento de canais para veiculação da produção científica e democratização de conhecimentos. Nessas produções estão evidentes que as Universidades Públicas, pela competência acadêmica, com ênfase na realização de Programas e Projetos de extensão, estimulam a produção de conhecimentos e potencializam o eixo transformador da educação superior.

Asseguro que, cada um dos leitores, se deleite sobre o conjunto da obra e adentrem nessas trilhas do conhecimento e práxis educativas presentes no ato de aprender com o outro, com os sujeitos de história, com suas culturas e seus conhecimentos.

Etevaldo Almeida Silva
Mossoró, março de 2023

1 A VOZ DOS ADOLESCENTES DA FLORESTA AMAZÔNICA ECOA PELA GARANTIA DOS DIREITOS, EM TERRITÓRIO AMAZONENSE

Joelma Monteiro de Carvalho¹ (UEA)
Corina Lucia Costa Ramos² (IIDAC)

Introdução

Este artigo relata o protagonismo dos Adolescentes da floresta amazônica, no território amazonense, de ação extensionista da Universidade Estadual do Amazonas (UEA) integrada ao Programa do Parlamento Juvenil e Observatório dos Adolescentes, por ocasião da realização de Simpósios, promovido pelo Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania - IIDAC e Ministério da Educação – MEC, ocorridos em 2010, destinado aos estados do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro, Bahia, Paraná, Piauí, Rio Grande do Sul, Alagoas, Goiás, Pernambuco e Amazonas.

No estado do Amazonas, o programa foi constituído por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEX) da UEA, a partir da qual foi criado o Observatório dos Adolescentes em escola pública com vistas a realizar escutas junto aos estudantes do Ensino Médio buscando o incentivo ao protagonismo dos jovens.

A Universidade Estadual do Amazonas (UEA) atende a 61 municípios, com oferta de cursos em bacharelado e licenciaturas de modo regular e modular, de oferta especial e Pós-Graduação. De características bem diversificadas, pelo contexto em que está inserida, é considerada multi-campi, uma vez que atende a um universo acadêmico expressivo no estado, em diferentes espaços de diversos municípios. Além das Escolas de Ensino Superior³ situadas na capital Manaus, a Universidade vai aos encontros dos lugares mais distantes e profundos da densa floresta amazônica.

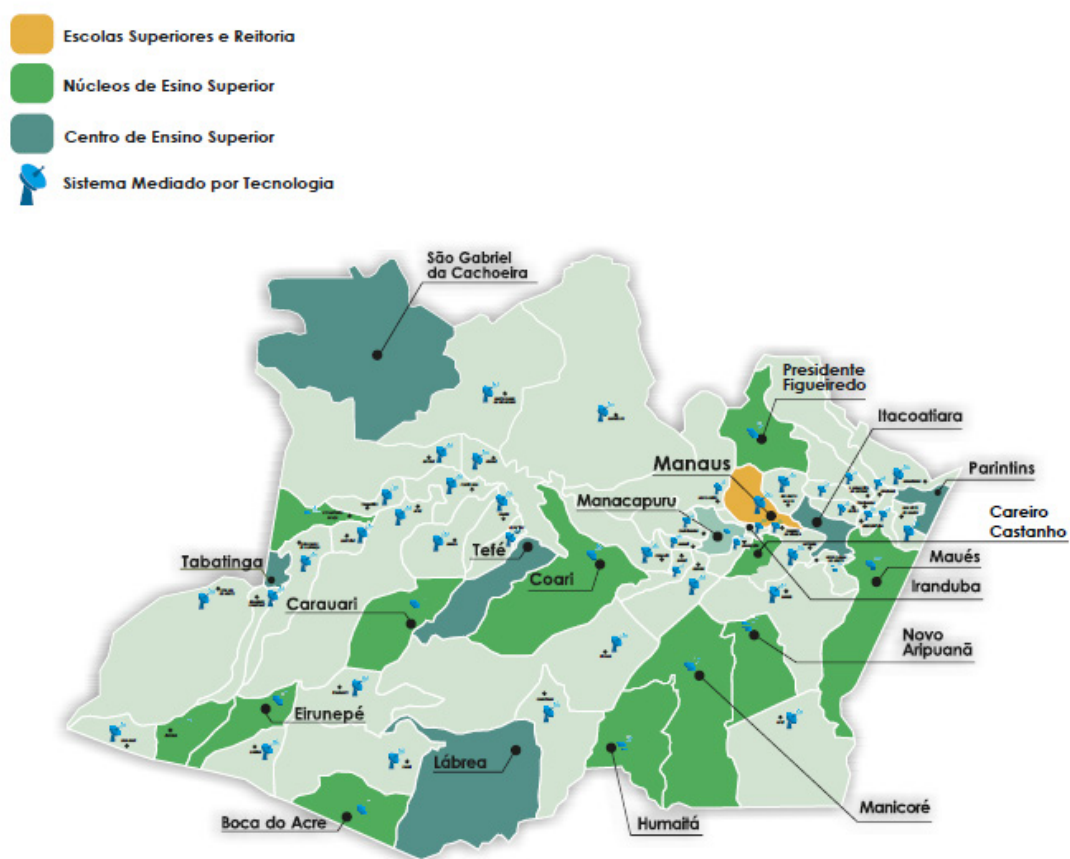
Desse modo, alcança limites geográficos nas cidades, nos barrancos, nas florestas e nas águas, isto é, de Norte a Sul do estado do Amazonas, conforme ilustra a figura a seguir.

1 Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e da Secretaria de Educação e Qualidade do Ensino (Seduc-AM). E-mail: jcarvalho@uea.edu.br

2 Mestre em Educação (UFPR), Professora aposentada do Setor de Educação da UFPR, Ex-Superintendente da Educação da Secretaria da Educação do Paraná (SEED), Consultora do IIDAC. E-mail: ccostara@gmail.com

3 Escola Superior de Tecnologia (EST); Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT); Escola Superior da Saúde (ESA); Escola Superior de Ciências Sociais (ESO) e Escola Normal Superior (ENS).

Figura 1 – Funcionamento da Universidade do Estado do Amazonas



Fonte: Assessoria de Comunicação da UEA (ASCOM, 2021).

Ao longo de 20 anos, a Universidade celebra momentos memoráveis junto à sociedade amazonense, dentre esses, cita-se projetos e programas ligados à esfera federal e estadual.

Um dos programas, em nível nacional, sob a coordenação geral do Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania (IIDAC) em parceria com a Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais - ABRUEM e a Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal, foi quando assumiu a criação do Núcleo do Observatório dos Adolescentes em uma Escola do Ensino Médio da região, na qual a partir da escuta dos adolescentes embaixadores amazonenses, os estudantes criaram propostas de intervenção no ambiente sócio – cultural. Esse programa foi realizado no âmbito das comemorações dos 20 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ocorrido em Brasília no ano de 2010.

Para Nogueira (2005) “a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão como um dos fundamentos metodológicos do ensino superior passou a ter relevância na prática acadêmica a partir da publicação da Resolução n. 7 de 18 de dezembro de 2018 (BRASIL, 2018). Desta forma, a proposta para o desenvolvimento da ação extensionista é de que sejam realizadas em forma de projetos e programas articulados e pontuais”.

Os aportes teóricos estão amparados na Constituição da República Federativa do Brasil, artigo 207, o qual trata da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Além disso, busca-se ancoragem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/9394/1996; no Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024), meta 12, estratégia 12.7; na Lei Estadual de n.º

4.183/2015/ AM, meta 12, estratégia 8, que estabelece a normatização da curricularização no estado do Amazonas, na Resolução n.º 029/2020/GR/UEA, ao assegurar que os programas e projetos de extensão sejam inseridos em 10%, da carga horária.

Assim, este artigo demonstra que a extensão universitária não acontece isolada, e sim por engrenagens que se constituem, agentes participativos internos e externos, que conduzem a processos com desafios, no contexto acadêmico.

Nessa conjuntura, a temática da curricularização na Universidade possibilita pensar de modo articulado pelo viés da interdisciplinaridade, mediante escutas e diálogos, que os saberes, tanto formais como os não formais, devem fazer parte do currículo acadêmico e assim, fortalecerem e reconhecerem a diversidade e o respeito mútuo a partir do mosaico diversificado que é a sociedade brasileira.

Metodologia

Ao iniciar o Programa do Observatório dos Adolescentes, a UEA escolheu uma escola estadual por afinidade com a natureza da gestão escolar ali realizada que possibilita a implementação de ações inovadoras, além do fato de que sua estrutura possui laboratório para atividades em ambientes virtuais. Houve a interação dialógica da representante da Universidade (FORPROEX, 2012), com a diretora da escola, professora Neuza Tundis. Os objetivos foram alinhados e o Programa foi implantado na escola. Assim, escola e universidade estabeleceram um plano de trabalho conjunto.

Assim, as atividades de interação com os adolescentes, na Escola Estadual Presidente Castelo Branco, em Manaus, foram acompanhadas diretamente pela Universidade, mediante a ação de sua articuladora e da coordenadora do IIDAC junto a UEM⁴ contando com a colaboração da diretora e mais uma professora voluntária da Escola.

O Núcleo do Observatório dos Adolescentes era composto por quarenta estudantes, na faixa etária de 14 a 17 anos, que orientados pela professora mediadora, na Escola, discutiam e trabalhavam a partir de variadas temáticas. Os encontros ocorriam duas vezes por semana de forma presencial e uma vez ao mês havia um chat com adolescentes de outros estados.

Cada aluno recebia os textos e uma orientação de atividades para serem realizadas nas temáticas com desafios e propostas para desenvolvimento individual e coletivo, distribuídos por módulos em dois Cadernos Pedagógicos elaborados por consultoria do IIDAC. Havia também um logbook para registro da trajetória realizada na direção ao protagonismo na prática individual. Um blog era coletivamente alimentado pelos adolescentes, a partir de seus relatos individuais e em grupo, acompanhados por articuladores e coordenadores nos diversos estados.

Pelo IIDAC, junto às Universidades Estaduais, além da coautora deste artigo, foram coordenadoras, distribuídas por regiões, a professora Dra. Silza Maria Pasello Valente e a professora Ma. Gladys Fregoneze, ambas da Universidade Estadual de Londrina, Estado do Paraná.

Em cada Universidade Estadual, uma professora foi escolhida para ser a articuladora junto ao Núcleo e para a estruturação e funcionamento da Comunidade de Prática, que foi uma estratégia usada pela coordenação do Programa, para realizar a extensão pelas Universidades no tocante à pesquisa e à reorganização de conhecimento para ensino, extraído dos grupos focais.

4 Ambas as coautoras do presente artigo

Os encontros presenciais foram realizados com uso da técnica de grupos focais, realizados pelos próprios adolescentes e mediados pelo professor da Escola. “Os estudos que utilizaram o grupo focal demonstram ser esse um espaço de discussão e de troca de experiências em torno de determinada temática” (BACKES, 2011, p. 2). A UEA, através de sua articuladora, organizou o funcionamento da Comunidade de Prática dentro da Universidade em relacionamento extensionista com a Escola, tecendo diálogos em via de mão dupla.

Os diálogos na Comunidade de Prática eram gerados a partir de temas norteadores que eram discutidos por professores da UEA junto com a Escola e outras Universidades Estaduais.

Esses temas envolviam as seguintes áreas:

- participação dos adolescentes nas políticas públicas através de monitoramento; organização de um coletivo de adolescentes como protagonistas do social;
- apoio das Universidades na capacitação dos adolescentes, através de seus Núcleos Estaduais;
- suporte efetivo da Secretaria para o fortalecimento do Projeto no estado;
- integração às comunidades de origem, a partir das ações dos adolescentes;
- adolescentes como pessoas cidadãs, atuando para a melhoria de seu estado e país;
- expansão do Programa do Observatório dos Adolescentes mediante a coordenação do II-DAC em parceria com a ABRUEM.

Anualmente, as atividades dos projetos eram avaliadas em duas etapas: na primeira etapa, os adolescentes tiveram voz e, por meio do Simpósio local, puderam expor as ações protagonistas e extensionistas desenvolvidas na comunidade e na universidade. Na segunda etapa, a partir de problematização e opções coletivas para resolução dos problemas, os adolescentes, como protagonistas, participaram do Simpósio Nacional, que ocorreu em Brasília no final de 2010. Sabe-se que, “o grupo focal estimula o debate entre os participantes, permitindo que os temas abordados sejam mais problematizados do que em uma situação de entrevista individual.” (BACKES, 2011, p. 2).

Desenvolvimento

Os estudantes que participaram das atividades do Núcleo do Observatório em Manaus eram acompanhados pela diretora e professores da escola e da universidade que ofereciam os conteúdos e as práticas necessárias para apoio local.

O entusiasmo e o empoderamento dos estudantes eram visíveis pois eram discutidos problemas relacionados à sua vida diária. “É uma oportunidade que nos dá a voz, e, o falar pelos nossos colegas na universidade”, enfatizou bravamente a estudante, que representou o coletivo do Observatório, durante o período de trabalho, a jovem Andreza Maria Cunha (SEDUC -AM). É dessa forma que Nogueira (2010, p. 66) acena que é “a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da sociedade na vida da Universidade que possibilita novas formas de compreender o mundo e suas dimensões sociais.”

O protagonismo dos adolescentes reafirma a cidadania e possibilita para o engajamento político social por meio de projetos (BRASIL, 2018)

O programa é promovido pela Assessoria Internacional do Ministério da Educação, em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef)

e o Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania (IIDAC), e tem como objetivo estimular o protagonismo juvenil, por meio da implementação de projetos que tenham como foco fortalecer os jovens nas escolas e que visem minimizar problemas do cotidiano escolar.

Em todas as atividades os estudantes tiveram a oportunidade de socializar o conhecimento construído no decorrer do Programa, mediante estudo e prática de protagonismo. Os temas trabalhados em conceitos teóricos e ações coletivas foram os contidos nos Cadernos Pedagógicos⁵, distribuídos em módulos curriculares com metodologia ativa. Os temas são:

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Sistema de Garantia dos Direitos (SGD), os Cinco Direitos Fundamentais, o Exercício da Cidadania, Convenção sobre os Direitos da Criança, o Esporte no Futuro do Brasil (preparação para as Olimpíadas), a Diversidade na Democracia, a Participação Cidadã, Protagonismo e Incidência Política dos Adolescentes, Educomunicação e Controle Social na Mídia, a Prevenção e Defesa contra a Violação de Direitos da Criança e do Adolescente.

Assim, De Almeida, et. al (2007, p.7) afirma que é com ação participativa que os adolescentes poderão “contribuir na transformação de um país mais justo e igualitário”. Evidenciando essa afirmativa, dentre as ações extensionistas que estavam sendo realizadas no Observatório dos Adolescentes.

Neste sentido, a partir da diretriz interdisciplinaridade (FORPROEX, 2012), o projeto Universidade Cidadã da Escola Superior de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Amazonas (ESA/UEA), sob a coordenação da professora Márcia Gonçalves Costa, realizam ação extensionistas, com estudantes de Enfermagem, Odontologia e Medicina, em várias comunidades urbanas e periurbanas de Manaus. Para o tuxaua Pedro Ramão da comunidade indígena I'nhã-Bé, ao ser atendido pelo projeto relatou que a comunidade indígena recebeu orientações sobre higiene bucal, aplicação de flúor e vários conhecimentos sobre saúde. As crianças ficaram encantadas com o atendimento tão necessário, numa relação de troca de saberes” destacou o tuxaua (comunicação em 24 de maio de 2016).

Tal projeto, por sua relevância, foi convidado a participar do Observatório de Boas Práticas e Projetos Inovadores em Direitos da Criança e do Adolescente durante o evento de Brasília na festividade dos 20 anos de ECA. As atividades da Universidade Cidadã apresentadas no Observatório foram os subprojetos Jovem Doutor e a Turminha do Manaó. O evento aconteceu no Centro de Eventos da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Comércio (CNTC) em Brasília (DF). (ASCOM, UEA, 2010).

Assim, deu-se visibilidade às boas práticas e aos avanços para a garantia dos direitos de crianças e adolescentes no Brasil, por iniciativa conjunta governamental, universidades públicas e privadas e por organizações. (ASCOM, 2010).

5 Observatórios dos Adolescentes; “espaço de exercício do direito à participação dos adolescentes brasileiros”. Caderno Pedagógico, vol 1 e vol 2. Mobilização para os Direitos da Criança e do Adolescente. IIDAC, Centro Brasileiro de Protagonismo Juvenil, Secretaria de Direitos Humanos. (coord. da metodologia e consultora na elaboração dos textos para capacitação dos adolescentes: prof. Corina Lucia Costa Ramos), 2009-2010

Ao todo, foram selecionadas para participação no evento, 50 boas práticas realizadas nos diversos Núcleos do Observatório dos Adolescentes pelos estudantes junto às comunidades, com suporte das Universidades e Escolas. O registro dessas práticas foi publicado e ainda contemplaram projetos desenvolvidos com o apoio da Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente (SNPDCA) e do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), além de outras fontes apoiadoras, tendo como eixo de ação os temas relacionados à Agenda Social Criança e Adolescente. As atividades foram desenvolvidas e aplicadas em capitais e pequenos municípios do País, ONG's, órgãos de governo, universidades e colegiados no âmbito da promoção, garantia e defesa do direito da criança e do adolescente.

Em 2020 por meio da Resolução n.º 029/2020/GR/UEA, a Universidade Estadual do Amazonas possibilitou a garantia da curricularização da Extensão Universitária, por meio de projetos e programas ligadas ao ensino e que compõem a matriz curricular dos cursos, como ações extensionistas (UEA, 2010).

Considerações finais

A ausência de políticas públicas para o processo de escuta e acompanhamento, na tão enigmática fase “dos adolescentes” no Brasil, ainda é desafiadora. Muitas políticas públicas não têm continuidade, e não seguem a diversidade geográfica, que cada mosaico brasileiro apresenta. De norte a sul do Brasil. Os temas discutidos pelos grupos de professores extensionistas são os problemas relacionados aos adolescentes, como melhores condições de vida e as questões financeiras que os obrigam a trabalhar para ajudar a renda familiar e muitas vezes abandonar a escola.

A adesão das Universidades Estaduais, através de implantação de programas como foi o Observatório dos Adolescentes, e, outros similares, traz uma oportunidade para que os estudantes e professores pesquisadores- extensionistas possam discutir as políticas públicas e a legislação, elaboradas para esse segmento jovem da sociedade.

A articulação dos saberes acadêmicos com os saberes populares, por meio da prática de diálogos, fortalece o compromisso social da Universidade com a comunidade e estabelece uma relação de mão dupla e de comprometimento, de olhar para o entorno e intervir em sua melhoria. Toda a Universidade é pertencente a um contexto, isto é, não está isolada.

Mediante o exposto neste artigo, a Extensão Universitária é considerada em seu papel articulador entre Ensino e Pesquisa de modo indissociável com as demandas da sociedade, seja por meio dos temas voltados à educação, trabalho, cidadania, direitos humanos, comunicação e tantos outros contemporâneos.

Logo, necessita-se aprimorar as políticas públicas, que atendam às necessidades dos jovens e adolescentes no Brasil, utilizando a dimensão investigadora e criativa das Universidades, que, como aqui foi demonstrado, pode realizar um papel preponderante junto ao programa do Observatório dos Adolescentes, por meio de seu apoio local, culminando com o projeto Universidade Cidadã aplicada à área da Saúde, distinguido em nível nacional.

Referências

BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. O mundo da saúde, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução N° 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acessado em 17 de abril de 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/IIDAC>. Acessado em 17 de abril de 2022.

DE ALMEIDA DIAS, Sílvia Luci et al. Estatuto da Criança e do Adolescente: aprendendo cidadania. Inclusão Social, v. 2, n. 2, 2007.

FÓRUM DOS PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX.) Política nacional de extensão universitária. Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em: Acessado em: 14 abril. 2022.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. Políticas de extensão universitária brasileira. Editora UFMG, 2005.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS. Resolução 029/2020. Diretrizes Gerais da Política de Extensão na Universidade do Estado do Amazonas. Disponível em: <https://legislacao2.uea.edu.br/index.php?dest=info&doc=a&num=17451>. Acesso em: 14 abril

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS. Resoluções. www.uea.edu.br Acessado: em 16 de abril de 2022.

2 CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO “BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA UNIFIMES” DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Evandro Salvador Alves de Oliveira (UNIFIMES)¹

Juliane Rezende Cunha (UNIFIMES)²

O objetivo deste capítulo é apresentar algumas contribuições de um projeto de extensão da UNIFIMES-GO, “Brinquedoteca Universitária”, este que trabalha com escolas públicas municipais de Educação Infantil do município de Mineiros, Goiás. Ao longo do texto pretendemos mostrar a importância e as potencialidades da extensão universitária, bem como apresentar ações formativas, relacionadas ao período de pandemia, que foram desenvolvidas com professores de crianças.

O presente texto se trata de uma adaptação realizada a partir de um trabalho que foi apresentado e publicado nos Anais do V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar, III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar e II Feira de Empreendedorismo da UNIFIMES, realizado no ano de 2021. Sabemos que a Educação Infantil foi bastante afetada com o início da pandemia, pelo fato de as crianças terem deixado de ir para a escola durante um determinado período.

Se as crianças, naquele momento tão delicado, não tiveram condições de frequentar a unidade escolar, elas deixaram de participar de atividades lúdico-pedagógicas, sobretudo das brincadeiras, entendido aqui como um fenômeno importante na infância, principalmente para as crianças das Creches e da Pré-escola (Educação Infantil). No contexto causado pela pandemia, muitas brincadeiras e jogos infantis foram modificados em virtude desse novo cenário que a sociedade passou a vivenciar.

Diante o exposto, neste capítulo buscamos discutir aspectos que permeiam o trabalho pedagógico voltado à educação de crianças pequenas, especialmente da creche e da pré-escola, etapas compreendidas como educação infantil. As reflexões, análises e problematizações que aqui se encontram partem de um grupo de pesquisa e de extensão vinculado ao curso de Educação Física do Centro Universitário de Mineiros, grupo este que se interessa, e muito, em aprofundar os conhecimentos relativos à infância, à cultura midiática, às culturas lúdicas e à brincadeira.

Além dos integrantes desse grupo citado (professores e estudantes da graduação), temos a colaboração da gestão escolar de duas escolas públicas municipais da cidade de Mineiros, que são parceiras de um projeto voltado à produção de culturas lúdicas infantis por meio da ação do brincar, que acontece na Brinquedoteca Universitária da UNIFIMES desde o ano de 2016.

Assim, considerando o cenário brasileiro causado pela pandemia que assola o país, temos (enquanto profissionais da educação) constatado que muitas brincadeiras e jogos infantis têm sido modificados em virtude desse novo cenário que a sociedade passou a vivenciar. Nesse sentido, o objetivo deste artigo será apresentar algumas contribuições possíveis desse projeto de extensão e de pesquisa voltado ao tema do brincar na Educação Infantil.

1 Docente do curso de Educação Física e Pró-Reitor de Ensino, de Pesquisa e de Extensão da UNIFIMES. Doutor em Estudos da Criança (UMINHO) e doutor em Educação (UNIUBE). E-mail: evandro@unifimes.edu.br

2 Reitora do Centro Universitário de Mineiros. Mestra em Desenvolvimento Regional (UNITAU). E-mail: juliene@unifimes.edu.br

Também pretendemos mostrar a importância e potencialidades da extensão universitária; discutir aspectos relacionados à brincadeira na escola e também em outros espaços não formais de educação, considerando o período de pandemia que assola o município e o país de modo geral; e apresentar ações formativas, relacionadas ao período de pandemia, desenvolvidas com as professoras dessas crianças da rede pública.

Partimos do pressuposto de que a universidade tem como uma de suas funções manter uma aproximação com a sociedade, nesse caso as instituições de educação infantil, bem como desenvolver ações formativas e de intervenção com os profissionais que nelas atuam. Desse modo, a justificativa desse trabalho se dá, portanto, pela necessidade de colaborar com a educação de crianças e de certa maneira com a formação de professores, tendo em vista os dilemas e desafios que têm atravessados os mais variados contextos.

Para isso, as próximas seções serão apresentadas de maneira a contemplar cada um dos objetivos aqui delineados. Em outras palavras, faremos, inicialmente, uma breve explanação sobre o contexto metodológico que permitiu a realização do trabalho. Na sequência falaremos o que é e para que serve a extensão universitária. Mais adiante contaremos um pouco sobre o que é o projeto da Brinquedoteca Universitária, apontando qual a participação das escolas nesta ação, bem como algumas características sobre elas. Por fim as discussões serão voltadas para as contribuições desse projeto que trabalha de forma articulada com a pesquisa e a extensão.

Aspectos metodológicos

Este trabalho é um recorte de um projeto maior, vinculado à uma ação de extensão universitária e também de um projeto de pesquisa sobre crianças. Aqui procuramos mostrar, a partir de uma abordagem qualitativa, parte do que tem acontecido no âmbito desses projetos, considerando as adaptações necessárias realizadas durante os anos de 2020 e 2021, em virtude da pandemia causada pelo Coronavírus.

Desse modo, apresentamos o que tem sido desenvolvido para alcançar os objetivos do projeto. Sendo assim, este trabalho se configura como um relato de experiência, que ilustra ações realizadas com caráter de intervenção, uma vez que procuramos produzir materiais lúdico-pedagógicos direcionados à educação infantil. Além desses materiais, melhor detalhados mais adiante, encontros formativos online estão agendados para acontecer com as professoras das crianças, objetivando trabalhar questões relativas a competências e habilidades a serem desenvolvidas, previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018.

Participam do projeto da Brinquedoteca Universitária, atualmente, duas escolas públicas municipais, crianças, professoras e equipe gestora. Ambas escolas possuem mais de 500 alunos matriculados (com idades até 5 anos), e mais 30 professores, entre gestores, monitores e docentes. Na próxima parte do texto falaremos um pouco sobre o que é e para que serve a extensão universitária.

O que é e para que serve a extensão universitária? Algumas particularidades

Para começar esta seção gostaríamos de contextualizar o tema a partir de um movimento ocorrido no início da década 2010. De maneira mais detalhada, em 2012 aconteceu um Fórum de Pró-Reitores de extensão das universidades públicas brasileiras (FORPROEX), em Manaus, Ama-

zonas. Nesse fórum foi amplamente discutido muitas questões sobre a extensão. O fruto de tais problematizações proporcionou a publicação da política nacional de extensão universitária, que citaremos aqui.

Nesse sentido, conforme definido pelo fórum “a Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 15). Esse conceito elaborado pelo Forproex (2012), embora tenha sido publicado há oito anos, se configura como uma definição bastante atual, como Oliveira (2021) destacou num artigo sobre as “contribuições da extensão universitária com a produção e circulação do conhecimento”.

Em outras palavras, juntamente com Oliveira (2021), também reconhecemos que é necessário reforçar o quão seria prejudicial separar as dimensões do trabalho que envolvem o ensino, a pesquisa e a extensão, uma vez que consideramos viável explorar e partilhar os conhecimentos construídos no âmbito do ensino da graduação, por vezes potencializados por experimentos de pesquisa com a comunidade.

Importa ressaltar que o Plano Nacional de Extensão Universitária se baseou na Constituição Federal de 1988, recomendando que a extensão fosse desenvolvida como prática acadêmica e de forma indissociável com o “Ensino e a Pesquisa, com vistas à promoção e garantia dos valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural, social” (FORPROEX, 2012, p. 16).

A partir dessas orientações, verificamos que, de certa forma, a universidade cumpre o seu papel ao aproximar comunidade acadêmica e sociedade, uma vez que ela proporciona a realização de ações que impactam em transformação social, cultural, humana, ética, econômica, tecnológica, entre outras, por meio de seus variados projetos. E a extensão possibilita esses impactos e transformações.

Assim, retomamos o subtítulo desta seção: para que serve a extensão universitária? Entendemos a extensão como uma significativa potencialidade que permite transformar não apenas a comunidade, mas também os estudantes do ensino superior, tendo em vista as ações de intervenção que eles possuem contato durante a trajetória acadêmica. Além dessas compreensões, apresentamos as principais diretrizes da extensão universitária que o Forproex (2012) destacou e que merecem ser retomadas.

Ao analisar tais diretrizes é possível perceber o quanto as ações realizadas com a comunidade, seja na Brinquedoteca da UNIFIMES ou fora da universidade, como nas escolas, contribuem para a efetivação de tais diretrizes. São elas: interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão; impacto na formação do estudante; e impacto e transformação social. Nesta direção, verificamos que por meio do projeto da Brinquedoteca temos trabalhado e buscado realizar transformações sociais através da implementação e realização de ações educativas e culturais.

Um pouco mais sobre o projeto de extensão Brinquedoteca universitária UNIFIMES

O projeto da Brinquedoteca UNIFIMES se trata de uma ação extensionista que teve origem no ano de 2016. Por meio de um financiamento do Governo Federal (Programa Pró-Docência da

Capes), a UNIFIMES construiu esse espaço, também conhecido como Laboratório de Ludicidade. A estrutura atualmente é situada no Centro Universitário do Campus de Mineiros e ao longo desses anos tem realizado ações sistemáticas que contribuem para o desenvolvimento da criança por meio do brincar e de atividades lúdico-pedagógicas.

O projeto só acontece porque existe parcerias com escolas da rede pública municipal. A Brinquedoteca se tornou um projeto que objetiva oferecer a comunidade um espaço em que as crianças possam utilizar e explorar de maneira livre ou por meio de oficinas ou atividades coordenadas pelos docentes e alunos envolvidos na ação.

Anteriormente a pandemia, o projeto recebia semanalmente meninos e meninas de escolas vizinhas ao polo universitário. Na Brinquedoteca as crianças eram acompanhadas e supervisionadas por seus professores e bolsistas.

Com a suspensão das aulas presenciais nas escolas, em virtude da pandemia do Coronavírus, as crianças deixaram de frequentar a Brinquedoteca e passaram a ter as aulas em formatos diferentes: mediadas por tecnologias (online) e/ou realização de atividades escolares em casa, planejadas e acompanhadas pelas professoras.

Para não interromper o projeto, desde meados do ano de 2020, quando as crianças deixaram de visitar o Laboratório de Ludicidade, começamos a elaborar um material rico e abrangente sobre jogos e brincadeiras para crianças. Trata-se de dois almanaques com a descrição de mais de 1000 (um mil) tipos de atividades recreativas que podem ser praticadas em diversos espaços e com diferentes tipos de materiais, que foi finalizado no em dezembro de 2021. Tais materiais foram disponibilizados à comunidade escolar. A seguir faremos uma apresentação breve sobre alguns aspectos relativos as escolas que participam do projeto.

As escolas que participam do projeto de extensão da Unifimes

Nesta seção apresentamos de forma mais detalhada as duas instituições que são parceiras do projeto e que participarão dos encontros de formação online sobre o “brincar na infância” que acontecerão ao longo do ano de 2021. A unidade infantil que se localiza mais próxima da UNIFIMES é a Escola Municipal Reverendo Eudóximo, que trabalha com a pré-escola.

Atualmente a escola Reverendo Eudóximo possui 474 crianças matriculadas, com faixa etária de 03 a 05 anos. Ela existe em Mineiros desde 11 de agosto de 1983 e ao longo dos alunos tem contribuído com uma etapa importante da formação da criança.

Na supracitada escola existem 22 docentes com formação em pedagogia, 02 coordenações, 01 gestora e 01 vice gestora. Há várias salas de aula, sendo elas classificadas como: maternal II, o jardim I e o Jardim II. A quantidade de crianças por turma encontra-se abaixo, a saber: Maternal 2: 18 alunos cada sala de aula; Jardim I: 20 alunos cada sala de aula; Jardim II: 25 alunos cada sala. Há, também, na escola Reverendo Eudóximo, uma pequena Brinquedoteca. No espaço interno escolar tem um pula-pula, uma casinha de boneca, um parquinho e um área coberta por uma tenda.

Já no outro local, a Creche, conhecido como Centro Municipal de Educação Infantil Menino Jesus, possuem 57 crianças matriculadas, na faixa etária de 1 a 3 anos. A escola foi fundada em 16 de abril de 1995 e atualmente tem 04 docentes com formação em pedagogia, além de 01 gestor, 01 vice gestor e 04 monitores.

Na creche supracitada há alguns espaços para a realização de brincadeiras, tais como um

pomar, uma brinquedoteca, um parque e um pátio, além das salas de aula. Nela possuem 14 crianças por turma. As crianças gostam de brincar livremente nos espaços da escola, sozinhas e em grupos de pares.

Nos últimos tempos apenas os docentes tem frequentado as escolas, em regime de escalonamento, para planejamento das atividades remotas que o formato não presencial tem imposto nas unidades de educação infantil. Por meio de uma aproximação com a coordenação do projeto da Brinquedoteca, as escolas citadas tem buscado planejar encontros voltados à formação docente, uma vez que semanalmente acontecem reuniões para estudos, discussões e planejamentos sobre conteúdos e temas pedagógicos sobre a educação infantil.

Na próxima parte do capítulo daremos ênfase à algumas contribuições que o projeto de extensão universitária possibilita. São contributos que partem das ações realizadas durante esse contexto de pandemia, que de certa maneira forjou as instituições a buscarem novas alternativas para trabalhar com as questões relacionadas com a educação.

Ações e contribuições do projeto de extensão universitária

No ano de 2021, como temos anunciado no artigo, o trabalho desenvolvido no âmbito deste projeto que envolve a UNIFIMES, o brincar, as crianças e as professoras desses sujeitos, aconteceram a partir de algumas etapas e procedimentos, como abordaremos a seguir.

Em primeiro plano: realizamos encontros com os estudantes da graduação, bolsistas do projeto, para estudos e elaboração do material didático-pedagógico, como o almanaque de jogos e brincadeiras. A construção desse material visou colaborar com as atividades recreativas e lúdicas dos professores que atuam com crianças da educação infantil. Além de contribuir com os docentes, o material objetiva alcançar também os pais, familiares e responsáveis pelas crianças, uma vez que o conteúdo nele exposto é bastante acessível e didático. Esse conteúdo foi criado em formato digital, para facilitar o acesso e o compartilhamento.

No almanaque de jogos e brincadeiras (tema 1 e tema 2) construído tem mais de 1000 opções de atividades para os professores ou os pais das crianças explorarem com elas. Tem sugestões para “brincadeiras ao ar livre; jogos para locais fechados, com e sem materiais; brincadeiras cantadas; tarefas de gincana; brincadeiras online e outros.

Em segundo plano: elaboramos temas específicos para trabalhar com as professoras das crianças durante suas reuniões periódicas de estudos, planejamentos e formação continuada. Tais reuniões tem ocorrido no formato remoto, coordenado pela equipe gestora pedagógica escolar. Tendo conhecimento desses encontros, buscamos alternativas para participar desses momentos formativos para contribuir e de certa maneira intervir.

Dessa maneira, temos previsto realizar um encontro com a equipe de pedagogas, que será conduzido pelo grupo do projeto de pesquisa e de extensão da UNIFIMES. Nele será abordado o tema “Brincar e cultura midiática na Educação Infantil: o que as crianças aprendem na contemporaneidade?”. Será um momento de reflexão, provocação e discussão sobre o assunto e também a respeito das questões trazidas à tona pelas professoras.

Em terceiro plano: outro encontro será realizado, com o objetivo de discutir o mesmo tema, mas com o foco para as crianças da creche, considerando que trabalhamos com duas unidades que possuem crianças de faixas etárias distintas, conseqüentemente existem particularidades di-

ferentes. A reunião acontecerá nos mesmos moldes e formato, em dia agendado com a escola.

Em quarto plano: uma palestra será realizada com as professoras, também organizada pelo grupo de pesquisa e extensão da UNIFIMES, para discutir o tema da “Psicomotricidade como fenômeno importante para a formação da criança e aprendizagem na escola”. Esse encontro para discutir essa temática com as professoras também está previsto para acontecer em formato remoto. Poderá ser presencial, a depender das condições e autorizações para reuniões que a prefeitura do município irá decretar nos próximos tempos.

Por fim, como quinto plano, uma oficina lúdica em formato de startup será realizada com todas as professoras das duas escolas. Esta oficina terá como objetivo elaborar propostas de intervenção lúdico-pedagógicas, visando aplicar no contexto educativo. O material construído será compartilhado e existe a possibilidade de haver algum tipo de premiação para os melhores trabalhos construídos.

Essas propostas estão planejadas para acontecer a partir do ano de 2023. Além das palestras e temas aqui citados, outros poderão surgir e, conseqüentemente, ser trabalhados no contexto educativo.

Considerações finais

Nosso objetivo principal foi apresentar as contribuições de um projeto de extensão voltado ao tema do brincar. A partir do exposto foi possível verificar que nosso projeto buscou alternativas para colaborar com as ações da escola, com a formação das professoras das crianças e com a elaboração de atividades lúdico-pedagógicas que podem ser exploradas tanto na escola quanto fora dela.

De maneira mais específica buscamos mostrar a importância e algumas potencialidades da extensão universitária. E constatamos o quão vasto e abrangente são as possibilidades de realizar um trabalho articulando a comunidade acadêmica da instituição de ensino superior e também a comunidade escolar.

Também procuramos apresentar ações formativas sobre temas relacionados a possibilidades de trabalho durante o período de pandemia. Tais propostas serão possíveis ser realizadas em virtude das ações com caráter de intervenção que o projeto aqui apresentado possui. Podemos concluir que a Brinquedoteca Universitária faz parte de um potencial projeto que contribui, e muito, com o desenvolvimento de crianças pequenas e também com a formação de docentes que trabalham com esses sujeitos.

Além disso, neste espaço é possível colocar o brincar em evidência, de maneira a contribuir com o a educação de crianças, possibilitando cumprir nosso papel enquanto instituição de ensino superior – aproximar da comunidade por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: D.O. 5 de outubro de 1988. Disponível em: www.mec.gov.br/legis/default.shtm.

FORPROEX. Política nacional de extensão universitária. In: Fórum de Pró-Reitores de extensão das universidades públicas brasileiras. Manaus, 2012.

OLIVEIRA, Evandro Salvador Alves. Contribuições da extensão universitária com a produção e circulação do conhecimento. *Intermedius*. v. 1, n. 1, p. 47-55, jan.-jun. 2021

3 LADO ROSA DA VIDA: PROGRAMA DE TELEORIENTAÇÃO DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19 – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Laura Ferreira de Rezende (UNIFAE)¹

Bruno Figueiredo Custódio Alves (UNIFAE)²

Anita Bellotto Leme Nagib (UNIFAE)³

Introdução

A nova doença denominada COVID-19 é uma preocupação em termos de saúde em nível global. O surto de COVID-19 apresentou desafios críticos para a saúde pública, pesquisa e extensão¹. O objetivo deste capítulo é avaliar se as orientações multiprofissionais realizadas pelo computador ou pelo celular foram eficazes no pós-operatório de câncer de mama.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) atuam com o objetivo de facilitar a disseminação de informações, a comunicação de seus usuários, além de promover melhorias no acesso às informações de saúde por meio da utilização de ferramentas como computadores, softwares, celulares, aplicativos e outros dispositivos². Sendo assim, a teleorientação se enquadra nos formatos de uma TIC e tem se apresentado como ferramenta útil no enfrentamento da pandemia pelo coronavírus.

O termo “telessaúde” (ou telereabilitação, teleconsulta e telemonitoramento) pode ser considerado um termo para descrever a prestação de cuidados de saúde à distância utilizando informações e fontes de tecnologia de comunicação³.

A teleorientação oferece uma forma alternativa de prestação de serviços de orientação durante o processo de reabilitação, nas quais são utilizadas TICs para facilitar a comunicação entre o profissional e o paciente em um local remoto. O uso do telesserviço tornou-se mais viável à medida que a velocidade e a sofisticação das TICs melhoram. Este modelo de atendimento tem se mostrado eficaz comparado à reabilitação realizada presencialmente quando somadas a melhorias nos cuidados habituais⁴.

A teleorientação surgiu como uma modalidade promissora para superar várias limitações, uma vez que permite que pacientes e cuidadores possam interagir com a equipe de profissionais da saúde e afins de forma remota. Pelo computador ou pelo celular, é possível que recebam orientações remotamente. Além disso, os serviços de teleorientação podem prover acessibilidade e cuidados a pacientes de outras regiões⁵.

O serviço de teleorientação estende o tratamento para além dos limites das instalações de saúde tradicionais, atingindo aos pacientes independentes da distância e os protegendo da

1 Pós-doutora. Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa. Docente do curso de Fisioterapia. Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – UNIFAE. laura.franco@prof.fae.br

2 Fisioterapeuta. Ex-discente do curso de de Fisioterapia. Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – UNIFAE. bruno.alves@sou.fae.br

3 Doutora. Vice-reitora e Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários. Docente do curso de Fisioterapia. Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – UNIFAE. anita.nagib@prof.fae.br

contaminação do COVID-19. Esta nova forma de orientação representa um esforço extra para a continuidade do tratamento oncológico contra o impacto prejudicial do distanciamento social decorrente da pandemia da COVID-19.

Uma das principais vantagens do serviço de teleorientação é que ela fornece a oportunidade para pessoas que estão isoladas, regionalmente, acessarem aos serviços. Esse recurso é particularmente benéfico em países territorialmente grandes, como o Brasil, onde muitas pessoas vivem distantes de centros de reabilitação especializados. O serviço de teleorientação elimina a necessidade do deslocamento para centros de reabilitação, beneficia pessoas com restrições de mobilidade, e com dificuldade para viajar⁴. É especialmente útil nos tempos atuais podendo melhorar o custo benefício das intervenções^{3,7}.

Os tratamentos oncológicos podem levar os pacientes à imunossupressão, em razão da resposta imunológica enfraquecida por bactérias e vírus respiratórios⁸. Dessa forma, é um grupo de risco para complicações decorrentes da COVID-19 e o apoio multiprofissional passa a ser ainda mais fundamental para o sucesso e a continuidade do tratamento oncológico.

Os pacientes expressam uma conexão pessoal com o terapeuta por meio do serviço de teleorientação. Eles se sentem menos isolados, mais positivos e conectados⁹. O serviço de teleorientação pode desencadear vantagens muito maiores do que apenas minimizar a limitação de efeitos de distanciamento social, mas também como uma oportunidade de repensar as rotinas de reabilitação atual, abrindo o caminho para a visão de modelos de cuidados mistos, através dos quais os procedimentos hospitalares podem ser complementados com procedimentos telemonitorados¹⁰.

Metodologia

Trata-se de um estudo de campo exploratório descritivo com abordagem qualitativa. Foram convidadas mulheres no pós-operatório de câncer de mama a participar de 25 encontros semanais, via plataforma Zoom, onde as pacientes recebem orientações de um profissional diferente a cada semana (médico, fisioterapeuta, enfermeiro, assistente social, psicólogo, dentista, educador físico, advogado e farmacêutico, empreendedores, jornalistas e publicitários), com temas variados abordando aspectos do câncer de mama.

“O Lado Rosa da Vida” é projeto de extensão universitária do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (UNIFAE) integrado ao Departamento Municipal de Saúde, a Clinion – Centro do Tratamento do Câncer, ABRAPEC – Associação Brasileira de Assistência às Pessoas com Câncer, Associação Comercial (ACE), através do Conselho das Mulher Empreendedoras, e SEBRAE, todos do município de São João da Boa Vista – SP. Foi desenvolvido o programa de extensão com reuniões semanais com profissionais da área saúde e áreas afins, com objetivo educacional, de orientação, conscientização e otimização na reabilitação durante todas as fases do tratamento, além da abertura de um espaço para compartilhamento de informações, retiradas de dúvidas e questionamentos, além de momentos reflexivos e de desabafo sobre sua doença. As atividades foram supervisionadas por docentes e realizadas por discentes dos cursos de graduação da UNIFAE, além das atividades propostas pelos parceiros.

As pacientes foram encaminhadas pelo Sistema Municipal de Saúde, pela Clínica Escola de Fisioterapia da UNIFAE ou triados pelo instagram @ladorosadavida. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob registro CAAE 44706121.9.0000.5382.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O programa contou com reuniões com palestras multiprofissionais (tabela 1).

Funcionalidade no pós-operatório de Câncer de mama
Aspectos Emocionais do Processo do Adoecer
Planejamento familiar e câncer de mama: orientações para quem teve o diagnóstico durante a vida reprodutiva
Benefícios dos exercícios físicos durante o tratamento oncológico
Cuidados Especiais com paciente em tratamento de quimioterapia
Comecei a quimioterapia e agora?
Cuidados Odontológicos Pré Tratamento
Direitos Sociais da Pessoa com Câncer
SuperAÇÃO Storytelling pacientes parte 1
Câncer de mama: o que fazer? Sinais de Alarme; Exames de rastreamento; Estadiamento e Formas de Apresentação da Doença
Auto maquiagem
Acolhimento Social da Mulher com Câncer de Mama
Pilates no Câncer de Mama
O Câncer e a Autoimagem: A Identidade Feminina
Exercícios Físicos para diminuir a chance de recidivas
Risco Familiar de Câncer de Mama: Como acompanhar a família de quem teve o diagnóstico
Os direitos do paciente com câncer de mama
Cuidados da Enfermagem nos efeitos adversos da radioterapia
Terminei a quimioterapia e agora?
Cuidados odontológicos durante e após o tratamento com quimioterapia e radioterapia
SuperAÇÃO - StoryTelling pacientes parte 2
Inteligência Emocional
Empreendedorismo + o Case de Sucesso Total
Dança do ventre
Amarração de lenços
Os direitos do paciente com câncer de mama
Alterações respiratórias após o tratamento oncológico

Durante a realização das palestras, as falas e os comportamentos das pacientes foram observados. Após a transcrição destas falas, os assuntos foram categorizados qualitativamente.

a) Recepção do diagnóstico:

Foi encontrada a presença do sentimento medo, seja por perdas anteriores de entes ou

pelo impacto negativo estigmatizado da doença. Essas associações são majoritariamente negativas pois são vistas como destruidoras e até punitivas, estando ligada socialmente ao estigma da morte.

“Quando você tem o diagnóstico de Câncer, a primeira coisa que você lembra associada ao câncer é a morte.” (P.T.)

O câncer é uma doença que não atinge apenas o paciente, mas também todas as pessoas que se importam e amam. Ao ter essa experiência perto, como a mãe no caso da paciente P.M.F, vê-la passar por esse processo e falecer, e ter o diagnóstico próximo à idade de sua mãe, a mesma relata o quão marcante essa experiência foi.

“Meu primeiro diagnóstico foi 2015, fiz o tratamento, depois em 2017 o segundo. Sou mastectomizada bilateral. Acompanhei minha mãe que faleceu com 51 anos de câncer de mama. Meu diagnóstico foi com 48 e eu já estou com 54. É bem marcante mesmo. É uma mudança de vida que nos muda em vários pontos.” (P.M.F)

É necessário reformular as representações envolvidas no câncer, para que o tratamento possa ser encarado de maneira positiva¹¹. Como a paciente D.C.P. relata, o primeiro sentimento é de que está sem base, de que o rumo de sua vida fica temporariamente comprometido, mas que felizmente, ao se deparar com relatos de pessoas que passaram pela mesma experiência e sobreviveram, consegue juntar forças para seguir em frente, enfatizando a importância da informação e de uma rede de apoio sólida.

“A gente quando descobre que tem câncer, falar que não perdeu o chão é mentira, mas no decorrer do tempo a gente percebe que não é só a gente. E que precisa lutar pra vencer. Eu no começo, nossa, foi um sofrimento que foi uma barbaridade, mas com o tempo e graças a Deus eu venci.” (D.C.P.)

“Ao longo do tratamento, eu decidi que eu ia buscar algo que me desse esperança e foi então que eu fui tentando me superar a cada dia. Fui procurando pessoas que passaram pela mesma situação que eu e estavam bem, e isso foi gerando uma motivação para lutar.” (P.T.)

b) Percepção do tratamento:

O tratamento do câncer é um processo por vezes muito doloroso e que ocasiona sofrimento, sendo necessário procedimentos que trazem consequências negativas e sintomas adversos. Castro et al¹² observaram que as mulheres que fizeram tratamentos quimioterápicos, relataram percepções negativas cíclicas do tratamento. Também apontou que mulheres idosas percebem o diagnóstico e tratamento de forma mais positiva.

As pacientes relatam diversos sintomas negativos oriundos de seu tratamento:

“Com o passar do tempo a gente vê que o tratamento não é um tratamento ruim, mas também não é bom. Eu fiz 28 radioterapias, e hoje eu inteirei a

quarta quimioterapia. Meu cabelo caiu, não são todas que caem, mas o meu caiu com 15 dias após a primeira quimioterapia.” (P.X.)

“Eu tive anemia durante o tratamento que me deixou com fraqueza.” (D.I.P.)

“Eu estou passando por tratamento. Agora estenderam meu tratamento por cinco anos, vou fazer dez anos de tratamento. Fui tratar de dente uma vez quando eu descobri o câncer. Eu colocava a obturação e ela caía, ia comer, ela caía. não parava no dente. Sempre ia no dentista com um dente inflamado e quando volto estou com outro inflamado. Durante a quimioterapia eu passei tanta sede, e fiquei muito sensível com cheiro de perfume. Eram várias reações que a gente não entende.” (D.I.P.)

“A Radioterapia é difícil porque depois você sente aquele calor, a quimioterapia, enjoô, náuseas, baixa a imunidade.” (D.I.P.)

“Meu tratamento foi inverso, comecei pela quimioterapia e depois cirurgia. Eu não sabia como era a quimioterapia, nunca tinha visto e isso me deixou mais nervosa. Não saber me deixou mais nervosa do que a própria sessão de quimioterapia. Fiquei bastante assustada, porque na primeira sessão, eu vi um carrinho de reanimação e associei o carrinho ao tratamento quimioterápico, o que não é comum. É assustador ver aquela aparelhagem toda. Tive vontade de sair correndo. E depois fui vendo que era mais tranquilo apesar dos sintomas que são péssimos, de você não ficar bem, mas também não é algo que você não possa superar.” (P.T.)

Apesar da consciência do grau de seriedade da doença, assim como as consequências negativas, essas mulheres acreditam na recuperação, mostrando adesão às orientações e tratamento propostos.

“Eu agarrei no tratamento com seriedade”. (D.I.P.)

“Estou fazendo os exercícios certinhos, estou sendo bem acompanhada e o teleatendimento é para todos e só tenho a dizer gratidão. Gratidão mesmo.” (P.M.F.)

“Desistir, jamais. Desistir do tratamento é desistir da vida!” (D.I.P.)

Castro et al¹² investigaram a relação entre percepção da doença, enfrentamento e variáveis sociodemográficas e clínicas em mulheres com diagnóstico de câncer de mama, e constataram que mulheres casadas ou que vivem com o companheiro perceberam que o câncer de mama gerava mais consequências negativas quando comparado às mulheres solteiras, viúvas ou separadas.

Levantando a hipótese dessas mulheres perceberem de uma forma mais intensa com as mudanças e mutilações corporais causadas pela doença e o tratamento, o que interfere no relacionamento e na sexualidade do casal. Também mostrou que, quanto maior a idade, menos negativa era a representação emocional. Há associação positiva entre a percepção da doença e seu enfrentamento¹².

c) Depressão e ansiedade

A ansiedade e a depressão são temas já estudados e discutidos na literatura como possíveis

consequências do tratamento do câncer. O estudo de FERREIRA *et al*¹³ demonstrou que ansiedade e depressão estão mais presentes em pacientes oncológicos, do que em paciente de um modo geral. No ponto de vista de idade, jovens estão mais propensos a ansiedade enquanto idosos estão mais sujeitos a depressão. As pacientes relataram quadros de ansiedade e depressão:

“Eu tive depressão, aí depois de 4 anos veio o câncer. Eu abraço o tratamento e peço pra Deus me apoiar. Por enquanto eu vou ficar feliz que eu estou viva. A gente não pode desanimar. É importante dizer que tem pessoas pra ajudar a gente.” (D.I.P.)

É de grande importância, intensificar os estudos sobre saúde mental em tempos de COVID-19, a fim de evidenciar e atualizar dados e protocolos já abordados anteriormente. A paciente P.M.F., associa a ansiedade ao momento atual de pandemia, dado que se percebe diante da circunstância atual mesmo quando não associada ao câncer.

“Eu fui diagnosticada duas vezes, 2015 e 2017 respectivamente e até hoje não havia sentido uma ansiedade tão grande como venho sentindo durante essa pandemia. Eu que sempre me vi como uma pessoa forte por ter vencido meu câncer, tenho me visto com dificuldade de memorização, concentração e com intensificação da ansiedade.” (P.M.F)

Mudanças de hábitos repentinas, implementadas de forma a controlar a pandemia do COVID-19 como máscara e isolamento social, somadas ao excesso de informação gerada sobre a doença (medo), são fatores determinantes para a intensificação do sintoma no período atual, gerando consequências negativas, podendo ser enfrentado como uma crise social pelos próximos anos¹⁴.

d) Vulnerabilidade social:

Fatores como grau de escolaridade e grau socioeconômico podem interferir no diagnóstico e perspectiva do tratamento, impactando negativamente quando menores¹⁵. Foi possível identificar essa questão a partir do relato de uma assistente social que acompanhou todas as reuniões do projeto:

“O que eu vejo é que 99% dos pacientes que eu dou assistência são de vulnerabilidade social, então, a necessidade do tratamento existe, mas nem sempre o atendimento acontece.” (E.C.A.S.)

Notou-se através dos relatos, que existe um grau de vulnerabilidade social distintos, mas que se associam quando pensados no processo de reabilitação da doença.

Para Lopes *et al*¹⁵ o estudo demonstrou maioridade na incidência da doença em públicos em que há baixo poder aquisitivo, com predomínio de classes C e D, inatividades econômicas, agravados pela pouca escolaridade, presença de analfabetismo e a média alta de filhos, o que se mostra negativo quando associado às etapas de adoecimento do câncer, corroborando com os dados apre-

sentados, porém esse estudo não julgou importante o fator situação conjugal em sua análise.

e) Autocuidado e mudanças de hábito

Notou-se pelo relato coletado, que há o conhecimento da importância do autocuidado não só relacionado às estratégias de controle dos sintomas adversos do tratamento, mas com os benefícios sociais e mentais envolvidos na prática.

“O processo do autocuidado com a maquiagem influencia na auto estima possibilitando melhorias emocionais para a paciente, fazendo com que a mesma, se sinta confiante para encarar o desafio.” (L.R.)

O diagnóstico e tratamento do câncer pode impactar diretamente a autoimagem e identidade das mulheres, por estarem ligadas à imagem que se tem do ser mulher e os conceitos e feminilidade presentes na sociedade. Dessa maneira a maquiagem pode mexer com a autoestima como forma de reafirmação de suas identidades.

Vale ressaltar que o autocuidado impacta diretamente na mudança de hábitos. Ao se depararem com uma doença que é agravada com a inatividade do corpo e com hábitos não saudáveis como má alimentação, tabagismo e etilismo, as pacientes se sentem empenhadas em modificar ações cotidianas visando ampliar seu tratamento e também aproveitar melhor as oportunidades da vida.

“Tive que começar o tratamento para anemia, onde fui indicada pela nutricionista a comer bastante folhas verdes, verduras, inhame, suco de laranja, ômega 3, 6 e 9, folhas verdes escuras, tomar vitamina.” (D.I.P.)

“Às vezes fico até pensando que o diagnóstico veio para mudar realmente a minha vida, e eu digo que para melhor em alguns aspectos sabe. Então algumas coisas mudam, por que tem que mudar alimentação, estilo de vida, exercício físico, deixar alguns hábitos como a bebida. Eu mesmo nunca fui beber, mas nos fins de semana costumava tomar uma cervejinha. Com o tratamento eu diminuí e com a pandemia diminui mais ainda” (P.M.F.)

“Eu faço crochê para me distrair. Minha vizinha me ensinou e eu venho fazendo.” (D.I.P.)

Para Henriques et al¹⁶ não há diferença significativa em fatores como poder aquisitivo e grau de escolaridade na influência da adesão de práticas de autocuidado, porém corrobora quando se trata da importância do autocuidado e seus benefícios em pacientes em tratamento quimioterápicos, minimizando possíveis consequências do tratamento.

f) Histórico familiar:

Karkow et al¹⁷ observaram que familiares nem sempre demonstram impacto ao receber o diagnóstico do familiar, por compreenderem que os pacientes tinham um estilo de vida propensos à aquisição da doença, porém é sempre acompanhado por sentimentos negativos como medo, angústia, tristeza entre outros.

Os relatos apontam que pacientes que tinham casos anteriores na família, se sensibilizaram ao relatar os casos, enfatizando o sofrimento presenciado, porém, esse sofrimento foi utilizado como força para apoiar a luta em prol do tratamento e recuperação da doença.

“A minha experiência pessoal com a produção do vídeo foi tocante, pois tenho uma história familiar com o câncer que até hoje não havia mencionado. Então me deixa emocionada falar sobre o assunto e é importante para mostrar para as pessoas que elas não estão sozinhas.” (M.A.P.)

“A doença oncológica marca pra sempre a vida de todos nós. Quando alguém da família tem, ou atendemos algum paciente, aquilo nos faz repensar, nos deixa mais forte e principalmente nos une.” (P.L.)

“Antes de eu ter o câncer, eu perdi uma irmã com esse problema. Quanto eu tive, eu assustei. Disse, eu vou morrer mesmo. Mas eu lutei e venci.” (D.I.P.)

Segundo Pallini et al¹⁸ a aceitação da doença está ligada a fé e as crenças religiosas e é um sentimento necessário para ocorrer o enfrentamento da doença, se mostrando um forte instrumento para a família e o paciente, proporcionando conforto e esperança para a superação da doença.

g) Apoio familiar, de amigos e religião:

Através dos relatos foi possível confirmar que o apoio da família, amigos e da fé, são importantes no processo de enfrentamento da doença para o paciente.

“Meu filho raspou a cabeça para me dar forças. Tenho 4 filhos, e eles me apoiam muito. Sem apoio, nesse tratamento não tem como. Você tem que ter o apoio da família. Não só meus filhos mas também meus irmãos e amigos me apoiaram e se preocuparam comigo” (D.I.P.)

“Tive muito apoio dos meus amigos e da igreja que fizeram orações para mim todos os dias.” (D.I.P.)

O estudo de Pallini et al¹⁸ mostrou que a espiritualidade foi fundamental no processo de reabilitação de pacientes com câncer de mama, desde a descoberta da doença até o tratamento quimioterápico, auxiliando na adesão e adaptação ao tratamento, na superação, coragem e alívio de sofrimento, corroborando com análises aqui encontradas.

“Tem que ter fé, se não a gente não vence.” (D.C.P.)

“Graças a Deus estou terminando meu tratamento do câncer, estou curada e logo vou ter a liberação do médico.” (D.I.P.)

“Tive muito apoio da família e da igreja, que em todas as missas rezavam pelo meu nome.” (I.P.)

“Me identifiquei muito com o tema de hoje, pois aqui prestamos assistências a muitas mulheres e famílias com situações parecidas.” (E.C.A.S.)

A aceitação da doença está ligada à fé e às crenças religiosas e é um sentimento necessário para ocorrer o enfrentamento da doença, se mostrando um forte instrumento para a família e o paciente, proporcionando conforto e esperança para a superação da doença¹⁸.

h) Educação e orientação:

Um dos principais caminhos para a melhor orientação dos pacientes seria a educação para a prevenção e para a compreensão do que é a doença, quais os tratamentos, as possibilidades de melhora e recuperação. Entretanto, ainda é necessário que mais informações sejam divulgadas. No estudo de Barros, Uemura e Macedo¹⁹ foi apontado que os principais motivos para o atraso do diagnóstico, era pelo paciente e pelo sistema de saúde, corroborando com os dados que apontam a necessidade de ampliar essa rede de divulgação, rastreamento e acompanhamento dessas mulheres.

“Gostaria de ressaltar a importância do assunto para nós que somos leigas no assunto e estamos na faixa etária de 20 a 30 anos e não nos preocupamos tanto ainda com o assunto câncer de mama.” (P.D)

“Eu senti um nódulo na mama e eu acompanhei ele por alguns anos. Eu não sabia da existência do mastologista, para mim, quem fazia esse cuidado era o ginecologista. E quando o ginecologista identificou o câncer, fui encaminhada para o mastologista.” (P.T.)

As informações também são necessárias durante o tratamento. Muitas vezes, mesmo quando a paciente já está com seu diagnóstico e passando pelos profissionais, não fica claro de que maneira ocorrerá o processo da mesma, como relatado pela paciente P.T. ao falar sobre o começo da sua quimioterapia.

“Eu não sabia como era a quimioterapia, nunca tinha visto e isso me deixou mais nervosa. Não saber me deixou mais nervosa do que a própria sessão de quimioterapia.” (P.T.)

Muitas dúvidas surgem durante o tratamento, sendo necessário que os profissionais estejam atentos e preparados para responder os questionamentos dos pacientes de maneira didática.

“Existe contra indicações para pacientes em quimioterapia ao fazer as unhas, não podendo fazer retirada de cutículas e outros processos, sendo assim: existe alguma contra indicação de maquiagem para pacientes em tratamento?” (E.C.A.S.)

“Gostaria de saber se além da mucosite, diminuição de saliva, secura, se o aspecto de rachadura ou diminuição de cálcio nos dentes são também consequências do tratamento oncológico para esses pacientes?” (B.F.C.A.)

“Gostaria de saber se tem algum tratamento pelo SUS de dentistas destinados para pacientes oncológicos?” (E.C.A.S.)

“Eu gostaria de saber se todos os medicamentos para o tratamento especifi-

camente do câncer de mama, são teratogênicos, ou seja, possuem o risco de causarem má formação fetal? Ou existe uma classe de medicamentos que são indicados para pacientes gestantes? Ou todos as pacientes que descobrem a gestação precisam interromper o tratamento da quimioterapia?” (L.D.)

Os participantes apontaram como essa falta de informação pode inclusive prejudicar o tratamento em andamento. Sendo assim, ao deixar claro para o paciente como os medicamentos funcionam, seus efeitos adversos e possíveis reações, o mesmo poderá se preparar para essas situações e procurar o profissional necessário para reavaliar seu quadro.

“A falta do conhecimento sobre os medicamentos, pode prejudicar seu tratamento, pois se você souber que determinada reação, não é condizente com o que a bula determina, você pode recorrer ao médico e pedir uma reavaliação desses medicamentos.” (B.F.C.A.)

“Gostaria de enfatizar o papel da participação social em causas que precisam chegar em patamares que ainda não chegaram e fazer ser visto as necessidades de quem realmente precisa. Conscientização popular dos seus direitos para poder saber como chegar até eles” (B.F.C.A.)

“Algumas pessoas que passaram por mim, diziam que eu não poderia me mexer, que meu braço iria inchar, coisas negativas. Quando eu cheguei no projeto, eu fui muito bem acolhida e recebi muita informação que ainda não tinha. Que eu precisava me mexer sim, pois sem o exercício, a chance de ficar inchada era maior, na parte de dores, onde me ensinaram muitos exercícios que me ajudam em relação a dor e que me preparavam para o processo, da quimioterapia, da cirurgia. Dores que eu achava que iria sentir para o resto da vida em decorrência da cirurgia, e eu consegui ter uma grande melhora em função do projeto.” (P.X.)

Considerações finais

No período da pandemia, pode-se perceber que o acesso de mulheres no pós-operatório de câncer de mama ao serviço de saúde oncológica foi reduzido, pela necessidade do distanciamento social, fato que a longo prazo traz consequências negativas. A partir deste estudo foi possível notar que as pacientes aderiram aos encontros semanais com informações sobre o câncer de mama, mostrando interesse nos assuntos abordados, compartilhando suas histórias, refletindo sobre seus hábitos e podendo obter novas percepções sobre o câncer de mama e o reflexo em suas vidas, tornando o grupo de encontros, um grupo onde pudessem encontrar forças e esperanças durante essa trajetória.

Os centros especializados em tratamento oncológicos se localizam muitas vezes em grandes cidades, sendo de difícil acesso para muitos pacientes que habitam lugares distantes e com recursos mínimos. A telessaúde, assim como a teleorientação, podem se tornar importantes recursos na otimização da dissipação de informações, possibilitando orientação sobre auto-avaliação, diagnóstico precoce, gerando maiores chances de cura e menores reflexos funcionais do

tratamento, mesmo após a pandemia.

Este trabalho mostrou que a teleorientação foi uma ferramenta de extrema utilidade para a continuidade da educação em saúde multiprofissional durante a pandemia do COVID-19, pela facilidade e baixo custo do acesso ao serviço, possibilitando alcançar lugares de difícil acesso, atender uma maior demanda, até mesmo em outros estados e regiões, além da diminuição da exposição ao contato, respeitando as normas de distanciamento social.

Fica evidente diante dos resultados deste programa de extensão a importância da educação em saúde, não somente para benefício do paciente, mas como para os acadêmicos em formação a fim de melhorar a qualificação desse futuro profissional, ampliando seus conhecimentos e suas habilidades de atendimento.

No presente estudo pode-se observar a importância do olhar multiprofissional nas pacientes oncológicas, no intuito educativo, de orientações e mudanças de percepções e práticas, após procedimentos de retirada total ou parcial da mama. Enfatiza-se a importância da atuação multidisciplinar na atenção oncológica, especialmente em relação aos cuidados e benefícios da fisioterapia na atuação contra o câncer de mama.

A extensão universitária é uma atividade essencial no contexto atual do país para aproximação dos acadêmicos dos cursos da área da saúde com o campo prático, sendo instrumento capaz de proporcionar diferentes cenários de ensino e aprendizagem embasados na troca de saberes entre docentes, discentes e comunidade com vistas às necessidades sociais em saúde. Neste projeto foi observado importante envolvimento dos extensionistas estudantes, não só como planejadores e executores das ações propostas, mas pelo envolvimento emocional as palestras e com os depoimentos das mulheres com câncer de mama. Dessa forma foi possível perceber um desenvolvimento técnico e na formação cidadã dos extensionistas.

REFERÊNCIAS

- 1 - FAUCI Anthony S, LANE Clifford H, REDFIELD Robert R. Covid-19-navigating. *New England Journal of Medicine.*, p. 1268-1269, 2020. doi: 10.1056/NEJMe2002387
- 2 - BONIFÁCIO Livia Pimenta, SOUZA João Paulo, VIEIRA Elizabeth Meloni. Adaptação de mensagens educativas para parceiros de gestantes para uso em tecnologias móveis em saúde (mHealth)*. *Interface (Botucatu)*, 1-14. <http://dx.doi.org/10.1590/interface.180250>.
- 3 - COTTRELL Michelle A, GALEA Olivia A, O'LEARY Shaun P, HILL Anne J, RUSSELL Trevor G. Real-time telerehabilitation for the treatment of musculoskeletal conditions is effective and comparable to standard practice: a systematic review and meta-analysis. *Clin Rehabil*, v. 31, n. 5, p: 625-638, 2017. <https://doi.org/10.1177/0269215516645148>
- 4 - LAVER Kate E, ADEY-WAKELING Zoe, CROTTY Maria, LANNIN Natasha A, GEORGE Stacey, SHERRINGTON Catherine. Telerehabilitation services for stroke. *Cochrane Database Syst Rev*. v.1, n.1, p:CD010255, 2020. <https://doi.org/10.1002/14651858.CD010255.pub3>
- 5 - CRAMER Steven C. Treatments to Promote Neural Repair after Stroke. *J Stroke*, v. 20, n.1, p:57-70, 2018. <https://doi.org/10.5853/jos.2017.02796>
- 6 - LANGHORNE, P.; BERNHARDT, J.; KWAKKEL, G. Stroke rehabilitation. *The Lancet Public Health*, v. 377, p.1693-1702, 2011. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(11\)60325-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(11)60325-5)
- 7 - BLOCK Valerie A, PITTSCH Erica, TAHIR Peggy, CREE Bruce A, ALLEN Diane D, GELFAND Jef-

- frey M. Remote Physical Activity Monitoring in Neurological Disease: A Systematic Review. *PLoS One*, v. 11, n. 4, p. e0154335, 2016. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0154335>
- 8 - LIANG Wenhua, GUAN Weijie, CHEN Ruchong, WANG Wei, LI Jianfu, XU Ke, LI Caichen, AI Qing, LU Weixiang, LIANG Hengrui, LI Shiyue, HE Jianxing. Cancer patients in SARS-CoV-2 infection: a nationwide analysis in China. *Lancet Oncol*, v. 21, n. 3, p:335-337, 2020. [https://doi.org/10.1016/S1470-2045\(20\)30096-6](https://doi.org/10.1016/S1470-2045(20)30096-6)
- 9 - DODAKIAN Lucy, MCKENZIE Alison L, LE Vu, SEE Jill, PEARSON-FUHRHOP Kristin, BURKE QUINLAN Erin, ZHOU Robert J, AUGSBERGER Renee, TRAN Xuan A, FRIEDMAN Nizan, REINKENSMEYER David J, CRAMER Steven C. A Home-Based Telerehabilitation Program for Patients With Stroke. *Neurorehabil Neural Repair*, v. 31, n. 10-11, p.923-933, 2017. <https://doi.org/10.1177/1545968317733818>
- 10 - NUARA Arturo, FABBRI-DESTRO Maddalena, SCALONA Emilia, LENZI Stefano Elio, RIZZOLATTI Giacomo, AVANZINI Pietro. Telerehabilitation in response to constrained physical distance: an opportunity to rethink neurorehabilitative routines. *J Neurol*, v.15:1-12, 2021. <https://doi.org/10.1007/s00415-021-10397-w>
- 11 - VIEIRA Carolina Pasquote, LOPES Maria Helena Baena de Moraes, SHIMO Antonieta Keiko Kakuda. Sentimentos e experiências na vida das mulheres com câncer de mama. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 41, n. 2 pp. 311-316, 2007.
- 12 – CASTRO Elisa Kern Kern, LAWRENZ Priscila, ROMEIRO Fernanda, LIMA Natália Britz, HAAS Sílvia Abduch. Percepção da Doença e Enfrentamento em Mulheres com Câncer de Mama. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 32, n. 3, p: 1-6, 2016. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32324>
- 13 - FERREIRA, A.S., BICALHO, B.P., NEVES, L.F.G., MENEZES, M.T., SILVA, T.A., FAIER, T.A. E MACHADO, R.M. Prevalência de Ansiedade e Depressão em Pacientes Oncológicos e Identificação de Variáveis Predisponentes. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 62, n.4, p.321-328, 2019. <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2016v62n4.159>
- 14 - ROLIM Josiane A, OLIVEIRA Aldecir Ramos, BATISTA Eraldo Carlos. Manejo da Ansiedade no Enfrentamento da Covid-19. *Rev Enfermagem e Saúde Coletiva, Faculdade São Paulo – FSP*, v.5, n.1, p. 64-74, 2020.

4 COMPONENTE CURRICULAR LIBRAS: CONTEXTUALIZANDO AÇÕES DA EXTENSÃO NA GRADUAÇÃO DO CAMPUS I – SALVADOR - DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Sheila Batista Maia Santos Reis da Costa (UNEB)¹

Introdução

Objetivo apresentar neste capítulo meu relato de experiência funcional quanto às atividades de extensão que tenho proposto e desenvolvido no Departamento de Educação, campus I - Salvador - da Universidade do Estado da Bahia. Isso, desde meu ingresso na instituição em 08 de maio de 2012 até a presente data, 15 de abril de 2022. Estou a elencar, para as análises e discussão, um decênio de atividades cadastradas inicialmente no Protocolo Físico do departamento, entre os anos de 2012 a 2014, posteriormente no Sistema Integrado de Planejamento – SIP, entre os anos de 2014 a 2022.

Como essa explanação associou-se basicamente à tipologia Memorial Descritivo, esses dados - qualitativos e quantitativos, metodológicos e teóricos – constituem-se em recortes e atualizações amplas do título: “Projetos de Extensão no Ensino Superior: Contextualizando Ações do Departamento de Educação – Campus I - da Universidade do Estado da Bahia”, publicado nos Anais⁶ do “Congresso Internacional, Seminário de Educação Bilíngue para Surdos”, vinculado ao Projeto de Extensão 2018 - código DEDCI-78⁷ e Projeto de Extensão 2019 - código DEDCI-256⁸.

Entendo que o Departamento de Educação, Campus I, da Universidade do Estado da Bahia (doravante, DEDC I/UNEB), adota uma filosofia educacional inclusiva de universidade pública e gratuita com atividades de extensão amparadas pelo Art. 207 da Constituição da República Federativa do Brasil (1988), quando diz que as “universidades gozam de autonomia didático-científica” e que elas “obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Ademais, mediante a Lei N° 8.352, de 02 de setembro de 2002, que trata do Estatuto do Magistério Público de suas Universidades Estaduais:

Nas Universidades, mantidas pelo Estado da Bahia, entende-se por atividades

1 Mestra em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Docente da Universidade do Estado da Bahia. Aprovada e admitida no Concurso Público para Professor Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (Edital N° 009/2012), Portaria n° 1259/2012, D.O.E. de 28.04.2012. E-mail: smaia@uneb.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7213087258602843>. ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Sheila-Santos-Reis-Da-Costa/publications>.

6 Anais do Congresso Internacional, Seminário de Educação Bilíngue para Surdos. Volume: 2, 2018. Edição: 2. Páginas: 458. Publicação: 23 de julho de 2020. CDD: 371-912. ISSN: 2526-6195. Disponível em: <https://sebsurdos.wordpress.com/novas-edicoes/>. Acesso em 12 abr 2022.

7 Bienal Azul do DEDC I: II Congresso Internacional e VII Seminário de Educação Bilingue para Surdos. Disponível em: <https://sebsurdos2018.wordpress.com/>. Acesso em 12 abr 2022.

8 Organização de Anais - Congresso Internacional, Seminário de Educação Bilíngue para Surdos.

de magistério superior: I - as pertinentes à pesquisa, ensino e extensão que, indissociáveis, sirvam à aprendizagem, à produção do conhecimento, à ampliação, difusão e comunicação do saber; /.../ Parágrafo único - Compreende-se por atividades de extensão, objetivando promover o intercâmbio com a comunidade, cursos, serviços especiais, ações de natureza científica, artística, sociocultural, além de consultoria e assessoramento especializado, compatíveis com os fins da Universidade. (BAHIA, 2002, art. 3º).

Diante desses dois diplomas legais, considero que o DEDC I/UNEB, assume compromisso com a aprendizagem, a produção e compartilhamento de conhecimentos, associados às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Apesar do meu compromisso com o tripé universitário, para essa discussão, apresento apenas dados dos projetos de ensino, projetos de pesquisa e projetos de extensão que foram/são desenvolvidas por mim, no DEDC I. É importante mencionar a distinção que faço entre ensino e projetos de ensino. O primeiro diz respeito a esse tripé universitário que citei acima: ensino, pesquisa e extensão. Já o segundo, estou a referir-me aos projetos de monitoria de ensino, conforme a Resolução N.º 700/2009 do Conselho Universitário (CONSU/UNEB)⁹. Assim, distingo minhas atividades docentes de dar aulas do Componente Curricular Libras dos projetos de ensino, nos quais acolho monitores de ensino.

A importância dessas atividades não é apenas para o meu Plano Individual de Trabalho docente, mas para a instituição como um todo, para a sociedade baiana, brasileira e para as relações internacionais - como retratadas pelo *The World University Rankings*¹⁰, em que a UNEB é descrita como uma instituição que adota “relações com universidades de todo o mundo, realizando intercâmbios acadêmicos, cooperação em pesquisa científica” (THE WORLD UNIVERSITY RANKINGS, não datado, tradução online). Abordo esse escopo porque realizo projetos em nível local, estadual, nacional e internacional.

Metodologia

Para descrição, análise e discussão dos dados apresentados nesse capítulo, especificamente nos Quadros 1 e 2, tive como objetivo retratar minha experiência funcional com projetos de extensão. Adotei como metodologia rever o título ‘Projetos de Extensão no Ensino Superior: Contextualizando Ações do Departamento de Educação – Campus I - da Universidade do Estado da Bahia’, publicado nos Anais do ‘Congresso Internacional, Seminário de Educação Bilíngue para Surdos’, projeto criado e organizado por mim; desenvolvido e executado com ajuda de parceiros. Após essa revisão, optei por selecionar trechos e atualizá-los com informações dos anos não mencionados e outras informações importantes para esse momento. Declinei de alguns assuntos tratados na versão anterior por não serem relevantes para o escopo de agora. Com os dados atualizados elenquei novos objetivos específicos; redirecionei o enfoque na apresentação do alcance de apenas um projeto de extensão cadastrado no Protocolo Físico do DEDC I e no SIP; mencionei

⁹ Resolução N.º 700/2009. Disponível em: <http://conselhos.uneb.br/wp-content/uploads/2021/08/700-consu-Res.-Regulamento-Monitoria-altera-507.pdf>. Acesso em 13 abr 2022.

¹⁰ About State University of Bahia. Texto original: “The university has established relationships with universities around the world, carrying academic exchanges, scientific research cooperation” Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/state-university-bahia>. Acesso em 12 abr 2022.

a relevância social desse projeto diante da necessidade social; e por fim, descrevi o impacto desse projeto para as Pessoas Surdas.

Ações extensionistas no DEDC I: NUPE e SIP

O DEDC I é situado na Rua Silveira Martins, no Bairro Cabula, na Cidade de Salvador/Bahia. Além do Campus I, a Universidade do Estado da Bahia tem 24 campi, distribuídos em diversas cidades do interior da Bahia, mais o campus avançado, considerado uma extensão do DEDC I, localizado no município de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador. Nesse departamento, observo os trâmites citados no Parágrafo único do Art. 22 do Estatuto do Magistério Público das Universidades do Estado da Bahia: “Os projetos de pesquisa ou extensão deverão ser aprovados pelos respectivos Departamentos e demais instâncias competentes”. Nisso, o setor responsável pelas avaliações e aprovações dos Projetos no DEDC I é o Núcleo de Pesquisa e Extensão – NUPE/DEDC.

O Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) é órgão setorial consultivo e deliberativo vinculado ao Departamento e tem por finalidade incentivar, estruturar, coordenar, sistematizar, divulgar e acompanhar as atividades técnicas, didáticas e científicas, nas dimensões da extensão, pesquisa e inovação, articuladas ao ensino, integradas às ações afirmativas, responsabilizando-se por sua gestão. (cf. Resolução CONSU nº 1.361/2019) (NUPE, s.d, online).

Para além do exposto acima, o NUPE articula “as propostas de pesquisa, extensão e inovação, que sejam de interesse dos cursos de graduação e pós-graduação”, promove “a integração de projetos de extensão, pesquisa e inovação em parceria com outras instituições e organismos, que tenham a participação de servidores e estudantes do Departamento”, com isso, acaba por fortalecer “a Política de Pesquisa, Extensão Universitária e Inovação em articulação com o Ensino e com as Ações Afirmativas”, e promover “a realização de eventos que divulguem a pesquisa, inovação e a extensão junto à comunidade acadêmica”. Essas ações estimulam e orientam “a participação de pesquisadores e extensionistas em grupos de pesquisa e extensão certificados pela UNEB e cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)” (NUPE, s.d, online).

Desde o ano de 2014, os cadastros de projetos foram remanejados do Protocolo Físico do DEDC I para o Sistema Integrado de Planejamento (SIP) da UNEB. No SIP a natureza dos projetos podem ser: i) administração; ii) assistência estudantil; iii) ensino; iv) extensão; v) pesquisa; vi) pós-graduação. As abas para lançamento de dados no SIP são: i) Dados do projeto; ii) Equipe executora; iii) Cronograma de execução; iv) Dados complementares; v) Metas esperadas; vi) Despesas; vii) Regionalização/Parcerias; viii) Plano estratégico.

Os projetos de extensão, para além desse primeiro cadastro no SIP, têm a orientação de submissão para avaliação por meio de banca, mediante abertura de processo no Sistema Eletrônico de Informações do Governo do Estado da Bahia (SEI). Após os trâmites institucionais para deferimentos, os projetos de extensão têm ferramentas para acompanhamento no SIP, com os seguintes indicadores: i) Em Andamento; ii) Atrasado; iii) Paralisado; iv) Excluído; v) Concluído; e outras informações complementares.

O Componente Curricular Libras e suas projeções no SIP

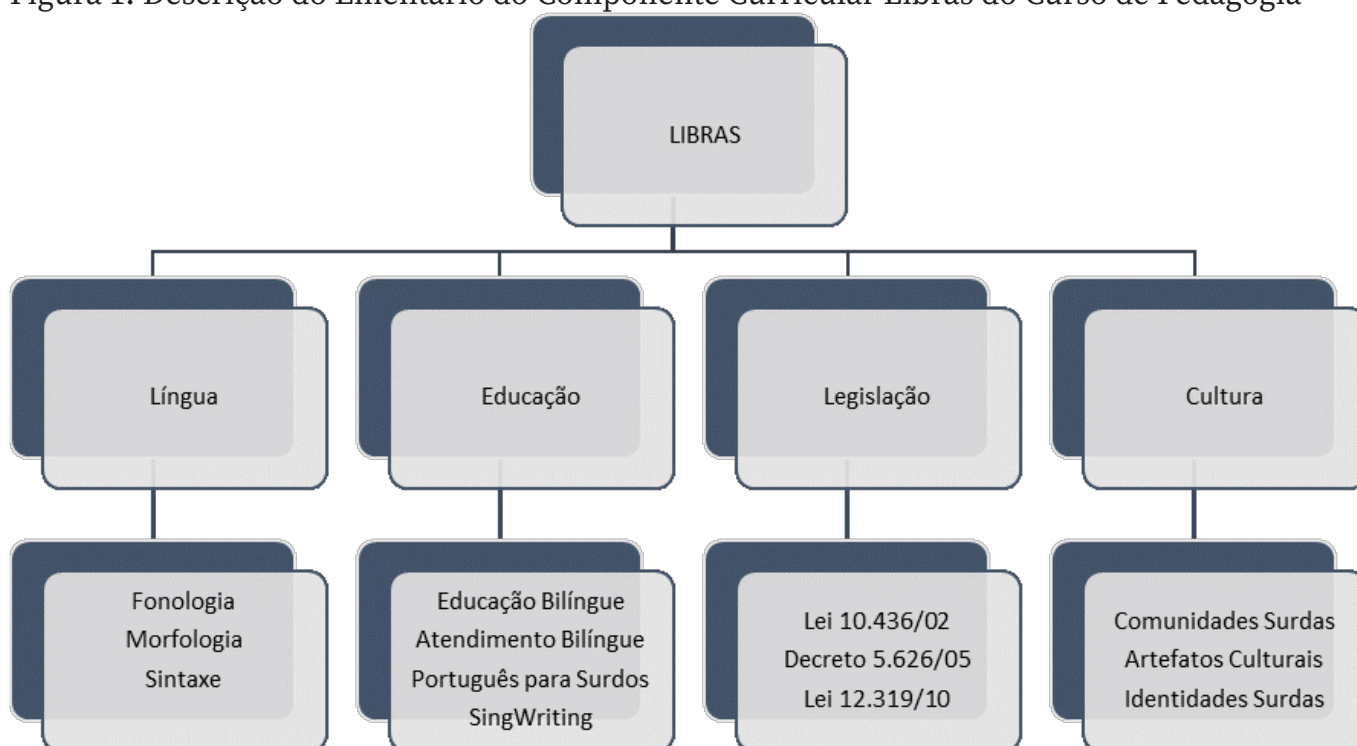
Os projetos cadastrados e coordenados por mim, decorrem das proposições originárias do

Componente Curricular Libras. A Ementa do componente para o Curso de Pedagogia do DEDC I¹¹, consta a seguinte descrição:

Aspectos da Língua de Sinais e sua importância: cultura e história. Identidade surda. Introdução aos aspectos linguísticos na Língua Brasileira de Sinais: fonologia, morfologia, sintaxe. Noções básicas de escrita de sinais. Processo de aquisição da Língua de Sinais, as similaridades entre esta e a língua Portuguesa (UNEB, 2007, p. 222).

Devido minha formação em Letras, licenciatura em Libras, pela Universidade Federal de Santa Catarina, me sinto confortável para desenvolver a Ementa supracitada a partir da seguinte esquematização:

Figura 1. Descrição do Ementário do Componente Curricular Libras do Curso de Pedagogia



Fonte: Atualizado pela autora (2022)

A partir dessa Ementa articulo minha cátedra interseccionando o tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão.

11 Até o momento sou docente lotada no Colegiado de Pedagogia do DEDC I.

Cadastro de Projetos no Protocolo Físico do DEDC I

No Quadro 1, elenco os projetos que submeti no Protocolo Físico do departamento, e posteriormente após a aprovação, desenvolvi e executei. Isso no período de 2012 a 2014¹²:

Quadro 1. Projetos cadastrados no Protocolo Físico do DEDC I

ANO	CÓDIGO	NATUREZA	NOME	INDICADOR
2012.1	-----	Extensão	1º Seminário de Educação Bilingue para Surdos: Caminhos e Metodologias	Concluído
2012.2	-----	Pesquisa Extensão	2º Seminário de Educação Bilingue para Surdos: Por uma Educação Bilingue Através do Olhar do Surdo	Concluído
2013	-----	Extensão	3º Seminário de Educação Bilingue para Surdos: Um Diálogo entre a Comunidade Surda e Gestores 1º Seminário de Proposta Bilingue para Fonoaudiologia	Concluído
2013	-----	Pesquisa	Competências Bilingue no Ensino para Sujeitos Surdos ¹³	Concluído
2014	-----	Extensão	4º Seminário de Educação Bilingue para Surdos: Ambiente de Sala de Aula 2º Seminário de Proposta Bilingue para Fonoaudiologia	Concluído

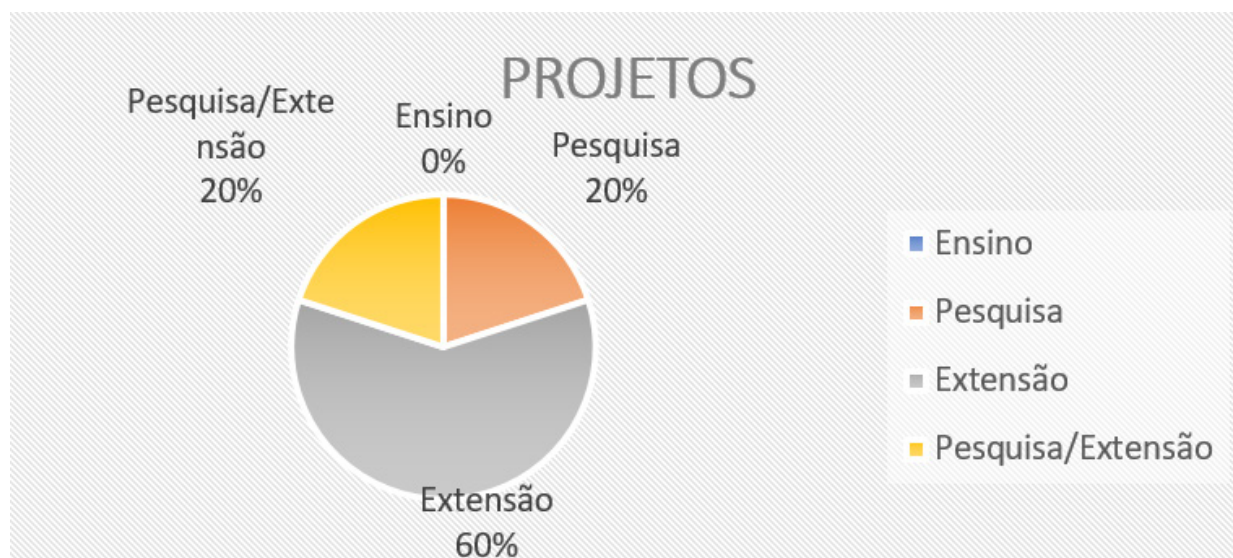
¹² Mais relatos sobre esses projetos estão no título: “Os Seminários de Educação Bilingue para Surdos da Universidade do Estado Da Bahia – DEDC I”, escrito em parceria com o estudante Donaldo Rico de Souza Tavares. Publicado nos Anais do I Congresso Internacional, Seminário de Educação Bilingue para Surdos. Disponível em: <https://sebsurdos2018.files.wordpress.com/2018/03/seminc3a1rios-de-educac3a7c3a3o-bil-c3adngue-para-surdos-sheila-batista-maia-santos-reis-da-costa-donaldo-rico-de-souza-tavares.pdf>. Acesso em 12 abr 2022.

¹³ Pesquisa desenvolvida com discentes do curso de Pedagogia no semestre de 2013.1, turma ED0604 - Língua Brasileira de Sinais - Libras (Teórica/Prática - T01) e apresentado com a discente Bárbara Febronia da Rocha da Silva no I Colóquio Docência e Diversidade na Educação Básica da UNEB/DEDCI.

Fonte: Atualizado pela autora (2022)

Entre os anos de 2012 a 2014 foram contabilizadas as seguintes categorizações: i) 03 registrados como projetos de extensão; ii) 01 com registro de projeto de pesquisa; iii) 01 como projeto de pesquisa/extensão; iv) 00 projeto de ensino. No Gráfico1 apresento esses dados em termos percentuais:

Gráfico 1. Estatísticas dos projetos de 2012 a 2014



Fonte: Atualizado pela autora (2022)

Assim, mais 80% dos projetos submetidos e executados foram identificados como projetos de extensão, sendo que desses, 23% foram identificados com a função articulada entre pesquisa e extensão.

Cadastro de Projetos no SIP do DEDC I

Já os projetos cadastrados no Sistema Integrado de Planejamento da UNEB¹⁴ que submeti, desenvolvi e executei no período de 2014 a 2022, constam os seguintes dados:

Quadro 2. Dos projetos cadastrados do SIP – DEDC

ANO	CÓDIGO	NATUREZA	NOME	INDICADOR
2014	DEDCI-110	Extensão	5º Seminário de Educação Bilingue para Surdos	Concluído
2015	DEDCI-02	Extensão	5º Seminário de Educação Bilingue para Surdos: Cultura, Multiculturalismo e Cultura Surda	Concluído

14 O cadastramento digital dos Projetos começou no ano de 2014.

2016	DEDCI-03	Pesquisa Extensão	VI Seminário de Educação Bilingue para Surdos / I Congresso Internacional: Perspectivas para o Século XXI	Concluído
2016	DEDCI-20	Extensão	5º Seminário de Educação Bilingue para Surdos: Cultura, Multiculturalismo e Cultura Surda (Importação de 2015 DEDCI-2)	Concluído
2016	DEDCI-60	Extensão	Ensino de Língua Portuguesa para Surdos	Paralisado
2016	DEDCI-86	Extensão/Pesquisa	Centro Bilíngue de Atendimento Especializado para a Família da Criança Surda no Estado da Bahia ¹⁵	Paralisado
2016	DEDCI-177	Ensino	Monitoria de Ensino - Libras - Pedagogia	Concluído
2016	DEDCI-178	Ensino	Monitoria de Ensino - Libras - Ciências Sociais	Concluído
2017	DEDCI-23	Extensão/Pesquisa	Bienal Azul do DEDC I: II Congresso Internacional e VII Seminário de Educação Bilingue para Surdos	Concluído
2017	DEDCI-75	Ensino	Monitoria de Ensino - Libras - Pedagogia 1	Concluído
2017	DEDCI-76	Ensino	Monitoria de Ensino - Libras - Pedagogia 2	Concluído
2017	DEDCI-112	Extensão/Pesquisa	Bienal Azul do DEDC I: II Congresso Internacional e VII Seminário de Educação Bilingue para Surdos - PROAPEX	Excluído
2017	DEDCI-168	Pesquisa	Tópicos de Pesquisa sobre Libras e Surdez	Não Iniciado
2018	DEDCI-77	Pesquisa	Língua Brasileira de Sinais: Relatos Discentes no Contexto da Graduação do Curso de Pedagogia do DEDC I	Concluído

¹⁵ Projeto desenvolvido com discentes do curso de Pedagogia no semestre de 2014.2, turma ED0604 - Língua Brasileira de Sinais - Libras (Teórica/Prática - T02), no entanto foi atualizado com status de Paralisado, por não encontramos estrutura, naquele momento, para desenvolvermos.

2018	DEDCI-78	Extensão/Pesquisa	Bienal Azul do DEDC I: II Congresso Internacional, VII Seminário de Educação Bilingue para Surdos	Concluído
2018	DEDCI-86	Pesquisa	Psicologia e Surdez: Desafios da Demanda Clínica ¹⁶	Concluído
2018	DEDCI-87	Pesquisa	A Arte Como Forma de Expressão da Cultura e Identidade Surdas ¹⁷	Concluído
2018	DEDCI-88	Pesquisa	Acesso e Permanência do Estudante Surdo na Universidade do Estado Da Bahia/ UNEB ¹⁸	Concluído
2018	DEDCI-241	Pesquisa	Recursos de Acessibilidade à Comunidade Surda para Conteúdos Literários: uma revisão de literatura	Concluído
2018	DEDCI-242	Pesquisa	“Um barco Que Veleje Nesse Informar”: reconhecimento e inclusão do sujeito surdo através das redes sociais ¹⁹	Concluído
2018	DEDCI-243	Pesquisa	O Fonoaudiólogo Bilingue no Estimulo da Língua de Sinais para Sujeitos Surdos: Isso é Possível?	Concluído

16 Projeto desenvolvido com discentes do curso de Psicologia durante o semestre letivo de 2018.1, turma PS0142 - Libras (Teórica - T01). Disponível em: <https://sebsurdos.files.wordpress.com/2020/08/psicologia-e-surdez-desafios-da-demanda-clinica.-alana-moreira-claudiana-santos-daiana-nascimento-fabiana-santos-cesar-lindiara-alves-lorena-nogueira-sheila-costa.pdf>. Acesso em 14 abr 2022.

17 Projeto desenvolvido com discentes do curso de Psicologia durante o semestre letivo de 2018.1, turma PS0142 - Libras (Teórica - T01). Disponível em: <https://sebsurdos.files.wordpress.com/2020/07/a-arte-como-forma-de-express383o-da-cultura-e-identidades-surdas.-elisa-reis-da-cruz-et-al-1.pdf>. Acesso em 14 abr 2022.

18 Projeto desenvolvido com discentes do curso de Pedagogia – Lauro de Freitas, durante o semestre letivo de 2018.1, ED0604 - Língua Brasileira de Sinais - Libras (Teórica/Prática - LF02).

19 Projeto desenvolvido com discentes do curso de Psicologia durante o semestre letivo de 2018.1, turma PS0142 - Libras (Teórica - T01). Disponível em: <https://sebsurdos.files.wordpress.com/2020/07/e2809cum-barco-que-veleje-nesse-informare2809d-redes-sociais.-anne-meneses-evelyn-santos-jim-gc3b3es-joc3a3o-novaes-thainc3a3-jesus-sheila-costa-1.pdf>. Acesso em 14 abr 2022.

2019	DEDCI-262	Pesquisa	LGBT Studies: Identities, Bodies and Hands of Deaf Subjects ²⁰	Concluído
2019	DEDCI-36	Extensão/Pesquisa	Encontro Interinstitucional de Tradutores e Intérpretes de Libras: Teorizando a práxis	Concluído
2019	DEDCI-37	Extensão/Pesquisa	Encontro de Estudantes do Componente Curricular Libras na Graduação: (In)Formação, qual o saber do egresso?	Concluído
2019	DEDCI-169	Pesquisa	Perspectivas dos Acadêmicos e Profissionais sobre Libras na Fonoaudiologia ²¹	Concluído
2019	DEDCI-212	Pesquisa	Educação e Escolas Bilíngues na Cidade de Salvador – Bahia ²²	Concluído
2019	DEDCI-213	Pesquisa	Um Olhar Psicológico sobre as Identidades Surdas LGBT ²³	Concluído
2019	DEDCI-237	Pesquisa	Línguas de Sinais do Brasil: do Império à República de 2019 ²⁴	Concluído
2019	DEDCI-256	Pesquisa	Organização de Anais - Congresso Internacional, Seminário de Educação Bilíngue para Surdos	Concluído

20 Trabalho submetido, aprovado e apresentado por mim juntamente com o Prof. Dr. Roberto César Reis da Costa (UFBA), no XVIII World Congress of the World Federation of the Deaf, Paris, France.

21 Projeto de Pesquisa desenvolvido em parceria com o estudante Anderson Goncalves Fernandes (Curso de Fonoaudiologia). Submetido ao CEP - CAEE 03203918.3.0000.0057. Contou com o apoio do CREFONO 4 [<http://www.crefono4.org.br/noticias/noticia/1402/pesquisa-avalia-perspectivas-dos-academicos-e-profissionais-sobre-libras-na-fonoaudiologia>]. Trabalho submetido, aprovado e apresentado como Comunicação Oral no 23rd International Congress on the Education of the Deaf - Brisbane, Australia - online.

22 Projeto de Pesquisa desenvolvido com a estudante Mariela Santos Silva (Curso de Pedagogia) Trabalho submetido e reprovado como Comunicação Oral no 23rd International Congress on the Education of the Deaf - Brisbane, Australia - online.

23 Projeto de Pesquisa desenvolvido com o estudante Bernardo da Silva Pita (Curso de Química). Trabalho submetido e reprovado como Comunicação Oral no 23rd International Congress on the Education of the Deaf - Brisbane, Australia - online.

24 Projeto de Pesquisa desenvolvido com a estudante Williane Nascimento Silva (Curso de Química). Trabalho submetido e reprovado como Comunicação Oral no 23rd International Congress on the Education of the Deaf - Brisbane, Australia - online.

2020	DEDCI-15	Extensão/Pesquisa	Encontro Interinstitucional de Tradutores e Intérpretes de Libras: Teorizando a práxis ²⁵	Paralisado
2020	DEDCI-27	Extensão	Atividade Curricular: Oficina de Surdocegueira	Concluído
2020	DEDCI-28	Pesquisa	Dissertação [PPGLINC/UFBA]: Tradução Simultânea da Língua Brasileira de Sinais para a Língua Portuguesa Oral: Estratégias Para Boa Formação de Estruturas Sintáticas	Concluído
2020	DEDCI-34	Extensão/Pesquisa	Encontro de Estudantes do Componente Curricular Libras na Graduação: (In)Formação, qual o saber do egresso? ²⁶	Paralisado
2020	DEDCI-58	Pesquisa	Perspectivas dos Acadêmicos e Profissionais sobre Libras na Fonoaudiologia ²⁷	Paralisado
2020	----- ²⁸	Pesquisa	Dissertação [PPGLINC/UFBA]: Estratégias Linguísticas Identitárias Da Sexualidade De Surdos LGBTTTQIA+ No Processo De Tradução LSB-LPO: como traduzir uma identidade que não é minha?	Concluído
2022	DEDCI-124	Pesquisa	Edição de Livro: Variação Linguística na fala de Drag Queen Surda e a Tradução LSB-LPO	Em andamento

²⁵ Projeto com status de Paralisado por conta da pandemia mundial Covid-19.

²⁶ Projeto com status de Paralisado por conta da pandemia mundial Covid-19.

²⁷ Projeto com status de Paralisado por conta de minha licença para estudos do Mestrado.

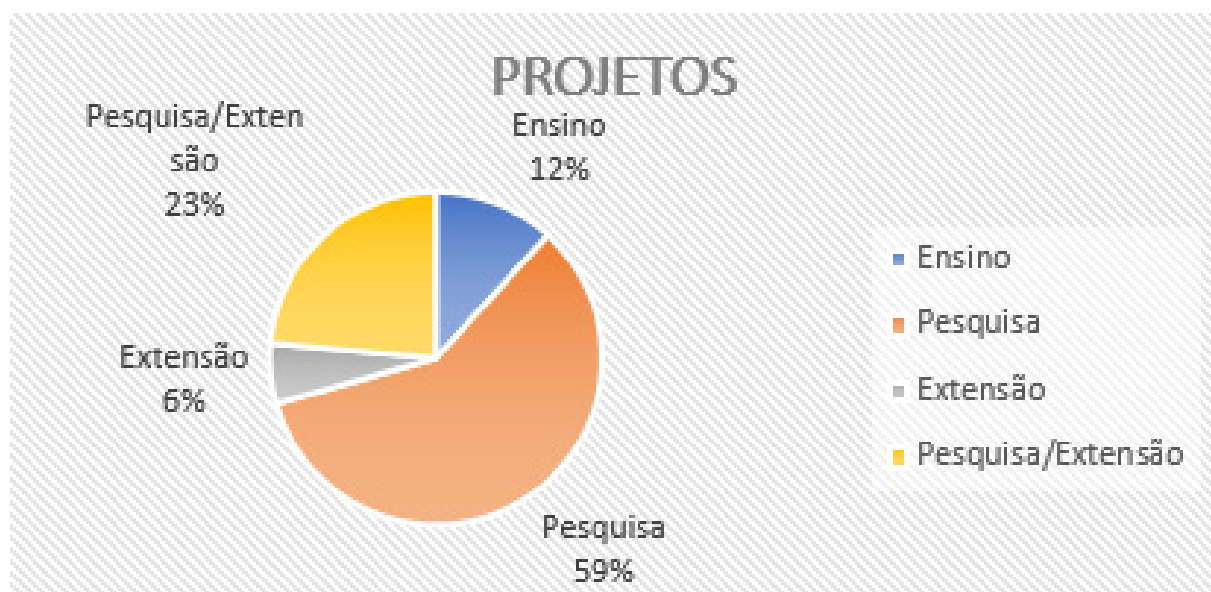
²⁸ Por conta das demandas com o PPGLINC/UFBA nas atividades de Créditos, Produtos, Qualificação e Defesa, esqueci de importar o projeto (código DEDCI-28) de 2020, a fim de registrar o acompanhamento no SIP com atualização de status Concluído.

2022	DEDCI-175	Pesquisa	Edição de Artigo: Perspectiva dos Fonoaudiólogos e Acadêmicos de Fonoaudiologia acerca da utilização da Língua De Sinais Brasileira nos Serviços de Fonoaudiologia ²⁹	Em andamento
	DEDCI-186	Pesquisa	Abruem - Componente Curricular Libras: contextualizando ações da extensão na graduação do campus I- Salvador - da Universidade do Estado da Bahia	Em andamento

Fonte: Elaborado pela autora com base em informações do portal SIP da UNEB

Pelo exposto, contabilizo a produtividade entre os anos de 2014 a 2022 de: i) 02 registros como projetos de extensão; ii) 20 projetos de pesquisa; iii) 08 projetos de pesquisa/extensão; iv) 04 projetos de ensino. Esses dados foram percentualizados no Gráfico 2 com a seguinte exposição:

Gráfico 2. Projeções dos projetos entre os anos de 2014 a 2022



Fonte: Atualizado pela autora (2022)

Discussão

Diante dos dados mencionados acima, nos Quadros 1 e 2 e nos Gráficos 1 e 2, considere importante para análise e discussão apenas o projeto de extensão, que no momento considero de maior relevância social, por tê-lo realizado de 2012 à 2018. O projeto inicialmente recebeu o nome: 'I Seminário de Educação Bilíngue para Surdos'; posteriormente, 'Bienal Azul do DEDC I:

²⁹ Referente à pesquisa - código DEDCI-169, e à retomada do projeto DEDCI-58.

II Congresso Internacional, VII Seminário de Educação Bilingue para Surdos'. Elegi os seguintes objetivos específicos para esse tópico: i) apresentar o alcance do projeto de extensão; ii) mencionar a relevância social desse projeto diante da certificação emitida; iii) descrever o impacto desse projeto para as Pessoas Surdas diante da Lei 10.436/02 e Decreto 5.626/05.

Não foi possível disponibilizar o alcance do projeto a partir das descrições exatas, documentais, oriundas das listas de inscrições com as informações das localidades dos participantes. Entretanto, menciono que na sua primeira versão em 2012, intitulada '1º Seminário de Educação Bilingue para Surdos: Caminhos e Metodologias', abri vagas conforme a disponibilidade do Auditório Jurandir Oliveira – DEDC I, que comporta 100 participantes. Tinha a ideia de que esse evento fosse apenas para os Estudantes do DEDC I, no máximo algumas poucas inscrições do Campus I, e poucas inscrições externas. No entanto, fui surpreendida com uma fila imensa no corredor do Auditório, em que muitas pessoas tiveram que declinar da inscrição pois não havia vagas no Auditório.

Daí por diante, fiz reservas para as próximas versões do projeto no Teatro da UNEB, que comporta 450 pessoas sentadas. Não era de minha preocupação a quantidade de inscritos e a localidade dos interessados nos projetos, pois não imagina a manifestação de tão grande engajamento acadêmico e social relacionado ao projeto que eu propunha.

Mas ficou evidente que abordar Educação Bilíngue para Pessoas Surdas mostrou-se ser uma necessidade real. Do primeiro para o segundo semestre de 2012, o projeto evoluiu de abrangência local para nacional; em 2016, iniciei - a pedido do Diretor do Departamento, Prof. Dr. Valdélío Santos Silva - o projeto com abrangência internacional.

Fui levada a entender que o nível dos palestrantes que convidava para os projetos, as pautas levantas, as metodologias dos palestrantes ao abordarem suas proposições, gerava ano-após-ano, um engajamento acadêmico e social que me motivou a elevar o nível da estrutura discursiva do projeto. Pois, de fato, estava a proporcionar debates necessários para as Comunidades Surdas. Para quem quiser conhecer um pouco mais sobre os temas propostos, indico visita às Programações de 2016³⁰ e 2018³¹.

Preciso mencionar os principais colaboradores que tive para execução do projeto: Profa. Dra. Carla Liane Nascimento Santos (Diretora do DEDC I, posteriormente, Vice-Reitora - Gestão 2017); Prof. Dr. Valdélío Santos Silva (Diretor do DEDC I); Prof. Dr. Marcelo Duarte Dantas de Ávila (Vice-Reitor - Gestão 2018); Prof. Dr. Daniel de Cerqueira Góes (Pró-Reitor de Administração); Tia-ago Maia (Administrativo DEDC I); Edclea Telis, Helton Araújo e Ana Rebeca (Técnicos do NUPE). Outros colaboradores dos projetos 2016³² e 2018³³, podem ser vistos nas notas de rodapé, pois a lista é imensa, e não há espaço para mencioná-los aqui.

30 Programação 2016. Disponível em: <https://sebsurdos.files.wordpress.com/2016/09/programac3a7c3a3o-atualizada-sebsurdos.pdf>. Acesso em 14 abr 2022.

31 Programação 2018. Disponível em: <https://sebsurdos2018.files.wordpress.com/2018/04/programac3a7c3a3o-geral-sebsurdos-20185.pdf>. Acesso em 14 abr 2022.

32 Lista de colaboradores em 2016. Disponível em: <https://sebsurdos.files.wordpress.com/2016/04/colaboradores3.pdf>. Acesso em 15 abr 2022.

33 Lista de colaboradores em 2018. Disponível em: <https://sebsurdos2018.files.wordpress.com/2018/04/comissc3a3o-organizadora1.pdf>. Acesso em 15 abr 2022.

A relevância social do projeto estava diretamente relacionada com a tipologia da certificação emitida. Essas certificações, como projeto de extensão, para quem almeja ou já segue carreira pública ou é estudante, tem grande impacto no currículo. Isso, devido a promoção de formação continuada promovida por Instituições de Ensino Superior. As categorias de certificações prestadas pelo NUPE foram: i) Certificados como participante; Certificados de participação em oficinas; ii) Certificados de Apresentação de Comunicação Oral/Sinalizada; iii) Certificados de Apresentação de Pôsteres; iv) Certificados de Premiação; v) Certificados de Menção Honrosa; vi) Certificados como palestrante; vii) Certificados como Oficineiros; viii) Certificados de Moderações de Mesa; ix) Certificados de Tradução Libras/Português/Libras; x) Certificados de Tradução Libras Tátil³⁴; xi) Certificados de Tradução Inglês/Português/Inglês; xii) Certificados de Tradução Espanhol/Português/Espanhol; xiii) Certificados de Apresentação Cultural; Certificados de Comitê Científico; xiv) Certificados de Monitoria de Extensão; xv) Certificados de Coordenação de Área; xvi) Certificados de Coordenação Geral.

Pela descrição dos certificados tive a intenção de apresentar uma projeção da relevância do projeto para a sociedade acadêmica e para participantes interessados nas temáticas abordadas. Por meio desse projeto busquei colaborar com pautas sociopolíticas e educacionais das Pessoas Surdas. Mesmo sem a presença do/a servidor/a Tradutor/a Intérprete de Línguas de Sinais (pois não há esse cargo em nível estadual na Bahia), e sem nenhum/a profissional dessa especificidade contratado/a a serviço da instituição, me dispus a diversas ações que garantissem a manutenção da acessibilidade, a fim de que as Pessoas Surdas pudessem participar do projeto de extensão em diversas categorias.

De outra forma, as discussões suscitadas e as abordagens adotadas, socioantropológica e bilíngue, foram ao encontro dos engajamentos sociopolíticos e educacionais das Pessoas Surdas. Desta forma, com as ações de extensão corroborei com as garantias descritas nos diplomas legais, Lei 10.436/2002 e Decreto 5.626/2005. Ambos os diplomas legais abordam do uso, da difusão da Libras e da formação continuada como responsabilidade de instituições de nível superior.

Considerações finais

Considero que ações extensionistas que implementei no DEDC I/UNEB atende o Art. 207 da Constituição da República Federativa do Brasil (1988) e ao Art. 3º do Estatuto do Magistério Público das Universidades do Estado da Bahia. Esses artigos mencionados, garante a autonomia didático-científica acadêmica, tanto no que se refere “ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988), quanto “o intercâmbio com a comunidade, cursos, serviços especiais, ações de natureza científica, artística, sociocultural, além de consultoria e assessoramento especializado, compatíveis com os fins da Universidade” (BAHIA, 2002).

Tenho para mim, que por meio desse relato de experiência funcional, quanto às atividades de extensão que tenho proposto, foi mostrado que as habilidades formativas, os conhecimentos científicos e saberes de diversos campos de cada docente, podem ser registrados, bem como,

34 Nesse momento em que descrevo as categorias dos certificados emitidos, percebi que a tipologia ‘Certificados de Tradução Libras Tátil’ deveria ter sido emitida, tendo em vista que houve projetos em que tivemos participações de Pessoas Surdascegas com o oferecimento do serviço de tradutores com essa especialidade. No entanto, cometi o deslize de solicitar certificado com a nomenclatura ‘Certificados de Tradução Libras/Português/Libras’.

obterem sugestões de adequações, por meio das apreciações das bancas avaliativas do Núcleo de Pesquisa e Extensão – NUPE/DEDC I mediadas pelas tecnologias implementadas pelo SIP e SEI. Os produtos podem ser compartilhados dentro da comunidade científica - no compartilhamento de experiências -, mas também servem de demonstração das inúmeras atividades que realizamos, enquanto servidores públicos, no uso de bens do tesouro público.

Referências

BRASL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.

BAHIA. Lei N° 8.352 de 02 de Setembro de 2002. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público das Universidades do Estado da Bahia e dá outras providências. Publicada D.O.E. Em 03.09.2002.

BRASIL. Decreto n.º 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 22 abr. 2017.

BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 22 abr. 2017.

CONSU. Resolução N.º 700/2009. Altera a Resolução n.º 507/07 – CONSU, que aprova o Regulamento de Monitorias de Ensino na UNEB. Disponível em: <http://conselhos.uneb.br/wp-content/uploads/2021/08/700-consu-Res.-Regulamento-Monitoria-altera-507.pdf>. Acesso em 13 abr 2022.

NUPE. Núcleo de Pesquisa e Extensão. Disponível em: <https://www.dedc1.uneb.br/nucleo-de-pesquisa-e-extensao/>. Acesso em 14 abr 2022.

UNEB. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Colegiado do Curso de Pedagogia. Comissão de Reformulação Curricular. Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia Reformulado. Salvador, 2007. Disponível em: <https://dedc1.uneb.br/wp-content/uploads/2020/12/PROJETO-PEDAGOGICO-Pedagogia.pdf>. Acesso em 14 abr 2022.

5 A SUCATOTECA COMO MEIO DE INTEGRAÇÃO ENTRE A MEMÓRIA DO BRINCAR E A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE: A EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NAS REDES SOCIAIS

Paloma Rezende de Oliveira (UEMG – Carangola)¹

Fernando Rodrigo dos Santos Silva (FSJT/SME – Duque de Caxias)²

Luciana Borges Patroclo (UERJ – RJ)³

Cintia Nascimento de Oliveira Conceição (UNESA/SME – Rio de Janeiro)⁴

Sobre a proposta do projeto de extensão

O presente relato de experiência apresenta a trajetória do projeto de extensão intitulado: A sucatoteca como meio de integração entre a memória do brincar e a preservação do meio ambiente, aprovado pelo edital PAEX 01/2020 – UEMG, desenvolvido desde abril de 2020 na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Carangola. O projeto nasceu da necessidade de suprir a carência de materiais didáticos das escolas do município de Carangola e adjacências, as quais foram atingidas pelas enchentes provocadas por fortes chuvas no município, nos meses janeiro a março de 2020.

Inicialmente o projeto tinha o intuito de desenvolver oficinas junto aos estudantes e professores da educação básica da região, bem como promover a coleta seletiva no município. Contudo, em razão do lockdown e posterior adesão dos sistemas de ensino ao modelo de ensino híbrido como forma de conter a Pandemia de Covid-19, iniciada nos primeiros meses de 2020, o projeto precisou ser desenvolvido de forma voluntária, visto que as atividades de extensão promovidas pela instituição foram suspensas, bem como os editais e bolsas.

Nesta primeira etapa, o projeto buscou integrar ensino e extensão, contando com a participação de estudantes e professores³⁵ do Curso de Pedagogia da Uemg – Unidade Carangola, que nas disciplinas de Prática de Formação Docente produziram jogos e brinquedos com materiais recicláveis, que seriam descartados.

1 Doutora em Ciências Humanas e Educação pela PUC-Rio. Professora no Curso de Pedagogia da UEMG, Unidade – Carangola. Coordenadora do GEPROF – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Profissão e Formação docente ao qual está vinculado o Projeto de Extensão: A Sucatoteca como meio de integração entre a memória do brincar e a preservação do meio ambiente (2020-2021). E-mail: paloma.oliveira@uemg.br.

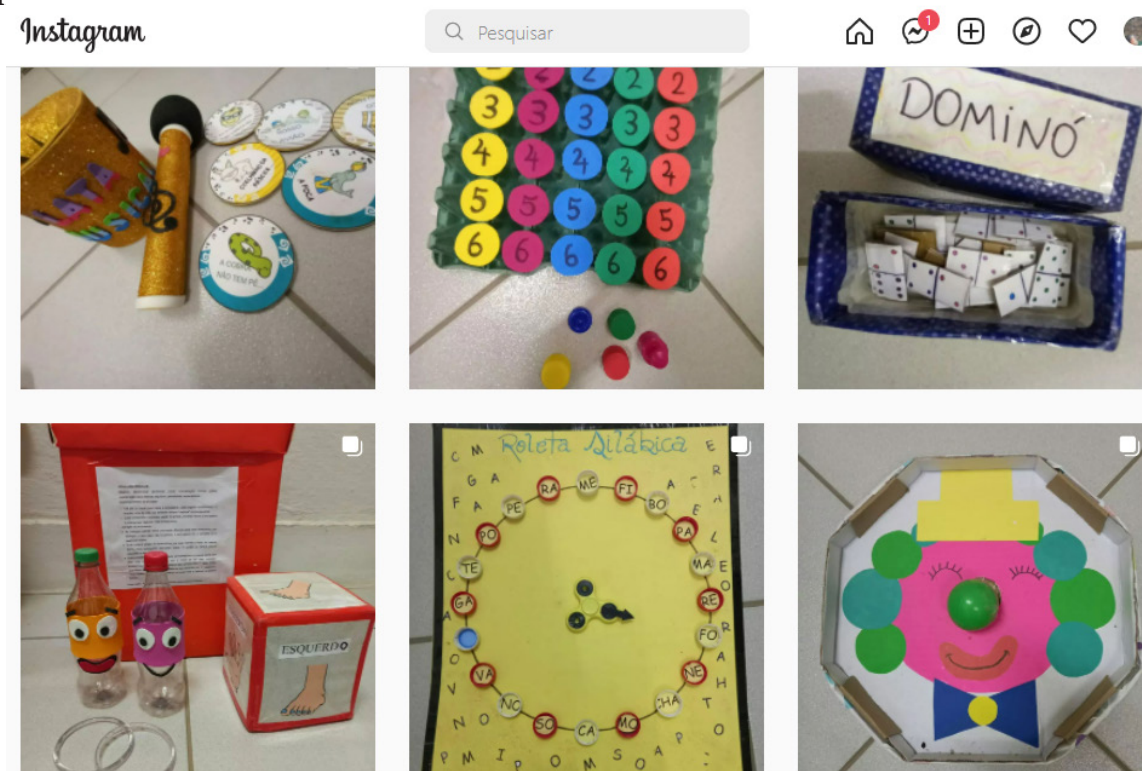
2 Doutor em Ciências Humanas e Educação pela PUC-Rio. Professor no Curso de Pedagogia da Faculdade São Judas Tadeu/RJ e Professor na Educação Básica pela SME/Duque de Caxias/ RJ. E-mail: fergo_fergo@yahoo.com.br.

3 Doutora em Ciências Humanas e Educação pela PUC-Rio. Professora na UNESA e Professora na Educação Básica pela SME/Rio de Janeiro/RJ. E-mail:cintiadeoliveira@yahoo.com.br.

4 Doutora em Ciências Humanas e Educação pela PUC-Rio. Professora na UNESA e Professora na Educação Básica pela SME/Rio de Janeiro/RJ. E-mail:cintiadeoliveira@yahoo.com.br.

35 Professora Magda Dezotti e Jairo Barduni Filho.

Figura 1: Jogos confeccionados por estudantes do Curso de Pedagogia nas disciplinas de Prática de Formação Docente



Fonte: sucatoteca (@sucatoteca_uemg) • Fotos e vídeos do Instagram

Estes materiais foram coletados e confeccionados pelos próprios estudantes, com materiais disponíveis em casa e que seriam descartados, a fim de não incentivar o consumo de materiais apenas para a elaboração dos jogos e brinquedos. Ainda assim, pode-se perceber nas imagens, a dificuldade que alguns estudantes ainda têm de se desvencilhar de artigos de papelaria como cartolinas e e.v.a, ainda que alertados sobre a necessidade de utilização de produtos descartáveis e incentivo ao reuso de materiais.

A proposta inicial era de que o projeto promovesse e contasse com a mobilização da comunidade carangolense bem como de empresas, como restaurantes e bares locais, sob a necessidade de realizar uma coleta seletiva no município, visto que Carangola se depara atualmente com a ausência desse tipo de serviço, gerando a produção e o descarte muitas vezes incorreto do lixo produzido pelos moradores.

Não apenas no verão de 2020, como também em 2021, a cidade de Carangola e os municípios adjacentes foram novamente atingidos pelas enchentes, trazendo prejuízos materiais ao município e adjacências como também às escolas destas localidades. Observou-se que seria de muita valia a produção de recursos didáticos que auxiliassem os profissionais da educação básica nestes momentos. Contudo, as restrições em decorrência da Pandemia de covid 19, se estenderam por quase dois anos, não sendo possível a entrega dos materiais confeccionados para as escolas durante os anos de 2020 e 2021, e as oficinas presenciais junto aos estudantes e professores da educação básica, foram adiados. O material confeccionado foi então disponibilizado na Brinquedoteca existente na Unidade de Carangola, para que futuramente fossem utilizados por estudantes e pro-

fessores da educação básica que utilizam o espaço para formação inicial e continuada.

Ainda assim, o projeto pode integrar extensão, ensino e pesquisa, haja vista ter originado um grupo de estudos integrado por cinco estudantes de graduação que iriam desenvolver trabalho de conclusão de curso sobre temáticas relacionadas ao projeto. Nesse sentido, os estudos englobaram temas relacionados à educação, memória, crianças, jogos, brinquedos e brincadeiras, subsidiados por autores como Walter Benjamin (1984), Sonia Kramer et al (2013) e Moyses Kuhlmann Junior (2015), Fernandes (1979), os quais apontam caminhos para se olhar a infância e a criança em seus diferentes aspectos, sob uma perspectiva sócio-histórica e cultural.

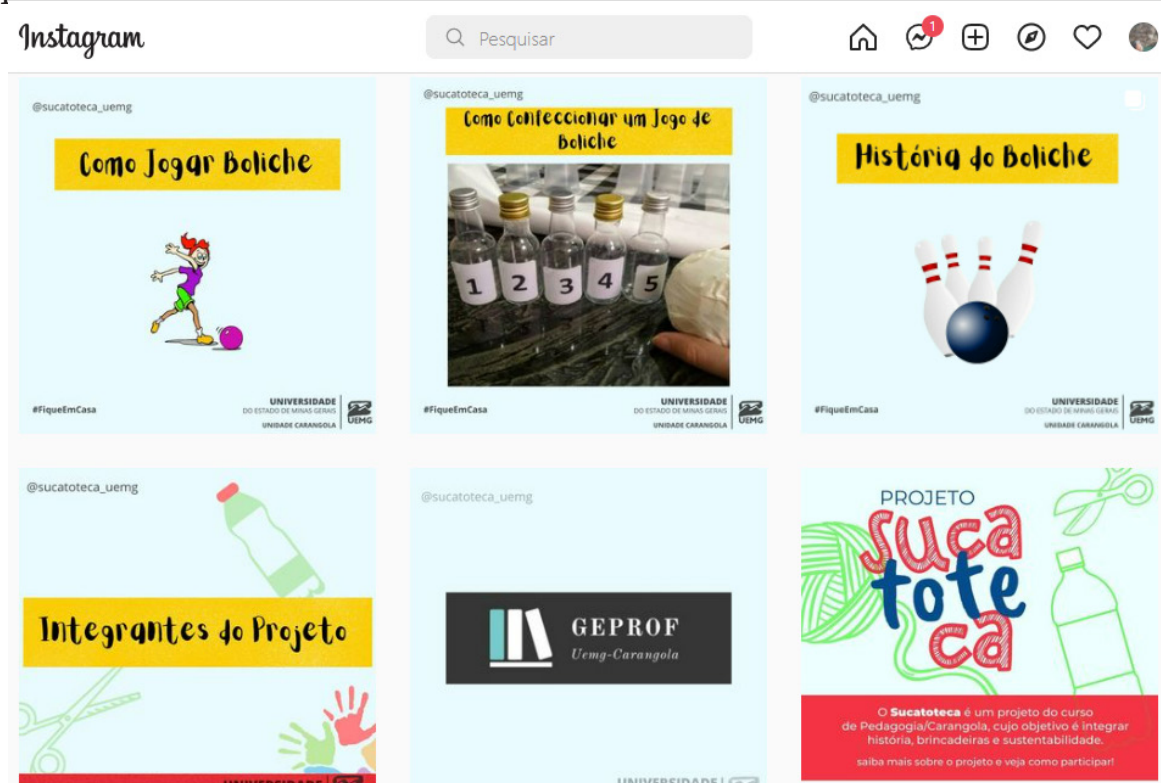
Estas referências ajudaram a estruturar a segunda parte do projeto que além de envolver pesquisa e extensão, subsidiou a elaboração de um manual de jogos para ser disponibilizado para os professores da educação básica, em substituição às oficinas que não poderiam se desenvolver de forma presencial. A confecção deste material contou com a participação de mais dois professores do curso de Pedagogia, que passaram a integrar o projeto, além de estudantes do curso que participaram como voluntárias e uma aluna bolsista³⁶.

Como a instituição não contava com bibliotecário, à época, não foi possível fazer a ficha catalográfica e publicação do material para divulgação nas escolas. Com isso, surgiu a ideia de divulgar o material produzido por meio das redes sociais. Na terceira etapa do projeto, o grupo, que passou a ser integrado também por professores de outras instituições de ensino superior e de educação básica, em 2021³⁷, participou também da elaboração de outras ações e conteúdos a serem divulgados por meio das redes sociais – instagram – na página denominada: @sucatote-cauemgarangola, buscando assim maior interação com a comunidade.

36 Além da coordenadora do projeto Paloma Rezende de Oliveira e dos professores das disciplinas de Prática de Formação Docente que auxiliaram na confecção dos jogos e brinquedos, Jairo Barduni Filho e Magda Dezotti, contibuíram também com o manual de jogos os professores: Rafael Almeida de Freitas e Sabrina Alves Boldrini Cabral. Também colaboraram as estudantes do Curso de Pedagogia: Elaine Fabre Xavier, Elaine Miranda Machado, Fernanda Mendes Moreira de Andrade, Maria Eduarda Leal Paiva (bolsista) e Suelen Oliveira Barros (estagiária).

37 Cintia Nascimento de Oliveira Conceição, Fernando Rodrigo dos Santos Silva e Luciana Borges Patroclo.

Figura 2: O projeto @sucatotecauemgcarangola nas redes sociais



Fonte: sucatoteca (@sucatoteca_uemg) • Fotos e vídeos do Instagram

Na página do projeto, pode-se encontrar além de informações sobre os membros do grupo, os jogos que constam no manual, contendo a história do jogo ou brinquedo, além de informações sobre como confeccionar e jogar. Dentre eles podemos citar: o boliche, corrupio, jogo da memória, jogo da velha, mancala e torre de hanói. Além destes jogos que constam no manual, durante a semana da Consciência Negra também foi dada ênfase aos jogos de origem africana, tais como o yoté e teca teca.

Somente no final de 2020, o projeto contou com uma bolsista financiada pelo edital PAEX 01/2020 – UEMG, que contribuiu com o manual de jogos e em 2021, foi aberto novo edital com bolsa, do qual foi selecionada uma bolsista responsável pela edição e publicação dos conteúdos a serem divulgados na mencionada rede social³⁸. Além disso, os estudos realizados pelo grupo resultaram em apresentações de trabalhos em eventos acadêmicos de pesquisa e extensão e em publicações em anais, além de cinco trabalhos de conclusão de curso.

Aspectos metodológicos

Cabe observar que em todas as etapas deste projeto de extensão o sentido lúdico que a memória do brincar assumiu extrapolou as ações das crianças, incluindo também as ações dos adultos e os efeitos resultantes dessas ações. Nesse sentido, nos identificamos com a abordagem trazida por Luckesi (2002) da ludicidade como um estado de consciência, como um estado de âni-

38 Maria Eduarda Leal Paiva (bolsista Paex 2020) e Victória Lourenço de Souza Figueró (bolsista PAEX 2021).

mo, que emerge das atividades praticadas com plenitude, leveza, prazer, e vai além das experiências externas que podem ser observáveis.

Nesse sentido, compartilhamos a proposta de Massa (2015), que integra o contexto lúdico, a situação lúdica, a manifestação lúdica e a condição lúdica, que são:

Contexto lúdico: é o espaço-tempo no qual o indivíduo vivencia a situação lúdica. É onde a intencionalidade lúdica é pactuada pelo grupo para que eles se expressem dessa forma.

Situação lúdica (ou vivência Lúdica, segundo Luckesi): é a experiência do indivíduo que, carregada de intencionalidade, viabiliza a sua manifestação lúdica. É a experiência interna plena do sujeito ao realizar uma atividade. Está, portanto, ligada ao individual, ao subjetivo, à experiência interna do sujeito diante daquela situação.

Manifestação lúdica: é como a ludicidade se revela, se expressa, através do indivíduo. Faz-se conhecer sua presença através de diversas formas (sinais físicos ou atividades lúdicas).

Condição lúdica: é a condição de ser lúdica do humano. É uma condição interna ao indivíduo e existe antes de qualquer manifestação de natureza lúdica. Para contrapor, denominamos Atividade Lúdica as atividades que utilizam o lúdico apenas como instrumental – externa ao sujeito e objetiva. Portanto, não estão de acordo com a nossa visão de ludicidade (MASSA, 2015, p.127).

Buscando nos afastar do que a autora aponta como atividade lúdica que utiliza o lúdico como instrumental, externa ao sujeitos e objetiva, a metodologia utilizada para desenvolvimento do projeto se pautou na modalidade de pesquisa pesquisa-ação, que segundo Engel (2000), tem como características considerar o processo de pesquisa como um processo de aprendizagem para todos os participantes, em que a separação entre sujeito e objeto de pesquisa deve ser superada, nesse sentido, as atividades foram pensadas e elaboradas, considerando o contexto lúdico de sua criação e a situação e a condição lúdica de seus integrantes.

Dessa forma, os resultados expressaram as manifestações lúdicas dos participantes, baseando-se na utilidade das estratégias e dos produtos para os envolvidos, de modo que estes fossem capazes de apreender sua situação e de modificá-la. Os integrantes interviam na realidade, de modo a tentar verificar e avaliar suas ações e também buscaram observar se as ações humanas nas situações percebidas eram suscetíveis de mudança, exigindo uma resposta prática. Estas situações foram interpretadas a partir do ponto de vista das pessoas envolvidas, baseando-se, portanto, nas representações de professores, estudantes e comunidade, que avaliaram constantemente sua prática no decorrer do processo de intervenção, e cujas manifestações lúdicas se traduzem em redefinições, conforme necessidade, sendo usados para aprimorar as ações anteriores.

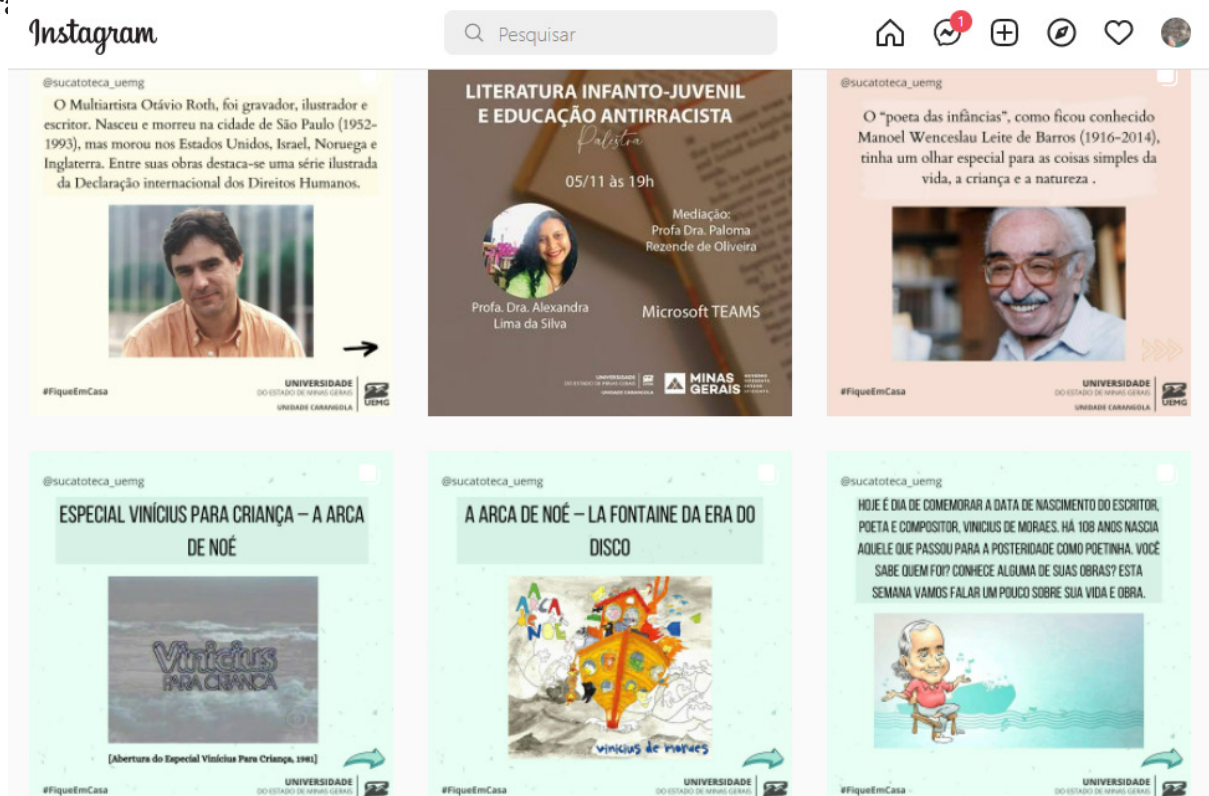
É importante destacar o valor dessa experiência para a formação pessoal, profissional e para a vida acadêmica, na medida em que apresenta valores e conhecimentos agregados ao longo de suas trajetórias de vida bem como da atividade relatada.

Com base na abordagem proposta da pesquisa-ação, buscou-se uma articulação entre ensino, pesquisa e extensão, na medida em que o projeto agregou estudantes, professores internos e externos e a comunidade escolar em suas ações, seja por meio das disciplinas do curso de Peda-

gogia de Prática de Formação Docente, da criação de grupo de estudos, da produção de material didático, manual de jogos, ou ainda, da divulgação dos estudos e ações à comunidade, por meio de apresentações de trabalhos em congressos e publicações, ou ainda interagindo com a comunidade nas redes sociais, de modo a integrar professores da educação básica e do ensino superior de outros municípios na produção do conteúdo para a página @sucatotecauemgcarangola, que contou com a edição da estudante de graduação, bolsista do projeto.

Outras ações que podemos destacar foi a articulação do lúdico com a literatura e a arte, o que propiciou não apenas promover lives com autores convidados, como também divulgar as discussões realizadas no grupo de estudos sobre o lúdico, a criança e a infância, indicando biografias e bibliografias de poetas e escritores. Tal iniciativa se mostrou como um grande desafio, na medida em que tivemos que adequar a linguagem acadêmica às redes sociais, sem perder o foco inicial do projeto que era atrelar a memória do brincar à preservação do meio ambiente. Nesse sentido, a contação de histórias e a literatura se tornaram aliadas nesse processo.

Figura 2.14 | Live Instagram sobre Literatura



Fonte: sucatoteca (@sucatoteca_uemg) • Fotos e vídeos do Instagram

Reflexões sobre o meio ambiente, a memória e o brincar

Há entre o mundo dos adultos e o das crianças como que um mar tenebroso, impedindo a comunicação. Que somos nós, para as crianças que brincam ao nosso redor, senão sombras? (BASTIDES, 1979)

A partir da reflexão acerca do papel do brinquedo no curso do desenvolvimento de crianças e adultos, bem como, sobre a possibilidade de produzi-lo com materiais recicláveis, uma possibilidade de trabalhar com brinquedos foi a produção deles pelos estudantes do Curso de Pedagogia utilizando materiais alternativos, durante as disciplinas de Prática de Formação Docente.

O projeto contou, portanto, com o apoio de outros professores do curso e com a participação de estudantes voluntárias, além de bolsistas, aprovadas pelo edital PAEX 01/2020 – Uemg.

Na medida em que as sucatas são materiais que perderam seu significado ou uso original e são descartados porque não servem mais ou por se tornarem aparentemente inúteis, ao transformá-las em brinquedos, dá-se nova forma e sentido a elas e, então, passam a servir para brincar, possibilitando aos que brincam explorar o meio em que vivem e, conseqüentemente, o mundo a sua volta. A sucata, portanto, potencializa a criatividade, a imaginação e a experiência prazerosa com objetos e pessoas.

Nesse sentido, o projeto Sucatoteca intentou contribuir para a redução do volume de materiais de difícil degradação, prolongando a vida útil de aterros sanitários, e para evitar o desperdício, contribuindo com a preservação do meio ambiente.

O nome dado ao projeto decorre do fato de que a Sucatoteca é o espaço em que o lixo é transformado em recurso lúdico-pedagógico; é onde o uso de materiais alternativos, como a sucata, oportuniza a construção e reconstrução de objetos que, aliados ao imaginário, transformam-se em brinquedos singulares (SILVA e LAUTERT, s.d).

Desse modo, viabiliza o desenvolvimento da consciência de que fazemos parte da natureza e de que ela não existe apenas para nos servir. Enquanto sujeitos históricos, somos responsáveis pelas ações e transformações que ocorrem no meio ambiente, daí a necessidade de preservá-lo (SACRAMENTO, 2004).

Nesse sentido, o projeto buscou também promover reflexões sobre nossa responsabilidade, enquanto sujeitos consumidores e cidadãos, de buscar promover atitudes que ajudem na conservação do meio ambiente.



Walter Benjamin (1984), um dos autores que subsidia os estudos realizados pelo grupo que integra o projeto, critica a visão de que o conteúdo imaginário do brinquedo é que determina as brincadeiras, pois na visão do autor, o brincar é tecido por histórias, e os brinquedos são elaborados pelas próprias crianças e pelos adultos que as cercam. Os brinquedos artesanais, que são as primitivas formas de brincar, vêm sendo aos poucos subtraídos das experiências. Isso porque, atualmente, a dimensão do social confere ao sujeito um lugar onde o singular encontra-se fragmentado na multiplicidade e os brinquedos acabam por serem produzidos em série.

É a partir deste autor que articulamos a categoria histórica memória com o gesto do brincar, compreendido como trabalho infantil, em uma perspectiva filosófica, em que as reflexões são contruídas por meio de reminiscências. Ao revisitar a própria infância, o filósofo atribui importância à história do brinquedo e à memória do brincar, articulando as noções de cultura, infância, memória e história. Tais reminiscências foram experienciadas pelos próprios integrantes do grupo, que puderam revisitar sua infância por meio de fotografias.

Claudia Ximenez, Alves, Marilda da Silva e Paula Ramos de Oliveira reconhecem que Walter Benjamin concebe o brinquedo “como categoria atrelada ao universo infantil” que é portador de toda cultura na qual está inserido. Preocupado com a pedagogização do brinquedo desde fins da II Guerra Mundial, Benjamin criticou o autoritarismo adultocêntrico que subjulgou as crianças à uma representação de “pedagogia anti-educativa”, orientado por uma perspectiva antropológica dialético-materialista (ALVES, SILVA e OLIVEIRA, 2011, p. 47).

No Brasil, um trabalho pioneiro tomou a cultura infantil como objeto de atenção sociológica, refirimo-nos às Trocinhas do Bom Retiro (FERNANDES, 1979), texto originalmente publicado pelo sociólogo Florestan Fernandes na Revista do Arquivo Municipal-SP, em 1947, tendo sido publicado mais tarde como capítulo de livro do próprio autor.

O ineditismo da obra foi tomar a criança como sujeito da pesquisa em um contexto intelectual onde não se considerava a criança como portadora de cultura. Em uma São Paulo em ritmo acelerado de crescimento, o autor buscou pensar as categorias tradição e modernidade, por meio da cultura infantil e, ao analisar os brinquedos, as brincadeiras e as troças no cotidiano de uma cidade multicultural com a presença de elementos origem migratória europeia, da população afrodescendentes, além daquelas oriundas da migração interna.

Por meio dos brinquedos, brincadeiras e troças, o autor realizou uma análise interseccional dos aspectos de gênero, raça/cor e classe social presentes em cantigas e brincadeiras. Esta abordagem é ainda hoje considerada um marco de uma sociologia que toma as crianças como sujeito das pesquisas, referimo-nos à Sociologia da Infância.

A Sociologia da Infância é uma área recente do campo da Sociologia que ganhou relevância nos estudos acadêmicos, a partir dos anos de 1990, e têm contribuído em diálogo com diversos campos das Ciências Humanas e Sociais com aportes teórico e metodológico para abordagem das pesquisas infantis.

Foi por meio desta perspectiva que a categoria “cultura infantil” adquiriu relevância acadêmica. De acordo com Quinteiro (2002), a Sociologia da Infância se interessa pelos processos de socialização da criança e como elas constroem seus espaços de sociabilidade, ou seja, as culturas infantis. Mas interroga-se também sobre o que estas culturas têm de imitação ou de ruptura com a cultu-

ra adultocêntrica, além de questionar o papel da escolarização nos processos de construção da infância.

Para a autora, há um campo imenso de investigações, e acreditamos que trabalhos que articulem ensino, pesquisa e extensão possam ser tempos e espaços significativos na construção dessas compreensões. Logo, entendemos que articular o brincar com as memórias das práticas culturais que têm construído objetivamente as infâncias contemporâneas seja um campo investigativo relevante e o brinquedo um objeto sério de estudo.

Walter Benjamin (1984) faz uma importante observação em relação às transformações que os brinquedos sofreram em decorrência dos efeitos da industrialização, as quais marcaram o distanciamento entre as crianças e os adultos que, antes, os produziam juntos. Além disso, na medida em que os brinquedos foram se tornando mais atraentes, distanciaram-se dos instrumentos de brincar, ou seja, quanto mais a imitação se manifesta neles, mais eles se desviam do sentido do brincar, que propicia ao sujeito que brinca o contato, a construção e a desconstrução.

Para o autor, esta dimensão inventativa do brinquedo e do brincar produz mais prazer do que os brinquedos plastificados, esterilizados e inquebráveis, os quais marcam a sociedade de consumo e apagam a singularidade. Os brinquedos, de acordo com esta abordagem, evocam as formações do social, são objetos que revelam em sua configuração os traços da cultura em que se inscrevem.

Nesse sentido, concordamos com a perspectiva apresentada pelo filósofo quando este afirma que o trabalho de confecção de brinquedos, no nosso caso, a partir de sucatas, contribui para resgatar o prazer pela criação.

Maurice Halbwachs (2013, p. 30), a partir da categoria “memória coletiva”, propõe que o processo de recordar não possui apenas uma dimensão individual, pois as lembranças de um sujeito não estão descoladas do grupo social do qual ele faz parte. Neste sentido, lembrar das brincadeiras e gestos do brincar reconecta os sujeitos a uma comunidade afetiva, pois “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”.

A memória coletiva é o modo como os sujeitos interagem com o espaço, tanto no sentido de moldá-lo a sua imagem, isto é, dá-lhe um significado, como é pela memória coletiva que os indivíduos se adaptam às condições dos lugares e resistem a sua influência. Em contextos de degradação ambiental pelo modo de produção capitalista é pelo brincar que também se pode reconectar com práticas alternativas de consumo sustentável.

Considerações finais

Ainda que as ações do projeto tenham sofrido mudanças em decorrência da pandemia de covid 19, ao longo dos anos de 2020 e 2021, e terem tido que contar com a participação voluntária de estudantes e professores, internos e externos à Unidade de Carangola, devido à suspensão do edital em seu primeiro ano de desenvolvimento, foi possível transcender estas dificuldades, graças à dedicação dos professores que seguem apoiando o projeto, sem os quais sua continuidade não teria sido possível.

Espera-se ampliar o escopo de formação inicial e continuada dos professores por meio das ações do projeto Sucatoteca, de modo a integrar ensino, pesquisa e extensão; sensibilizando-os da importância da memória para a construção e preservação do conhecimento e da cultura; oportunizar o desenvolvimento da criatividade das crianças e professores por meio da confecção de ma-

teriais que agregam o conhecimento socialmente produzido por professores da educação básica e do ensino superior, bem como pelos estudantes e comunidade, materializado pela confecção do manual de jogos; melhorar a relação dos participantes com o meio ambiente, promovendo uma postura mais saudável em relação a ele e consigo mesmo, na medida em que retira as crianças e adultos da passividade e os leva à interação e à criação de brinquedos artesanais com material alternativo; buscar reduzir o consumo e incentivar a coleta seletiva e o reuso de materiais descartados pela população em seu cotidiano; promover eventos e divulgar os estudos e ações do projeto em eventos acadêmicos e redes sociais.

Referências bibliográficas

- ALVES, C. X.; SILVA, M.; OLIVEIRA, P. R. Memória, Infância e Brincar em Escritos De Walter Benjamin: Cultura Lúdica, Processo De Formação e Prática Docente. In: Anais do Congresso Ibero-americano de Educação. Unesp: São Paulo, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5000-12131-1-SM.pdf. Acesso em 07 de abr. de 2022.
- BASTIDES, Roger. Prefácio. In: Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo; 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.
- ENGEL, Guido Irineu Engel. Pesquisa-ação. Educar. Curitiba, n. 16, 2000. p. 181-191.
- FERNANDES, Florestan. As Trocinhas do Bom Retiro. In: Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo; 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda; CARVALHO, Maria Cristina. Infância, formação e cultura: uma trajetória de pesquisa e em curso. In: Educação infantil: formação e responsabilidade. 1 ed. Campinas: Papirus, 2013.
- KUHLMANN Junior, Moyses. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. 7 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2015.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. Salvador: GEPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED/UFBA, 2002.
- MASSA, Monica de Souza. Ludicidade: da Etimologia da Palavra à Complexidade do Conceito. APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação. Vitória da Conquista, Ano IX, n. 15, p.111-130, 2015.
- QUINTEIRO, Jucirema. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. Perspectiva, Florianópolis, v. 20, n. esp., p. 137- 162, jul./dez. 2002.
- SACRAMENTO, Luis Vitor S. Pensando em poluição: o lixo. In: Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação – Ciências e Saúde. UNESP, 2004.
- SILVA, Djalma Oliveira da. LAUTERT, Elin Maria Lanisus. Sucatoteca: espaço específico no ambiente escolar para a criança criar e brincar. Mimeo, sd.

6 EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS EM TERRITÓRIO FRONTEIRIÇO

Eliana Lamberti (UEMS)¹
Rosele Marques Vieira (UEMS)²

Introdução

O objetivo desta publicação é refletir sobre a experiência extensionista junto aos cursos de graduação (Ciências Econômicas - ofertado na Unidade Universitária de Ponta Porã, e Direito - ofertado na Unidade Universitária de Dourados) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS. De modo complementar, objetiva-se apresentar alguns dados e detalhes dos projetos realizados bem como promover a discussão sobre a importância da experiência extensionista e potencialidades para a graduação e pós graduação em território fronteiriço.

O Estado de Mato Grosso do Sul é composto por 79 (setenta e nove) municípios, dos quais 44 (quarenta e quatro) estão em região de fronteira³⁹ e 12 (doze) encontram-se na linha de fronteira e, portanto, fazem divisa com o Paraguai ou com a Bolívia. A UEMS possui 15 (quinze) unidades universitárias com oferta de cursos presenciais de modo regular e destas, 05 (cinco) estão localizadas na faixa de fronteira. Entre elas, está a sede administrativa localizada em Dourados (segunda maior cidade sul-mato-grossense em termos demográficos e econômicos) e Ponta Porã (quinta maior cidade em contingente populacional).

Localizado num território de fronteira internacional cuja dinâmica social, econômica e ambiental é bastante “viva” (Oliveira, 2005), caracterizada pela condição de cidade gêmea com o município paraguaio de Pedro Juan Caballero, é palco de muitos desafios em se tratando de políticas públicas capazes de superar os desafios para a efetiva promoção do desenvolvimento regional sustentável. Em geral, o planejamento público se concentra na temática de segurança pública e no combate ao contrabando que utiliza dessa fronteira como uma rota viável para os fluxos de toda ordem (como drogas, veículos roubados, lavagem de dinheiro). Ademais, Ponta Porã é, para fins administrativos e políticos, uma referência regional, especialmente em se tratando das ações e infraestrutura voltadas para a saúde e educação.

A unidade Universitária de Ponta Porã oferece outros dois cursos da área das Ciências Sociais Aplicadas (Administração, Ciências Contábeis) e uma Pós Graduação Stricto Sensu (mestrado) em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos (PPGDRS). É sobre a experiência extensionista nesta Unidade que as próximas páginas estão apresentadas.

¹ Economista, mestre em Desenvolvimento Regional, Doutora em Economia do Desenvolvimento, docente efetiva da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Pesquisadora dos temas relacionados ao desenvolvimento regional, relações socioeconômicas em região de fronteira e Direito & Economia. Integrante dos grupos de pesquisa: Grupo de Estudos em Turismo, Hospitalidade e Sustentabilidade (GESTHOS/UEMS) e Organizações, Governo e Sociedade (OGS/UEMS). E-mail: eliana@uems.br

² Economista, mestre em Engenharia da Produção, Doutora em Economia do Desenvolvimento, docente efetiva da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Pesquisadora dos temas relacionados ao mercado de trabalho, desenvolvimento regional, métodos de análise regional (estrutural-diferencial e medidas regionais). Integrante dos grupos de pesquisa: Ciências Agrárias, Sustentabilidade, Tecnologia e Agronegócios (IFMS); Grupo de Estudo de Disparidades Socioeconômicas (GEDAIS/UEMS). E-mail: rosele@uems.br

³⁹ Sobre a definição conceitual de faixa, zona, linha, região e área de fronteira, sugere-se a leitura de: MACHADO et. Al. (2005).

Metodologia

O referencial teórico corresponde às premissas basilares atinentes à temática do desenvolvimento e o fio condutor escolhido (a perspectiva do Desenvolvimento como Liberdade) tem uma abordagem, ao mesmo tempo, ampla e específica para os países e as regiões tão complexas como as latino-americanas. Para sedimentar a conexão direta com o desenvolvimento local e o papel da UEMS neste contexto, foram escolhidas dissertações defendidas junto ao PPGDRS cujo objeto central é a atuação desta instituição de ensino superior e sua relação com o desenvolvimento regional.

Por meio do relato de experiência das autoras, busca-se descrever a experiência extensionista na área das Ciências Econômicas e Direito delimitadas regionalmente pela realidade de uma parte da fronteira do território sul-mato-grossense. Esta vivência profissional somada ao ensino e à pesquisa permitem o amadurecimento intelectual, o diálogo e a troca de ideias com a sociedade e a identificação de novas oportunidades para futuros projetos de extensão.

Os projetos de extensão, do primeiro relato de experiência apresentado, coordenados e orientados, de um modo geral, tiveram por estratégia a realização de palestras ou elaboração de material educativo e distribuição (de material físico e digital) junto aos alunos das escolas públicas do município de Dourados, Ponta Porã e Bela Vista, aos microempreendedores individuais e atores da gestão pública municipal⁴⁰.

O segundo relato de experiência correspondeu à participação em projetos que desaguaram em parcerias estaduais e regionais tanto com outras Instituições de Ensino Superior como administração municipal e setores da sociedade civil organizados. A concepção alternativa da Economia Solidária foi a essência dessas ações, projetos, programas e oficinas.

Desenvolvimento e Extensão: caminhos que se cruzam

A inspiração para as propostas extensionistas encontra-se nas premissas atinentes à temática dos direitos sociais e do desenvolvimento. Especialmente, destaca-se a tese do Prêmio Nobel de Economia, o indiano Amartya Sen (Desenvolvimento como liberdade) para quem a liberdade enquanto meio e fim do desenvolvimento é justamente o fato de que as liberdades constituem e influenciam diretamente o desenvolvimento e conseqüentemente a condição de agente do indivíduo⁴¹.

A liberdade como desenvolvimento é constitutiva (fim) à medida que é importante para o enriquecimento da vida humana, proporcionam a capacidade de os indivíduos realizarem coisas que prezam e a liberdade de levarem a vida que desejam, de modo a evitar, por exemplo, privações de fome, de liberdade de expressão e participação política. Assim, a liberdade substantiva individual é fundamental por sua própria essência. Já as liberdades instrumentais (meio) são cruciais para que o indivíduo seja agente ativo de mudança e são componentes constitutivos do desenvolvimento porque o constituem: contribuem para o desenvolvimento e conformam o encadeamento que vinculam e reforçam sua importância conjunta.

40 Os projetos em andamento no período da pandemia da Covid-19 (2020 e 2021) tiveram de ter suas estratégias redefinidas, o que comprometeu o alcance das metas e objetivos inicialmente previstos.

41 São várias as perspectivas e teorias atinentes à temática desenvolvimento que não seria possível (e não é o objetivo proposto) sintetizá-las em poucas páginas. Sugere-se a leitura de: Enríquez (2010), Veiga (2010).

Tais liberdades podem ser apresentadas em cinco vetores, a saber: a) liberdades políticas correspondem as oportunidades para determinar quem deve governar, sob quais princípios, possibilidade de fiscalizar e criticar as autoridades, liberdade de expressão, imprensa sem censura, liberdade de escolha entre diferentes partidos, ou seja, pressupõe a democracia; b) facilidades econômicas são as oportunidades que dependem da capacidade aquisitiva, condições de troca, preços relativos, funcionamento do mercado, disponibilidade de financiamento e crédito e acesso a ele; c) oportunidades sociais nas áreas de educação e saúde que influenciam a qualidade de vida não somente individual, mas para participação efetiva em atividades econômicas e políticas; d) clareza e transparência para não haver corrupção, irresponsabilidade financeira e de transações ilícitas; e) segurança protetora para que a população não sucumba a miséria, fome e morte, inclui dispositivos institucionais como benefícios aos desempregados, suplemento de renda, distribuição de alimentos, etc.

Desta feita, o destaque das liberdades instrumentais é justamente ao propor essa inter-relação e encadeamento existente entre as mesmas. A título de exemplo, imagine a possibilidade de usufruir de uma educação de qualidade que permite ao cidadão a aquisição de conhecimentos que ampliam suas liberdades, abrindo-lhe a oportunidades de coordenar os meios necessários com vistas à expansão de sua própria personalidade e realização pessoal, desembocando em um desenvolvimento individual e ao mesmo tempo global.

Essa perspectiva para o desenvolvimento que tem uma base filosófica e com íntimo diálogo com o Direito pode ser estendida e interpretada para uma escala territorial mais específica: o desenvolvimento regional local.

Abordar a temática do desenvolvimento regional, para fins deste trabalho, requer mencionar o papel do PPGDRS⁴² tanto para a promoção de novas perspectivas teóricas e práticas como para o fortalecimento da UEMS como promotora de melhorias qualitativas na região de fronteira. Entre as 51 (cinquenta e uma)⁴³ pesquisas concluídas que versam sobre uma variedade multidisciplinar de temáticas, destacamos Cavalcante (2017), Souza (2018), Braga (2019), Godoy (2021) e Souza (2021). A primeira pesquisa mencionada (Cavalcante, 2017) teve por objetivo analisar as compras realizadas pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e suas contribuições para o desenvolvimento econômico local. A segunda dissertação (Souza, 2018) debruçou-se sobre a análise dos egressos do Curso de Bacharelado em Administração Pública oferecido pela UEMS no formato de Educação à Distância (EAD) no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Braga (2019) concentrou-se na discussão do papel da UEMS na interiorização do desenvolvimento e sua relação com o Planejamento Público Estadual. A extensão e o impacto da política extensionista da UEMS e sua relação com o desenvolvimento local foi objeto das pesquisas de Godoy (2021) e Souza (2021). Souza (2021), por sua vez, analisou a extensão universitária praticada pela UEMS por meio das ações realizadas no período de 2014 a 2018. Godoy (2021) obje-

42 O Programa está inserido na área de Planejamento Urbano e Regional (PLURD) e concentra-se na análise do desenvolvimento regional em sua forma econômica, social e ambiental relacionando com aspectos históricos de formação das distintas regiões e associando com a evolução das formas de organização das sociedades para a produção de bens e serviços. http://www.uems.br/pos_graduacao/detalhes/desenvolvimento-regional-e-de-sistemas-productivos-ponta-pora-mestrado-academico.

43 Dissertações defendidas até o mês de abril de 2022.

tivou identificar as ações extensionistas desenvolvidas pela Unidade Universitária de Ponta Porã (UEMS) no período de 2010 a 2020 e como contribuem para o desenvolvimento regional/local.

As pesquisadoras destacam a natureza dos impactos positivos gerados pelos projetos⁴⁴ e ações de extensão (socioeconômico, científico tecnológico, na cultura e na imagem) bem como as influências que se desdobram na demanda local, no ambiente cultural, no ambiente empresarial, no emprego e renda, no dinamismo econômico e na modificação da infraestrutura local. Souza (2021) fez uma cuidadosa contextualização histórica da institucionalização da Extensão no Brasil, no Mato Grosso do Sul e na UEMS. A pesquisa empírica tratou dos dados atinentes ao Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX). Godoy (2021) constatou que o curso de Ciências Econômicas foi responsável por aproximadamente 40% das ações, seguido pelo curso de Administração (34%), Ciências Contábeis (13%) e PPGDRS⁴⁵ (13%). Em se tratando das áreas temáticas, Saúde ocupou a primeira colocação, seguida por Trabalho, Tecnologia e Produção, Direitos Humanos e Justiça e Meio Ambiente. As áreas Cultura e Educação não tiveram ações extensionistas no período analisado.

Economia & Direito: conexões a partir da extensão

A primeira experiência na coordenação de um projeto de extensão ocorreu em 2015 a 2017 com a proposta intitulada Direito & Economia nas Escolas cuja ação estava voltada para proporcionar à comunidade externa (alunos do ensino médio) o conhecimento básico e introdutório sobre a relação do Direito e da Economia a partir da Constituição Federal de 1988.

De modo específico e complementar, pretendeu-se: apresentar os pressupostos gerais do Direito e da Economia; discutir a importância dos direitos e deveres dos cidadãos e o papel de cada agente econômico. A dinâmica metodológica previu encontros com os alunos nas salas de aula das escolas e por meio de apresentação oral e com recursos multimídia realizou-se a exposição do conteúdo de forma dinâmica e interativa. Neste período, o então graduando e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Extensão/Pibex do curso de Direito propôs e executou o subprojeto intitulado “A Constituição Federal nas escolas: você sabia que possui direitos?” que contemplou cerca de 100 (cem) alunos do ensino médio de duas escolas estaduais.

Também neste período, foi possível colaborar com outra proposta específica do curso de Direito: Empresa Júnior de Assessoria Jurídica - Acadêmica Thêmis. As empresas juniores tem um papel fundamental na vivência prática profissional do ambiente de negócios. A participação nesse projeto permitiu orientar o sub projeto “Responsabilidade jurídica e formalização empresarial” que consistiu na elaboração de Cartilha informativa sobre o MEI (Microempreendedor Individual) e distribuição junto à Associação Comercial de Dourados e agências da Caixa Econômica Federal.

A segunda experiência na coordenação de um projeto, ocorreu a partir de 2017 até 2022, com uma proposta similar a primeira e intitulada Economia das Escolas, correspondeu a uma continuidade da proposta anterior, mas com maior ênfase para com o desenvolvimento regional e os desafios advindos da realidade fronteiriça. Este período foi marcado por 08 subprojetos, 07 (sete) graduandos bolsistas (03 do curso de Direito e 04 do curso de Ciências Econômicas). Além dos municípios sede de cursos da UEMS (Ponta Porã e Dourados), o município de Bela Vista tam-

44 Os programas e projetos devem estar vinculados a uma dessas áreas temáticas: Comunicação, Direitos Humanos e Justiça, Meio Ambiente, Tecnologia e Produção, Saúde, Trabalho, Cultura e Educação.

45 A oferta do PPGDRS teve início no ano de 2014.

bém foi contemplado com a experiência extensionista. O quadro abaixo sintetiza a experiência discente.

Quadro 1. Projetos acadêmicos

Ano	Título da Extensão	Objeto	No. Público contemplado	No. de acadêmicos	Curso graduação	Município de atuação
2015-2016	A Constituição Federal nas escolas: você sabia que possui direitos?	Palestras educativas junto aos alunos do ensino médio das escolas de Dourados (E.E Presidente Vargas, E.E Menodora Fialho de Figueiredo)	100	01 bolsista	Direito	Dourados
2017-2018	Responsabilidade jurídica e formalização empresarial	Elaboração de Cartilha informativa sobre MEI (Microempreendedor Individual) e distribuição junto à Associação Comercial de Dourados, Sebrae e Caixa Econômica Federal	80 (350 folders impressos distribuídos)	01 bolsista	Direito	Dourados

2017-2018	Educação Financeira no Ensino Fundamental e Médio	Por meio de parceria com a Secretaria Municipal de Educação, foi incluído e ofertado o conteúdo de Educação Financeira na grade curricular do ensino público durante um ano letivo em várias escolas municipais. Também foi contemplada com palestra sobre economia uma escola da rede particular de ensino.	200	01 bolsista 02 graduandos com bolsa de estágio da PMPP 04 graduandos voluntários	Ciências Econômicas	Ponta Porã
2017-2018	Economia criativa nas escolas	Palestras educativas junto aos alunos do ensino médio da Escola Estadual Prof. ^a Geni Marques Magalhães	150	01 bolsista	Ciências Econômicas	Ponta Porã
2018-2019	Economia e finanças pessoais nas escolas em Bela Vista/MS	Palestras educativas junto aos alunos do ensino médio de 06 escolas públicas de Bela Vista E.E. Castelo Branco, E.E. Professora Vera Guimarães Loureiro, E.E. Ester Silva, E.E. Dr. Joaquim Murtinho, E.M. Jarbas Passarinho, E.M. Pedro Ajala	350	01 bolsista	Ciências Econômicas	Bela Vista

2019-2020	Direito e Cidadania nas escolas: você sabe o que é o ECA?	Elaboração de cartilha educativa sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e destinada aos alunos das escolas públicas de Dourados	50	01 bolsista	Direito	Dourados
2019-2020	Assistência Social: Um Mecanismo de Desenvolvimento Social e Econômico.	Elaboração de cartilha educativa sobre o direito à Assistência Social e destinada aos alunos das escolas públicas de Dourados: Escola Estadual Presidente Vargas; Escola Estadual Ministro Paulo dos Reis Veloso; Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo; Escola Estadual Maria da Glória Muzzi Ferreira; e Escola Estadual Ramona Da Silva Pedroso.	250 (*)	01 bolsista	Direito	Dourados
2019-2020	Diagnóstico sócio econômico da microrregião de Ponta Porã	Elaboração de um banco de dados e estatísticas dos 09 municípios que integram a região sul-fronteira de MS e disponibilização para os gestores municipais para ajudar na proposição de políticas públicas	(*)	01 bolsista	Ciências Econômicas	Ponta Porã

2020-2021	Boletim Informativo de Administração, Contabilidade e Economia (BIACE)	Criação de sítio eletrônico para divulgar ações, projetos e publicações dos cursos da área de sociais aplicadas da UEMS.	(*)	01 bolsista	Ciências Econômicas	Ponta Porã
2021-2022	Economia & Direito e o ambiente de negócios em MS	Promover o empreendedorismo sustentável em MS por meio da divulgação de material jurídico (decretos, leis e demais incentivos) de fomento às atividades econômicas sustentáveis em Mato Grosso do Sul.	(*)	01 bolsista	Direito	Dourados

Fonte: organizado pelas autoras a partir dos relatórios aprovados.

(*) Material divulgado de forma indireta ou por mídias digitais.

Para os graduandos extensionistas, a experiência vai além do enriquecimento curricular e pessoal que advém do esforço de “traduzir” a linguagem científica e acadêmica ao entendimento comum; ser sensibilizado para com outras realidades sociais especialmente quanto ao ambiente escolar de nível médio (fragilidades, potencialidades). Por outro lado, a partir das principais indagações/dúvidas da comunidade externa é possível identificar alguma fragilidade na formação acadêmica (Projeto Pedagógico do curso de graduação) ou proposição de novos projetos de ensino, pesquisa e extensão; e principalmente enaltecer o papel social da UEMS enquanto promotora do desenvolvimento socioeconômico e ainda, possibilitará a divulgação da UEMS junto ao público externo. E ainda, os projetos contribuirão para:

- a) fomentar o conhecimento democrático e a formação do raciocínio crítico, especialmente no que se refere ao Direitos Sociais Fundamentais, ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à Política de Assistência Social,
- b) divulgar a legislação do microempreendedor individual e estimular o empreendedorismo formalizado,
- c) disseminar a cultura da Educação Financeira e do empreendedorismo,
- b) estimular a participação democrática e o exercício da cidadania,
- d) Fortalecer o papel social da UEMS,
- e) Divulgar os cursos de Direito e Ciências Econômicas e os projetos realizados.

Além da geração de Trabalhos de Conclusão de Curso/TCC, apresentação dos resultados dos projetos em eventos da própria universidade (Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão/ENEPEX, Encontro Científico de Administração, Economia e Contabilidade/ECAECO), o projeto “Educação Financeira no Ensino Fundamental e Médio” foi apresentado em evento regional (X Seminário de Extensão Universitária do Centro-Oeste/SEREX) promovido pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, realizado no Campus Universitário Jane Vanini de Cáceres, na cidade de Cáceres/MT. Este projeto em específico também promoveu a criação e aprovação da Lei N°. 4.352, DE 12 DE JULHO DE 2018 que instituiu o Programa “Educação Financeira nas Escolas”, no Município de Ponta Porã-MS que é o reconhecimento oficial e pragmático da importância e impactos positivos gerados pelos projetos de Extensão Universitária.

A inspiração da Economia Solidária e as parcerias interinstitucionais

A UEMS criou em 2006, o Projeto de Extensão denominado Incubadora de Tecnologia Social para Cooperativas Populares (ELOS-ITCP), envolvendo um conjunto de pesquisadores voltados para promoção de alternativas de políticas públicas no âmbito da geração de emprego e renda. Neste mesmo ano, foi firmado convênio com órgão federal vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, a Financiadora de Estudos e Projetos –Inovação e Pesquisa/FINEP e a Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas Sobre o Trabalho/UNITRABALHO cujos recursos financiara as ações de capacitação, a participação em congressos, pagamentos de diárias e bolsas para estudantes. Até final de 2007, foi realizado o mapeamento de 107 (cento e sete) grupos econômicos solidários dentro do Estado de Mato Grosso do Sul, além de realizar o processo de pré-incubagem de alguns Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) nas Unidades Polos do Projeto (os municípios de Ponta Porã e Dourados).

No período de 2009 a 2015, o Projeto ELOS buscou ir ao encontro, tanto das iniciativas espontâneas de trabalhadores historicamente excluídos do mercado formal, como também dar suporte técnico e teórico à formação de modelos de organização do trabalho alternativo de Economia Solidária. A proposta teve como objetivo prestar assessoria para a formação, desenvolvimento e reordenamento de experiências solidárias. As iniciativas no âmbito da Economia Solidária resultaram na formulação de projetos que visavam estimular a organização autônoma dos trabalhadores no planejamento e implantação de empreendimentos solidários, mobilizando trabalhadores para a geração e distribuição de renda, baseado na metodologia auto gestionária. As ações da ELOS-ITCP voltavam-se para os trabalhadores desempregados ou inseridos na informalidade. As demandas atendidas eram oriundas das associações de bairros, sindicatos, cooperativas de trabalhadores e demais formas de organizações sociais representativas da sociedade civil.

Em Dourados e Ponta Porã, o público alvo constituiu-se por assentados, catadores de materiais recicláveis, agricultores familiares, indígenas, cooperativas, lojas, grupos formais e informais e, artesãos. Foram contempladas aproximadamente 5.000 pessoas. Um dos produtos gerados constituiu-se na publicação do livro intitulado: Renda, (des) Emprego e Economia Popular Solidária: experiências e novos desafios. Dourados-MS: Editora Seriema, 2011.

Como exemplo de empreendimentos assessorados pela ELOS-ITCP, destaca-se a Cooperativa de Confecções de Ponta Porã-MS- COOPORÃ que buscou reestruturar e fortalecer a cooperativa

de confecções no município de Ponta Porã-MS. Esta cooperativa de mulheres busca a geração de renda a partir de trabalho cooperado e atuam na confecção de roupas, acessórios e adereços; e uniformes.

A atuação acadêmica correspondeu ao assessoramento na elaboração do plano de negócio, na identificação dos principais produtos a serem fabricados, na comercialização, na busca por parcerias com outras cooperativas de confecções; cursos de auto-gestão, curso de aperfeiçoamento em corte e costura. As parcerias com outras entidades (como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial/SENAI e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas/SEBRAE) foram viabilizadas pela Prefeitura do município de Ponta Porã, através da Secretaria de Assistência Social.

Outro empreendimento incubado ELOS-ITCP foi a Loja Solidária localizada no município de Dourados. A colaboração da incubadora estava relacionada com a negociação da cedência do espaço junto ao Shopping Avenida Center de Dourados –MS, em parceria com o Fórum Municipal de Economia Solidária de Dourados. Os produtos comercializados correspondiam a peças de artesanato, trabalhos manuais, roupas, acessórios e alguns itens conveniados (como acessórios étnicos fabricados pela comunidade da Aldeia Jaguapiru). O assessoramento da Loja Solidária foi feito através de palestras sobre Marketing e Comércio Justo e Solidário; e cursos sobre controle administrativo/gerencial desses empreendimentos.

A experiência seguinte (2011-2014) se referiu à participação na Rede De Incubadoras De Empreendimentos Econômicos Solidários e Sustentáveis Do Centro-Oeste e contou com a parceria de outras Instituições de Ensino Superior (Universidade de Brasília/UNB, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Universidade Estadual do Mato Grosso/UNEMAT).

O objetivo geral da proposta era constituir uma rede de incubadoras de empreendimentos econômicos solidários e sustentáveis na região Centro - Oeste, ampliando o intercâmbio de conhecimentos, metodologias e demais produções científicas e estabelecendo uma conexão entre pesquisadores e suas metodologias de incubação e de ferramentas adequadas para a autogestão das diferentes cadeias produtivas e redes de colaboração. O intuito, portanto, era consolidar os empreendimentos econômicos solidários a partir da ampliação de sua participação no mercado, inclusive o de compras públicas.

A transferência de tecnologia foi feita pelo intercâmbio das IES envolvidas e mediante a realização de oficinas, seminários, reuniões virtuais de gestão e seminários regionais sobre metodologia de incubação e assessorias aos empreendimentos econômicos solidários.

Neste projeto, foram contempladas aproximadamente 500 pessoas que compunham o público alvo (entre empreendimentos e cooperativas). Uma das ações no sentido de ampliar o intercâmbio da Produção Científica e Tecnológica entre as Incubadoras foi a participação da mesa redonda Reflexões sobre Gênero Nos Empreendimentos Econômicos Solidários, debatendo sobre a metodologia de incubação da ITCP/ELOS/UEMS, no II Seminário de Metodologias de Incubação organizado pela Incubadora De Empreendimentos Sociais E Solidários/INCOP, da Universidade Federal de Ouro Preto-MG, no ano de 2013. Outra participação em evento ocorreu na V Plenária de Economia Solidária, na cidade de Luziânia (GO), representando a ITCP/ELOS/UEMS. Os grupos de pesquisa em Economia Solidária participaram das discussões nos diferentes eixos de grupos de

trabalho, principalmente na sistematização da análise de dados e dos resultados de pesquisa feita pelo Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Além disso, o motivo principal da participação foi para a realização do pré-teste do QSES (Questionário de sócias e sócios de empreendimentos de economia solidária), a ser utilizado em pesquisa nacional no ano de 2013. Em suma, o objetivo foi debater um novo sistema econômico, pautado na justiça social, no respeito à diversidade cultural e em prol do desenvolvimento sustentável. O evento reuniu pesquisadores de todos os estados do Brasil.

A Análise do perfil dos empreendimentos econômicos solidários nos municípios de Dourados e Ponta Porã-MS foi tema de um projeto realizado no período de 2015 e 2016, e atendeu cerca de 200 empreendedores. O objetivo do projeto era analisar o perfil dos empreendimentos solidários nos municípios de Dourados e Ponta Porã-MS. Especificamente, identificar características de organização e atividades econômicas realizadas.

Quanto às atividades de atuação, os empreendimentos solidários (ES) estão relacionados à produção de alimentos, de artesanatos, e produtos de limpeza e prestação de serviços e loja solidária. A economia solidária organizada através dos espaços de discussão e planejamento como a Rede, Fóruns, Conselhos, possibilitou em Dourados propostas de políticas públicas para o movimento, o que reforça o pensamento de que, enquanto estratégia de desenvolvimento econômico local, a organização tem se aprimorado na geração de trabalho e renda através dos empreendimentos promovendo e garantindo estruturas e ações de comércio e consumo solidário. Em síntese, o projeto permitiu mostrar que os ES que compõe a economia solidária estão organizados sob a forma de autogestão, solidariedade e cooperação.

Abaixo, detalham-se algumas informações sobre a atuação de acadêmicos enquanto bolsistas e executores de ações e projetos de extensão.

Quadro 2. Projetos acadêmicos orientados

Ano	Título da Extensão	Objeto	No. Público contemplado	No. de acadêmicos	Curso graduação	Município de atuação
2015-2016	Desafios e entraves à comercialização em empreendimentos econômicos solidários: Uma análise da Cooperativa de Confeções, COOPORÃ no Município de Ponta Porã-MS.	Analisar as principais dificuldades enfrentadas pela cooperativa de confeções (COOPORÃ) na identificação e na comercialização dos produtos fabricados, no município de Ponta Porã.	50	01 bolsista	iências Econômicas	Ponta Porã

2019-2020	Gestão Rural: Um estudo dos empreendimentos rurais no Assentamento Itamarati-Ponta Porã-MS	Capacitação dos produtores/empresários rurais, para a gestão dos empreendimentos rurais na produção, comercialização e finanças), no assentamento Itamarati-Ponta Porã-MS.	60	01 bolsista	Ciências Econômicas	Ponta Porã
2021-2022	Plano de negócio: uma ferramenta para viabilizar a consolidação de empreendimentos solidários, no município de Ponta Porã-MS	Elaboração um plano de negócio para viabilizar a gestão dos empreendimentos solidários, no município de Ponta Porã-MS. O plano de negócio é uma ferramenta que ajudará a estabelecer um plano de ação, que sirva como instrumento de orientação facilitando a visão de negócio e autogestão dessa forma, a capacitação dos empreendimentos significará um diferencial importante para o desenvolvimento local, geração de emprego e renda.	50	01 bolsista	Ciências Econômicas	Ponta Porã

Fonte: organizado pelas autoras a partir dos relatórios aprovados.

Durante o período relatado, foram 03 (três) os acadêmicos bolsistas dedicados aos subprojetos inspirados na experiência e trajetória da docente orientadora que adicionaram 160 (cento e sessenta) pessoas beneficiadas pelas política extensionista da UEMS por meio da Unidade

Universitária de Ponta Porã.

Ademais, outras experiências colaborativas em projetos coordenados por outros docentes enriquecem a vivência e a prática extensionista. Felizmente, são em número significativo, o que requer um texto exclusivo para este fim.

Considerações finais

A proposta das páginas anteriores (refletir sobre a experiência extensionista junto aos cursos de graduação na região de fronteira e o papel da Pós Graduação no fortalecimento desta prática e analisar os impactos sociais positivos) provocou um sentimento de alegria não previsto. O envolvimento com a extensão e consequente experiência relatada já está completando uma década mesmo antes da ampliação e valorização da Prática Extensionista na grade curricular e na formação acadêmica formalizada pela Resolução no. 07 de 2018 que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira/Ministério da Educação/MEC.

A extensão sempre foi um dos alicerces da Educação Superior, porém, por razões diversas, frequentemente ocupava o terceiro lugar na ordem hierárquica de prioridades (leia-se tripé Ensino, Pesquisa e Extensão) ou mesmo de interesse da comunidade acadêmica. Esta realidade, obviamente, é mais ou menos evidente a depender da natureza do curso (licenciatura ou bacharelado, por exemplo), das políticas institucionais, das especificidades do corpo docente e da oferta, entre outros tantos fatores explicativos.

O relato das experiências corroboram com as análises e conclusões apresentadas nas dissertações referenciadas: a relevância e os impactos da política extensionista da UEMS em suas diferentes unidades universitárias e cursos geram impactos positivos (inicialmente previstos e comumente expressos em números), mas especialmente, externalidades positivas de caráter qualitativo. O primeiro relato de experiência indica que 1.180 pessoas foram contempladas direta e indiretamente com os projetos. O segundo relato eleva essa expectativa para aproximadamente 6 mil pessoas que de alguma forma tiveram contato com o universo acadêmico e puderam aproveitar do transbordamento pragmático do conhecimento gerado. Os acadêmicos bolsistas, por sua vez, foram um elo estratégico nessa dinâmica: não apenas levaram algum conhecimento aplicado, mas trouxeram conteúdo social, político, cultural, ambiental para enriquecer a prática do ensino e da pesquisa e também para indicar a importância da (auto) avaliação institucional.

Tanto a graduação como a pós graduação estão sendo provocadas, através dos instrumentos do processo de avaliação externa, a indicar como efetivamente geram impactos positivos na comunidade. A extensão aceita essa provocação e tem ótimas respostas.

A extensão é a mola propulsora do papel social da UEMS enquanto promotora do desenvolvimento socioeconômico. E a responsabilidade da comunidade acadêmica dos cursos de Ciências Econômicas e Direito, neste processo de desenvolvimento, seja para propor alternativas de superação dos gargalos regionais seja para construir novas propostas econômicas e jurídicas para transformar a realidade periférica e desafiadora que a fronteira sul-mato-grossense impõe aos atores sociais, públicos e privados, é consideravelmente significativa.

Portanto, entende-se que o desenvolvimento só pode ser buscado e fomentado com políticas voltadas à melhoria da educação e os projetos de extensão, que são objeto deste texto, objetivaram disseminar um tipo conhecimento que pode ampliar a liberdade e a capacidade de

agente da própria história da sociedade fronteiriça. Logo, a Universidade, por meio da sua Política Extensionista é promotora do desenvolvimento como liberdade.

Referências

- BRAGA, Vinicius Vasconcelos. O papel da UEMS na interiorização do desenvolvimento no Mato Grosso do Sul. Dissertação de mestrado/PPGDRS. Ponta Porã, MS: UEMS, 2019
- BRASIL. Decreto n.º 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm/
- CAVALCANTE, Simone de Oliveira Rocha. Compra pública como colaboradora para o desenvolvimento econômico no estado de MS: uma análise da UEMS. Dissertação de mestrado/PPGDRS. Ponta Porã, MS: UEMS, 2017.
- DIÁRIO OFICIAL. Prefeitura Municipal de Ponta Porã. Edição 2984. Ponta Porã-MS, 13 de julho de 2018. Disponível em: <https://pontapora.ms.gov.br/diarios/3369.pdf>.
- DOWBOR, Ladislau. Democracia Econômica: alternativas de gestão social. 2ª edição atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- ENRÍQUEZ, Maria Amélia. Trajetórias do desenvolvimento: da ilusão do crescimento ao imperativo da sustentabilidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- GODOY, Marília Lorena Agüero. A Universidade como indutora de desenvolvimento regional/local: as ações extensionistas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) - Unidade Universitária de Ponta Porã. Dissertação de mestrado/PPGDRS. Ponta Porã, MS: UEMS, 2021.
- MACHADO, Esmael; VIEIRA, Rosele Marques; MISSIO, Fabricio (Org.) . Renda, (des) Emprego e Economia Popular Solidária: experiências e novos desafios. Dourados-MS: Editora Seriema, 2011.
- MACHADO, Lia (et. Al.). O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de Oliveira (org.). Territórios sem limites: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: UFMS, 2005, p. 87-112.
- OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de Oliveira. Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de Oliveira (org.). Territórios sem limites: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: UFMS, 2005, p. 377-408.
- SACHS, Ignacy. Caminhos para o desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Souza. CHAUI, Marilena. Direitos Humanos, democracia e desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2013.
- SEN, Amartya. Desenvolvimento como Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SOUZA, Edson Pereira de. O protagonismo do egresso do Curso de Administração Pública, modalidade a distância oferecido pela UEMS, no desenvolvimento do município de Miranda/MS. Dissertação de mestrado/PPGDRS. Ponta Porã, MS: UEMS, 2018.
- SOUZA, Nidene Cardena A Extensão Universitária como Promotora de Desenvolvimento: Análise da Extensão na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Dissertação de mestrado/PPGDRS. Ponta Porã, MS: UEMS, 2021.
- VEIGA, José Eli da. Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

7 PENSAR OUTROS: UMA IMERSÃO NAS COSMOGONIAS NAGÔ E GUARANI

Tatiana Maciel Gontijo de Carvalho (UEMG – Divinópolis)¹

Ana Carolina Moreira Barcelos (UEMG – Divinópolis)²

Vítor Olegário Oliveira (UEMG – Divinópolis)³

Introdução

Pretende-se relatar uma experiência extensionista que ocorreu em 2021, a partir de um projeto que foi ofertado à comunidade acadêmica e público externo, pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Divinópolis/MG. O projeto “Pensar Outros: uma imersão nas cosmogonias Nagô e Guarani” contou com o apoio do Edital PROINPE nº01/2021 e teve como objetivo central ofertar um curso de extensão à comunidade acadêmica e externa, na modalidade EAD, sobre cosmogonias de tradições africana e ameríndia, elaborado e ministrado em conjunto com a equipe, em articulação com a pesquisa e o ensino. Como objetivos específicos, buscou-se contribuir para a articulação entre pesquisa, ensino e extensão na formação dos graduandos de licenciatura em História; investigar as categorias conceituais e ontológicas das cosmogonias Nagô e Guarani em duas obras específicas e destacar possíveis dialogias com a tradição filosófica ocidental; elaborar e ministrar, com o grupo-pesquisador um Curso de Extensão de mesmo nome do projeto e promover um espaço (virtual) de encontros e discussões sobre formas outras de ser e estar no mundo, aberto à comunidade.

A proposta do projeto “Pensar Outros – uma imersão nas cosmogonias Nagô e Guarani”, procurou ir de encontro ao cumprimento das atividades fins do ensino superior, firmadas no tripé ensino, pesquisa e extensão e proporcionar à comunidade em geral, um espaço de encontro (virtual) e discussão sobre aspectos das matrizes africanas e ameríndias. Em relação ao processo formativo, o desenvolvimento de habilidades e competências tais como a capacidade analítica, crítica e reflexiva - notadamente uma herança de tradição ocidental – deve ser estimulado a interagir com outras capacidades cognitivas, tais como as disposições afetivas, sensoriais, intuitivas, dentre outras. Em um viés de descolonização da construção do pensamento de herança eurocêntrica que privilegia um modo analítico pautado em dicotomias - tais como sujeito x objeto, teoria x prática, mente x corpo, natureza x cultura, indivíduo x sociedade, enfim, esquema conceitual x conteúdo empírico - uma epistemologia decolonial, inspirada na sociopoética (GAUTHIER, 2019) expande o campo de apreensão e vivência da realidade na busca do conhecimento. Segundo o criador do método:

O corpo, os afetos, a potência do grupo, a mobilização de fontes do conhecimento geralmente negligenciadas pela academia, tais como a emoção, as sensações, a intuição e até, aspectos espirituais, constituem a originalidade instituinte da sociopoética como método de pesquisa (GAUTHIER, 2019, p. 236).

1 Mestre em Filosofia, coordenadora do projeto, professora efetiva na UEMG. tatiana.maci@uemg.br

2 Graduanda do curso de História da UEMG – Unidade Divinópolis/MG. ana.1694312@discente.uemg.br

3 Graduando do curso de História da UEMG – Unidade Divinópolis/MG. vitor.1694847@discente.uemg.br

Neste sentido, a elaboração de um curso extensionista juntamente com o grupo-pesquisador, permitiu aos licenciandos o exercício de uma pesquisa-formação, na medida em que a investigação analítica de cunho teórico e conceitual esteve aliada a materiais didáticos mais lúdicos, em formatação diversa do academicismo formal, tais como os contos, a poesia, as artes plásticas, a dança, etc. O próprio ‘objeto’ de estudo foi sujeito actante – dada a abertura do grupo para a escuta e a imersão nestas perspectivas outras de tradições não-eurocêntricas.

Metodologia

O projeto utilizou-se de metodologias diversas, em função de cumprir os objetivos de articulação entre a pesquisa, o ensino e a extensão. No momento da pesquisa, o caminho metodológico pautou-se na investigação e análise teórica e conceitual de fonte bibliográfica específica: Pensar Nagô, de Muniz Sodré (2017) e Tupã Tenondé – a criação do Universo, da Terra e do Homem, segundo a tradição oral Guarani, de Kaká Werá Jecupé (2002), além de pesquisa bibliográfica complementar ao tema, tais como Pasti (2018), Prandi (2001), Clastres (1990), Cadogan (1959), Pierri (2018), entre outros. Ao selecionar e direcionar a pesquisa a partir de pesquisa bibliográfica, teve-se o texto como objeto primeiro de investigação e como princípio teórico-metodológico a exploração, descrição e interpretação textual. Este último pautou-se na hermenêutica - ao considerar cada texto como uma totalidade - cujo êxito interpretativo se efetiva na habilidade de compreender o sentido por ele apresentado, o qual se faz presente no diálogo e correspondência recursiva entre as partes e o todo da obra, e vice-versa, em um movimento circular contínuo, apontando para um horizonte aberto. Charles Taylor, um dos mais influentes defensores do método interpretativo, formula assim o chamado “círculo hermenêutico”:

O que se tenta estabelecer é uma certa leitura de textos ou de expressões e as bases a que se recorre para essa leitura só podem ser outras leituras. O círculo também pode ser formulado mediante as relações entre a parte e o todo: tentamos estabelecer a leitura do texto como um todo e para isso recorremos a leituras de suas expressões parciais; mas como estamos lidando com significado e com atribuição de sentido, em que as expressões fazem ou não sentido apenas em relação a outras, a leitura das expressões parciais depende da leitura das outras e, em última análise, da leitura do todo (Taylor, 1985: 18).

No processo de pesquisa-formação, compreendendo que o tripé supramencionado é, na verdade, indissociável, os graduandos participaram ativamente na elaboração do curso de extensão, em todas as etapas: assimilação e estruturação do conteúdo, divulgação e inscrições, monitoria, organização e apresentação de material didático complementar de cunho artístico, correção de atividades avaliativas, logística da emissão e envio de certificados. Aprendendo e ensinando, de forma prática, imersiva, tem-se, nesta perspectiva, segundo Nóvoa (2004), a pesquisa-formação, a qual pode ser definida como sendo uma metodologia que contempla a possibilidade de mudança das práticas, bem como dos sujeitos em formação. Assim, o pesquisador torna-se, concomitantemente, sujeito e objeto da formação (NÓVOA, 2004). No contexto da formação

docente, a interação teórico-prática permitiu a superação de lacunas entre a pesquisa e a prática docente, atuando como vetor de capacitação ao despertar habilidades e aprimorar competências. (Elliott, 1998).

O curso de extensão “Pensar Outros – uma imersão nas cosmogonias Nagô e Guarani”, após estruturado, foi ofertado online, entre os meses de outubro a dezembro 2021, aos sábados, de 9:00-11:30, pelo youtube, com uso pela equipe da plataforma SyteamYard. Foram dez encontros, totalizando 30 h/a. As aulas foram ministradas pela equipe, coordenadora e estudantes, respectivamente, nos conteúdos teóricos e sociopoéticos, e contou também com a participação de diversos colaboradores das matrizes estudadas: uma Edkéji⁴⁶ de Terreiro de Candomblé e indígenas da etnia Guarani Mbyá, estes últimos de aldeias diferentes: um professor de guarani, uma xondaro⁴⁷ e uma artesã. A proposta do curso e o edital de inscrição seguiram as normativas do setor de extensão da Unidade, e o mesmo teve também um relatório final à parte. Foram emitidos certificados na modalidade de Curso de extensão àqueles que obtiveram 75% de participação e realizaram a atividade avaliativa. O curso foi gratuito e aberto à comunidade acadêmica e público externo.

Parte fundamental da didática inspirou-se na sociopoética, método de pesquisa instituinte e decolonial, criado por Jacques Gauthier (2019), seguindo suas orientações: instituição do grupo-pesquisador, como co-autores; valorização das culturas de resistência; pesquisar com o corpo inteiro, abrindo-se para outras potencialidades cognitivas, o afeto, a imaginação; utilização de técnicas artísticas de produção de dados e o respeito à propriedade intelectual da comunidade acolhedora da pesquisa. Segundo Santos e Monteiro (2018), dentre as várias influências teóricas do criador do método, destaca-se uma provável combinação da Pedagogia do Oprimido (Freire), da Análise Institucional (Lourau e Lapassade) e da Esquizoanálise (Deleuze e Guattari).

Na execução do projeto, foram utilizados os princípios da co-participação do grupo-pesquisador na produção do curso, o uso de técnicas e material didático complementar de cunho artístico e a abertura à escuta e aprendizado de outras tradições, as quais terão seus porta vozes respeitados, uma vez que falam ‘de dentro’: Muniz Sodré, iniciado no candomblé da Bahia e Kaká Werá Jecupé, índio brasileiro, de tradição TxuKarramãe, abraçado pela tradição Mbyá Guarani.

Quanto ao conteúdo programático, procurou-se explorar ao máximo as obras de base, além de referências complementares, supramencionadas. Da cosmogonia Nagô, trabalhou-se com o seguinte conteúdo: Cosmogonia Nagô: Por uma dialogia entre a filosofia grega e o pensar Nagô; A diáspora do povo Iorubá no Brasil Colônia (professor convidado); O Egbé como lugar da Arkhé; Corpo e potência: Oríkis e Orixás; Exu e a temporalidade; Contornos litúrgicos: Xirê, a festa do Candomblé (palestrante convidada, Edkéji de Terreiro de Candomblé). Da cosmogonia Guarani as aulas abordaram os temas: Quem são os Guaranis?; Filosofia, religião e arte; Ayvu Rapyta: os cantos sagrados Guarani Mbya - Os primeiros costumes do colibri e os fundamentos do ser; A primeira Terra e o “está dar assento a um ser”; Mitos e cantos sagrados: Ñamandu e a criação dos deuses; sobre o ñhemongaraí. (palestrante convidado indígena Guarani Mbya); A estética dos grafismos, arte e artesanato. (equipe e participação de indígenas Guarani Mbya). Quanto à atividade avaliativa, constitui-se em duas etapas, ministração de uma aula online sobre

46 Cargo feminino que cumpre importante função no Terreiro de Candomblé, auxiliando nos processos litúrgicos.

47 Tradicionalmente, a arte marcial dos guerreiros, praticada modernamente também por mulheres.

tema livre a ser explorado, dentre as cosmogonias Nagô ou Guarani, individual ou em dupla e avaliação qualitativa do curso em vários aspectos, além de uma autoavaliação. No encerramento do curso, foi organizado pela equipe uma aula aberta que contou com a participação da Edkéji de Candomblé, onde discorreu sobre “A educação das crianças no Terreiro de Candomblé”.

Por fim, quanto ao material didático, foi elaborado conteúdo teórico analítico e sociopoético, todos enviados por e-mail aos cursistas, além de indicações bibliográficas, vídeos com música, dança, teatro e documentários. Seguem, para apreciação, alguns prints deste material mais lúdico, todos elaborados pelos graduandos e co-autores do presente relato:

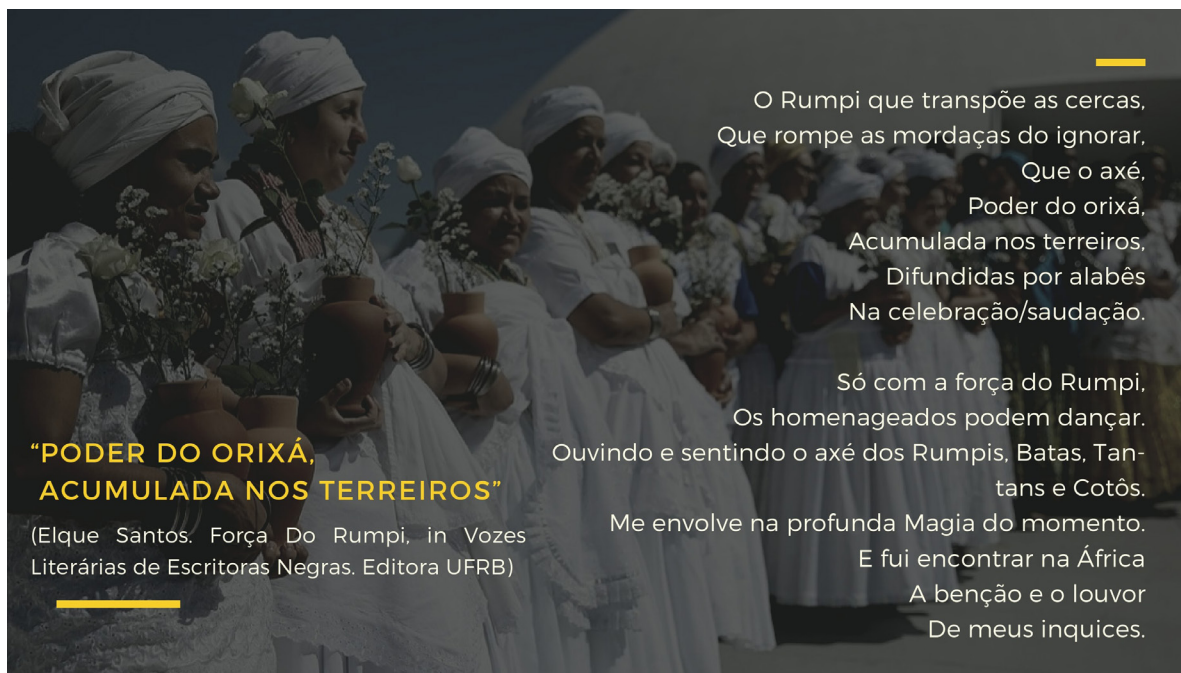


Fig. 01. Finalização da aula sobre o Egbé. (Vítor Olegário Oliveira).

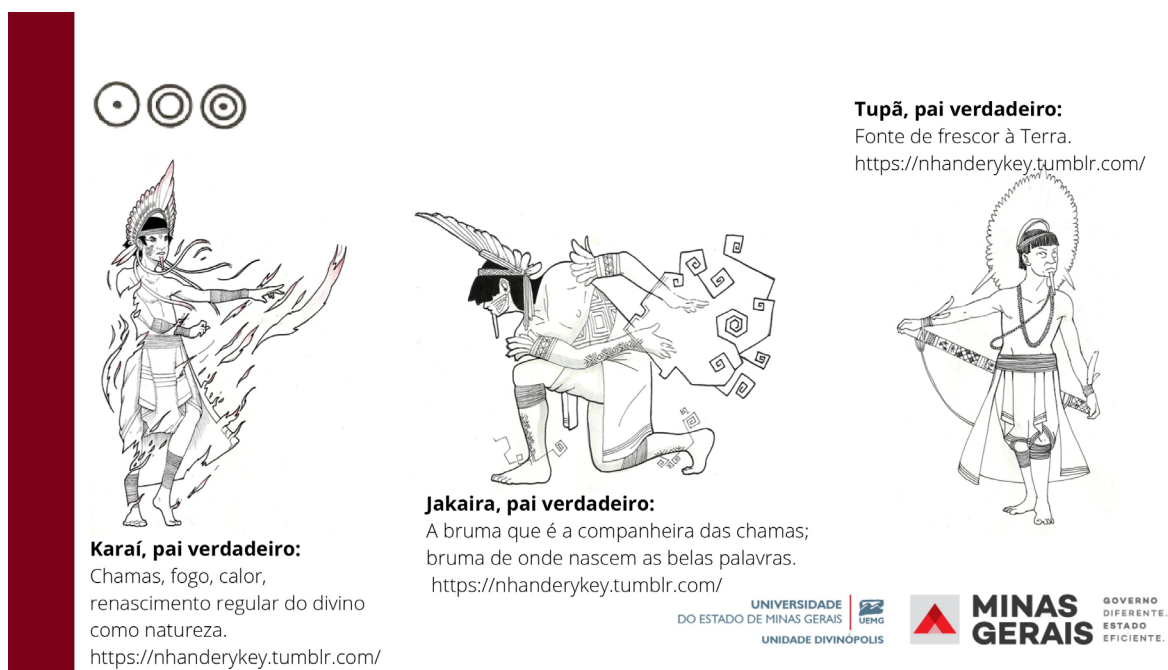


Figura 02. Ilustração da aula dos Cantos Sagrados Ayvu Rapyta. (Ana Carolina Moreira Barcelos).

Discussão: compreendendo o pensamento Nagô e Guarani Mbya a partir de suas cosmogonias

Se em nosso modelo cognitivo predomina a descrição objetivista e supostamente imparcial na busca de dados irrefutáveis e evidência dos fatos, nas narrativas, tanto de origem Nagô quanto Guarani, observa-se um *modus operandi* de base mais analógica. Filosofias que são, ao mesmo tempo, de ordem prática e imaginativa. Neste sentido, contrapõem-se à tradição racionalista da filosofia ocidental grega. Entretanto, como o objetivo do Curso era abordar aspectos das cosmologias Nagô e Guarani Mbya em suas perspectivas filosóficas, teve-se como eixo teórico conceitual norteador, o ato de pensar em sua universalidade, expandindo, para além das trincheiras ocidentais e acadêmicas a atitude filosófica que se encontra presente em todas as narrativas que tratam da relação do ser com o mundo. Em uma perspectiva dialógica, foi possível destacar não somente os aspectos contrastantes nas tradições abordadas com a ocidental, mas também apontar aproximações, como por exemplo, a abertura que a fenomenologia existencial de Heidegger ou mesmo a filosofia do devir de Deleuze permitem confluir com estas ontologias de raízes diversas.

Neste esteio argumentativo, a abertura à compreensão de aspectos das cosmogonias Nagô e Guarani, assim como o diálogo com a filosofia de tradição ocidental, vem agregar no processo de conscientização da sociedade brasileira, de seu caráter multiétnico, ao destacar, principalmente, as características que remetem ao seu nascimento enquanto povo, as quais, segundo Darcy Ribeiro (1995) se assentam no encontro - distante de ser pacífico e voluntário - de três matrizes: a lusitana, a africana e a tupi-guarani.

A escolha de obras específicas para embasar os estudos investigativos e as aulas ministradas, obedeceram a critérios pertinentes à perspectiva teórica da virada ontológica⁴⁸ em Antropologia, alguns dos quais merecem destaque. Em primeiro lugar, a constatação de que existem outras formas de ser e estar no mundo, outras ontologias, e isto se configura como uma crítica ao esquematismo kantiano. Em segundo lugar, tanto Sodré quanto Jecupé falam ‘de dentro’ das respectivas tradições, o que aproxima da proposta perspectivista de Viveiros de Castro (2015), que pergunta “qual o ponto de vista nativo sobre o conceito antropológico de ponto de vista?” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p.50). Certamente um “deslocamento reflexivo”, uma “contra-antropologia”, cujo desafio é compreender quais mundos se formam a partir destes pontos de vista: eis a virada ontológica. Pela escolha dos autores, não há diferença entre o etnógrafo e seu objeto de estudo, sendo eles sujeitos da própria narrativa, embasada em suas histórias de vida.

Assim, em Pensar Nagô (SODRÉ, 2017), discorreu-se sobre a filosofia vivenciada a toques de atabaques, desvelando os significados existenciais do pensamento Nagô, percebendo-o como continuidade da Arkhé africana (PASTI, 2017). Uma vez que a memória coletiva encontra-se enraizada no território religioso, o ser se forma também coletivamente, diferentemente da tradição ocidental, mais individualizada. Filosofia do terreiro, ritualizada, mítica e ao mesmo tempo prática, locus de memória, ancestralidade e também presentificação, corporificada, tal como aponta o autor, “no interior da configuração simbólica dos nagôs o corpo humano é permeável a mundo histórico e cosmo mítico, exibindo ritualisticamente esta sua singularidade”

48 Movimento teórico da Antropologia contemporânea, que propõe a primazia das discussões ontológicas em detrimento da epistemologia

(SODRÉ, 2017, p. 121). Um outro aspecto da filosofia Nagô que marcou uma singularidade e diferença em relação à filosofia de tradição ocidental é a observação da temporalidade, a qual, longe de ser linear, apresenta uma configuração de circularidade, a exemplo do aforismo nagô citado como epígrafe de um dos capítulos do livro, “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje” (SODRÉ, 2017, p. 171).

Por sua vez, em Tupã Tenondé - a criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani, tivemos, através de Jecupé (2002), acesso direto à voz indígena. Em sua iniciativa de traduzir (o livro apresenta uma tradução bilíngue em português e tupi-guarani) os cantos sagrados Mbyá Guarani⁴⁹, este trabalho se enriqueceu, não somente com os textos explicativos do autor, mas também com traços que lembram pinturas e grafismos. Desta forma, tanto as singularidades culturais e religiosas dos Guarani, apresentadas pelo autor, auxiliaram na compreensão dos cantos sagrados, quanto, através dos grafismos elaborados pelo autor, outra forma de linguagem, a pictórica, nos foi apresentada. Fomos então, convidados a ouvir, ao pé da fogueira, estes cantos sagrados:

Agora, de acordo com a tradição, faço a fogueira, ponho aromáticos preparados de ervas, galhos secos; e lhe convido a ouvir ao pé dela. Sente-se. Devo alertar-lhe para que fique à vontade, esse ritual é para melhor ouvir ne'eporãs, as belas falas, as falas sagradas, de alguns anciões que por essa história hão de passar, e são cheias de lições antigas do povo guarani (JECUPÉ, 2002, p.37).

Considerações finais

Espera-se, com a realização do trabalho extensionista e agora relatado, ter contribuído para a efetivação da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na formação do licenciando como futuro profissional da docência, enriquecida com a prática de metodologias decoloniais. Acredita-se que, na ministração do curso, agregou-se informações e conhecimento de aspectos das culturas de origem africana e ameríndia aos participantes. O curso serviu ainda como formação complementar aos cursistas licenciandos da área de História e afins, em cumprimento à Lei no 11.645/2008, que inclui a História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na rede oficial de ensino.

Os desafios de abertura à compreensão de outras formas de pensar, ser e agir no mundo, perspassam não somente a esfera acadêmica, mas também a existencial. Neste sentido, os aprendizados são imensos e profundos, também em ambas as esferas. No processo ensino/aprendizagem, expandem os estímulos cognitivos para além do racional, teórico e analítico, para o sensível em suas diversas manifestações, despertando memórias afetivas, empatias, às vezes indignações, frente às tentativas de invisibilidade que as tradições ameríndias e africanas sofrem no Brasil. Aprende-se como a alacridade dos xirês, onde os Orixás e seus filhos cantam e dançam, encantam-nos a poesia das palavras formosas dos Guaranis Mbya, os quais, a despeito de

49 Segundo Quaresma e Leal (2018), há várias traduções dos cantos sagrados Mbyá Guarani, tais como a do etnólogo paraguaio León Cadogan (1959), a do etnógrafo francês Pierre Clastres (2011) e a da poeta brasileira Josely Vianna Baptista (2001). No curso utilizou-se dos dois primeiros, para complementar Jecupé.

tanta violência e espólio que sofrem até hoje, vivenciam o nhandereko, ensinando-nos que o bem-viver passa, antes de tudo, pelo respeito ao grupo, à Terra e à herança divina. Que somemos na diminuição do abismo entre as matrizes étnicas que formam o povo brasileiro.

Pode-se concluir que a relevância social do curso foi a possibilidade dada à comunidade brasileira, de abertura à escuta de novas narrativas, de forma a compreendermos que, de um modo mais profundo, “por meio da linguagem habitamos o mundo” (Quaresma; Leal, 2018, p. 536). Por conseguinte, foi uma abertura ao conhecimento e quiçá, compreensão, de outras ontologias. E se esta abertura e disponibilidade às alteridades nos remete a um movimento de “mão dupla”, na medida em que, conhecendo o outro, descobrimos também aspectos de nós mesmos, no curso “Pensar outros – uma imersão nas cosmogonias Nagô e Guarani”, estivemos, literalmente conhecendo os outros de nós, brasileiros mestiços de alma e de cor.

Referências

- BARBIER, R. A pesquisa-ação. Brasília: LiberLivro, 2006.
- BRASIL. Lei nº 11.634 de 10 de março de 2008. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm >. Acesso em 26/04/2021.
- CADOGAN, León. Ayvu Rapyta - Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. São Paulo, USP. Boletim 227, Antropologia no 5; 1959. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú – Coleção Nicolai.
- CLASTRES, Pierri. A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios guarani. tradução Níeia Adan Bonatti. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- DANTAS, Luís Thiago. “A filosofia Nagô e a temporalidade da vertigem”. Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. Vol. 3, nº 6, Julho – Dezembro de 2018.
- ELBEIN DOS SANTOS, Juana. Os Nagô e a Morte: Padê, Asèsè e o culto Égun na Bahia. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.
- ELLIOTT, J. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: GERALDI, C.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. de A. (Org.). Cartografias do trabalho docente: professor (a) pesquisador (a). Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- GAUTHIER, Jacques. A sociopoética como método de pesquisa instituinte e decolonial. Capoeira – Revista de Humanidades e Letras. Vol. 5, nº 2, p. 235-256, Ano 2019.
- _____. Ooco do vento - Metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: CRV, 2012.
- JECUPÉ, Kaká Werá. Tupã Tenondé: A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Pierópolis, 2001.
- JUNG, Carl. O Homem e seus símbolos. 13ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- MATURANA, H. e VERDEN-ZOLLER, G. Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- NÓVOA, Antonio. Prefácio. In: JOSSO, M. C. (Org.). Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004. p. 11-17.
- PASTI, Renato. Pensar-vivendo: Filosofia a toque de atabaques em Pensar nagô. Revista Espaço Acadêmico, nº 207, p. 135-138, Agosto/2018, mensal.
- PIERRI, Daniel Calazans. O perecível e o imperecível: reflexões Guarani Mbya sobre a existência.

São Paulo: Elefante, 2018.

PRANDI, R. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUARESMA, Carline Cunha Ramos; LEAL, Izabela Guimarães Guerra. Kaká Werá Jecupé e a tradução dos Cantos Sagrados Mbyá Guarani. Letras Escreve. Macapá, v. 8, nº 1, 1º sem., p. 533-554, 2018

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Monaliza Holanda dos; CORDEIRO, Eugênia de Paula Benício. Contra Hegemonia e Pluralidade de Saberes na Educação à Luz da Sociopoética. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 45, n.º 4, p. 1-19, 2020.

SANTOS, Monaliza Holanda dos; MONTEIRO, Ana Márcia Luna. Sociopoética: um método de pesquisa a favor da não-violência, dignidade e integralidade do ser humano no âmbito educacional. Revista Semana Pedagógica. PE: Centro de Educação da UFPE, v.1, n. 1, p. 160-162, 2018. Disponível em < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistasemanapedagogica/article/view/236786/29294> >. Acessado em 28/04/2021.

SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

TADDEI, Renzo; GAMBOGGI, Ana Laura. Educação, antropologia, ontologias. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 1, p. 27-38, jan./mar. 2016.

TAYLOR, Charles. As fontes do "self": a construção da identidade moderna. São Paulo: Loyola, 2010.

VERGER, P. e CARYBÉ. Lendas africanas dos orixás. Salvador: Corrupio, 1985.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Metafísicas canibais. Elementos para uma antropologia pós-estruturais. São Paulo: Ubu, 2015.

8 A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR: CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM PEDAGOGIA

Macilene Vilma Gonçalves-Ribeiro (FaE/UEMG)¹

Daniel Cardoso Alves (FaE/UEMG)²

Introdução

Apresentamos, neste capítulo, os resultados de um estudo que analisou a ação extensionista intitulada “Mala Mágica”, que foi desenvolvida durante o período pandêmico – primeiro semestre do ano civil de 2021 - no âmbito do projeto de extensão “Ressignificando o Espaço Hospitalar: atendimento pedagógico ao escolar hospitalizado”⁵⁰ da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG).

A mencionada ação teve o objetivo de contribuir para a formação de acadêmicos de Pedagogia da FaE/UEMG quanto à elaboração de material didático a ser utilizado, pós-pandemia e autorização das atividades presenciais no Hospital parceiro⁵¹, no atendimento pedagógico-educacional.

O câncer é uma doença crônica e exige longos períodos de internação e/ou tratamento ambulatorial, que ocorre quando o paciente necessita ir ao hospital com frequência para consultas e sessões de quimioterapia. Esse fato faz com que a maioria dos pacientes tornem-se infrequentes na escola, e até mesmo tenham que abandoná-la. De acordo com diagnóstico realizado no hospital, mais de 80% dos pacientes atendidos no projeto de extensão não se encontram regularmente frequentes nos vários segmentos da educação básica: da educação infantil ao ensino médio.

O tratamento oncológico vai desde a consulta com especialista até encaminhamentos para exames e cuidados específicos, como cirurgias e sessões de radioterapia e quimioterapia. Mais de 90% do público atendido pelo Hospital é proveniente do SUS e abrange, aproximadamente, pacientes oriundos dos 795 municípios mineiros. Esses pacientes são, em sua maioria, pessoas com perfil de vulnerabilidade socioeconômica. Nesse cenário, evidencia-se a relevância da ação extensionista, que proporciona a cerca de 100 crianças e adolescentes, com idade entre 2 e 18 anos, em tratamento no hospital, a única forma de atendimento pedagógico-educacional a que têm acesso.

A ação extensionista “Mala Mágica”, objeto deste capítulo, consistiu em uma proposta lúdica, cujos acadêmicos extensionistas planejaram atividades pedagógico-educacionais fundamentadas na Base Nacional Curricular Comum - BNCC (BRASIL, 2018) e direcionadas para

1 Doutora em Educação (UFMG). Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG). E-mail: macilene.ribeiro@uemg.br.

2 Doutorando em Educação (UFMG). Professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG). E-mail: daniel.alves@uemg.br.

50 Trata-se de um projeto de educação hospitalar que proporciona atendimento pedagógico-educacional a crianças e adolescentes, impossibilitados de frequentar a escola em virtude de internação hospitalar ou de outras formas de tratamento de saúde, de modo a permitir a continuidade no processo de escolarização, a inserção ou a reinserção em seu ambiente escolar.

51 O Hospital parceiro é uma instituição filantrópica fundada em 1944. Em 1982, deu início ao tratamento oncológico de pacientes adultos e o estendeu a pacientes pediátricos em 2003.

estudantes enfermos, da educação infantil ou dos anos iniciais do ensino fundamental, segmentos da educação básica que são campos de estágio obrigatório no currículo do curso de Pedagogia da FaE/UEMG e locus de atuação do futuro pedagogo no seu ofício docente.

Neste estudo, as práticas pedagógico-educativas desenvolvidas no espaço hospitalar são entendidas, à luz de Fonseca e Ceccim (1999), como uma modalidade de atendimento educativo que acontece no hospital com alta significância, por estreitar o laço da criança e do adolescente em tratamento oncológico com a escola e, ao mesmo tempo, impactar positivamente na sua recuperação.

Sequencialmente a esta introdução, apresentamos a metodologia adotada para o desenvolvimento da ação extensionista, os principais fundamentos teóricos que inspiraram a sua proposição e concluímos, com as considerações finais, entendendo que, apesar de a literatura sobre a relação do atendimento pedagógico-educacional no contexto hospitalar ser incipiente, o estudo apontou para o importante papel da oferta educacional no espaço hospitalar no que tange à vinculação do sujeito em tratamento oncológico com o universo da escolarização. Também, no que diz respeito aos desafios formativos com os quais se depararam os acadêmicos de Pedagogia da FaE/UEMG, contribuiu para aguçar pensamento reflexivo frente ao processo educativo que ocorre no ambiente hospitalar.

Metodologia

Para o desenvolvimento da atividade extensionista “Mala Mágica” foram estabelecidos os seguintes critérios: a) que as atividades propostas fossem baseadas no currículo da educação básica, ressaltando a necessidade de um planejamento pedagógico com as adaptações curriculares apropriadas ao ambiente hospitalar, tendo em vista a qualidade do atendimento educacional e os benefícios que pode trazer para as crianças e adolescentes hospitalizados; b) que a ludicidade estivesse presente na proposta, com atividades criativas e prazerosas, como brincadeiras e jogos, dando condições às crianças de experimentar, criar, construir e expressar-se livremente; c) que os materiais fossem adequados ao ambiente hospitalar de acordo com as exigências da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar – CCIH⁵², bem como, às características da patologia oncológica.

Estabelecidos esses critérios, as atividades foram estruturadas em cinco etapas metodológicas, a saber:

Na 1ª Etapa, propusemos aos acadêmicos extensionistas a elaboração de atividades pedagógicas lúdicas. Essa elaboração deveria ser apresentada em forma de projeto pedagógico, constituído de nove itens:

Quadro 1. Itens do projeto pedagógico para a ação extensionista “Mala mágica”.

Nº	Item	Orientação
1	Título do Projeto	Dê um título criativo para o seu projeto!

⁵² De acordo com a Portaria nº 2.616 do Ministério da Saúde, as CCIH) são responsáveis por implementar o Programa de Controle de Infecções Hospitalares (PCIH) que consiste em um conjunto de ações desenvolvidas com vistas a reduzir ao máximo possível a incidência e a gravidade das infecções hospitalares. Cabe à CCIH a execução das ações do PCIH, sendo esta comissão um órgão de assessoria à autoridade máxima da instituição, e a ela diretamente subordinada (BRASIL, 1998).

2	Justificativa	Escreva os motivos que o levaram a pensar nessa proposta.
3	Objetivo Geral	O que você quer alcançar com esta proposta?
4	Objetivos Específicos	Passo a passo para atingir o objeto geral: máximo de 3.
5	Habilidades e Competências	À luz da BNCC
6	Metodologia	Descrever as ações/ estratégias
7	Avaliação	Descrever como verificará se aprendizagem ocorreu ou não
8	Recursos	Que materiais serão utilizados na confecção da Mala mágica?
9	Considerações Finais	Mencione se os objetivos foram atingidos e em que o projeto contribuiu para sua vida pessoal, profissional e acadêmica.

Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

Na 2ª Etapa, com o objetivo de subsidiar a elaboração do planejamento, foram ofertadas três oficinas formativas por docentes da Universidade abrangendo as seguintes áreas do conhecimento: Propostas pedagógicas lúdicas para a Educação Hospitalar, Geografia e Matemática.

Na 3ª Etapa, após a elaboração do planejamento, os acadêmicos extensionistas confeccionaram as Malas Mágicas e apresentaram sua produção no formato de seminário⁵³.

Para análise do material produzido e do processo vivenciado pelos acadêmicos nessa elaboração, buscamos reflexões em Freire (1983; 2005) acerca da prática pedagógica reflexiva: ação-reflexão-ação, práxis pedagógica, além de Houssaye (2004) e Franco (2008). Na perspectiva da educação dialógica, a ação extensionista analisada neste estudo apresentou-se como uma proposta crítica que vislumbrou a transformação de uma realidade, e, ao mesmo tempo, numa perspectiva freireana, identificou-se como uma prática educativa problematizadora, uma [...] práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2005, p.77).

Contrariamente a uma concepção de educação bancária, a “escola” que buscamos levar para dentro do hospital não carrega consigo conhecimentos prontos e acabados a serem depositados em um sujeito passivo. Propusemos uma prática educativa ancorada na concepção dialógica de Freire (2005) na qual a relação educando-educador é horizontal, pois,

para o educador-educando dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos –, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe

53 Em seu sentido etimológico, a palavra seminário deriva do latim “seminarium” que em português se traduz em viveiro de plantas, isto é, espaço de semear, de cultivar. Por essa acepção, entendemos seminário como espaço de crescimento e construção, em que os participantes propõem-se e dialogar com o outro na perspectiva de socioconstruírem um saber sobre determinada temática.

entregou de forma desestruturada (FREIRE, 2005, p.96-97).

Pensando agora no potencial da ação extensionista para a formação do licenciando em Pedagogia, concebemos essa ciência da educação, tal qual explicitou Franco (2008), como um espaço dialético para a compreensão e operacionalização das articulações entre a teoria e a prática educativa. Nossa meta foi que os acadêmicos, voluntários do projeto, pudessem vivenciar uma experiência que contribuísse no seu processo de formação, que, para Hossaye (2004), deve ser pensado como experiência, isso porque, para o autor, uma formação experiencial é englobante e envolve todas as dimensões da pessoa (afetiva, racional e corporal), articula continuidades e rupturas, e não separa a aprendizagem da experiência.

Ancorada na concepção de práxis pedagógica em Freire (2005), como uma práxis que é fonte de conhecimento reflexivo e criação, e que é capaz de transformar a realidade, a análise se configurou a partir dos seguintes questionamentos: quais as contribuições para a aprendizagem do acadêmico de Pedagogia na construção de um planejamento pedagógico para o espaço hospitalar? Quais as adaptações curriculares foram pensadas? Os acadêmicos foram capazes de planejar atividades respeitando o perfil do paciente e as características do ambiente hospitalar? A elaboração do projeto Mala Mágica foi capaz de proporcionar uma reflexão crítica acerca da prática pedagógica em ambientes não escolares?

Passado o período pandêmico e autorizado o acesso presencial ao Hospital parceiro, os acadêmicos extensionistas deverão utilizar as malas produzidas no atendimento pedagógico-educacional das crianças e adolescentes em tratamento oncológico. Almeja-se que a 4ª etapa ocorra no segundo semestre do ano civil de 2022.

Por último, a 5ª Etapa consistirá numa roda de conversa, um debate que os participantes se reunirão formando um círculo e terão oportunidade de expressarem-se. Inspirando-se nos postulados teóricos de Freire (2005), Houssaye (2004) e Franco (2008), os acadêmicos, protagonistas da ação extensionista, poderão evidenciar, a partir das experiências socializadas na roda de conversa, as contribuições que a mesma trouxe para o processo formativo do Licenciando em Pedagogia.

Com a metodologia proposta foi possível, portanto, a elaboração de 13 projetos de “Malas mágica”, sendo 7 deles planejados para a educação infantil e 6 voltados para os anos iniciais do ensino fundamental. Do total de projetos apresentados, 9 contemplaram conteúdos da disciplina de matemática, 1 contemplou a temática ambiental e Geografia, 1 projeto abordou o incentivo à leitura e 2 o processo de alfabetização, como apresentamos e discutimos na seção que se segue.

A “Mala Mágica”: uma prática pedagógica-educacional como objeto de reflexão extensionista

Em concordância com Fonseca e Ceccim (1999, p.42), para as quais o atendimento pedagógico-educacional que é desenvolvido no ambiente hospitalar contribui “para um melhor desenvolvimento e mais rápida recuperação de saúde das crianças que participaram do mesmo” propusemos a elaboração de material pedagógico lúdico destinado ao processo de ensino e de aprendizagem para crianças e adolescentes em tratamento oncológico e desenvolvido por pedagogos em formação inicial.

Elucidamos que a ação extensionista “Mala Mágica” não se reduziu a transposição pura

do currículo escolar para o hospital. Os planejamentos pedagógicos foram pensados a partir do diagnóstico detalhado da realidade e oportunizaram à criança/adolescente a se expressarem verbalmente, com a possibilidade de trocar informações por meio de um diálogo pedagógico contínuo e afetuoso, pois como nos ensinou Freire (1983):

educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1983, p. 15).

Os conteúdos curriculares inseridos nas propostas partiram do diagnóstico da realidade e visaram respeitar o ritmo de cada criança/adolescente, o seu nível de interação e as possibilidades estruturais dos atendimentos. Dessa forma, tendo clareza dos objetivos do projeto de atendimento pedagógico, os voluntários extensionistas elaboraram um planejamento abrangendo conteúdos escolares da educação básica, trabalhados de forma lúdica, pensando sempre na disponibilidade da criança/adolescente em tratamento oncológico.

As crianças e os adolescentes atendidos no projeto de extensão são privados do seu direito constitucional à educação, pelo que, participar das atividades do projeto os ajuda no resgate da sua identidade, diluída no processo de tratamento de uma doença grave, como o câncer. O Instituto Nacional do Câncer - INCA enfatiza as necessidades de uma criança em tratamento oncológico:

o fato de um indivíduo possuir diagnóstico de uma neoplasia maligna não o torna uma pessoa anormal, ou seja, a criança não deixa de ser criança e suas necessidades (médicas, biológicas, psíquicas, sociais e espirituais) devem sempre ser valorizadas. O seu cuidado não pode se restringir apenas ao ambiente de tratamento oncológico intra-hospitalar e ambulatorial, mas deve-se estender para seu domicílio, casas de apoio, unidade básica de saúde, escola ou qualquer lugar que faça parte da sua rotina. Para seu cuidado global, são necessários vários profissionais de várias especialidades que exerçam, acima de tudo, o conceito da transdisciplinaridade, que significa o saber que integra todas as formas do conhecimento para o bem do paciente (INCA, 2014).

Apesar de existir uma vasta legislação no Brasil que visa garantir o direito à educação para crianças e adolescentes da educação básica, afastados da escola em virtude de tratamento de saúde, a oferta de escolarização hospitalar está longe de reconhecer o direito à continuidade dos estudos do doente e de promover as mudanças necessárias para uma atuação profissional qualificada no ambiente hospitalar, atendendo assim as prerrogativas legais.

Na impossibilidade de se criar a Classe Hospitalar⁵⁴ no hospital parceiro, desde 2015, desenvolvemos o projeto de extensão que se apresenta como a única alternativa de educação hospitalar na Instituição, e, mesmo não funcionando com toda a estrutura de uma classe hospitalar, procura garantir o vínculo com a escola das crianças e adolescentes em tratamento oncológico, por meio da realização de atendimentos pedagógicos, prestados e planejados pelos acadêmicos do curso de graduação em Pedagogia da FaE/UEMG.

Na ação extensionista “Mala mágica”, desenvolvida durante o primeiro semestre de 2021, em período de pandemia, e, portanto, de ensino remoto na FaE/UEMG, as atividades presenciais do projeto de extensão também foram suspensas. Tínhamos então, naquele momento, de pensar uma ação que pudesse ser executada de forma online, mas que ao mesmo tempo, fosse relevante e trouxesse ganhos para as crianças e adolescentes em tratamento oncológico e para a formação dos acadêmicos de Pedagogia da Universidade.

Para Ceccin (1999, p.43), o principal efeito da realização de atividades pedagógico-educacionais para uma criança hospitalizada “é a proteção do seu desenvolvimento e a proteção dos processos cognitivos e afetivos de construção dos aprendizados”. Sendo a única ação com foco na educação desenvolvida no hospital parceiro, o projeto de extensão encontra vários desafios.

Além das dificuldades estruturais, como a de inexistência de pessoal contratado na área educacional, há a escassez de recursos didático-pedagógicos, tanto no que se refere a recursos materiais propriamente ditos, como cadernos, lápis, livros, dentre outros, quanto no que se refere a materiais bibliográficos com diretrizes claras sobre a condução do processo de ensino e aprendizagem dentro de uma instituição hospitalar.

Diante disso, a proposta de trabalho no âmbito do projeto de extensão, durante o período pandêmico, foi a elaboração de atividades para trabalhar os conteúdos da educação infantil e da educação básica, de forma lúdica, no ambiente hospitalar.

A primeira adaptação para o desenvolvimento de atividades pedagógico-educacionais a serem aplicadas no ambiente hospitalar realizada foi a utilização de uma mala com rodinhas, criativamente intitulada de “Mala Mágica”, com atividades diversificadas e adequadas aos níveis de escolaridade distintos em que as crianças/adolescentes encontravam-se matriculados, antes de se afastar da escola para o tratamento de saúde. Dessa forma, quando dos atendimentos pedagógicos presenciais, os acadêmicos extensionistas poderão levar a “Mala mágica” para os diferentes setores do hospital: enfermarias, brinquedotecas, ambulatório, salas de quimioterapia e para o próprio leito, quando o paciente está com algum acesso ou qualquer outro impedimento para locomover-se.

Os 40 acadêmicos, voluntários do projeto, se organizaram em grupos, definiram o segmento da educação básica e a disciplina/tema, e buscaram na BNCC os conteúdos a serem trabalhados na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Tivemos 13 projetos “Mala Mágica”, destes 9 definiram como temática da Mala a disciplina de Matemática e, o restante optou pelos

54 A Classe Hospitalar é uma modalidade da Educação Especial que visa dar atendimento pedagógico-educacional a crianças e adolescentes enfermos. Os professores atuam no ambiente hospitalar promovendo atividades curriculares para o estudante da educação básica afastado da escola para tratamento de saúde. Para implementação das classes hospitalares é necessário a realização de um convênio entre o hospital e a secretaria de educação local, afim de que os professores sejam enviados para dar aulas no hospital (BRASIL,2002).

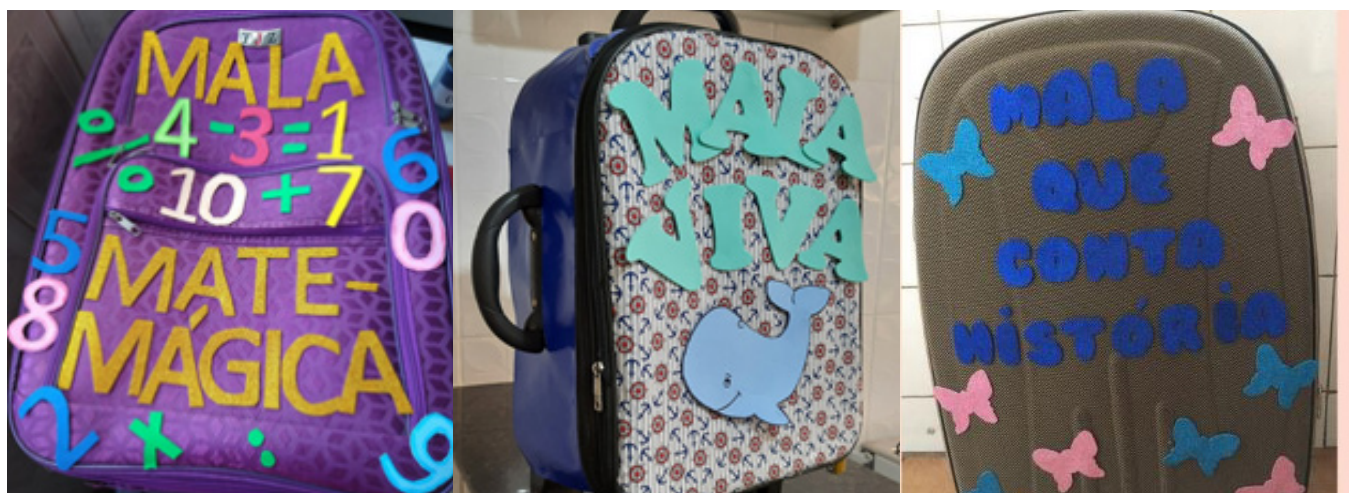
temas de Alfabetização, Leitura e Geografia e Meio Ambiente.

Inferimos que a maioria das escolhas pela disciplina de Matemática pode ser atribuída ao fato de os acadêmicos de Pedagogia estarem cursando a disciplina de Metodologia da Matemática no momento da elaboração do projeto. Ainda, pelo fato de termos oferecido oficinas, dentre elas, a de Matemática⁵⁵, que foi muito rememorada pelos acadêmicos.

Na Figura 1, a seguir, trazemos exemplos de Malas Mágicas. As Malas foram construídas pelos acadêmicos e continham várias atividades apresentando um conteúdo curricular, de forma lúdica, para ser trabalhado no ambiente hospitalar. Destacamos nos projetos elaborados pelos acadêmicos, o rigor ao atendimento aos critérios estabelecidos de que a prática pedagógica planejada tivesse evidente a intencionalidade, aliada à utilização de uma estratégia lúdica, com o objetivo de garantir a aprendizagem, colaborando para o desenvolvimento cognitivo da criança, como adverte Ceccim (1999):

a função do professor de classe hospitalar não é a de apenas "ocupar criativamente" o tempo da criança para que ela possa "expressar e elaborar" os sentimentos trazidos pelo adoecimento e pela hospitalização, aprendendo novas condutas emocionais, como também não é a de apenas abrir espaços lúdicos com ênfase no lazer pedagógico para que a criança "esqueça por alguns momentos" que está doente ou em um hospital. O professor deve estar no hospital para operar com os processos afetivos de construção da aprendizagem cognitiva e permitir aquisições escolares às crianças (CECCIM, 1999, p.43, grifos do autor).

Figura 1. Exemplos de Malas Mágicas construídas pelos acadêmicos



Fonte: Dados coletados no projeto, 2021.



Os projetos apresentados pelos acadêmicos extensionistas atenderam ao condicionante


55 Durante o semestre letivo foram desenvolvidas três oficinas no Projeto de Extensão com vistas a subsidiar os alunos extensionistas na elaboração dos projetos, uma delas foi ministrada pela professora da disciplina de Metodologia da Matemática: “Operações com Números Naturais: estratégias e possibilidades para a adição e subtração”.

principal para a sua elaboração: uma prática pedagógica planejada de forma a atender às necessidades pedagógico-educacionais da criança/adolescente hospitalizados, atuando, conforme indica Fonseca e Ceccim (1999, p.25) “com os condicionamentos do desenvolvimento psíquico e cognitivo representados pelo adoecimento e pelo referenciamento hospitalar na produção de aprendizados”.

Quadro 2. Exemplos de atividades propostas nas Malas Mágicas

Fonte: Dados coletados no Projeto de Extensão, 2021.

Mala mágica	Objetivo da atividade	Exemplo de atividade
A Mala que conta Histórias	Estimular o desenvolvimento dos aspectos sociais e cognitivos das crianças com idade de 0 a 5 anos através da contação de histórias como proposta pedagógica.	
Mala Matemática	Proporcionar situações onde a criança possa explorar, descrever e aprender a matemática de forma lúdica.	

Mala Viva	Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.	
-----------	--	---

Construir uma prática pedagógica para um ambiente não escolar tornou-se uma oportunidade para que o acadêmico em Pedagogia pudesse “des-construir” a ideia de que o pedagogo é somente docente, e de que o docente só pode atuar na sala de aula convencional. Por que não atuar numa sala de aula dentro de um hospital? Para pensar uma prática pedagógica a ser desenvolvida no ambiente hospitalar, os acadêmicos tiveram, em primeiro lugar, que sair da sua zona de conforto, este momento de reflexão serviu para que o licenciando em Pedagogia realizasse, nas palavras de Franco (2008),

uma análise crítica e contextualizada da educação e do ensino enquanto práxis social, formando o pedagogo, com formação teórica, científica, ética e técnica com vistas ao aprofundamento da teoria pedagógica, na pesquisa educacional e no exercício de atividades pedagógicas específicas (FRANCO, 2008, p. 149).

Este exercício pedagógico mencionado por Franco (2008) pode ser ecoado nas declarações dos acadêmicos exemplificadas em algumas apreensões acerca da experiência formativa com a realização do projeto de “Mala Mágica”:

através deste projeto, foi possível refletir acerca da possibilidade do trabalho pedagógico para além dos muros escolares, de como é possível criar estratégias para o ensino e a aprendizagem nestes ambientes e de como é importante pensar também nos sujeitos que serão protagonistas destes processos e suas especificidades. Enquanto estudantes de pedagogia, este projeto foi muito rico e construtivo para nossa formação. Como futuras profissionais, este projeto contribuiu para que pudéssemos repensar nossas práticas. Para nossa vida pessoal, o mesmo proporcionou pensar mais humanamente, nas necessidades das pessoas e de como elas precisam se sentir integradas ao mundo e os processos criados pela sociedade, pois dela fazem parte (GRUPO 1, Mala dos Mistérios, 2021).

[...] foi um aprendizado muito importante para o nosso crescimento pessoal e profissional, pois adquirimos conhecimentos necessários para podermos no futuro exercer a nossa profissão de Pedagogas mais qualificadas e interessadas em atuarmos na área da Pedagogia Hospitalar (GRUPO 2, Mala Matemática, 2021).

O educador ensina todos os tipos de educandos, em todos os tipos de ambientes e nas mais diversas situações. O objetivo é que o educando aprenda e refaça a si mesmo e ao mundo a sua volta. Portanto, o projeto abriu novos horizontes, pois o educador educa em qualquer lugar – até mesmo no hospital. Durante a jornada acadêmica, veremos o processo de educar com novos olhos. (GRUPO 3, A Mala que conta História, 2021).

Com base nessas apreensões, concluímos que a atividade extensionista “Mala Mágica”, do ponto de vista da formação do pedagogo, proporcionou ao acadêmico de Pedagogia em formação inicial vivenciar um olhar sobre a própria prática, a refletir sobre ela, a buscar alternativas à sua transformação, considerando o pedagogo como um teórico-prático, aquele que conjuga a teoria com a prática a partir da sua própria ação Hossaye (2004).

Do ponto de vista normativo, a ação extensionista, aqui em comento, atendeu, em primeiro lugar, a um direito da criança e do adolescente, direito esse regulamentado numa vasta legislação, dentre as quais, destacamos: a Lei Nº. 9394, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996); a Resolução Nº. 02, que apresenta as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001); o documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar (BRASIL, 2002); a Resolução Nº. 4, que estabelece as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, Modalidade Educação Especial (BRASIL, 2009). Mais recentemente, tivemos a promulgação da Lei Nº. 13.716/2018, que acrescentou um artigo à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), apontando que se o aluno da educação básica tiver que ser internado em virtude de tratamento de saúde, deverá continuar recebendo atendimento educacional durante o período de internação, ou seja, deverá estar matriculado numa Classe Hospitalar.

E, do ponto de vista curricular, conforme aponta Severo (2017) em pesquisa realizada nos anos de 2014 e 2015, com o objetivo de mapear a inserção da educação não escolar nos currículos dos cursos de Pedagogia, das 1.487 disciplinas curriculares dos PPCs analisados, apenas 35 dedicavam-se ao estudo da educação não escolar como objeto de formação e prática pedagógica. Na Faculdade de Educação FaE/UEMG isso não é diferente, tanto que, mais de 90% dos acadêmicos extensionistas, mesmo aqueles em períodos mais avançados do curso, ingressam no fazer extensionista com muito pouco, ou quase nenhum conhecimento sobre a pedagogia hospitalar. Denota-se a necessidade de ações extensionistas que contemplem a educação não escolar, como a que apresentamos, em todo o percurso de formação do Licenciando em Pedagogia, potencializando a compreensão da ampliação dos campos de atuação do profissional Pedagogo, cientista da educação, na sociedade contemporânea.

Considerações finais

Visando a continuidade aos processos de desenvolvimento e de aprendizagem do aluno hospitalizado, na ação extensionista apresentada, a meta foi garantir a continuidade da aprendizagem da criança ou do adolescente em tratamento oncológico, mesmo sem frequentar a escola, contribuindo assim para a continuidade do seu desenvolvimento cognitivo.

A hospitalização pode significar uma experiência difícil para o paciente e sua família,

porém, conforme indicou nosso estudo, a implantação de alguma forma de escolarização hospitalar, como a apresentada no projeto de extensão, representa um recurso potencial no desenvolvimento biopsicossocial da criança e do adolescente, colaborando na diminuição dos índices de fracasso e evasão da escola e na inclusão escolar dos alunos após a alta hospitalar.

Destacamos como contribuições almejadas com a conclusão da ação extensionista: o estímulo à criança e ao adolescente na construção do processo de significação de si para a tomada de consciência sobre a sua inserção no contexto hospitalar, a disseminação do conhecimento sobre a Pedagogia Hospitalar e a sua relevância, e nesse ponto, enfatizamos a conscientização dos pais e responsáveis pelos pacientes sobre o direito à educação, constitucionalmente garantido. Além disso, a conscientização do próprio hospital acerca da importância do atendimento pedagógico-educacional, provocando um olhar mais abrangente sobre a classe hospitalar para que possa se engajar na sua implementação, garantido o atendimento pedagógico, conforme prevê a legislação vigente. Por outro lado, a ação extensionista contribuiu fortemente para a formação do licenciando em Pedagogia, na medida em que proporcionou um espaço de exercício da função do pedagogo em um ambiente não escolar, dimensão da formação pedagógica considerada uma lacuna nos cursos de graduação em Pedagogia.

As interseções entre as potencialidades da ação extensionista e a curricularização da extensão universitária foram constatadas no contexto analisado. Uma das conexões entre a ação extensionista apresentada e o currículo do curso de pedagogia da FaE/ UEMG evidenciou-se na possibilidade de os acadêmicos poderem aproveitar a carga horária da extensão no estágio curricular obrigatório, conforme decisão colegiada da FaE/UEMG. Dessa forma, mais de 90% dos acadêmicos extensionistas realizaram o estágio curricular obrigatório no âmbito do projeto de extensão.

Ao verificarmos a proposta curricular do curso de Pedagogia da FaE/UEMG, encontramos um currículo essencialmente voltado para o espaço escolar, com o foco na preparação do docente para atuar na sala de aula da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, com pouca ênfase na atuação do pedagogo em ambientes não escolares. Dessa forma, enfatizamos o caráter relevante da ação extensionista desenvolvida no sentido de contribuir para a formação mais ampla do pedagogo.

Nesse sentido, a ação extensionista torna-se particularmente importante na ampliação da formação do pedagogo para além da docência na escola, desmistificando a polarização, que há décadas, discute a base identitária do profissional de Pedagogia, polarizando a formação desse profissional, ora exclusivamente para exercício da docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, ora na formação do pedagogo como um “cientista da educação”, reconhecendo o caráter multifacetado da Pedagogia, que não ocorre somente nos bancos escolares.

Por fim, conforme indicou Franco (2008), podemos definir a Pedagogia também enquanto uma “ciência da sociedade” que assume uma função essencialmente política e epistemológica, fundada na dialética. Nessa perspectiva, podemos dizer que a ação extensionista apresentada perpassou os eixos curriculares do curso de Pedagogia e contribuiu para a ampliação do conceito de Pedagogia, proporcionando o exercício teórico-prático da ação educativa, e, conjugando teoria e prática a partir da sua própria ação, aspectos estes que para Houssaye (2004, p.10) definem o pedagogo como “aquele que fizer surgir um plus na e pela articulação teoria/prática em educação”.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Acesso em 05/04/2022. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: março/2021.
- BRASIL. Lei nº 13.716/2018, de 25 de setembro de 2018. Altera a Lei nº 9.394, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Brasília: 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. Brasília: MEC/Seesp, 2002.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB n. 02, de 11 de setembro de 2001. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2616, de 12 de Maio de 1998. Disponível em: encurtador.com.br/pFJV5. Acesso em abril/
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 20dez. 1996.
- CECCIM, Ricardo B. Classe hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. *Pátio Revista Pedagógica*, Porto Alegre, v. 3, n. 10, p. 41-44, 1999.
- FRANCO, M.A. *Pedagogia como Ciência da Educação*. 2ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FONSECA, E.S.; CECCIM, R.B. Atendimento pedagógico-educacional hospitalar: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada. *Temas sobre Desenvolvimento*, v,7, n.42, p.24-36, 1999.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 41. ed. Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HOUSSAYE, Jean. *Pedagogia: justiça para uma causa perdida?* In: HOUSSAYE, Jean et al. *Manifesto a favor dos Pedagogos*; trad. Vanise Dresch. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (BRASIL). *Diagnóstico precoce do câncer na criança e no adolescente*. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Instituto Ronald McDonald. – 2. ed. rev. ampl., 3. reimp. – Rio de Janeiro: Inca, 2014.
- SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. A formação inicial de pedagogos para a educação em contextos não escolares: apontamentos críticos e alternativas curriculares. In: SILVESTRE, Magali Aparecida; PINTO, Umberto de Andrade. (Orgs.) *Curso de Pedagogia avanços e limites após as Diretrizes Curriculares Nacionais*. São Paulo: Cortez, 2017. cap. 5, p. 127-162.

9 O PROJETO FIC NO CAMPUS E OS DESAFIOS PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Liliana Borges (FaE/UEMG)¹

Daniela Perri Bandeira (FaE/UEMG)²

Laurici Vagner Gomes (FaE/UEMG)³

Introdução

Como desenvolver a formação continuada de docentes da educação superior? Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/1996, a formação continuada é considerada um direito de todos os profissionais que trabalham em qualquer estabelecimento de ensino, propiciando a progressão funcional baseada na titulação, qualificação, competência, além do desenvolvimento dos docentes.

Nas últimas décadas, como resultado de política pública de expansão da educação superior brasileira com o Programa Universidade para Todos (PROUNI)⁵⁶ e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)⁵⁷, os cursos superiores tiveram melhoria de infraestrutura e ampliação no acesso da população, aumentando o número de docentes, que também passaram a atuar na gestão de programas, ultrapassando as suas funções de ensino, pesquisa e extensão.

Nesse cenário, a educação superior tornou-se fértil campo de estudos e pesquisas, com inúmeros focos, dentre eles, a docência universitária e a necessidade de formação continuada para todos os docentes, independentemente do tempo de serviço na instituição. Discutia-se sobre o professor de magistério superior, seus saberes, suas metodologias de ensino, formas e critérios de ingresso para trabalho na educação superior. Também se percebia a necessidade de acompanhar os docentes que estavam ingressando por meio de concursos e processos seletivos para atuação nesse nível de ensino (FÁVERO E PAGLIARIN, 2021).

Contudo, segundo estes mesmos autores (2021, p. 324) “não há política nacional de formação continuada para docentes universitários”, o que existe é legislação que obriga as instituições federais de educação superior (IFES) a ofertar política de desenvolvimento de pessoal em nível de capacitações para técnicos-administrativos e docentes, mas não de formação continuada. Apesar da complexidade dessa profissão, a formação para a docência foi identificada como secundária nos estudos de Soares e Cunha (2010), pois a ênfase é dada à formação do pesquisador, voltada à linha de pesquisa de mestrados e doutorados (PIMENTA; ANASTASIOU, 2003).

1 Mestre em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. (liliana.borges@uemg.br)

2 Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. (daniela.bandeira@uemg.br)

3 Doutor em Filosofia. Professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. (laurici.gomes@uemg.br)

56 Programa Universidade para Todos (PROUNI), criado pela Lei n. 11.096, de 13 de janeiro de 2005.

57 Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007.

Nos últimos anos, em conturbado cenário político-econômico, observa-se o desinvestimento na área da educação com os cortes orçamentários⁵⁸, gerando interrupção de obras de infraestrutura, diminuição de financiamentos em pesquisas, menor contratação de pessoas e enfraquecimento de ações de permanência de estudantes nos cursos de graduação e de pós-graduação. São reflexos da Emenda Constitucional n. 95/2016 (BRASIL, 2016), que congelou por vinte anos os gastos em educação e saúde, entre outras áreas, condição que prejudicou o combate à pandemia gerada pelo Coronavírus, que desde 2020 já matou mais de 660 mil pessoas no Brasil.

Diante desse contexto, apesar de não haver obrigatoriedade de formação continuada para docentes da educação superior, ou mesmo uma política, ou programa formativo dessa natureza em âmbito nacional, esse capítulo apresenta uma experiência local, suas ações e desafios, diante de uma proposta de formação construída em projeto de extensão universitária.

Para começar a discutir essa questão, o primeiro desafio foi a implantação de um projeto de extensão, desenvolvido nos últimos seis anos, que nesse momento encara a normativa de adequar-se à nova exigência de inserção de atividades extensionistas no currículo de graduação. FIC no Campus é o nome desse projeto constituído na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), idealizado a princípio para oportunizar a integração entre as Unidades Acadêmicas da UEMG, especialmente aquelas que compõem o Campus BH: Faculdade de Educação; Escola de Música; Escola Guignard; Escola de Design e Faculdade de Políticas Públicas.

A sigla FIC, inspirada pelo efeito sonoro produzido pela junção das três primeiras letras, significa “Formação Inicial e Continuada”, convida a permanecer em um lugar, carrega a sua intencionalidade ao efetivamente verbalizar uma chamada para ficar no Campus, instigando a pensar em um território de encontros e também de partilhas de saberes, de produção de conhecimento e, muitas vezes, de lutas, ao remeter-se ao sentido de ocupação de um local. Incorpora-se no nome, portanto, uma das lutas de uma universidade pública que é a construção de seu campus. Assim, a provocativa abreviação – FIC – ecoa um dos principais objetivos desse projeto: seduzir as pessoas de diferentes categorias e setores da comunidade acadêmica a conviver e a esperar a instalação das cinco Unidades da capital em um mesmo terreno. Apesar de possuir uma área própria a ser construída e de existir a sua estrutura organizacional no âmbito administrativo, o Campus universitário de Belo Horizonte (CBH) é constituído por Unidades Acadêmicas em diferentes endereços na capital, condição desafiadora para o desenvolvimento das atividades em uma universidade.

Diante de uma rotina de aulas, projetos de pesquisa, de extensão, orientações de estudantes e demais atividades, conseguir estabelecer um tempo e espaço para a realização de formação continuada dos próprios trabalhadores na universidade é um terceiro desafio, que demanda um processo de construção de relações pessoais e engajamento de propostas. O projeto de extensão FIC no Campus tem trabalhado a partir dessa perspectiva.

A partir da nova demanda de inserção curricular da extensão nos cursos de graduação, o FIC no Campus tem como atual desafio agregar aos discentes experiências em diversas realidades sociais, Campus/BH a fim de formarmos sujeitos que dialoguem com suas próprias práticas e que, nesta universidade, venham se beneficiar de um processo educativo que vise a formação humana. Isto é, uma formação para além do mercado de trabalho, que instigue sujeitos atentos

⁵⁸ Homologação da Emenda Constitucional n. 95/2016 (BRASIL, 2016).

a si próprios e à coletividade, que desenvolvam uma reflexão que vincule-se a análise dos seus procedimentos que ultrapasse aqueles utilizados do ponto de vista metodológico, nos diferentes contextos e atuação.

Assim, torna-se importante reiterar: como um projeto pode contribuir para a curricularização da extensão e desenvolver a formação continuada de docentes?

O FIC no Campus possibilita aos participantes encontrarem-se uns com os outros, em um ambiente acessível e disponível para a escuta e fala, capaz de promover reflexões acerca das questões mais amplas que permeiam a sociedade atual, como também acerca da construção do saber docente, considerando suas trajetórias e carreiras, tanto na graduação, como na pós-graduação. Nesse sentido, são propostos seminários de formação, que visam proporcionar um ambiente universitário capaz de instigar a comunidade acadêmica. A participação é aberta a todas as turmas da UEMG, justamente por seu caráter educacional e formativo.

Diante desses desafios, apresenta-se a seguir ações da formação continuada realizadas no Campus BH da UEMG.

Metodologia

A comunidade acadêmica busca por um território próprio e integrador para a realização e compartilhamento de práticas, fomento da cultura e do conhecimento.

Por meio de eventos acadêmicos e artístico-culturais, são desenvolvidas as ações de extensão, cujo caráter diverso e plural busca humanizar os espaços de formação, criando uma atmosfera de acolhimento e incentivo à participação e continuidade dos estudantes em seus processos formativos, alinhando-se, assim, ao programa de ações no combate à evasão de estudantes da UEMG.

Nesse sentido, são propostas ações de formação, que concedem uma oportunidade de protagonismo à comunidade acadêmica, discutindo diversos temas, inclusive relativos à autonomia para a construção do saber docente, os quais contribuem também para a qualificação de estudos e desenvolvimento das carreiras.

Nos anos de 2016 a 2019 os seminários eram realizados nas Unidades da UEMG, com a presença de estudantes, professores, técnicos-administrativos e abertos à comunidade. Devido à pandemia de COVID-19, os encontros entre os participantes passaram a ser na plataforma Teams⁵⁹, disponibilizada pela universidade para a efetivação do teletrabalho. A situação imposta marcou a história desse projeto e gerou novos desafios ao grupo, dentre eles, o domínio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) como condição para realização dos seminários nos anos de 2020 e 2021. Nessa condição, conforme temas elencados pelo grupo para as ações, no primeiro ano foi possível realizar encontros de estudo baseados na filosofia, pautados sobre as temáticas: educação, política e estética. O objetivo foi discutir e analisar os desdobramentos políticos, estéticos e educacionais da concepção nietzschiana de corpo como fio condutor. Estudar, discutir com diferentes áreas de conhecimento e compreender a importância do corpo no processo de formação humana tem sido um desafio constante reconhecido pelo grupo como fundamental para avançar na qualidade dos estudos desenvolvidos.

A fim de ampliar o acesso e a participação dos interessados nos dois anos de isolamento social, os seminários foram transferidos da plataforma Teams para o canal do FIC no Campus, na

⁵⁹ <https://www.microsoft.com/pt-br/microsoft-teams/teams-for-home>

plataforma Youtube, permitindo assim dinamizar o caráter extensionista das ações de formação. A seguir, apresenta-se um quadro com informações que compuseram as ações realizadas em todo o período de desenvolvimento do projeto.

Tabela 1 – Descrição de Procedimentos das Ações do FIC no Campus

<i>ANO</i>	Ações	Temáticas	Unidades Acadêmicas	Interfaces entre Áreas de conhecimento
2016	<i>I Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada de professores</i>	<i>Relatos de experiências em Projetos de extensão</i>	<i>Faculdade de Educação (FAE-UEMG)</i>	Educação Física/ Licenciatura
2016	<i>II Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação</i>	<i>Saberes e diálogos com o Ensino Médio</i>	<i>FAE-UEMG</i>	Educação Física/ Pedagogia
2017	<i>III Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação</i>	<i>Formação humana entre a educação e o mundo do trabalho</i>	<i>FAE-UEMG</i>	Artes Visuais
2017	<i>IV Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação</i>	<i>Diversidade e atuação no PIBID</i>	<i>FAE-UEMG</i>	Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
2018	<i>V Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação</i>	<i>A arte e a educação em defesa da formação humana</i>	<i>Escola Guignard</i>	Educação Física/ Pedagogia/ Música// Artes Visuais
2018	<i>VI Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação</i>	<i>A arte e a educação em defesa da formação humana</i>	<i>Escola de Música - UEMG</i>	Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
2019	<i>VII Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação</i>	<i>Os 75 anos da Escola Guignard na construção dessa história</i>	<i>Escola Guignard</i>	Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Design/ Artes Visuais

2019	VIII Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita	<i>Uma trajetória pela capital mineira</i>	<i>Escola de Design</i>	Música/ Artes Visuais
2019	XIX Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita	<i>Diversidade Musical</i>	<i>Escola de Música - UEMG</i>	Música/ Artes Visuais
2019	X Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita	<i>Reflexões sobre a ação do pedagogo</i> <i>Parte I - A Arte e a Educação: diálogos necessários para a formação humana</i>	<i>FAE-UEMG</i>	Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
2019	X Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita	Parte II - FIC no Campus como uma experiência de integração entre educação, arte e inclusão	<i>FAE-UEMG</i>	Pedagogia/ Música/ Artes Visuais

2019	XI Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita	Faculdade de Políticas Públicas - Reflexões sobre formação em Políticas Públicas e Direitos Humanos	FaPP - UEMG	Música/Artes Visuais/ Políticas Públicas
2019	XII Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - Reflexões sobre o saber docente: os saberes da docência nos 30 anos da UEMG da absorção de Fundações Educacionais de Ensino à Universidade Pública e gratuita	Campus BH- UEMG: arte, conhecimento, integração e educação pública de qualidade para todos	Escola de Design/ Praça da Liberdade	Música/ Performance/ Artes Visuais/ Artes Cênicas
2019	XIII Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - Reflexões sobre o saber docente: os saberes da docência nos 30 anos da UEMG	A Pedagogia circula no Campus: tempos e espaços de formação, circulação e pertencimento	EsMu/ Escola Guignard	Música/ Performance/ Artes Visuais/ Aula pública de desenho
2019	Roda de Conversa: Formação Inicial e Continuada: diálogos entre estudantes e professores no Campus BH	21º Seminário de Pesquisa e Extensão da UEMG	Espaço Cultural ED/ Praça da Liberdade	Educação
2019	FIC no Campus: caminhos de interações e partilhas	21º Seminário de Pesquisa e Extensão da UEMG	Espaço Cultural ED/ Praça da Liberdade	Educação

Fonte: Relatórios do projeto FIC no Campus (2016 a 2019)

Tabela 2 – Descrição de Procedimentos das Ações do FIC no *Campus* 2020 e 2021

ANO	Ações	Temáticas	Plataforma	Interfaces entre Áreas de conhecimento
2020	Curso de Formação: Política e Estética	Política e Estética em tempos de pandemia	Teams	Filosofia, Política, Artes e Educação
2020	I FIC no Campus Internacional	Política e Estética em tempos de pandemia	Youtube Canal FIC no Campus	Filosofia, Política, Artes e Educação
2020	XIV Seminário FIC no Campus	Política e Estética em tempos de pandemia	Youtube Canal FIC no Campus	Filosofia, Política, Artes e Educação
2020	I Seminário Conexão UBUNTU	Experiência Estética em tempos de pandemia	Youtube Canal FIC no Campus	Filosofia, Política, Artes e Educação
2020	22º Seminário de Pesquisa e Extensão da UEMG	Pólo BH	Youtube Canal FIC no Campus	Filosofia, Política, Artes e Educação
20 20	III Seminário Diálogos sobre EAD/UEMG	Ensino Superior a Distância em Tempos de Pandemia	Teams	Educação, Sociologia, Filosofia e Artes
2021	II Seminário Conexão UBUNTU	Linguagens e Estética na Diversidade	Youtube Canal FIC no Campus	Educação, Sociologia, Filosofia e Artes
2021	IX Diálogos Extemporâneos	O que seria extemporâneo na atualidade, em especial no debate educacional contemporâneo?	Youtube Canal FIC no Campus	Educação, Sociologia, Filosofia e Artes
2021	II Seminário Conexão UBUNTU - Linguagens e Estética na Diversidade	Estética, Corpos e os dilemas da inclusão: da diversidade cultural ao multinaturalismo	Youtube Canal FIC no Campus	Tecnologias Assistivas, Letras, Artes e Educação

2021	Transmissão do III Colóquio NEPEL	A (des) construção de linguagens: desafios da formação docente na pandemia	Youtube Canal FIC no Campus	Tecnologia, Letras, Artes e Educação
2021	Transmissão do Residência Pedagógica	Encontro Marcado com Fernando Sabino	Youtube Canal FIC no Campus	Literatura
2021	III Seminário Conexão UBUNTU	Linguagens e Estética na diversidade: invenção e reinvenção	Youtube Canal FIC no Campus	Educação, Linguagens, Artes e Música
2021	XV Seminário FIC no Campus	Linguagens e Estética na diversidade	Youtube Canal FIC no Campus	Educação, Linguagens, Artes e Música
2021	II FIC no Campus Internacional	Democracia: entre vozes e silêncios	Youtube Canal FIC no Campus	Filosofia, Política e Educação
2021	23º Seminário P&E UEMG	Apresentações de trabalhos	Teams	Filosofia, Política e Educação
2021	9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária - CBEU	Apresentações de trabalhos	Youtube Canal UFMG	Filosofia, Política e Educação
2021	IV Congresso Internacional de Memória e Formação Docente Democratização da educação: como resistir e esperar em novos espaços e tempos?	Apresentações de trabalhos	Youtube Canal do evento CIMFOR	Filosofia, Política e Educação
2021	X DIÁLOGOS EXTEMPORÂNEOS	Organização e Transmissão do evento	Youtube Canal FIC no Campus	Filosofia, Política e Educação

2021	I Seminário Egbara Wa	Propostas educativas emancipadoras para o fortalecimento da democracia	Youtube Canal FIC no Campus	Educação, Cultura e Arte
2021	Escrita e Organização de Livro do projeto	A atmosfera de um campus em construção	Reuniões via Teams	Política, Educação, Cultura e Arte

Fonte: Relatórios do Projeto FIC no Campus, 2020 e 2021.

Os seminários realizados são as ações que constituem os procedimentos adotados para atingir o objetivo deste projeto de extensão de formação continuada em uma instituição de educação superior. São ações que procuram formar sujeitos, da comunidade acadêmica ou fora dela, atentos a si próprios, que desenvolvam uma reflexão que vincule-se a análise de suas práticas de maneira crítica do ponto de vista metodológico, nos diferentes contextos e atuação. Considera-se que esse universo constitui-se em um território identificado como o campus em movimento, “a atmosfera de um campus em construção⁶⁰”, reconhecendo a existência desse lugar que se reafirma nas práticas de circularidade dos sujeitos que nelas atuam.

As apresentações de trabalhos e participação em congressos e eventos acadêmico-científicos visam difundir esse processo de formação construído coletivamente com o intuito de inspirar outros grupos e instigar a criação de novos projetos em busca da formação humana.

As ações realizadas vêm criando uma atmosfera de um campus universitário, apesar do distanciamento de suas Unidades. Enquanto não há um campus físico, provoca-se a movimentação de pessoas e saberes a partir da realização de eventos acadêmicos que fomentam debates qualificados acerca de diversos assuntos, os quais possam contribuir com a formação de professores, em uma perspectiva crítica.

O desejo de atuar em um território coletivo, aberto à criação, à circulação de pessoas, saberes, culturas e, acima de tudo, acolhedor de diversidades, inspira o projeto FIC no Campus. Reafirmar a importância do espaço público, em que o estatal é compreendido como o comum, que é de direito, e que também é para todos, são premissas das ações realizadas. Além disso, os participantes usufruem de momentos de encontro, propostos para criar um ambiente acessível e disponível para a escuta e fala, capaz de promover reflexões sobre as suas trajetórias e situar o papel sócio-histórico-cultural de sua formação.

A universidade, a extensão e o projeto FIC no Campus

De acordo com Torres e Almeida (2013, p. 19), relacionar a formação do docente da educação superior com o seu desenvolvimento profissional significa:

⁶⁰ “A atmosfera de um campus em construção: educação, política e estética” é o título do livro que está em processo de publicação e que tem como autores os professores e estudantes participantes do projeto de extensão FIC no Campus.

[...] reconstruir os significados da sua ação profissional, investir na profissão docente e nos seus saberes, estabelecer uma formação relacionada aos vários momentos da trajetória e da carreira profissional, possibilitar a criação de espaços e de lugares de debate para a construção da identidade do professor, no plano individual e coletivo, investir na dimensão coletiva a fim de evitar o isolamento dos professores e estimulá-los a compreender a docência como um compromisso político e, por fim, debater as perspectivas de formação como processo sistemático com acompanhamento, envolvendo os professores desde o planejamento até a discussão pública de seus resultados, superando o entrave das descontinuidades administrativas. (TORRES e ALMEIDA, 2013, p.19)

Entende-se como fundamental a autonomia e a consciência crítica no ambiente universitário. Nesse sentido, provocar debates e momentos de reflexão junto aos professores, técnico-administrativos e estudantes sobre diversas questões pertinentes ao conhecimento e à formação humana, as necessidades profissionais e institucionais em diálogo com as realidades e seus contextos, são alguns dos desafios apresentados em um mundo cada vez mais complexo.

A necessidade de formação continuada se impõe na medida em que demanda um processo organizado e sistemático de envolvimento de docentes com a instituição, uma relação de pertencimento e interesse mútuo, sendo importante estar vinculada a uma estratégia de desenvolvimento profissional, de aspiração individual e ao mesmo tempo coletiva, em busca da identidade de seus saberes e de sentidos e significados do trabalho na universidade, ambiente desafiador de produção de conhecimentos e de enfrentamento de desafios que extrapolam o âmbito científico, pedagógico, curricular, disciplinar, entre outros.

Diante de uma rotina de aulas, projetos de pesquisa, de extensão, orientações de estudantes e demais atividades, conseguir estabelecer um tempo e espaço para a realização de formação continuada dos próprios trabalhadores na universidade é um desafio. Demanda um processo de construção de relações pessoais e engajamento de propostas. O projeto de extensão FIC no Campus tem trabalhado a partir dessa perspectiva.

A partir da Resolução N° 7/2018, que institui a inserção curricular da extensão nos cursos de graduação, o desafio para esse projeto é incluir de maneira sistematizada a participação efetiva de estudantes nas ações do FIC no Campus.

O exercício construído na medida em que o projeto se desenvolve vem possibilitando o diálogo entre diversas áreas de conhecimento, especialmente a filosofia, a música, a educação e a arte. A separação entre algumas áreas constitui, a grosso modo, em um processo forjado notadamente desde a modernidade ao imprimir a fragmentação e automatização do trabalho em busca de maior produtividade. De certa maneira, nas universidades esses procedimentos foram incorporados à estrutura organizacional e curricular, determinando um tipo de formação ligeira e direcionada ao mundo do trabalho, ignorando outros sentidos para a vida escolhidos por cada um. Essa composição se constitui em um dos maiores desafios das universidades na atualidade, em que modelos gerencialistas, empresariais, cada vez mais ocupam a administração, retirando ainda mais a autonomia dessas instituições já muito enfraquecidas.

Nesse cenário, questionamos: como um projeto como o FIC no Campus pode se adequar às exigências de inserção de atividades extensionistas no currículo de graduação? Essa questão se torna ainda mais aguda na medida em que esse projeto extensionista tem como uma de suas principais características o desenvolvimento de uma cultura do estudo, o que tensiona muitas vezes com os aspectos organizacionais e curriculares das próprias instituições de nível superior. Jorge Larrosa em *P de Professor* (com Karen Rechia), fala sobre as características do estudo:

[...] o ser sempre presente; sem estar orientado para uma finalidade exterior; o estar mais do lado da receptividade do que o da atividade; o caráter solitário; certa separação de mundo, de suas ansiedades e utilidades; o acontecer numa temporalidade sem fim nem finalidade, num tempo que não conta e não se conta; o acontecer num espaço textual potencialmente infinito e indefinido, cheio de desvios e ramificações; as qualidades de atenção e concentração; a relação com a melancolia; a relação com o silêncio e a escuta”.(LARROSA; RECHIA, 2018, p. 155)

Enquanto o aluno se configura como uma categoria administrativa, ligada à titulação, à habilitação profissional, o estudante possui uma categoria mais existencial. A palavra latina *studium* se refere ao gosto, ao zelo, ao prazer-se, ao desejar. Segundo Larrosa, o ofício de professor estaria mais vinculado ao estudo do que a pesquisa, que atualmente na universidade mercantilizada se encontra orientada para a produção. Nesse sentido, aquele que procura ser um professor, educador, pedagogo, necessita ser estudante por algum tempo. Outro aspecto que caracteriza o estudo é sua distinção em relação à aprendizagem. Como diz mais uma vez Larrosa

Diferentemente da aprendizagem, ou da pesquisa, o estudo não é produtivo. O estudo requer, também, atenção, humildade, repetição, paciência, certa obediência inclusive, um certo deixar-se mandar pela matéria mesma de estudo. Um dos verbos que melhor corresponde ao estudo é “entregar-se”: o estudante se entrega ao estudo. A aprendizagem termina (de fato os jargões pedagógicos contemporâneos falam de “resultados de aprendizagem” ou de “competências adquiridas”), mas o estudo nunca se encerra. Ou, se quiser, o estudo suspende sempre qualquer conclusão, ou pelo menos a considera sempre como provisória. Ser um estudioso (um professor estudioso) não é ser um pesquisador, nem ser um autor. O que legitima a um professor enquanto professor (aquilo que o faz professor) não é sua produtividade na pesquisa, nem sua autoria, mas seu estudo.” (LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen, 2018, p. 161).

O estudo não é produtivo, não chega a um fim, é marcado pelo desejo que sempre abole as conclusões, o que faz com que o estudo se transforme em um modo de vida. Como diz Agamben, em uma sociedade utilitarista como a nossa, a vida estudantil é, para muitos, uma das poucas ocasiões para se experimentar uma vida que se subtrai aos fins utilitários. Não existe uma profissão

que corresponda ao estudo.

Aqui é preciso inverter o lugar comum segundo o qual todas as atividades humanas são definidas por sua utilidade. Por força desse princípio, as coisas evidentemente mais supérfluas são hoje inscritas num paradigma utilitário, recodificando como necessidades atividades humanas que sempre foram feitas apenas por puro prazer. Deveria ser claro, de fato, que numa sociedade dominada pela utilidade justamente as coisas inúteis se tornam um bem a salvar. A essa categoria pertence o estudo (AGAMBEN, 2017) ⁶¹.

No entanto, como avalia o filósofo italiano, procura se esconder a mais de um século o crescimento da miséria econômica e espiritual da condição estudantil. Em seu artigo Réquiem para os estudantes, publicado em 23 de Maio de 2020⁶², em meio à pandemia, Giorgio Agamben discute o fim do estudantado enquanto modo de vida. A forma de vida estudantil se encontra para além do ensino, da sala de aula, ela está ligada aos encontros, às amizades, aos grupos que se formam em torno de interesses culturais e políticos em comum. Segundo Agamben, uma universidade que se deixa corromper pela “ignorância especializada”, não pode se lamentar do empobrecimento das formas de vida dos estudantes.

O projeto de extensão FIC no Campus ao longo dos seis anos de sua realização teve como um de seus traços mais marcantes o desenvolvimento de uma cultura do estudo. Os seminários, os minicursos, enfim, as atividades que marcaram o projeto tiveram como uma das características centrais o estabelecimento de vínculos, o desenvolvimento de trabalhos que se distinguem da lógica vigente da produção acadêmica, a preocupação com uma formação que tem como ponto de partida o desejo, o gosto, e não o utilitarismo, a profusão de práticas que possibilitam ir além das especializações, gerando novas relações entre os saberes e os modos de vida. No entanto, essa característica do projeto faz com que sua adequação às formas de organização hegemônicas da universidade contemporânea seja sempre envolvida por tensões, como o que ocorre atualmente com a exigência da inserção de atividades extensionistas no currículo da graduação.

Considerações Finais

A formação continuada de docentes da educação superior é o principal desafio do Projeto de extensão FIC no Campus. Diante da ausência de um campus físico, a proposta de realizar encontros de formação e de interação das Unidades Acadêmicas em Belo Horizonte vem fortalecendo o debate e as lutas em torno dessa necessidade. A permanência das ações e diálogos entre as Unidades vem possibilitando a construção de um campus que a comunidade acadêmica anseia.

O regime de teletrabalho durante a pandemia impôs à equipe do projeto o desafio de

61Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/567718-estudantes-por-giorgio-agamben>. Acesso em: 19 de Abril de 2022.

62 Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599292-requiem-para-os-estudantes-artigo-de-giorgio-agamben>. Acesso em: 19 de Abril de 2022.

dominar as ferramentas digitais disponíveis para conseguir realizar o trabalho. O intenso processo de aprendizagem e superação de dificuldades em operar os dispositivos proporcionou, concomitantemente, a aproximação e sentimento de solidariedade no grupo. Apesar das limitações colocadas, as ações do projeto foram exitosas e ampliadas, proporcionando um ambiente de encontro favorável a construção de parcerias e de trabalho coletivo.

Diante do desafio da curricularização da extensão, o FIC no Campus propõe um olhar atento à necessidade de criar uma “tradição de estudos”, isto é, de devolver aos professores, técnico-administrativos e estudantes da UEMG o tempo necessário para se pensar além dos textos propostos nas disciplinas e nas atividades cotidianas. Romper com a visão de formação utilitária limitada à aplicação ou execução de uma função é uma premissa desse projeto em busca de transformação social. Aprender para viver plenamente, conscientizar para enfrentar as tensões e contradições.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Estudantes. Instituto Humanitas UNISINOS, 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/567718-estudantes-por-giorgio-agamben>. Acesso em: 19 de Abril de 2022.

----- Réquiem para os estudantes. Instituto Humanitas UNISINOS, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599292-requiem-para-os-estudantes-artigo-de-giorgio-agamben>. Acesso em: 19 de Abril de 2022.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. MEC. Brasília, 1996.

BRASIL. MEC/CNE/CES. Resolução nº7 de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências.

DUTRA, Norivan; BRISOLLA, Lívia. Impactos e rupturas na educação superior brasileira após a Emenda Constitucional 95/2016: o caso dos institutos federais. FINEDUCA – Revista de Financiamento da Educação, v. 10, n. 7, p. 1-17, 2020.

FÁVERO, Altair Alberto; PAGLIARIN, Lidiane Limana Puiati. A formação continuada de professores da Educação Superior: um estudo das legislações nacionais. Revista Práxis Educacional v.17, n.44, p. 324-343, jan./mar. | 2021

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. P de professor. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

PIMENTA, Selma; ANASTASIOU, Lea. Docência no Ensino Superior. São Paulo: Cortez, 2003.

SOARES, Sandra; CUNHA, Maria Isabel. Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade. Salvador: EDUFBA, 2010.

TORRES, Alda; ALMEIDA, Maria. Formação de professores e suas relações com a pedagogia para a educação superior. Formação docente, Belo Horizonte, v. 05, n. 09, p. 11-22, 2013.

10 A RELAÇÃO EDUCATIVA E DE AJUDA EM CONTEXTOS EXTRAESCOLARES: PERPASSANDO FRONTEIRAS ENTRE EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA, INTERNACIONALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM SOLIDÁRIA

Nicola Andrian (UNEB)¹

Edmerson dos Santos Reis (UNEB)²

Introdução

“A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.” (Paulo Freire)

O presente artigo objetiva compartilhar a experiência, que por muitos aspectos pode ser pensada e avaliada como um desafio de um curso e de um projeto de extensão propostos pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos PPGESA, do Departamento de Ciências Humanas - DCH, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, que se realizam, um em meio ao outro, com as atividades de um projeto de pesquisa e intercâmbio entre o Brasil e a Itália (do Plano Nacional de Pós-Doutorado PNPd/CAPES). As duas ações, também, integram o projeto de extensão - Reflexão dos Referenciais da Educação Contextualizada, do grupo de pesquisa Educação Contextualizada, Cultura e Território - EDUCERE do DCH III, UNEB, em Juazeiro - BA.

A UNEB, como universidade pública, popular e que se declara inclusiva, assume desde sempre o desafio de trabalhar a extensão como uma das três colunas do tripé sobre o qual se assenta, juntamente com o ensino e a pesquisa, reafirmando:

[...] o compromisso e a responsabilidade social com sua atuação junto a agentes sociais, entre eles profissionais de educação, com destaque para as classes excluídas historicamente e minoritárias, a exemplo dos assentados, acampados, indígenas, detentos, quilombolas, mulheres, crianças e

1 Bolsista do Programa Nacional Pós-doutorado (PNPD), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculado ao Programa de Pós-graduação stricto sensu – Mestrado Multidisciplinar em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), Departamento de Ciências Humanas (DCH), Campus III da UNEB em Juazeiro-BA. Docente do curso de extensão - Relações interpessoais e dinâmicas de grupo, coordenador do Grupo permanente de internacionalização acadêmica DCH III / UNEB e coordenador do programa de pesquisa e intercâmbio Intereurisland. E-mail: nandrian@uneb.br

2 Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas – Campus III da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Pedagogo, Mestre em Educação, Especialista em Desenvolvimento Local, Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Membro da Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro – RESAB e do Fórum Nacional de Educação do Campo - FONEC. Professor do Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA. Líder do Grupo de Pesquisa Educação Contextualizada, Cultura e Território – EDUCERE. Email: edmerson.uneb@gmail.com

adolescentes em situação de risco. [...] tendo como base o princípio da construção coletiva de saberes voltados para as demandas sociais emergentes. (UNEB, 2021)

Mas quando, ao pensar a formação de cidadãos que vivem, estudam e atuam no próprio contexto (o local) e, de forma crítica e construtiva, abrem mentes e corações ao mundo, uma ação extensionista prevê a contínua interação entre as dimensões da internacionalização e do diálogo intercultural, da responsabilidade social da universidade e da educação contextualizada, os desafios se multiplicam, pois aqui se busca um extrapolar do currículo e das relações universidade - sociedade - universidade. Esse é um diálogo necessário e permanente, se a intenção é fazer com que a universidade esteja cada vez mais vinculada aos desafios vivenciados pela sociedade, refletindo sobre:

[...] a aproximação entre a Educação Contextualizada e a Educação Glocal, com vistas a atender às necessidades de construção de um processo formativo das atuais gerações, por meio da educação, contribuindo assim com a possibilidade do sujeito sentir-se pertencente ao seu mundo, ao seu contexto de vida, sem perder de vista a perspectiva da mundialização em que vivemos e a condição de uma formação que desperte nesse sujeito o sentimento e a atuação em favor de uma cidadania planetária. (REIS, 2020, p.57)

Exemplo disso é o curso de extensão em questão - Relações interpessoais e dinâmicas de grupo, cujo cartaz apresentamos abaixo.

Figura 1: Cartaz de apresentação do curso



Fonte: Arquivo secretaria PPGESA

Perpassando fronteiras

O curso em questão, que propõe e contempla um projeto específico de extensão, nasce e se desenvolve como uma das atividades do projeto de pesquisa e intercâmbio - Do Local ao Global. A educação contextualizada e o diálogo intercultural na proposta de internacionalização da extensão Intereurisland no PPGESA (ANDRIAN, 2020), vinculado ao PPGESA e ao acordo bilateral entre a UNEB e a Universidade de Padova - UNIPD, da Itália. Uma atividade cujo principal desafio é o de proporcionar um contexto formativo de excelência para discentes, técnicos e docentes do PPGESA e do DCH III (cursos de graduação em pedagogia e em jornalismo), intercambistas da UNIPD e pessoas da comunidade. Um curso de extensão como o eixo central, por meio do qual são vividas e atravessadas/perpassadas as fronteiras entre diferentes países, entre o local e o global, entre universidade e comunidade, prática e teoria, aprendizagem e serviço solidário.

Figura 2: as dimensões do projeto Intereurisland



Andrian (2020, p.84).

Dentro deste amplo quadro e de acordo com as indicações do ponto III, art.11 do capítulo III - Da caracterização das ações de extensão, do anexo único da resolução CONSEPE nº 2.018/2019, regulamento das ações de curricularização da extensão nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UNEB (UNEB, 2018), a disciplina - Relações interpessoais e dinâmicas de grupo, se apresenta como disciplina de extensão proposta pelo PPGESA e vinculada ao Núcleo de Pesquisa e Extensão - NUPE, do DCH III, UNEB, tendo uma carga horária completa de 45 horas, sendo que 30 horas são teóricas e 15 horas são práticas. A parte prática, realiza-se através do projeto de extensão - A relação educativa e de ajuda em contextos extraescolares, desenvolvido através da proposta pedagógico-metodológica da Aprendizagem Solidária (Service Learning na língua inglesa e Aprendizaje y Servicio na língua espanhola). Um projeto que se realiza em colaboração com instituições públicas e privadas, das comunidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, que oferecem serviços a pessoas em condições de risco e vulnerabilidade social e/ou conflito com a lei (mulheres em condição de

prostituição, crianças vítimas de violências, abusos e maus-tratos, pessoas excepcionais, idosos abandonados, sujeitos em situação de intenso sofrimento psíquico, incluindo problemas decorrentes do uso abusivo de substâncias psicoativas, adolescentes em conflito com a lei).

A disciplina e o projeto de extensão - o coração da proposta

“Foi uma experiência atípica, não normal. Um confronto contínuo, com uma mentalidade curiosa, interessada, crítica. Ao longo do curso, compreendi de fato o que é a aprendizagem solidária⁶³.”

Na região metropolitana de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, as dimensões das relações interpessoais, como componentes prioritárias da chamada ‘relação educativa’, ainda encontram pouco espaço nos percursos de formação acadêmica, formação continuada e/ou treinamento de profissionais que atuam tanto em contextos escolares, de educação formal (professoras/res, coordenadoras/es pedagógicas/os etc.), como em contextos extraescolares, de educação não formal ou informal, onde o cuidado e a atenção, a educação e/ou reeducação, a socialização e/ou ressocialização do indivíduo são de fundamental importância (educadoras/es sociais, pedagogas/os, etc.). Ao refletir sobre a educação não formal no Brasil, para Rodrigues de Moraes von Simson, Brandini Park e Siero Fernandes (2007, p.23), “É importante que a proposta de educação não-formal funcione como espaço e prática de vivência social, que estabeleça laços de afetividade entre os participantes.” e, mesmo que essa proposta seja cada vez mais reconhecida, “[...] a formação dos educadores que trabalham com o ensino não-formal é um aspecto decisivo para que eles possam atuar. Essa formação nem sempre é exigida, apesar de necessária.” (Idem, p.27).

Assim, em meio a existência de diferentes linhas de pesquisa e atuação, tanto em outras regiões do Brasil como no mundo inteiro, que relatam a suma importância destas abordagens tão necessárias na formação de profissionais que atuam em contextos educativos escolares e/ou extraescolares, se justifica a proposição da disciplina em questão. Um curso que pretende proporcionar momentos de estudo, prática e reflexão sobre a prática a respeito das noções de dinâmicas grupais, dos conceitos e das técnicas básicas da comunicação assertiva e não violenta, da escuta ativa e da relação educativa.

A fundamentação teórica da disciplina baseia-se principalmente:

- Na Pragmática da Comunicação Humana, com o Paul Watzlawick e os demais colegas da Escola de Palo Alto, na Califórnia, que abrem o caminho para uma reflexão a respeito dos efeitos pragmáticos da comunicação humana sobre o comportamento e a respeito do fato que a essência da comunicação reside nos processos relacionais e interrelacionais (Watzlawick, 1971);

- Na Assertividade, definida pelos dois psicólogos Robert Alberti e Michael Emmons (1978) como a conduta que permite que uma pessoa aja de acordo com seus interesses mais importantes, consiga defender-se sem ansiedade, expressar comodamente sentimentos honestos ou exercer os direitos pessoais sem negar os direitos dos outros. A capacidade de autoafirmar-se sem adotar estilos comunicativos agressivos ou passivos e no pleno respeito do interlocutor;

- Na relação educativa e de ajuda que, para Carl Rogers (Fontgalland, R. C.; Moreira, V., 2012) se dá na forma de uma relação na qual uma pessoa se compromete a facilitar o crescimento

63 Avaliação final da disciplina do semestre 2021.2. Fonte: material da pesquisa.

e a maturidade do outro que não está configurado como um sujeito a ser manipulado, mas como uma pessoa capaz de auto-afirmação e auto-realização. Segundo o autor, a relação de ajuda é baseada em três condições fundamentais: a congruência, a consideração positiva incondicional e a empatia. A congruência: é a consciência do terapeuta e do educador de seus sentimentos e experiências, tais como surgem em relação ao educando, sem tentativas de negá-los ou distorcê-los. A consideração positiva incondicional: é baseada no respeito pela pessoa reconhecida como um ser único e original, em sua totalidade, com defeitos e qualidade, sem críticas ou julgamentos. A empatia: é a dimensão que mais especificamente deve conotar um relacionamento genuíno de ajuda/educação, indicando a capacidade de se colocar no lugar do outro, de perceber com sinceridade e respeitar o mundo interior, o conteúdo emocional e cognitivo do outro.

- Na Comunicação Não Violenta (CNV), também conhecida como comunicação compassiva, que, segundo as palavras do seu próprio criador, é “uma abordagem específica de comunicação – falar e ouvir – que nos leva a nos entregarmos de coração, ligando-nos a nós mesmo e aos outros de maneira tal que permite que nossa compaixão natural floresça.” (Marshall, 2006, p. 21).

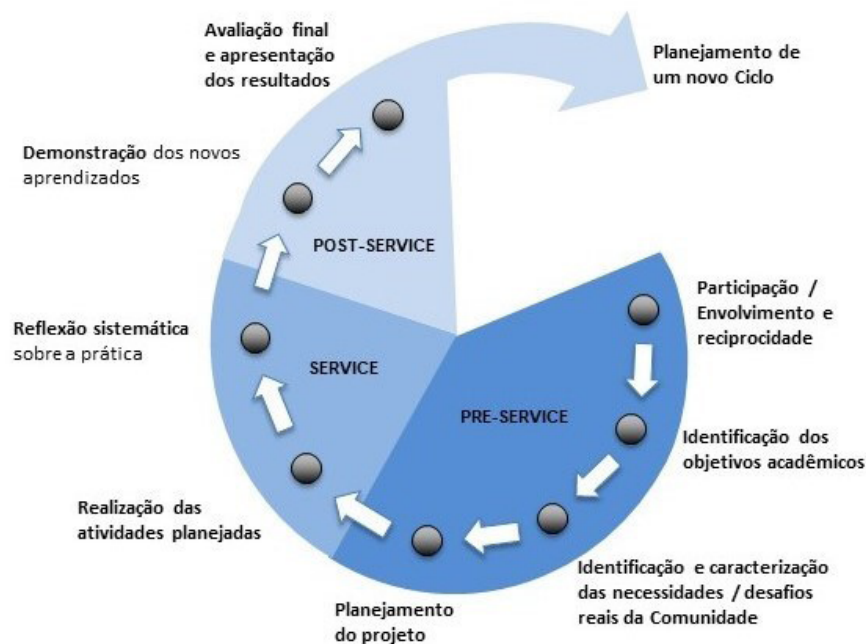
- Na construção coletiva e democrática do saber e no significado e valor pedagógico, social e político das relações interpessoais. Como pode-se pensar que fundamentos teóricos desenvolvidos e aprimorados em outras épocas e em outros países tenham relevância no contexto específico da região metropolitana de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, no que diz respeito, no caso específico desta proposta, das relações interpessoais em contextos de risco e vulnerabilidade social? Talvez seja este o maior desafio da disciplina em questão e a resposta seja exatamente a extensão, que, segundo uma das diretrizes descritas pela Resolução nº 7, de 2018, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, propõe “[...] a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade, por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social.” (Ministério da Educação - CNE/CES, 2018, p.2).

O pedagogo e filósofo brasileiro Paulo Freire, ao afirmar que “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatisados pelo mundo.” (1978, p.79), nos estimula constantemente a uma visão crítica da educação, abrindo novos horizontes ao vínculo entre sujeitos, comunidades, contextos locais e mundo e no que diz respeito da transformação do ambiente no qual se vive, em uma constante relação entre teoria e prática: “Os homens são seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É a transformação do mundo” (Idem, p.121).

Nesse ímpeto, a disciplina propõe uma parte teórica, vivenciada em sala de aula sempre de forma dinâmica e interativa e uma parte prática, vivenciada no campo por meio de um projeto específico cujo título é: A relação educativa e de ajuda em contextos extraescolares. O ‘Coração’ de toda a proposta do projeto de pesquisa e intercâmbio Intereurisland, que nasce e cresce graças ao encontro e à fecundação mútua entre a educação contextualizada, a internacionalização e o diálogo intercultural e a responsabilidade social da universidade com sua comunidade.

O projeto se desenvolve de acordo com a proposta metodológico - pedagógica da Aprendizagem Solidária, seguindo as três características programáticas indicadas por Nieves Tapia (2006), tais quais o serviço solidário, o protagonismo dos estudantes e a articulação curricular, e o ciclo apresentado pelo National Youth Leadership Council - NYLC (2005), como mostrado na figura a seguir.

Figura 3: O ciclo da Aprendizagem Solidária



Fonte: Elaboração do autor do 'The Service Learning Cycle - NYLC (2005)

A interseção entre o ensino (o curso em questão), a pesquisa (o projeto PNPd CAPES) e a extensão (o projeto específico acima citado) e a contínua alternância entre teoria e prática, universidade e comunidade, aprendizado (vinculado ao currículo) e serviço social na (e com a) comunidade, possibilitam, de fato, “autonomia e protagonismo para que [os discentes] experimentem uma formação acadêmica integral, interdisciplinar e indissociável entre ensino, pesquisa e extensão.” (UNEB, 2019, p.2). Uma questão norteadora, esta última, que remete a mais uma das diretrizes descritas pela Resolução nº 7, de 2018, que sublinha a importância da articulação entre o ensino, a extensão e a pesquisa, ancorada em um processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico. Como nos faz refletir Freire (1985, p.36):

O melhor aluno de filosofia não é o que dissera, *t ipsius verbis*, sobre a filosofia da mudança em Heraclito; sobre o problema do Ser em Parmênides; sobre o “mundo das idéias” em Platão; sobre a metafísica em Aristóteles; ou mais modernamente, sobre a “dúvida” cartesiana; a “coisa em si” em Kant; sobre a do Senhor e do Escravo em Hegel; a alienação em Hegel e em Marx; a “intencionalidade da consciência” em Husserl. O melhor aluno de Filosofia é o que pensa criticamente sobre todo este pensar e corre o risco de pensar também. Quanto mais é simples e dócil receptor dos conteúdos com os quais, em nome do saber, é “enchido” por seus professores, tanto menos pode pensar e apenas repete.

O viver e experienciar diretamente este processo pedagógico interdisciplinar, permitem

aos discentes e ao docente superarem um modelo de educação ou formação fundado em um pensamento simplificante, alcançando uma complexidade que presta conta “[...] das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento”, tendendo a um conhecimento multidimensional, como nos sugere Morin (2003, p.176-177).

Ao adentrar nestas diferentes dimensões, nota-se mais um aspecto altamente relevante e desafiador da experiência aqui apresentada, que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, através do qual a universidade, também, ‘aprende’, na relação mútua e no diálogo com a comunidade.

No ano de 2017, o primeiro ano de implementação do projeto de pesquisa e intercâmbio Intereurisland no DCH III, UNEB, através do curso de extensão foram realizadas duas experiências-piloto chamadas ‘Seminários didáticos interativos’, cujo principal objetivo foi o de aproximar ainda mais a universidade à comunidade. Dois verdadeiros laboratórios sobre as dinâmicas de grupo e a relação educativa, realizados na universidade e na comunidade com a participação das(os) discentes da disciplina, incluindo as intercambistas italianas, educadoras(es) sociais e pessoas acolhidas pelas instituições da comunidade, onde as intercambistas estavam desenvolvendo o próprio estágio (ANDRIAN, 2018). A figura a seguir retrata um momento do seminário desenvolvido em uma sala de aula do prédio do Curso de Pedagogia, do DCH III, com a participação de adolescentes em conflito com a lei, acolhidos por uma Organização Não Governamental - ONG, da cidade de Juazeiro-BA.

Figura 4: Dinâmica sobre relações interpessoais, DCH III, UNEB.



Fonte: arquivo fotográfico do projeto de pesquisa Intereurisland

No ano de 2019 (semestre 2019.2), a disciplina apresentou uma especificidade única no que diz a respeito da participação das(os) discentes. A turma se constitui por estudantes dos cursos de graduação em pedagogia e jornalismo, do DCH III, intercambistas italianas(os) da UNIPD, pessoas da comunidade, entre as quais as profissionais que compunham a equipe psicossocial da ONG

que oferece acolhimento e serviços à adolescentes em conflito com a lei na cidade de Juazeiro-BA. ONG na qual, por mais uma temporada, uma das intercambistas italianas e uma estudante do curso de pedagogia do DCH III, UNEB, desenvolveram a parte prática da disciplina.

A riqueza da troca de experiências e de saberes, as reflexões contínuas entre a teoria apresentada na sala de aula e a prática vivenciada no dia a dia de relacionamento com os adolescentes em conflito com a lei (tanto pelas profissionais da ONG como pelas estudantes italiana e brasileira) e o olhar de sujeitos em formação de diferentes países, permitiram alcançar um desenvolvimento de excelência (tanto pelas/os discentes como pelo professor) dos quatro aprendizados, reconhecidos pela UNESCO (Delors, 2003) como os quatro pilares da educação: I) aprender a conhecer; II) aprender a fazer; III) aprender a conviver e IV) aprender a ser. “Nunca tinha vivenciado um nível tão profundo de reflexão sobre a teoria e a prática, de desconstrução e reconstrução de conhecimentos e saberes de forma coletiva, democrática e interativa, como aconteceu ao longo deste curso.”⁶⁴

O olhar avaliativo dos participantes nas atividades

Por se tratar de uma atividade cujo modo de acontecer se faz baseado nos princípios da dialogicidade e da aprendizagem coletiva e solidária dos participantes, acredita-se que, entre as demais reflexões que podem ser feitas, a fala das(os) discentes e do docente do curso encontra o seu lugar privilegiado no que diz a respeito da avaliação das experiências vivenciadas, não podendo deixar de trazer neste momento alguns dos aspectos avaliados por esses, como traçamos logo a seguir.

As avaliações das(os) discentes da disciplina, desde o primeiro ano de realização da mesma, em uma escala de avaliação Likert com 5 pontos, sempre foram entre ótimo e excelente (respectivamente pontos 4 e 5 da escala). No específico, a respeito da avaliação da última turma (semestre 2021.2), a seguir a nuvem de palavras (plataforma Mentimeter) que apresenta as respostas à questão “3 palavras para descrever o que essa disciplina significou para você”⁶⁵, como parte integrante da avaliação final da disciplina, realizada no último dia de aula.

Figura 4: Nuvem de palavras do questionário final - Mentimeter

3 palavras para descrever o que essa disciplina significou para Você

Mentimeter



Fonte: Material de avaliação final da disciplina, semestre 2021.2

64 Trecho do relato do docente do curso de Relações interpessoais e dinâmicas de grupo, 2019.2 - grupo focal de avaliação final da disciplina, realizado no último dia de aula.

65 Parte integrante do breve questionário de avaliação final online - plataforma Mentimeter.

A respeito do grupo focal de avaliação final da disciplina (sempre do semestre 2021.2), realizado no último dia de aula, a seguir alguns trechos dos depoimentos das(os) discentes: “A disciplina foi mais desafiadora do que pensava. Me ajudou a entender o quanto eu devo crescer [...]”; “Essa disciplina despertou em mim muitas perguntas. Ao acabar as aulas eu ficava pensando, refletindo.” Foi uma experiência atípica, não normal. Um confronto contínuo, com uma mentalidade curiosa, interessada, crítica. Ao longo do curso, compreendi de fato o que é a aprendizagem solidária.”⁶⁶

Considerações finais

À guisa de conclusão deste trabalho, destacamos que a experiência com este projeto e cursos, que toma o seu sentido e significado na vida das pessoas e comunidades participantes, por meio da extensão, é algo que nos permite afirmar que a curricularização da extensão só se fará real quando a universidade e todos os seus segmentos e pares compreenderem que a razão da construção do conhecimento novo, e o ponto de partida para tal é a realidade desafiante dos contextos nos quais esses se encontram inseridos. Sem isso, não há contextualização, não há currículo implicado com o mundo e seus desafios, não cumprimento da promessa de uma universidade que deve existir a favor do combate às assimetrias regionais, buscando soluções aos problemas que afligem os setores sociais, econômicos, culturais, entre outros e à favor da promoção do Bem viver como modo de vida inclusivo e solidário.

O grande desafio de uma universidade que aprende, vivenciado neste específico caso na pessoa do docente da disciplina em questão, e que encontra terreno fértil na extensão e nos processos de curricularização da mesma, precisa, em muitos casos, de uma lado de uma mudança de paradigma a respeito da relação entre a universidade e a comunidade em diversos níveis institucionais (a partir dos órgãos diretivos) e, do outro lado, de recursos humanos, econômicos e de tempo (carga horária específica), pois sem a conexão com a realidade dos contextos as universidades se perdem no cumprimento do seu papel.

Que possamos a cada dia, enquanto sujeitos que estão na universidade, mas não isolados do mundo, nos desafiarmos a propor projetos e proposições diversas, sempre inovadoras e que funcionem como pontes que unam internamente e externamente o seu tripé (Ensino, Pesquisa e Extensão), mas que mantenham sempre um vínculo de inspiração e retorno às comunidades, grupos específicos com os quais buscou a sua inspiração, pois o conhecimento só cumpre o seu papel se retorna de maneira apropriada, não colonizadora e com uma perspectiva de concertação coletiva dos desafios que nos instigaram a pensar e envidar esforços para buscar soluções.

Que a universidade possa assumir ainda mais a sua identificação com a sociedade, o seu sentido de ser pública e popular. É desta perspectiva que enquanto UNEB, Grupo de Pesquisa e projeto temos trilhado as nossas práticas.

Referências

ALBERTI, R. & EMMONS, M. Your perfect right: A guide to assertive behavior (3rd ed.). San Luis, Obispo, 1978.

66 Trechos de relatos das(os) discentes - Grupo focal de avaliação final da disciplina, turma 2021.2, realizado no último dia de aula.

ANDRIAN, N. Do Local ao Global. A educação contextualizada e o diálogo intercultural na proposta de internacionalização da extensão INTEREURISLAND no PPGESA. Em I Colóquio Brasil Itália, Juazeiro-BA, Revista ComSertões, vol.8 n.1, janeiro-junho 2020, pp. 66 - 88.

ANDRIAN, N. Laboratórios e seminários didáticos interativos - Coração da proposta Intereuriland. Em Intereuriland, 2018, disponível ao link: <http://intereuriland.blogspot.com/2018/09/laboratorios-e-seminarios-didaticos.html>

DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. 2ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

FONTGALLAND, R. C.; MOREIRA, V. Da empatia à compreensão empática: evolução do conceito no pensamento de Carl Rogers. Belo Horizonte: Memorandum, UFMG; Ribeirão Preto, 2012.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICAS BRASILEIRAS - FORPROEX (2012) Política Nacional De Extensão Universitária. Manaus, Brasil: disponível ao link: <http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. A Pedagogia do Oprimido, 17 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

NATIONAL YOUTH LEADERSHIP COUNCIL The Service Learning Cycle. Saint Paul MN, 2005, disponível ao link: www.nylc.org.

NIEVES TAPIA, M. Educazione e solidarietà. La pedagogia dell'apprendimento servizio. Roma, Città Nuova, 2006.

MARSHALL, B. R. Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo, Editora Ágora, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018, Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, 2018.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad.: Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2003.

REIS, E. S., EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E EDUCAÇÃO GLOCAL: PERTENCIMENTO NA MUNDIALIZAÇÃO OU FORMAÇÃO PARA UMA CIDADANIA PLANETÁRIA. Em I Colóquio Brasil Itália. Juazeiro-BA, Revista ComSertões, vol.8 n.1, janeiro-junho 2020, pp. 55 - 65.

RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON, O. BRANDINI PARK, M. & SIEIRO FERNANDES, R. Educação não-formal: um conceito em movimento. Em Visões singulares, conversas plurais, São Paulo, Rumos Itaú Cultural, 2007, pp. 13 - 42.

UNEB, ANEXO ÚNICO DA RESOLUÇÃO CONSEPE Nº 2.018/2019 Regulamento das ações de Curricularização da Extensão nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UNEB, Salvador-BA, 2019.

UNEB, PROEX. Pró-Reitoria de Extensão, 2021?, disponível ao link: <https://proex.uneb.br/>

WATZLAWICH, P.; BEAVIN, J.H.; JACKSON, D.D. Pragmatica della comunicazione umana. Roma: Astrolabio, 1971.

Claudiene Diniz da Silva (UEMA)¹

Alberto Henrique Costa de Castro (UEMA)²

Introdução

É sabido que as universidades adotam o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão para realizar suas atividades. Em algumas delas, como também em outros tipos Instituições de Ensino Superior (doravante IES), o desenvolvimento desses três eixos acontece separadamente, ou apenas um deles é trabalhado, sendo mais comum o Ensino. A pesquisa costuma ser desenvolvida nos centros universitários federais e estaduais. Já a Extensão consiste em um eixo que precisa de maior investimento e mais alternativas. Dito isso, levantamos a seguinte pergunta: É possível desenvolver extensão dentro do currículo dos cursos de graduação? Se sim, como isso é pode ser feito?

Acreditamos que sim seja a resposta para primeira pergunta. Quanto a segunda, cientes que há várias possibilidades, apresentamos uma alternativa, mais especificamente um projeto de extensão, que está diretamente relacionado ao currículo de todo curso de graduação.

Este estudo demonstra realizações parciais do projeto de extensão Normaliza.UEMA, desenvolvido no Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, do campus de Itapecuru Mirim. Seu objetivo principal é apresentar orientações sobre a produção de trabalhos acadêmicos e ABNT, tomando por base o Manual para a Normalização de Trabalhos Acadêmicos desenvolvidos pela UEMA na rede social Instagram.

Tendo em vista a pretensão deste artigo é responder a pergunta “como desenvolver extensão dentro do currículo dos cursos de graduação?”, organizamos o texto da seguinte forma: Metodologia: Projeto Normaliza na prática; Discussão: Relato de experiências do Projeto Normaliza; Considerações finais e as Referências.

Metodologia: Projeto Normaliza na prática

Conforme supracitado, o Projeto Normaliza.UEMA é desenvolvido no Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, do campus de Itapecuru Mirim, sob a Coordenação da Prof.^a Dr.^a Claudiene Diniz da Silva e com financiamento da própria instituição por meio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), realizado pelo bolsista Alberto Henrique Costa de Castro.

Para alcançar seu objetivo geral, qual seja apresentar orientações sobre a produção de trabalhos acadêmicos e ABNT, tomando por base o Manual para a Normalização de Trabalhos Acadêmicos desenvolvidos pela UEMA na rede social Instagram, o projeto estabeleceu objetivos específicos:

- Divulgar o Manual para Normalização de Trabalhos Acadêmicos da UEMA, colaborando para a padronização dos trabalhos científicos da instituição;

1 Doutora em Estudos Linguísticos, Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Coordenadora do Projeto Normaliza.UEMA, e-mail: claudiennediniz@gmail.com

2 Graduando no Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Bolsista pelo PIBEX, atuando no projeto Normaliza.UEMA, e-mail: albertocastro@aluno.uema.br

- Expor, em formato de post da rede social Instagram, dicas que contribuam durante o processo de elaboração e escrita dos trabalhos acadêmicos;
- Responder dúvidas da comunidade acadêmica sobre questões relacionadas a escrita e normalização de trabalhos científicos.

Para atender os objetivos propostos pelo projeto Normaliza.UEMA, baseamo-nos no Manual para Normalização de Trabalhos Acadêmicos e as referências utilizadas para sua produção. O Manual apresenta informações para a normalização de “monografia, TCC (projeto, relatório, artigo, entre outros), dissertação e tese” (UEMA, 2019, p.9).

Segundo esse Manual,

A redação de trabalhos acadêmicos requer cuidados específicos quanto ao texto, que deve ser claro, objetivo, coeso e preciso; quanto a metodologia, que requer postura crítica e rigor científico; e quanto a sua estrutura, que necessita de uma apresentação organizada e sistematizada. Assim, com a preocupação voltada para os trabalhos de graduação e pós-graduação, apresentamos aqui instruções e exemplos baseados nas atuais normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), órgão que, no Brasil, norteia as normas técnicas de acordo com os padrões recomendados pela Organização Internacional de Normalização (ISO). (UEMA, 2019, p.9)

Conforme demonstra a citação, o objetivo do manual é contribuir para uma redação coesa, coerente e objetiva, com cientificidade e organização baseada na ABNT. Logo, esse manual é uma importante ferramenta para auxiliar os alunos da UEMA para a produção dos trabalhos acadêmicos, por esse motivo, é de suma importância da sua divulgação.

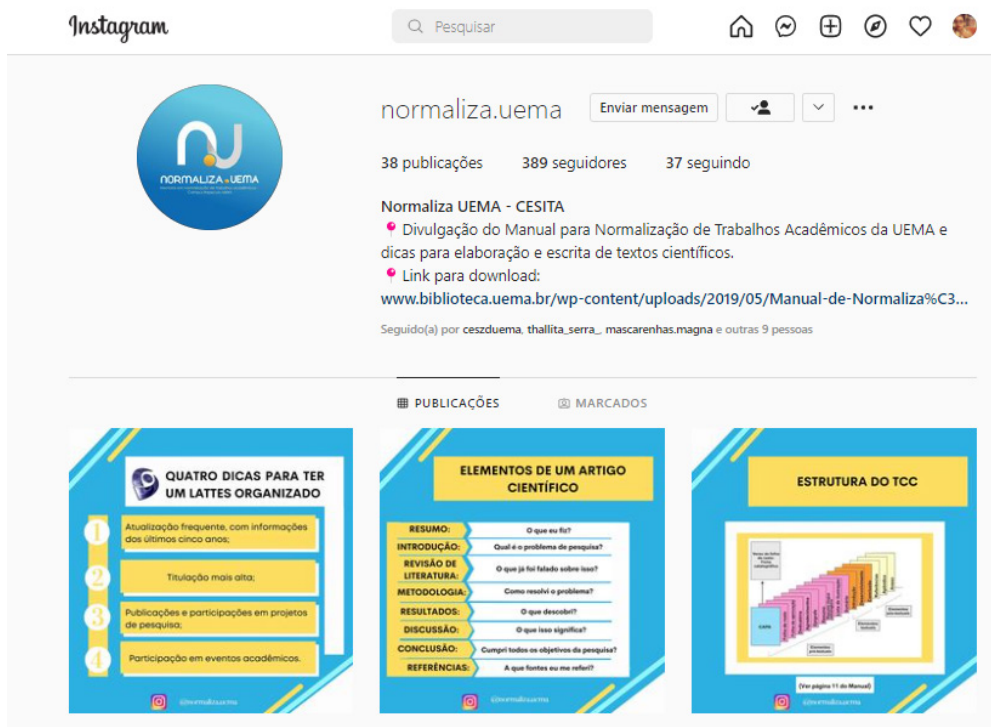
O projeto Normaliza.UEMA visa divulgar o Manual e outras dicas para a redação de trabalhos acadêmicos por meio das redes sociais, mais especificamente, o Instagram, a 6ª rede social mais utilizada no mundo todo, com mais de um bilhão de usuários. Grande parte dos alunos da UEMA utilizam essa rede.

Apresentaremos a seguir alguns resultados a realização desse projeto.

Discussão: Relato de experiências do Projeto Normaliza

Uma vez que o projeto ocorre na rede social Instagram, faremos uma exposição do perfil @normaliza.uema, de uma postagem e também da recepção do projeto para a comunidade acadêmica por meio de um story e o conhecimento dos seguidos sobre escrita acadêmica.

Figura 1: Perfil do Normaliza.UEMA no Instagram



Fonte: Normaliza.UEMA (2022)⁶⁷

Como mostra a Figura 1, o Projeto funciona com financiamento desde setembro de 2021 na rede social Instagram e cada semana é postado conteúdo sobre ABNT, dicas para a escrita de textos acadêmicos, como também regras do Manual de Normalização da UEMA. Atualmente, já foram produzidas 38 publicações, sobre os tópicos supracitados, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 1: Tipos e quantitativo das postagens do Normaliza.UEMA

Tópicos das postagens	Quantidade
Postagens sobre o Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da UEMA	18
Postagens sobre Escrita Acadêmica	15
Postagem de informações sobre o Projeto Normaliza	3
Postagens sobre ABNT	2
TOTAL	38

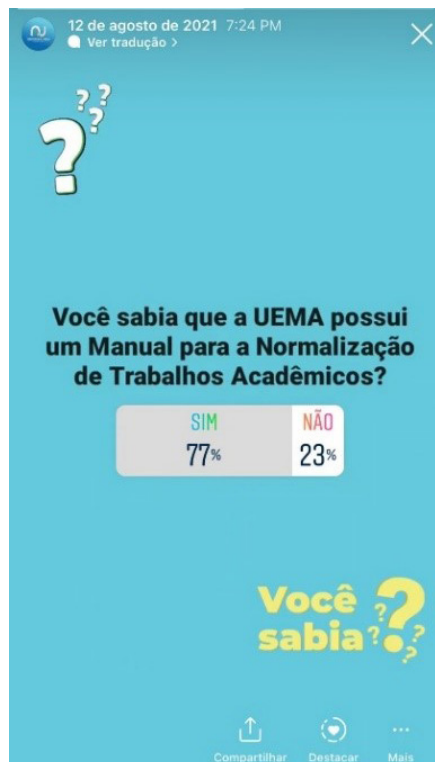
Fonte: Elaborado pelos autores.

Apesar ainda estar em desenvolvimento, podemos observar que a maioria das postagens é sobre o Manual de Normalização da UEMA, haja vista que consiste no objetivo principal do projeto. Ainda assim, são 15 as postagens sobre escrita acadêmica, conteúdo essencial para todos os cursos de graduação, como também parte do currículo de muitos deles. As disciplinas de leitura e

⁶⁷ NORMALIZA.UEMA. Perfil. Itapecuru Mirim, 12, agosto, 2020. Instagram: @normaliza.uema. Disponível em: < https://instagram.com/stories/normaliza.uema/2822904410724020775?utm_source=ig_story_item_share&igshid=MDJmNzVkmjY= >. Acesso em: 23. abr. 2022.

produção de textos científicos e metodologia científica abordam os assuntos tratados nessas postagens. Quanto aos posts sobre ABNT, eles não estão em grande número, pois o manual da UEMA já segue essas normas. As postagens apresentadas tratam de regras que sucedem a publicação do Manual, como por exemplo, elaboração de referência de conteúdo extraído das redes sociais, como Instagram, Youtube e Facebook.

Figura 2: Story com pergunta sobre o Manual de Normalização da UEMA



Fonte: Normaliza.UEMA (2022⁶⁸)

A figura 3 mostra o conhecimento dos seguidores da página sobre o Manual da Normalização da UEMA. Vale dizer que a UEMA, fundada em 1981, é uma universidade estadual composta por mais de 20 mil alunos e conta com mais de 20 campi, e oferece cursos de graduação e pós-graduação, como mostra a citação a seguir:

A Universidade Estadual do Maranhão é uma Instituição de Ensino Superior de natureza pública, gratuita e de qualidade, que goza de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial. Tendo como compromisso a melhoria da qualidade da educação e as contribuições ao desenvolvimento do Estado, atua nas seguintes áreas da educação: Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas e Filosofia; Ciências Sociais Aplicadas; Educação; Engenharias; Linguística, Letras e Artes; e Tecnologia.

Consta entre os objetivos da Uema: promover o ensino de graduação e pós-graduação; a extensão universitária e a pesquisa; a difusão do conhecimento; a produção do saber e de novas tecnologias; e a interação com a comunidade, com vistas ao desenvolvimento social, econômico e político do Maranhão. (PDI UEMA, 2022, p.11)

68 NORMALIZA.UEMA. Enquete de Instagram. Itapecuru Mirim, 12, agosto, 2020. Instagram: @normaliza.uema. Disponível em: < <https://www.instagram.com/normaliza.uema/>>. Acesso em: 23. abr. 2022.

Uma instituição de tal magnitude precisa padronizar suas produções científico-acadêmicas. Isso justifica a importância do Manual para normalização de trabalhos acadêmicos. No entanto, somente a existência do manual não é suficiente, é preciso que a comunidade acadêmica o conheça e faça uso dele. Por outro lado, o manual não está inserido no currículo dos cursos oferecidos pela universidade, logo o projeto Normaliza. UEMA aparece com uma alternativa para divulgação do manual e, conseqüentemente, a padronização do conteúdo produzido por professores e alunos da instituição.

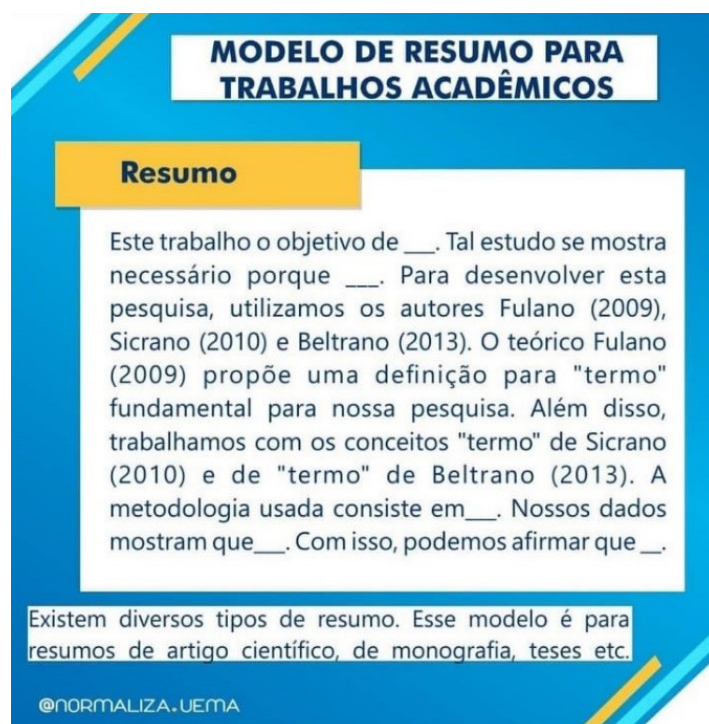
Na figura 3, vemos que 77% dos seguidores do perfil @normaliza.uema conhecem o manual. Considerando o número de seguidores e o número de discentes da instituição, não é possível quantificar quantos alunos realmente conhecem e seguem as recomendações do Manual.

A imagem a seguir mostra um dos posts que melhor representa a alternativa proposta por esse artigo, isto é, a curricularização da extensão ou também o ensino por meio da extensão. Isso porque propõe um modelo para elaboração de Resumo de trabalhos acadêmicos.

O gênero textual resumo é utilizado em grande parte dos cursos de graduação quanto na pós-graduação, seja com uma atividade de uma disciplina, seja como um componente de outro gênero textual (artigo, monografia, dissertação, tese); tanto como também é pré-requisito para inscrição em muitos eventos acadêmicos, como congressos, colóquios, seminários.

Segundo a NBR 6068 da ABNT sobre Resumos, ele é uma apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento; deve trazer os objetivos, métodos e conclusões acerca do documento analisado, fazendo com que o leitor do resumo decida se a leitura do texto é pertinente ou não. O modelo exposto na figura 3 contempla os elementos exigidos.

Figura 3: Postagem sobre Resumo de trabalhos acadêmicos



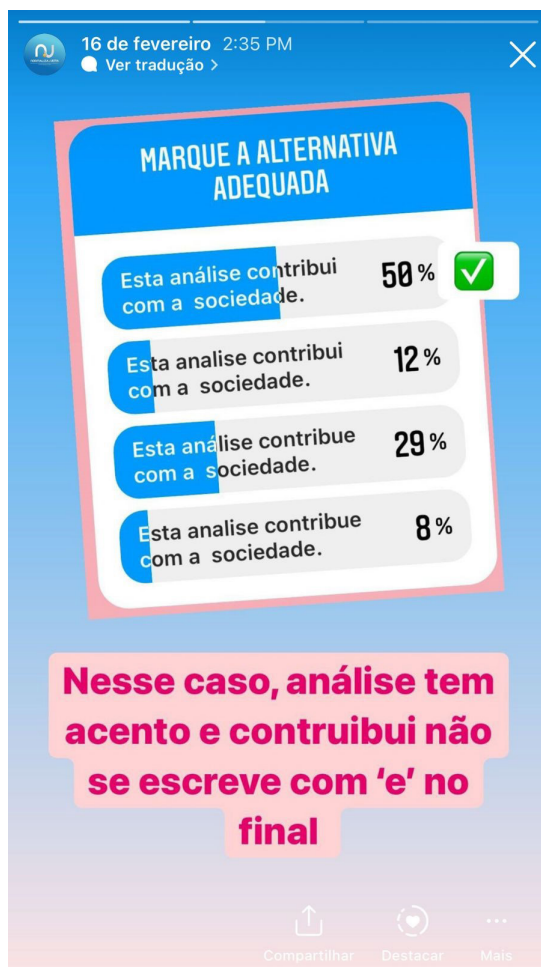
Fonte: Normaliza.UEMA (2022)⁶⁹

69 NORMALIZA.UEMA. Modelo de resumo para trabalhos acadêmicos. Itapecuru Mirim, 25, maio. Instagram: @normaliza.uema. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CAnxtx0JmOP/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> >. Acesso em: 23. abr. 2022.

O aluno do ensino superior precisa de conhecimento para produção de um resumo e, com esse post, ele tem um esquema muito prático. Isso mostra que é possível integrar a extensão ao currículo, pois o conteúdo apresentado nas disciplinas durante as aulas também pode estar disponível em outros espaços, facilitando a busca da informação. A forma de apresentação do conteúdo também difere da sala de aula, isso pode ser mais atrativo para o aluno e explora outras semioses.

Além de fazer postagens, o projeto também se propõe a interagir com os seguidores o perfil no Instagram. Essa interação visa tirar dúvidas comuns e mensurar o conhecimento dos alunos sobre temas abordados nas postagens. Vejamos a ilustração a seguir:

Figura 4: Story sobre ortografia de termos comuns em trabalhos acadêmicos



Fonte: Normaliza.UEMA (2022) ⁷⁰

Como mostra a figura 4, nós perguntamos aos seguidores sobre a ortografia adequada das palavras 'análise' e 'contribui'. Depois da pergunta, coletamos as respostas, postamos e colocamos a justificativa da alternativa correta. Dos respondentes, somente 50% marcaram a opção correta. Esse dado nos mostrou a necessidade de criar mais post e interagir mais com os seguidores, melhorando assim, sua escrita acadêmica.

70 NORMALIZA.UEMA. Enquete do Instagram. Itapecuru Mirim. 16, fevereiro, 2022. Instagram: @normaliza.uema. Disponível em: < https://instagram.com/stories/normaliza.uema/2822917277651393124?utm_source=ig_story_item_share&igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 23.abr.2022.

As figuras apresentadas mostram um pouco como funciona o Projeto Normaliza. O perfil foi todo criado pensando em garantir uma identidade visual, facilitando o reconhecimento dos posts e uma apresentação direta das informações. O conteúdo dos posts visa atender demanda dos discentes, como mostra a tabela 1. Já quanto ao conhecimento dos alunos sobre o Manual, embora os números sejam altos, faz necessária uma pesquisa mais detalhada.

Considerações finais

Considerando as perguntas que motivaram a escrita desse artigo e tentando mostrar como é possível integrar a extensão ao currículo, apresentamos o projeto Normaliza.UEMA, que divulga conhecimentos de escrita acadêmica e normalização de textos científicos na rede social Instagram para alunos da instituição e outros interessados.

As disciplinas Leitura e produção de textos científicos e Metodologia Científica tratam dos conteúdos apresentados nas postagens do perfil @normaliza.uema. Para nós, assim como o aluno pode usar o Instagram para pegar esses conteúdos, ele também pode fazer o caminho contrário, transformar o conteúdo da disciplina em postagens e divulgar. Esse percurso facilitaria a formação de outros alunos e aquilo que era restrito ao eixo do ensino, passa a integrar a extensão. Por isso, acreditamos que o projeto aqui apresentado é sim uma alternativa para a curricularização da Extensão nas instituições de ensino superior.

Cientes de que a extensão faz parte de um dos eixos de uma Universidade, acreditamos que nossa proposta demonstra viabilidade e que já apresenta resultados. Esperamos que o nosso projeto contribua para a rotina dos universitários, seja a padronização de suas pesquisas, como também na elaboração dos seus trabalhos acadêmicos.

Referências

- ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. ABNT NBR 6068: Informação e documentação — Resumo, resenha e resenha — Apresentação Rio de Janeiro: ABNT, 2021. 7 p.
- UEMA. Manual para normalização de trabalhos acadêmicos / Universidade Estadual do Maranhão. Sistema Integrado de Bibliotecas da UEMA. – 3. ed. rev., atual. e ampl.– São Luís: EDUEMA, 2019.
- Universidade Estadual do Maranhão. Pró-Reitoria de Planejamento e Administração Plano de Desenvolvimento Institucional (2021/2025)/Universidade Estadual do Maranhão. – São Luís: [s. n.], 2022. 349 p.:il. color.

12 O USO DO INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE DE UM GRUPO DE EXTENSÃO PARA GESTANTES E PUÉRPERAS

Thaisnara Rocha dos Santos (UECE)¹

Bianca Rodrigues de Sousa (UECE)²

Flávia Alessandra Correia da Silva (UECE)³

Vivian Magalhães de Souza (UECE)⁴

Saiwori de Jesus Silva Bezerra dos Anjos (UECE)⁵

Eryjosy Marculino Guerreiro Barbosa (UNICHRISTUS)⁶

Introdução

Sabe-se que a experiência de gerar uma vida é um destaque no ciclo vital da mulher, com repercussões importantes para seus meios e familiares. Dessa forma, as mudanças vão desde as esferas biológica, física, emocional e até social. Assim, a gestação, invariavelmente, é um período de intensas alterações no corpo e na psique da mulher. Contudo, as especificidades da gravidez devem ser tratadas de maneira cuidadosa e particular, especialmente no manejo aos aspectos de aceitação e adaptação da mulher nesta nova fase, no qual surgem sentimentos de medo, insegurança e incapacidade de promover assistência e cuidado à vida que vem se formando dentro de si (ROCHA; GOMES, 2022).

Nesse cenário, o acompanhamento das consultas de pré-natal, promovem um desenvolvimento saudável e adequado da gestação e uma melhor qualidade de vida para o binômio mãe e filho, visto que durante as consultas, são realizadas orientações referentes aos cuidados com a alimentação, amamentação, prática de atividades físicas, importância da suplementação de ferro e ácido fólico para a saúde do bebê e da mãe, além de possibilitar que a gestante expresse seus sentimentos e dúvidas. Porém ainda existem falhas na adesão ao pré natal pela população devido a dificuldades no acesso, início tardio, número inadequado de consultas e realização incompleta dos procedimentos preconizados, afetando sua qualidade e efetividade da atenção à saúde (MARQUES et al., 2021).

Com isso, além deste fato se relacionar com os altos índices de mortalidade materna, de acordo com o Grupo Interinstitucional de Avaliação de Mortalidade Materna das Nações Unidas, no ano de 2015, houve uma estimativa de 303.000 mortes maternas no mundo, totalizando cerca de 216 mortes maternas a cada 100 mil nascidos vivos, sendo dessas mortes evitáveis e ocorrendo em país em desenvolvimento como o Brasil (OZIMEK; KILPATRICK, 2018).

Neste contexto, considerando a importância da autonomia da mulher na sua gestação, propagação de informações e objetivando aprimorar a assistência pré-natal, o desenvolvimento de

1 Acadêmica de Enfermagem da UECE. E-mail: thaisnara.rocha@aluno.uece.br

2 Acadêmica de Enfermagem da UECE. E-mail: bianca.sousa@aluno.uece.br

3 Acadêmica de Enfermagem da UECE. E-mail: flavia.correia@aluno.uece.br

4 Acadêmica de Enfermagem da UECE. E-mail: vivian.magahães@aluno.uece.br

5 Enfermeira. Professora Doutora do Curso de Enfermagem da UECE. saiwori.anjos@uece.br

6 Enfermeira. Professora Doutora do Curso de Enfermagem da UNICHRISTUS. eryjosyguerreiro@gmail.com

tecnologias cuidativo-educacionais diferenciadas torna-se de suma importância, sendo uma alternativa a comunicação em saúde através das redes sociais.

Atualmente, as redes sociais vêm se tornando um potente meio para o desdobramento de práticas educativas por conta do maior alcance populacional atingido e pelo acesso mais simples e cômodo, visto que ela veio como um fenômeno de colaboração e participação entre as pessoas uma forma mais espontânea, visto que a tecnologia está a cada dia dentro do cotidiano populacional, tornando-se uma nova ferramenta de circulação de conhecimento (STROHER; MANTOVANI, 2018).

Visto isso, é perceptível que o desenvolvimento das redes sociais passou a ter cada vez mais um papel necessário no contexto social no intuito de socialização da informação. Assim, as redes sociais, como instagram, tornam-se veículos de informação cada vez mais efetivos. Melo et al., (2021) ressaltam que um ambiente virtual lúdico como o instagram possibilita uma melhor aprendizagem dos indivíduos além de aumentar a interação entre quem repassa e quem recebe as informações.

Diante desse panorama, e tendo relação com a pandemia da COVID-19 recentemente vivenciada, a utilização dessas mídias tornou-se uma forte aliada na promoção da educação em saúde, caracterizadas pela propagação de conteúdos educativos, de forma multidisciplinar, por meio de vídeos, lives e posts, sendo uma das maneiras menos hierarquizadas de promover informações de saúde e científicas para a população que carece desse tipo de conteúdo, com intenção de ser a melhor maneira da democratização e socialização da informação (FRANÇA; RABELO; MAGNAGO, 2019).

Assim, o grupo de extensão Gestando Vidas, que foi criado em 2018 para atuar de forma presencial, precisou adaptar-se à nova realidade durante a pandemia da COVID-19. Dessa forma, o grupo começou a utilizar a rede social instagram como ferramenta de educação em saúde para a população-alvo. Diante do contexto, o objetivo deste estudo é relatar sobre a utilização da rede social instagram como ferramenta de educação em saúde de um grupo de extensão para gestantes e puérperas.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo com uma abordagem quantitativa de um projeto de extensão. O Gestando Vidas é um projeto de extensão vinculado à Universidade Estadual do Ceará, que contempla acadêmicas de enfermagem, que tem como objetivo disseminar informações sobre o ciclo gravídico-puerperal para as mulheres da comunidade. Inicialmente o projeto era trabalhado apenas presencialmente nas unidades de atenção básica de saúde, porém, com a pandemia da COVID-19, e o isolamento social, o projeto incluiu a forma remota como meio de extensão para o público-alvo.

A análise de dados da pesquisa foi realizada por meio do Instagram Insights, ferramenta que tem como objetivo analisar as métricas oferecidas aos perfis comerciais da plataforma, nas postagens feitas pelo perfil do projeto (@gestandovidas), no período de 10 de abril de 2020 a 15 de setembro de 2022. A computação dos dados durante esse período se justifica devido às limitações existentes dentro da rede social referente às informações disponibilizadas alusivos aos períodos anteriores. Averiguou-se a média de curtidas, salvamentos de postagens, impressões, de visualizações das ferramentas existentes dentro dessa rede social, sendo os stories e as publicações do feed, respostas às enquetes e alcance das postagens. Para melhor visualização do que foi aborda-

do, os dados foram apresentados em formato de gráficos e tabelas.

A curtida na rede social instagram é realizada a partir do momento em que o usuário, ao identificar uma imagem ou vídeo que o interesse, pode interagir com a postagem realizando dois toques na imagem ou vídeo ou também, tem a opção de clicar no ícone em formato de coração disponível logo no canto inferior esquerdo da publicação. Essa ação proporciona a estipulação da reputação e interesse do usuário em relação ao conteúdo publicado (ARAGÃO et al., 2016).

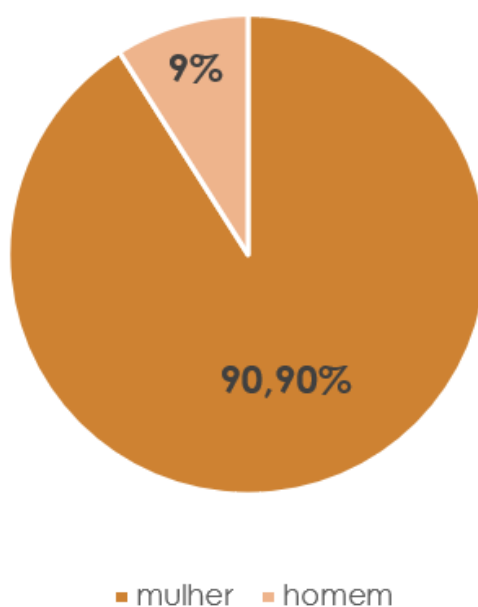
A ferramenta de alcance possibilita aferir o quantitativo de vezes que a postagem, seja foto ou vídeo, foi visualizada. Porém, não é possível identificar o quantitativo de vezes que um mesmo perfil acessou a publicação, dessa forma, ocorre uma incapacidade de identificar se a postagem alcançou vários usuários ou apenas um usuário acessando o mesmo conteúdo. (COSTA, 2019). Em relação à ferramenta de salvar a publicação, refere-se quando o usuário salva aquela publicação em que ele se identificou com o conteúdo para visualizar depois novamente (PAVÃO, 2020).

Discussão

No presente, o projeto de extensão Gestando Vidas, vinculado à Universidade Estadual do Ceará, utiliza o Instagram como uma ferramenta de educação em saúde desde o período da pandemia, em que foram necessárias mudanças para adaptação à nova realidade de isolamento social. Dessa forma, a rede social do projeto, busca alcançar cada vez mais pessoas, principalmente o público-alvo, que são gestantes e puérperas.

Nesse contexto, o objetivo do perfil é levar cada vez mais informações científicas de qualidade, baseadas em evidências clínicas, e de forma lúdica, para as gestantes e puérperas, visando a desmitificação de uma diversidade de mitos e tabus impostos pela sociedade a respeito do ciclo gravídico-puerperal, desencadeando medos e inseguranças nessa população. Atualmente, o perfil @gestandovidas possui no instagram 790 seguidores, sendo 90,9% pertencentes ao sexo feminino, como mostra o gráfico 1.

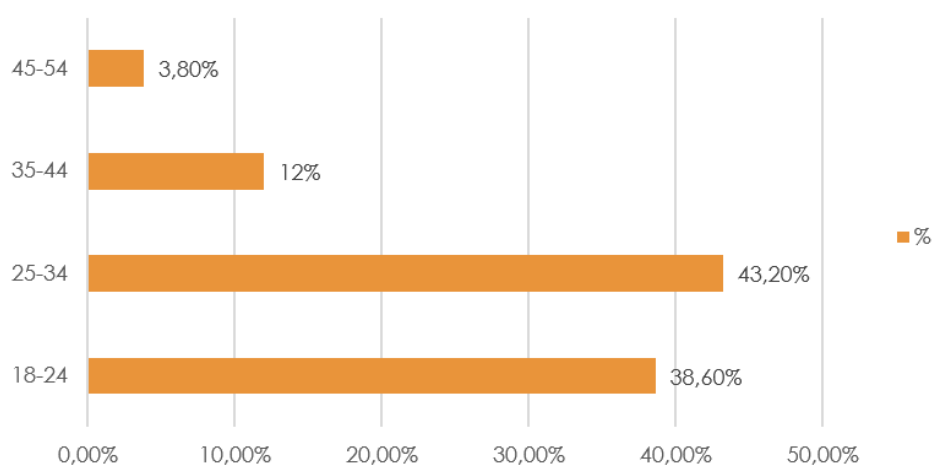
Gráfico 1 – Porcentagem do público seguidor referente ao sexo do perfil @gestandovidas, atualizado em setembro de 2022



Fonte: Arquivo pessoal do projeto de extensão Gestando Vidas, 2022.

O público de maior alcance está na faixa etária de 25-34 anos (43,2%), seguidos da faixa etária de 18-24 anos (38,6%), 35-44 (12%), e por fim, o de menor alcance na faixa de 45-54 anos (3,8%), conforme apresentado no gráfico 2.

Gráfico 2 – Porcentagem do público seguidor referente à idade do perfil @gestandovidas, atualizado em setembro de 2022



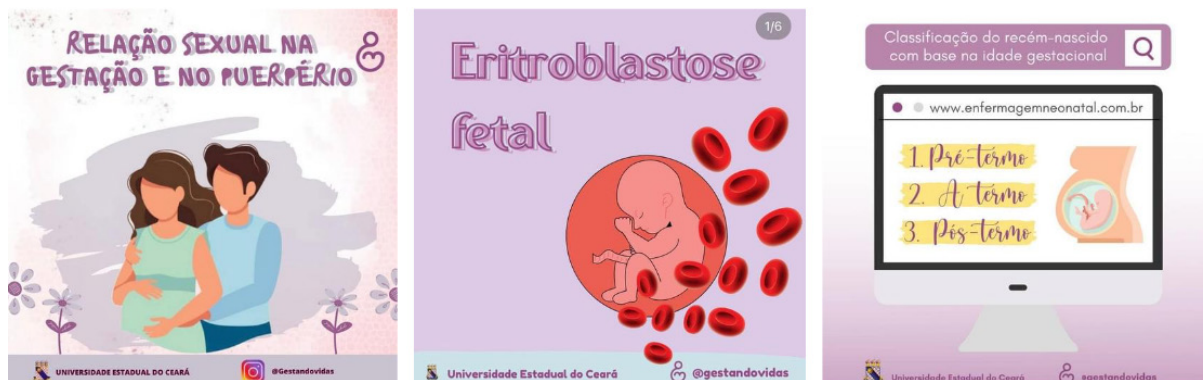
Fonte: Arquivo pessoal do projeto de extensão Gestando Vidas, 2022.

Além disso, 75,3% dos seguidores são da capital do estado do Ceará, o município de Fortaleza, seguidos de 3,53% de Caucaia, e por fim, 1,3% de Maracanaú e 1,2% do Eusébio, que são municípios adjacentes da capital.

Desde a criação do perfil @gestandovidas, foram realizadas 163 publicações no feed, sendo 145 em formato de imagem e 18 em formato de vídeo, abordando temáticas que abrangeram a gestação, o parto e o puerpério. Para esse estudo, foram consideradas as postagens realizadas de 10/04/2020 a 15/09/2022, contabilizando 139 posts.

Durante o período selecionado para a coleta de dados, o alcance da rede social atingiu um total de 26.350 visualizações no total, com uma média de 190 visualizações por post no feed. Em relação aos comentários, obteve-se um total de 378, com uma média de três comentários por postagem.

Em relação às curtidas durante esse mesmo período, foram totalizadas 4.961, obtendo uma média de 35 curtidas por postagem no feed, seja imagem ou vídeo. Nesse sentido, de acordo com a figura 1, as três postagens com maior quantitativo de curtidas foram as de: Relação Sexual na Gestação e no Puerpério, com 73 curtidas; Eritroblastose Fetal, com 62 curtidas; e a Classificação do Recém-nascido com Base na Idade Gestacional, com 56 curtidas.



Fonte: Arquivo pessoal do projeto de extensão Gestando Vidas, 2022.

Pode-se justificar essas temáticas com um potencial diferente e instigante para as mulheres, diante de todos os tabus e saberes populares existentes do ciclo gravídico-puerperal. Nesse sentido, Melo et al., (2019) retratam que a utilização das redes sociais para a disseminação de conhecimentos promove um maior alcance do profissional de saúde à população que não sabe em que meio buscar informações confiáveis, até mesmo, devido à vergonha relacionada a alguns tipos de assuntos.

Em relação à ferramenta “salvar”, foi obtido no total 236 salvamentos, com média de aproximadamente dois salvamentos por postagem realizada. Conforme a figura 2, ilustra-se as três postagens que obtiveram um maior quantitativo, com seis salvamentos cada. As temáticas abordadas foram: Alterações Fisiológicas da Gravidez; Tipos de Leite Materno; e Medicalização no Parto.

Figura 2 – Publicações mais salvas no perfil @gestandovidas,



Fonte: Arquivo pessoal do projeto de extensão Gestando Vidas, 2022.

As temáticas com mais salvamentos remetem às principais dúvidas presentes durante a gestação, principalmente em mulheres de primeira gestação. Muitas vezes essas dúvidas são sanadas durante as consultas de pré-natal. Dessa forma, com a pandemia da COVID-19 e a restrição das consultas durante esse período pandêmico, a utilização da rede social para a educação em saúde foi e é um método positivo durante e depois do período de isolamento social (BERNARDES, 2021; RIOS et al., 2020).

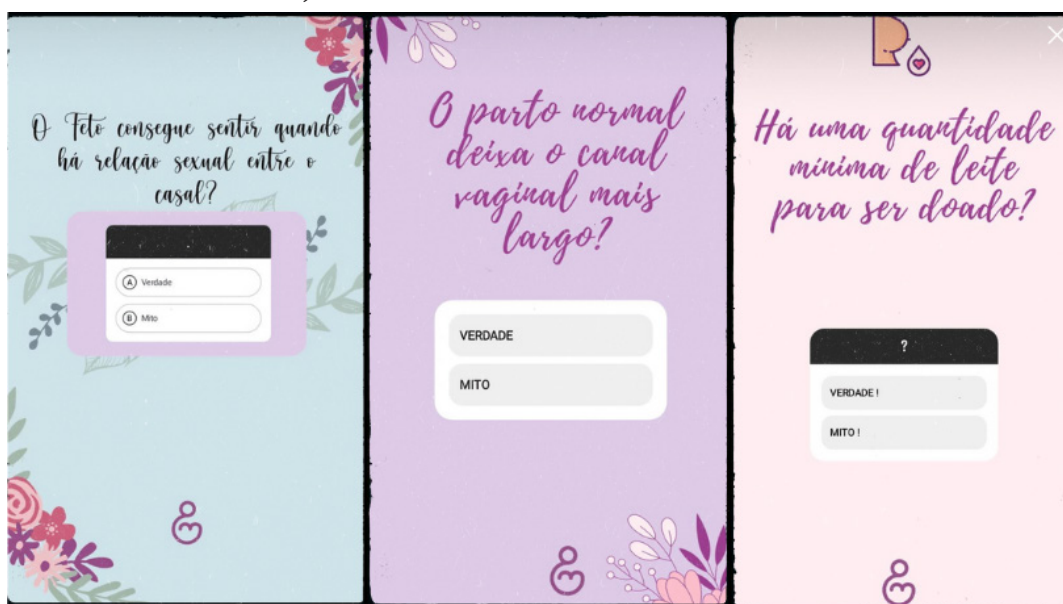
Nos últimos três meses, de junho a setembro de 2022, contabilizou-se um alcance geral de 1.537 pessoas, sendo 651 seguidores do perfil @gestandovidas (42,3%) e 886 não seguidores

(57,6%). Esse alcance maior em contas não seguidoras se dá pelas hashtags utilizadas na rede social para expandir o acesso ao conteúdo para pessoas que não seguem a conta.

Além disso, também foi analisada a ferramenta de stories, a qual trata de publicações que duram 24 horas para visualização e interação. Ela é utilizada pelo grupo de extensão como uma ferramenta de comunicação indireta com os usuários da rede. Dessa forma, também se analisou o alcance de contas por publicação nos stories, tendo como resultado a média de 90 usuários.

Nos stories foram aplicadas como forma de interação enquetes sobre temas diversos no formato Mito versus Verdade, com o intuito de desmitificar crenças errôneas que são implantadas pela sociedade de forma leiga, sem embasamento científico. Com isso, obteve-se a média de 151 pessoas interagindo nas enquetes. As temáticas das enquetes que mais obtiveram interação foram: Mitos e verdades sobre relação sexual durante a gestação; Mitos e verdades sobre o parto; e Mitos e verdades sobre doação de leite materno (figura 3).

Figura 3 – Stories com as temáticas que mais obtiveram interação no perfil @gestandovidas, atualizado em setembro de 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do projeto de extensão Gestando Vidas, 2022.

Durante esse período, também utilizou-se a ferramenta reels, a qual consiste de um recurso embutido no Instagram, que serve como um repositório de mídia gerada pelo usuário, ou seja, vídeos curtos e divertidos de 15 a 60 segundos, que podem ser compartilhados com outros usuários (MENON, 2022).

No caso do perfil @gestandovidas, são vídeos curtos que trazem informações sobre algumas temáticas importantes, obtendo um maior alcance, principalmente de usuários que não acompanham a rede social do grupo, promovendo assim, uma maior disseminação do conteúdo desenvolvido. Nessa perspectiva, foram postados dois vídeos na ferramenta reels, obtendo uma média de 800 visualizações por vídeo, o que revela uma boa disseminação dos conteúdos trabalhados, a saber: Sintomatologia de Pré-eclâmpsia e Fatores Associados à Candidíase.

Dessa forma, Rocha e Gomes (2022) retratam que a educação digital é bastante favorável quando se busca uma interação e propagação de conteúdo complementar. Assim, a educação em

saúde digital para gestantes e puérperas possibilita o acesso à singularidade das mães e das famílias. Somado a isto, tem-se que ela facilita o esclarecimento de dúvidas sobre a prevenção de doenças e agravos passíveis de ocorrência durante o processo de gestação, parto e puerpério, tornando assim, a mulher protagonista do momento vivenciado.

Considerações finais

Diante da proposta do projeto de extensão *Gestando Vidas*, concomitantemente com o surgimento da pandemia da Covid-19, o uso da rede social *instagram* mostrou-se uma ferramenta estratégica e relevante para promoção de educação em saúde. Atingiu-se o objetivo do projeto em disseminar informações verídicas às gestantes, puérperas e familiares acerca do ciclo gravídico-puerperal, através de postagens semanais abordando temas pertinentes, visto que esse instrumento intensifica a interação das discentes com os usuários, viabilizando o acesso às informações postadas a qualquer momento.

Apesar das dificuldades encontradas, tais como a limitação da plataforma em determinar o período a ser analisado e a impossibilidade em definir a quantidade de acesso de uma publicação por um único perfil, o método utilizado proporcionou um resultado satisfatório de 790 seguidores e um alcance de 26.350 visualizações considerando os seguidores e não seguidores, no período entre 10 de abril de 2020 até 15 de setembro de 2022.

Com relação às postagens, observou-se que as publicações dos vídeos no *reels* alcançaram 800 visualizações por cada temática trabalhada, isso mostra que essa categoria possibilita um maior alcance, como também, as enquetes nos *stories* fornecem uma maior interação com o público-alvo, a qual fornece as principais dúvidas e o grau de conhecimento de determinados assuntos dos usuários, possibilitando a desmitificação em torno da gestação, parto e puerpério.

Com base nos resultados analisados, as perspectivas futuras do projeto de extensão visam produzir mais *reels* e enquetes nos *stories* no intuito de buscar mais acessos e interações com o público-alvo. Assim propagar o conhecimento verídico e científico às gestantes, puérperas e sua rede de apoio. Além de promover a autonomia das mulheres e sanar as possíveis dúvidas com base em evidências científicas, utilizando essa tecnologia de fácil acesso e relevância quando se trata de educação em saúde digital para a população.

Referências

ARAGÃO, F. B. P et al. Curtiu, comentou, comprou. A mídia social digital *Instagram* e o consumo. *Revista de Ciências Administrativas*, v. 22, n. 1, p. 130-161, 2016. Disponível em: <https://www.re-dalyc.org/pdf/4756/475655250006.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

BERNARDES, P.C.F. Utilização do aplicativo *Instagram*® como ferramenta de educação em saúde sobre aleitamento materno. 2021. p.20. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Escola de Ciências Sociais e da Saúde, Universidade Católica de Goiás, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/3425>. Acesso em: 20 set. 2022.

COSTA, V. F. Uso do *Instagram* como ferramenta de estudo: análise de um perfil da área biológica. *Research, Society and Development*, v. 8, n. 10, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7164604.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

FRANÇA, T; RABELLO, E. T; MAGNAGO, C. As mídias e as plataformas digitais no campo da Edu-

cação Permanente em Saúde: debates e propostas. *Saúde debate*. v. 43, Rio de Janeiro, 2019. Disponível: <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S109>. Acesso em: 20 set. 2022.

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo. Editora Atlas. p. 9-28, 2017.

MARQUES, B.L et al. Orientações às gestantes no pré-natal: a importância do cuidado compartilhado na atenção primária em saúde. *Escola Anna Nery*, v.25, n.1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0098>. Acesso em: 30 set. 2022.

MELO, A. S. L et al. Utilização das mídias sociais para educação em saúde pela LAPFITO: do instagram a oficinas de saúde e a interação entre academia e comunidade. *Anais do Seminário Tecnologias Aplicadas à Educação e Saúde*, 2019. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/staes/article/view/8232>. Acesso em: 20 set. 2022.

MELO, M. E. F. A et al. Educação em saúde via redes sociais. *Tempos de pandemia: educação em saúde via redes sociais*. *Revista de Extensão da UPE*, v.6, n.1, p.38-48, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.56148/2675-2328reupe.v6n1.145.pp38-45>. Acesso em: 20 set. 2022.

MENON, D. Factors influencing Instagram Reels usage behaviours: An examination of motives, contextual age and narcissism. *Telematics and Informatics Reports*, v.5, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.teler.2022.100007>. Acesso em: 20 set. 2022.

OZIMEK, J.A; KILPATRICK, S.J. Maternal Mortality in the Twenty-First Century. *Obstet Gynecol Clin North Am.*, v.45, n.2, p.175-186, jun, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29747724/>. Acesso em: 30 set. 2022.

PAVÃO, N. *A influência do humor para as vendas pelo Instagram*. 1. ed. Maringá, PR: Uniedusul, 2020. Disponível em: <https://www.uniedusul.com.br/publicacao/a-influencia-do-humor-para-as-vendas-do-instagram/>. Acesso em: 30 set. 2022.

RIOS, A. F. M et al. Atenção primária à saúde frente à Covid-19 em um centro de saúde. *Revista Oficial do Conselho Federal de Enfermagem*, v. 11, n.1, 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3666/836>. Acesso em: 30 set. 2022.

ROCHA, T. D. P; GOMES, Y.S. Roda de conversa com gestantes como estratégia de educação em saúde: Relato de experiência. Coari, Amazonas, 2022. p.17. Monografia (Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal do Amazonas- UFAM, 2022. Disponível em: <http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/6204>. Acesso em: 30 set. 2022.

STROHER, A.P; MANTOVANI, D. Tecnologias em sala de aula: O uso das redes sociais como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem. *Revista SMG*, v. 6, n.2, 2018. Disponível em: <https://revista.smg.edu.br/index.php/cientifica/article/view/11>. Acesso em: 30 set. 2022.

13 INTERVENÇÃO EDUCACIONAL EM SALA DE ESPERA DE CONSULTAS PRÉ E PÓS-NATAL DO PROJETO DE EXTENSÃO GESTANDO VIDAS

Júlia Franca Torres (UECE)¹

Caren Cristine Oliveira Gomes (UECE)²

Sabrina Stefanne Viana Ramos (UECE)³

Aline Pereira de Queiroz Magalhães (PMF)⁴

Eryjosy Marculino Guerreiro Barbosa (UNICHRISTUS)⁵

Saiwori de Jesus Silva Bezerra dos Anjos (UECE)⁶

Introdução

A implementação de atividades educativas em saúde nas salas de espera de consultas ambulatoriais é relevante durante o processo de formação dos discentes da área da saúde, pois a partir de tais experiências é possível perceber uma melhora na desenvoltura acadêmica dos envolvidos. Nessa vivência, eles adquirem inúmeras experiências para complementar o currículo, além do que ocorre o aprendizado de diversas temáticas e habilita o estudante para futuras atuações como profissional e no desenvolvimento de ações específicas da profissão. Dessa forma, com o desenvolvimento dos acadêmicos há também a possibilidade de qualificação da promoção à saúde e consequente melhora na assistência.

Pode-se entender as salas de espera como um espaço no qual os acadêmicos realizam acolhimento com escuta qualificada às pessoas da comunidade, também é o local onde a comunidade espera pelo atendimento/ consulta ofertada. Geralmente, a parcela da população que se encontra neste espaço não se conhece e é nesse lugar que termina expressando suas necessidades e demandas de saúde (PINTO et al., 2018).

As salas de espera funcionam por meio da participação de um público-alvo, proporcionando um espaço em que determinadas temáticas são discutidas. No projeto de extensão intitulado Grupo de Convivência Gestando Vidas, o público-alvo são as mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal e seus acompanhantes. Diversas temáticas são abordadas com esse público, dentre elas: doação de leite humano, higiene íntima no pós-parto, mês agosto dourado de incentivo ao aleitamento materno exclusivo, importância do teste do pezinho, exames realizados no período gestacional, entre outras.

As práticas têm como principal objetivo aproximar a comunidade dos profissionais ou dos acadêmicos advindos da universidade. Além disso, fazem com que os usuários se sintam mais confortáveis para sanar suas dúvidas sobre algumas temáticas, fazendo com que os mesmos se sintam cada vez mais seguros e acolhidos em suas demandas e necessidades, favorecendo a fre-

1 Acadêmica de Enfermagem da UECE.

2 Acadêmica de Enfermagem da UECE.

3 Acadêmica de Enfermagem da UECE.

4 Mestra em Saúde da criança e do adolescente. Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil. Enfermeira do PSF - Prefeitura Municipal de Fortaleza.

5 Enfermeira. Professora Doutora do Curso de Enfermagem da UNICHRISTUS. eryjosyguerreiro@gmail.com

6 Enfermeira. Professora Doutora do Curso de Enfermagem da UECE. saiwori.anjos@uece.br

quência ao ambiente de saúde.

As práticas de cuidado desenvolvidas em salas de espera podem transformar a ociosidade em um momento educativo e contribuir com o compartilhamento de informações sobre o problema com o qual convivem, melhor enfrentamento e expressão de sentimentos, aumento da satisfação e diminuição do nível de ansiedade e estresse (ANDRADE; FARINHA; ESPERIDIÃO, 2020).

Um dos principais profissionais no momento da prática da educação em saúde nas salas de espera é o enfermeiro, que consegue compreender as necessidades dos usuários e buscar soluções mais humanizadas, conjuntamente com os usuários, em prol de alcançar o alívio ou solucionar as questões relatadas. Dessa forma, a assistência ao pré e pós-natal realizada em Unidades de Atenção Primária possui como principais objetivos prevenir, tratar ou monitorizar complicações durante todo o ciclo-gravídico puerperal (SANTOS et al., 2020).

Além disso, a criação de grupos de extensão são de grande influência, pois a extensão amplia o acesso à educação para diversos públicos, passando também a ser compreendida como uma estratégia para qualificar o rendimento acadêmico, além de estimular a aprendizagem e impulsionar as atividades de pesquisa e ensino (CAVALCANTE et al., 2019).

O objetivo do presente estudo é relatar a experiência de acadêmicas de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE) sobre as intervenções educacionais do Projeto de Extensão Grupo de Convivência Gestando Vidas nas salas de espera de consulta de pré e pós-natal.

Metodologia

Estudo descritivo, do tipo relato de experiência de acadêmicas de Enfermagem da UECE, participantes do projeto de extensão intitulado Gestando Vidas. O relato de experiência trata-se de uma narrativa que, através da linguagem, performativa a experiência de singularização, atestada em um dinamismo descentrado da razão e apta a suportar paradoxos (DALTRO; FARIA, 2019).

As experiências de educação em saúde em salas de espera e sala de amamentação - “Sala da Mulher que Amamenta” - aconteceram no Unidade de Atenção Primária à Saúde (UAPS) Dom Aloísio Lorscheider, localizado no município de Fortaleza, Ceará. As atividades foram realizadas durante os meses de abril a setembro de 2022, com carga horária de quatro horas semanais.

As temáticas foram apresentadas por meio de folders autoexplicativos, banners, mamãs pedagógicas em crochê, para elucidar o conteúdo a ser abordado com a população. Durante as salas de espera, ocorriam momentos de interação e diálogo entre as estudantes de enfermagem, gestantes e/ou puérperas e a sua rede de apoio. Oportunidades para o compartilhamento de conhecimentos, experiências e vivências entre os participantes.

Desenvolvimento

Durante as atividades nas salas de espera, utilizaram-se folders educativos com temáticas sobre o período gravídico-puerperal, produzidos pelas acadêmicas de enfermagem, participantes do projeto de extensão Gestando Vidas, visando assim, uma maior autonomia das mulheres sobre o período vivenciado, como também a contribuição para as estudantes no que diz respeito à pesquisa de novos conhecimentos sobre a saúde materno-infantil.

As intervenções educativas desenvolvidas, principalmente no período do pré-natal, potencializam a resolutividade e prevenção de possíveis dúvidas e complicações advindas da falta de

preparo e esclarecimento das modificações do organismo materno. Desse modo, o aprendizado nesse período orienta e prepara as gestantes com adoção de mudança com novas práticas, hábitos e atitudes resultando em um puerpério satisfatório (GUERREIRO et al., 2014).

Nas atividades de educação em saúde do grupo Gestando Vidas, durante cada mês é selecionada uma temática para as atividades, de acordo com o calendário anual da saúde, por exemplo, no mês de junho foi abordada a importância do teste do pezinho, no mês de agosto abordado o Agosto Dourado e o incentivo ao aleitamento materno da campanha, fazendo com que fossem contempladas diversas temáticas relacionadas ao ciclo gravídico-puerperal e, assim, compartilhando conhecimentos e dúvidas das mulheres e acompanhantes que se fizeram presente durante as atividades.

No mês de maio, comemorou-se o Dia Mundial da Doação de Leite Humano e sobre essa temática as figuras 1, 2 e 3 retratam as ações realizadas na UAPS Dom Aloísio Lorscheider, um dos campos de extensão do projeto. Já as figuras 4 e 5 demonstram o folder produzido pelos membros do projeto, utilizado como forma de apoio durante a prática das salas de espera.

Figura 1 - Ação em saúde sobre Doação de Leite Humano realizada pelas acadêmicas de Enfermagem do projeto. Fortaleza, Ceará, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do Projeto de Extensão Gestando Vidas, 2022.

Figura 2 - Materiais utilizados para a ação em saúde sobre Doação de Leite Humano realizada pelas acadêmicas de Enfermagem do projeto. Fortaleza, Ceará, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do Projeto de Extensão Gestando Vidas, 2022.

Figura 3 - Ação em saúde sobre Doação de Leite Humano realizada pelas acadêmicas de Enfermagem do projeto em parceria com profissionais da UAPS Dom Aloísio Lorscheider. Fortaleza, Ceará, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do Projeto de Extensão Gestando Vidas, 2022.

Figura 4 - Folder educativo sobre Doação de Leite Humano (frente). Fortaleza, Ceará, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do Projeto de Extensão Gestando Vidas, 2022.

Figura 5 - Folder educativo sobre Doação de Leite Humano (verso). Fortaleza, Ceará, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do Projeto de Extensão Gestando Vidas, 2022.

O leite materno é um alimento completo para o lactente, pois contém quantidade adequada de proteínas, gorduras, vitaminas, minerais e imunoglobulinas que favorecem o crescimento e desenvolvimento adequado da criança. Considerando as suas propriedades benéficas, a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2003) e o Ministério da Saúde recomendam o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade, e de forma complementar, até os dois anos ou mais (PENA et al., 2019).

A importância do aleitamento materno é amplamente conhecida e, entre os benefícios desta prática, destaca-se o aumento da sobrevivência, por meio da promoção da saúde e no desen-

volvimento das crianças, sejam oriundas de populações de alta, média ou baixa rendas (FONSECA et al., 2021).

A maioria das mães sonha com o momento do nascimento do seu filho e idealizam o momento da amamentação, porém, muitas vezes pela prematuridade do parto ou outros fatores como IST's, mastectomia, uso de medicamentos que, por sua vez, podem acarretar em dificuldades e até mesmo a impossibilidade da prática do aleitamento materno (PENA et al., 2019).

O Banco de Leite Humano (BLH) constitui-se neste cenário como importante estratégia da política pública em prol da amamentação, uma vez que desenvolve ações de apoio ao aleitamento materno e incentivo à doação do leite humano (BRASIL, 2015). O Brasil desenvolveu uma das mais complexas e eficientes redes de bancos de leite humano do mundo, construindo um instrumento nacional a fim de enfrentar o desafio da saúde na primeira infância (PRITTAS ; DRI, 2017).

Para haver doação de leite humano, é necessário que as usuárias dos serviços de saúde saibam da existência dos Bancos de Leite e sejam apoiadas a doar. Isto depende, portanto, da circulação de informações e do vínculo das mães com os profissionais de saúde, pois a interação entre desejo, disponibilidade, conhecimento e acesso fundamenta o ato de doar leite humano. Os profissionais da atenção primária à saúde que atuam no pré-natal e no acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil têm ampla responsabilidade sobre a efetivação da doação do leite humano, podendo assumir o papel de “sensibilizadores” de potenciais doadoras (FREITAS et al., 2019).

Nesse sentido, durante o mês de agosto, o Gestando Vidas trabalhou a temática do Agosto Dourado, e além de explicar para as usuárias da unidade de saúde o que seria comemorado naquele mês, também visou falar sobre a importância da doação de leite materno para as crianças que, por diversos motivos, não conseguiram ser amamentadas pelas mães.

Essa campanha nacional ocorre em alusão ao mês destinado à intensificação das ações intersetoriais de conscientização e esclarecimento sobre a importância do aleitamento materno (BRASIL, 2015). O mês dourado de agosto simboliza a luta para incentivar a amamentação - o ouro está associado ao padrão-ouro para a qualidade do leite materno. De acordo com a OMS e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), aumentar as taxas de amamentação exclusiva até os seis meses de idade poderia salvar cerca de 6 milhões de vidas a cada ano (DIAS, 2022).

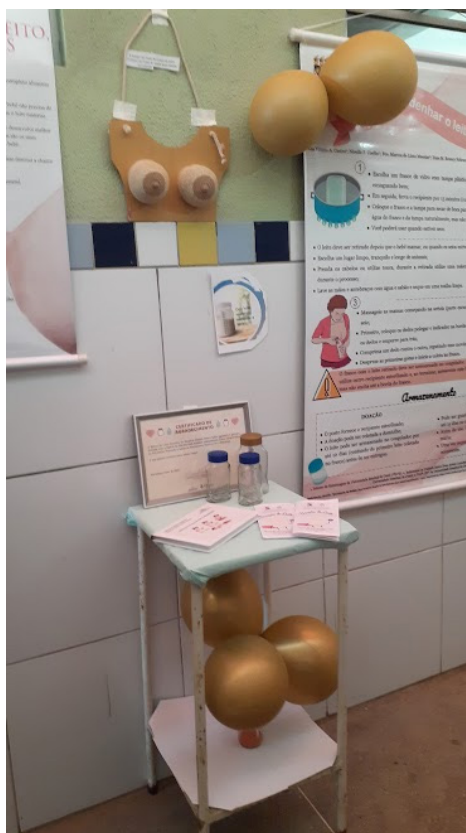
A amamentação é de extrema importância para saúde dos bebês, atua na prevenção de doenças, evita a formação incorreta de dentes e problemas de fala, proporciona melhor desenvolvimento e crescimento. Além de ser um alimento completo, logo, não requer água ou outro alimentos até os primeiros seis meses de vida. Sabe-se que a amamentação também traz inúmeros benefícios para a saúde da mãe, amamentar o bebê após o parto permite que o útero volte ao seu tamanho normal mais rapidamente e reduz o sangramento, prevenindo a anemia materna e reduzindo o risco de câncer de mama e ovário. (DIAS, 2022).

Também vale ressaltar que o ato de amamentar vai muito além de prover um alimento que, como já foi dito, traz inúmeros benefícios para o binômio mãe-filho, a amamentação está relacionada também com o afeto, é um dos momentos mais importantes para fortalecer o vínculo afetivo entre mãe e filho.

Dessa forma, o projeto realizou algumas ações ao decorrer do mês de agosto. Essas ocorreram nos corredores do posto de saúde, onde qualquer pessoa que adentra a unidade pode ter aces-

so à informação e todos os públicos puderam ser contemplados. As figuras 6, 7 e 8, demonstram as ações realizadas no mês de agosto, correspondendo à temática do Agosto Dourado.

Figura 6 - Materiais utilizados para a ação em saúde `Agosto Dourado` realizada pelas acadêmicas de Enfermagem do projeto. Fortaleza, Ceará, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do Projeto de Extensão Gestando Vidas, 2022.

Figura 7 - Ação em saúde sobre Agosto Dourado realizada pelas acadêmicas de Enfermagem do projeto em parceria com profissionais da UAPS Dom Aloísio Lorscheider. Fortaleza, Ceará, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do Projeto de Extensão Gestando Vidas, 2022.

Figura 8 - Folder educativo Agosto Dourado. Fortaleza, Ceará, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do Projeto de Extensão Gestando Vidas, 2022.

Além das atividades de educação em saúde, as estudantes tinham acesso à "Sala da Mulher que Amamenta", uma sala com o principal objetivo de realizar o cadastro das gestantes ou puérperas para o processo de doação de leite materno. Além disso, era disponibilizada assistência à

mulher que decidisse doar o leite naquele momento, respeitando toda a privacidade necessária.

No mês de agosto, as acadêmicas participantes do projeto também foram convidadas por profissionais do Hospital Infantil Albert Sabin a participar de uma ação em saúde com gestantes convidadas em parceria com os profissionais da unidade. Nessa ação, abordou-se a importância da amamentação e os benefícios de tal prática, além de sanar as dúvidas das gestantes.

O projeto firmou uma parceria com o centro acadêmico de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará com o objetivo de coletar potes para a doação de leite materno, no total foram arrecadados 25 potes que foram destinados à “Sala da Mulher que Amamenta”, localizada na UAPS na qual ocorrem as ações do projeto de extensão.

Durante as atividades de sala de espera, as acadêmicas observaram que muitas mulheres têm dúvidas sobre alguns assuntos relacionados ao período da gravidez e do puerpério. Sendo assim, uma das metas principais das atividades de extensão se configura no esclarecimento de dúvidas dessas mulheres com embasamento científico. Nesses momentos, as acadêmicas contribuíram por meio de estudos prévios realizados na literatura científica atualizada, fundamentando suas ações.

As ações educativas no período gravídico-puerperal propiciaram a prevenção e promoção de saúde, possibilitando o desenvolvimento de autonomia, confiança e orientação da mulher pelo acesso aos conhecimentos, atitudes e mudanças de comportamentos, tornando-a sujeito ativo no seu processo saúde-doença. As práticas educativas em saúde têm um grande potencial transformador de construção do saber que repercute significativamente no desenvolvimento satisfatório e saudável da gestação e puerpério, proporcionam aprendizado, conhecimento, troca de experiências e vivências, esclarecimento de dúvidas e, em especial, integração entre os componentes inseridos nesse processo, profissionais, usuários e familiares (CAVALCANTI, SOUSA, 2021).

Além dessas ações, o projeto de extensão semanalmente está inserido em outras UAPS de Fortaleza, Ceará, a fim de amplificar o conhecimento das mulheres sobre as temáticas abordadas, como a importância do teste do pezinho, do aleitamento materno, da higiene no pós-parto, dentre tantos outros temas, para assim fornecer conhecimentos que empoderem as mulheres sobre o universo da temáticas que abrangem a gestação, o parto e o puerpério.

Têm-se percebido que os projetos de extensão são de suma importância visto que ocorre em um momento da vivência acadêmica singular, sendo possível perceber que os conhecimentos sobre determinados assuntos e práticas podem ser influenciados pela vivência da realidade social de cada pessoa presente na sala de espera (SILVA et al., 2019).

Ademais, proporcionam às gestantes, puérperas e demais participantes momentos de compartilhamento de vivências, reflexões e aprendizado que favorecem o autocuidado e o desenvolvimento de recursos para que possam ser utilizados durante a vivência no ciclo gravídico-puerperal (MAZZETO et al., 2019).

Considerações Finais

Neste relato de experiência observou-se que as atividades nas salas de espera para as consultas com as gestantes e puérperas foram relevantes no que diz respeito ao compartilhamento de experiências, ao contato afetivo e a socialização dos saberes técnico-científico e popular. Nesse sen-

tido, houve contribuição de ambas as realidades, promovendo acréscimo nos conhecimentos sobre o ciclo gravídico-puerperal às gestantes, assim como uma melhor compreensão por parte das acadêmicas de enfermagem aos saberes populares e ao seu papel como futuras profissionais de saúde.

Assim, na experiência relatada, as oportunidades que as salas de espera proporcionam em um momento de educação em saúde demonstra-se benéfica em diversos fatores. A vivência proporcionou um reforço dos conhecimentos científicos sobre a gravidez, o parto e o puerpério, além de uma promoção da autonomia de saúde ao público-alvo nas interações educacionais prestadas.

Também é importante ressaltar que momentos de convivência, como os mencionados ao longo deste capítulo, reforçam a aproximação e conseqüente frequência nos retornos para as consultas no posto de saúde, visto que nessas situações é construído um vínculo afetivo entre as acadêmicas e o público que frequenta a unidade de saúde, proporcionando assim um momento interativo e confortável para ambos os participantes.

Por fim, outro ponto importante seria a contribuição que essas interações educacionais nas salas de espera para consulta focada no ciclo gravídico-puerperal trazem às acadêmicas que fazem parte do Projeto de Extensão Gestando Vidas no seu processo de formação. Atividades como essas viabilizam a atuação das futuras enfermeiras como educadoras em saúde, sendo esse um componente básico para a prestação do cuidado humanizado.

Foto 9 - Membros do Projeto de Extensão Gestando Vidas. Fortaleza, Ceará, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do Projeto de Extensão Gestando Vidas, 2022.

Referências

ANDRADE, J. M. M; FARINHA, M. G. ; ESPERIDIÃO, E. Enfermagem em Saúde Mental: intervenção em sala de espera na assistência integral à saúde. Rev. Bras Enferm. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0886>. Acesso em: 17 set. 2022.

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 13.435, de 12 de abril de 2017. Institui o mês de agosto como o Mês do Aleitamento Materno. Governo Federal. Brasília, DF. 2015. Acesso em: 21 set. 2022.

- CAVALCANTE, Y. A. et al. Extensão Universitária como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem na formação do enfermeiro. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 463-475, 2019. Disponível em: : <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2019v22i1p463-475>. Acesso em: 18 set. 2022.
- CAVALCANTI, L. M. B.; SOUSA, M. N. A. Educação em saúde na Atenção Primária no ciclo gravídico puerperal: Uma revisão integrativa. *Rev. Research, Society and Development*, v. 10, n.5, 2021. Acesso em: 17 set. 2022.
- DALTRO, M, R. ; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *PSICOLOGIA CLÍNICA E PSICANÁLISE*. v. 19, p. 223-237, 2019. Acesso em: 27 set. 2022.
- DIAS, Leonardo. Agosto Dourado: O cuidado ao bebê desde o primeiro segundo de vida. *Rev. Nursing*, v.25, n. 291 , p. 8234-8236, 2022. Acesso em: 17 set. 2022.
- FONSECA, R. M. S. et al. O papel do banco de leite humano na promoção da saúde materno infantil: uma revisão sistemática. *Rev. Ciência e Saúde Coletiva*, v.26, n. 1, p. 309-318, 2021. Acesso em: 20 set. 2022.
- FREITAS, M. I. F.; MIRANDA, W. D.; PASSOS, M. C. Doação de leite humano na perspectiva de profissionais da atenção primária à saúde. *Rev. Cadernos Saúde Coletiva*, v. 27, n. 3, p. 301-306, 2019. Acesso em: 22 set. 2022.
- GUERREIRO, E. M. et al. Educação em saúde no ciclo gravídico-puerperal: sentidos atribuídos por puérperas. *Revista brasileira de enfermagem*, v. 67, n. 1, p. 13-21, 2014. Acesso em: 20 set. 2022.
- MAZZETO, F. M. C. et al. Sala de espera: educação em saúde em um ambulatório de gestação de alto risco. *Rev. Saúde e Pesquisa*, p. 93, 2019. Disponível em: [10.17765/2176-9206.2020v13n1p93-104](https://doi.org/10.17765/2176-9206.2020v13n1p93-104). Acesso em: 20 set. 2022.
- PENA, G.G. et al. Ações em prol do aleitamento materno e doação de leite humano de um projeto de extensão universitária. *Revista ELO - Diálogos em Extensão*, v. 8, n.1, 2019. Acesso em: 18 set. 2022.
- PINTO, R. L. et al. Sala de espera: espaço para educação em saúde. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 6. p. 500, 2018. Acesso em: 18 set. 2022.
- SANTOS, A. S. Metasynthesis of educational strategies used to promote prenatal health. *Journal of obstetrics and gynaecology : the journal of the Institute of Obstetrics and Gynaecology*, v. 40, n. 2 , p. 147-152, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01443615.2019.1604642>. Acesso em: 28 set. 2022.
- SILVA, A. L. B. et al. A importância da Extensão Universitária na formação profissional: Projeto Canudos. *Rev. enferm UFPE on line*, n. 13, p.242189, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.242189>. Acesso em: 20 set. 2022.

14 PET AT HOME: UMA INTERAÇÃO ANIMAL EM MEIO A PANDEMIA

Laís Dantas Ferreira (UECE)¹

Roberta Ramalho Furtado (UECE)²

Julyanna Cordeiro Maciel (UECE)³

Aderson Martins Viana Neto (UFC)⁴

Introdução

A história da Arte está fortemente ligada à história da Humanidade. As pinturas rupestres, datadas do período paleolítico, eram utilizadas pelas primeiras civilizações como formas de comunicação e representação dos elementos da natureza, especialmente animais (Figura 1).

Figura 1 - Pintura rupestre que pode ser a mais antiga no mundo, encontrada em caverna da Indonésia datada de 44 mil anos atrás.



Por outro lado, a fotografia surgiu no século XIX, época em que as tendências artísticas estavam cada vez mais voltadas ao realismo, tendo revolucionado o conceito de imagem. Mesmo enfrentando duras críticas de pintores, escultores e mestres de gravura que não reconheciam seu valor estético, a fotografia conquistou o público rapidamente (ENTLER, 2007).

Assim, a fotografia é parte importante na vida das pessoas nos dias atuais, dada a facilidade

1 Estudante de Medicina Veterinária, bolsista de Monitoria Acadêmica, Universidade Estadual do Ceará.

dantas.ferreira@aluno.uece.br.

2 Estudante de Medicina Veterinária, bolsista de Monitoria Acadêmica, Universidade Estadual do Ceará.

roberta.furtado@aluno.uece.br

3 Estudante de Medicina Veterinária, bolsista de Extensão Universitária, Universidade Estadual do Ceará. julyanna.maciel@aluno.uece.br.

4 Doutor, professor do Magistério Superior, Universidade Federal do Ceará.

aderson.viana@ufc.br.

de capturar imagens, onde quer que estejamos, daquilo que desejamos. Em decorrência da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2; COVID-19), que resultou em períodos de distanciamento e isolamento, a arte foi evidenciada como meio de expressão, estando cada vez mais inserida na vida das pessoas, tendo sido seu consumo progressivamente maior. Com a restrição de atividades fora de casa, o consumo de produtos como filmes, livros, jogos de videogame, assim como o uso de aplicativos de socialização virtual, nos ofereceram um leque de possibilidades de entretenimento (NETTER, 2020).

Diante deste panorama, a arte se afirma como uma ferramenta indispensável para ampliar a capacidade de expressão e comunicação, seja através de desenhos, músicas, imagens, danças, desde outras formas de manifestação. Assim, a arte cria uma infinidade de possibilidades de aperfeiçoar o processo de humanização e, ainda, representando um espaço de fuga em decorrência da crise sanitária. Pois, é sabido que tal momento tem implicado no aumento de fobias sociais, depressão, ansiedade, estresse, causando prejuízos significativos na saúde mental de diversas pessoas (FIOCRUZ, 2020).

Sob diferentes óticas, sabe-se que o contato social tanto para os homens quanto para os animais é indispensável. Tal convivência é capaz de proporcionar benefícios relacionados à redução do estresse, ao combate à depressão, bem como ao estímulo de exercícios, proporcionando mudanças de comportamento e ensinando novas formas de pensar e agir. Assim, o convívio com animais representa uma grande fonte de suporte social e emocional (FARACO, 2008).

Segundo Buoro (2003), o sentido da vida é perceptível no momento em que o homem passa a interpretar e perceber o que está ao seu redor, quando os sistemas e o cérebro se desenvolvem no contato com esta realidade. Face ao exposto, assimilando-o ao que foi mencionado sobre os benefícios da arte, a qual, enquanto linguagem, permite ao homem uma relação deste com o que está ao seu redor no contexto em que ele está inserido; e do convívio com um pet, que interfere positivamente no comportamento do homem. O projeto intitulado “Pet at Home”, enfatizou a arte da fotografia com enfoque em animais de estimação, partindo do princípio de que a linguagem visual é de grande relevância enquanto meio de expressão na sociedade contemporânea e da necessidade de se explorar a arte como estratégia para combater o ócio em épocas em que a liberdade está reduzida. No entanto, nos leva para o vasto espaço no interior de nossos pensamentos e imaginação, um lugar que talvez tenhamos negligenciado.

Assim, o presente relato de experiência irá discorrer sobre a experiência de criação e execução do projeto “Pet at Home”, uma interação social em ambiente virtual realizada por alunos do curso de medicina veterinária da Universidade Estadual do Ceará (UECE), durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia do novo coronavírus.

Metodologia

Em fevereiro de 2020 nasce o Cores e Valores, um grupo de estudantes de Medicina Veterinária orientados pelo Prof. Dr. Aderson Viana. Dentre os trabalhos em curso, fazia-se presente um projeto de extensão intitulado “Fazenda Dr. Esaú Accioly: cores e valores”, que tinha como objetivo a realização de um registro fotográfico da fazenda experimental da UECE. O processo seria construído ao longo de visitas na propriedade com o intuito de ouvir histórias, contá-las e eternizá-las através da fotografia. Em decorrência do isolamento social devido a pandemia, as idas ao município de Guaiú-

ba foram impossibilitadas e, a partir daí, surge a premissa para o “Pet At Home”.

Partindo das dificuldades nas quais a equipe estava enfrentando devido ao isolamento social, como o fechamento de praticamente todos os estabelecimentos, foi necessário o fazer artístico para adaptar-se àquela realidade, buscando dar continuidade aos trabalhos do grupo. Assim, diante de reuniões entre os integrantes, surgiu a ideia de trazer uma forma de interação virtual através de postagens de fotos de animais ou dos próprios tutores com seus pets, que seriam enviadas por eles através da conta do grupo no aplicativo Instagram, o qual serviria como ambiente de aproximação entre alunos da instituição de ensino durante a pandemia, onde eles poderiam compartilhar registros de fotografias de pets e suas rotinas com eles, tendo em vista que estes têm sido uma importante companhia diante dessa época de isolamento social.

Desenvolvimento

A proposta foi aplicada no Instagram da equipe, sendo intitulado como “Cores e Valores” (@coresuece), seguido da criação de uma arte padrão a ser utilizada nas postagens. Com a arte estabelecida, a primeira publicação do Pet At Home aconteceu 21 de junho de 2020, sendo uma publicação convidando o público para participar do projeto “Pet at Home”, no qual os participantes poderiam enviar fotos dos seus pets, independente da quantidade e, com o recebimento das fotos, foi estabelecida a ordem e a quantidade de publicações, de modo que a montagem da arte incluiria a foto, nome e peculiaridades dos pets e tag do tutor. Ao todo foram 17 publicações, 84 fotos e 59 participantes, da comunidade acadêmica e sociedade em geral (figura 2).

93 pets fizeram parte do projeto, sendo cachorros os mais recorrentes, aparecendo 61 vezes e representando um percentual de 65,6% do número total de animais, seguidos dos gatos, presentes 28 vezes, cerca de 30,1%. Pets menos convencionais como periquitos e porquinhos da índia também foram registrados. A maior interação veio por conta do público feminino, elas foram responsáveis por 71% dos envios.

As postagens foram todas padronizadas com a arte da equipe, seguindo uma ordem de acordo com os envios das fotos, sendo realizadas às quartas e aos domingos durante 3 meses seguidos, sempre marcando o tutor participante. Dentre nossas percepções pessoais podemos ressaltar que:

“Do ponto inicial até a última postagem, foi um trabalho incrível. Colocar a criatividade em ação, comunicação com o público e organização, foram pontos de extrema importância no decorrer do projeto, esses que alguns quesitos que necessitavam melhor nos meus dias, essa foi a oportunidade perfeita para trabalhar isso. Tive a oportunidade de receber uma responsabilidade e efetuar ela com êxito, contando com os meus colegas de equipe.”

“Desde o início do projeto fiquei extremamente entusiasmada com essa forma de interação envolvendo duas coisas que amo muito: animais e arte. Fazer a criação de arte do projeto, acima de tudo, foi uma forma terapêutica de me entreter e interagir, principalmente por eu ter uma tendência maior a me isolar. Desenvolver a criatividade e a habilidade de interagir com o público com certeza foi muito importante e um dos melhores benefícios que o projeto me trouxe, sem esquecer, é claro, do contato e integração com os membros da equipe diante de uma época tão difícil.”

“A pandemia trouxe muita angústia e ao perceber que os dias de isolamento social iriam durar mais do que o esperado, surgiu a necessidade do grupo se fazer presente nas mídias sociais.

O Pet At Home praticamente nasceu junto com nosso instagram e foi lindo vê-lo germinar e se desenvolver mesmo em meio à ansiedade do período quarentena. Moldar e estruturar a ideia, que foi executada com muita competência por minhas colegas, fez com que alegria e esperança acompanhassem esses dias tão difíceis.”

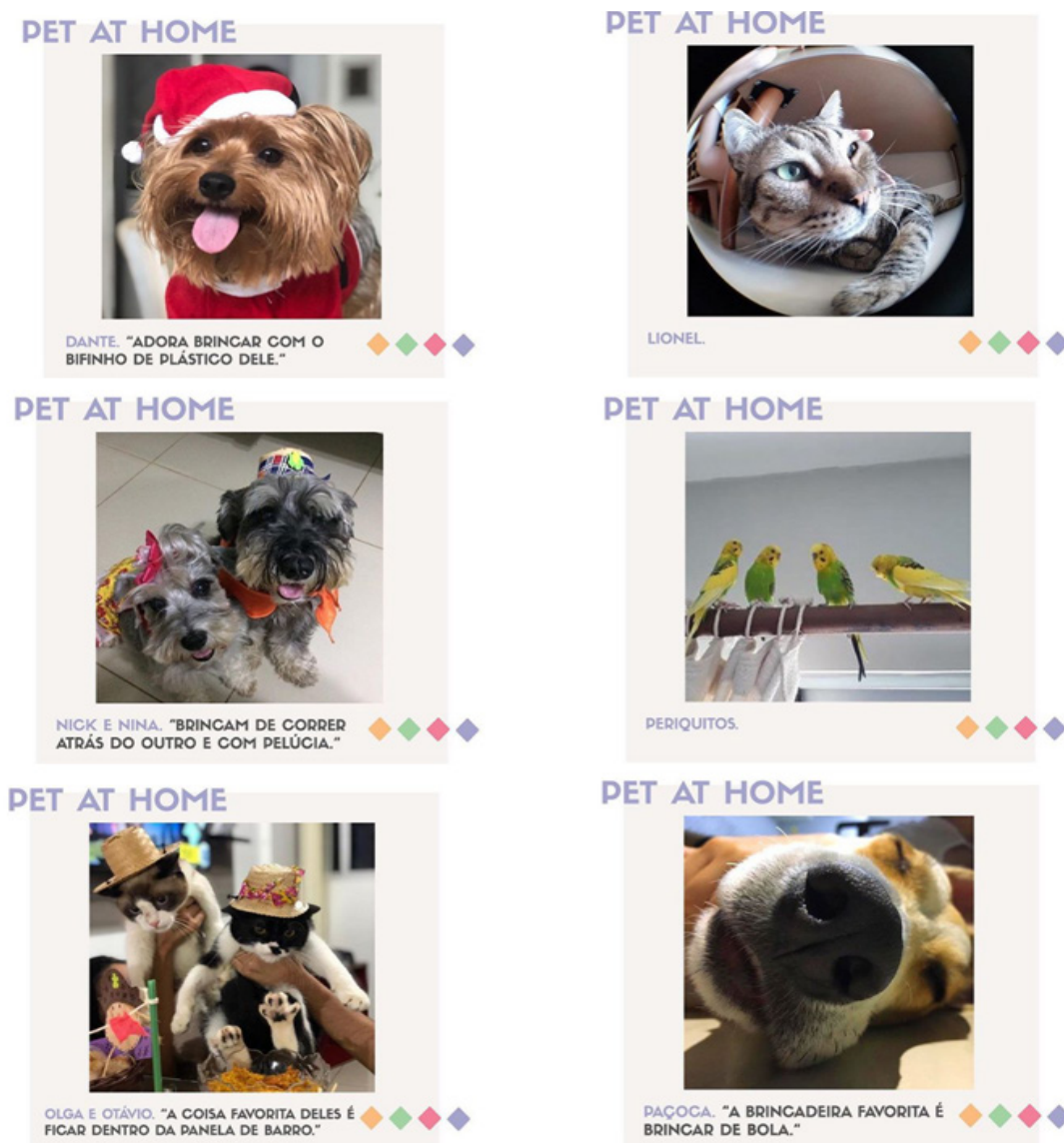
Ainda que nossa percepção e crescimento, pessoal e profissional, seja importante, os tutores participantes nos prestigiaram com feedbacks importantes:

- “Foi tudo lindo! Muito legal em períodos como esse que estamos vivendo poder se deparar com tanto amor representado em várias fotos.” @c4rolinad

- “Eu achei muito legal, hj em dia o mundo tá tão cheio de tragédia ainda mais nesse tempo, que ver pessoas felizes com seus bichinhos deixam o coração quentinho e cheio de amor! Melhora o dia!” @carolina_albuquerque_

- “Aaaaaa essa iniciativa foi de aquecer os nossos corações. Em tempos tão difíceis como esses em que estamos passando, ver aqueles bbs encheram meu coração de esperança.” @merciaellen

Figura 2 - Artes elaboradas com as fotos enviadas pelos participantes.



Fonte: Pet At Home, 2020.

Diante do cenário de pandemia, o isolamento social necessário fez com que muitas pessoas buscassem companhia e alívio com a adoção de um pet. No dia 26 de abril de 2020, a revista ISTOÉ publicou que cerca de 400 abrigos nos Estados Unidos tiveram quase todos os seus animais adotados em razão da pandemia, assim como foi relatado por muitos outros abrigos.

De fato, os impactos positivos da convivência com animais de estimação são inúmeros e podem ser demonstrados com o aumento destes nas residências, ressaltando a importância destes na saúde física e mental das pessoas, apresentando benefícios que vão desde o estímulo afetivo e de sensibilidade até o desenvolvimento de habilidades que envolvem responsabilidade e solidariedade, além de aliviar tensões do ambiente familiar (Tatibana & Costa-Val, 2009).

Face a este contexto, aliando-o à busca pelo bem-estar durante a pandemia do Covid-19, também houve um aumento no uso das redes sociais como ferramenta de sociabilização, por sua acessibilidade e simplicidade, trazendo entretenimento à monotonia dos dias em isolamento. Deste modo, houveram diversas campanhas realizadas no aplicativo “Instagram” com o intuito estimular o convívio social durante este período.

Aliar o convívio com os pets com a prática de retratar momentos com estes por meio de uma ferramenta que oferecia apoio e manutenção do vínculo entre as pessoas quando estas não podiam estar juntas e realizar atividades sem se deslocar, além de minimizar os impactos do distanciamento, proporcionou momentos mais próximos aos animais de estimação e o estímulo de atividades envolvendo a criatividade, com temas relacionados ao dia-a-dia daquelas pessoas, permitindo a aproximação e troca de experiências entre estas. A grande adesão do público à proposta realizada na rede social demonstrou seu importante papel como veículo de socialização e bem estar diante de momentos críticos.

Considerações finais

O projeto teve sua realização concluída com muito sucesso, atendendo as expectativas da equipe, tendo alcançado o objetivo inicial. A metodologia aplicada foi facilmente seguida por todos os meses em que o projeto se estendeu. Foi uma grande fonte de aprendizado, permitindo a oportunidade de interação social em meio a pandemia e também oportunidade para todos trabalharem em equipe, enriquecendo seus hábitos de disciplina perante ao compromisso estabelecido, foi possível alcançar resultados além do inicialmente desejado. Além disso, foi possível medir qualitativamente a importância da relação humano-animal, bem como a participação do pet no dia a dia dos tutores.

Referências

- BUORO, A. B. O olhar em construção. Uma experiência de aprendizagem e de ensino da arte na escola. São Paulo: Ed. Cortez, 6^o ed. 2003.
- ENTLER, R. “Retrato de uma face velada: Baudelaire e a fotografia”. In: Revista da Faculdade de Comunicação da FAAP. N^o 17, 2007, p. 4-14
- FARACO, Ceres Berger. Interação Humano-Animal. Ciência veterinária nos trópicos. Recife, v. 11. p. 31-35, abril, 2008.
- FIOCRUZ. Depressão, ansiedade e estresse aumentam durante a pandemia. 2020. Disponível em: <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/depressao-ansiedade-e-estresse-aumentam-durante>

-a-pandemia/> Acesso em: 30 out. 2021.

ISTOÉ. 2020. Adoção de animais de estimação nos EUA dispara em meio a pandemia. Disponível em: <https://istoe.com.br/adocao-de-animais-de-estimacao-nos-eua-dispara-em-meio-apandemia/>. Acesso em: 28 out. 2021.

NETTER, L. The importance of art in the time of coronavirus. The Conversation, Estados Unidos, 1, abril, 2020. Disponível em: <<https://theconversation.com/the-importance-of-art-in-the-time-of-coronavirus-135225>>.

TATIBANA, L. S. & COSTA-VAL, A. P. (2009). Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário [Versão Eletrônica]. V&Z em Minas: Revista Veterinária e Zootecnia em Minas, 103(1), 12-18.

15 EXPERIÊNCIA COM JOGOS PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA

Ana Caroline Rocha Pascoal (UECE/ FAFIDAM)¹

Hiorana Nascimento Marques (UECE/ FAFIDAM)²

Ana Maria Pereira Lima (UECE/ FAFIDAM)³

Introdução

Este trabalho visa à exposição de um relato de experiência promovido por um projeto de extensão assegurado pela Universidade Estadual do Ceará no campus de Limoeiro do Norte. As atividades foram realizadas em uma escola pública de ensino fundamental no município de Russas-Ce, A temática do projeto é o ensino de gramática a partir da perspectiva dos multiletramentos e da sociolinguística educacional nos anos finais do ensino fundamental, em que se planeja um ensino mais contextualizado para os educandos, a partir de formas pelas quais os alunos possam aprender através de jogos, facilitando o aprendizado e contribuindo para a interação com os colegas – diferenciando de um ensino da Língua Portuguesa mais pautado na proposta homogênea e menos científica, em que falta contexto de ensino e diversidade no âmbito da aprendizagem.

O projeto de extensão relatado neste trabalho encontra-se na segunda etapa com turmas de 6º e 7º anos, no modelo presencial de ensino de 2022, diferente do ano de 2021, em que iniciou a primeira etapa por meio remoto, por causa da situação pandêmica e com o contexto totalmente diferenciado, em que os encontros do projeto ocorreram virtualmente, em turmas de 9º anos na mesma escola. Atualmente, no modelo presencial, seguimos os conteúdos propostos pela escola e pela professora titular das turmas que trabalhamos, com momentos lúdicos unindo os conteúdos aos jogos selecionados.

Este relato, em forma de capítulo, objetiva uma mostra dos resultados obtidos, bem como as discussões acerca do assunto relacionando ao ensino de Língua Portuguesa a partir das vertentes da sociolinguística através dos jogos com teóricos que apoiam a ludicidade em sala de aula, o aprendizado diversificado, o objetivo da sociolinguística para a educação e os multiletramentos como meio de propiciar os conhecimentos dos alunos. Assim, indo ao encontro aos contextos vivenciados pelos educandos e também trocando saberes como professores e gestores, em especial da docente que nos acompanha, no contexto da sala de aula, com a qual estamos em constante aprendizado e formação, na busca de uma melhor experiência dentro da realidade que é possível perante as dificuldades do ensino escolar brasileiro.

1 Graduanda do curso de Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), campus FAFIDAM e bolsista no Programa de Extensão Universitária (PROEX). E-mail: caroline.pascoal@aluno.uece.br

2 Graduanda do curso de Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), campus FAFIDAM e bolsista no Programa de Extensão Universitária (PROEX). E-mail: hiorana.marques@aluno.uece.br

3 Professora do curso de Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), campus FAFIDAM E-mail: ana.lima@uece.br

Metodologia

Os objetivos que se pretendiam chegar com este projeto de extensão seriam de possibilitar um ensino mais dinâmico nas aulas de Língua Portuguesa, especialmente aulas referentes ao conteúdo de gramática, que comumente são aquelas que alunos e professores dizem ser mais difíceis de trabalhar nas salas de aulas. A partir de inúmeras pesquisas sobre o tema e, ainda, como o material didático aborda a temática, o projeto organizou a partir de sua estrutura inicial - professora orientadora, professora preceptora, bolsistas de extensão - as estratégias que facilitaram o processo que por meios diversificados pudessem atingir objetivos de aprendizagem dos educandos de forma lúdica e interativa.

A aplicação do projeto ocorre em momentos que se dividem a partir de seções situadas em estudos individuais orientados, estudos com a supervisão, planejamento na escola campo, confecção de atividades, aplicação nas salas com supervisão e avaliação. Esse ciclo é retroalimentado sistematicamente.

Tais procedimentos são pautados em teorias e estudos socioeducacionais e multiletradas tais como O Grupo de Nova Londres (GND) de 1996 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que são base para este projeto, ou seja, viabilizar um ensino contextualizado e significativo, possibilitando conhecimentos através de momentos lúdicos de crianças e adolescentes.

Os procedimentos do projeto consistem em unir jogos adaptados aos conteúdos em sala como forma de fixação e também de gerar envolvimento da turma e, assim, garantir momentos de ensino prazerosos aos alunos, criando um espaço de formação, crescimento e adaptação ao espaço escolar, não somente com regras preestabelecidas, mas com outros meios que facilitem o aprendizado em sala de aula. Portanto, quebrando paradigmas, tanto para o aluno da escola básica, como para o extensionista sobre o que significa construir saberes, pois ao trabalhar o ensino de gramática, ele percebe que essa atividade, antes naturalizada como pautada em regras fixas e aulas monótonas, presas a um grupo de disciplinas da universidade, sai para outros campos de atuação.

A atividade de curricularização se mostra ilimitada e demonstra que o aprendizado da gramática pode ocorrer de diversas formas e em várias situações, independente se nas aulas de estágio, ou em outros programas presentes na universidade (PIBIC, PIBID etc.). A Extensão toma sua plasticidade também nesse campo, avançando para a escola básica em forma de contribuição de propostas de metodologias e materiais de trabalhos para os discentes compreenderem melhor e de forma mais lúdica as estruturas da língua portuguesa.

O jogo como ferramenta de ensino

O trabalho com jogos e brincadeiras na escola não é algo novo, nem tampouco a teoria que prega a importância que esses elementos possuem para a formação da infância do cidadão na sociedade, já que são argumentados pelo filósofo como Platão na antiga Grécia (CAMBI, 2001). No espaço escolar e também na vida cotidiana da criança, a brincadeira está sempre presente, e isso não pode ser retirado, uma vez que prejudica o desenvolvimento infantil, que naturalmente passa por fases em que o brincar é parte essencial nesse processo. O momento que envolve o lúdico no espaço escolar aprimora o aprendizado do aluno, pois é uma ocasião que vai gerar construção, e, segundo Freire (1996) a construção desenvolve o aprendizado.

Os jogos são um dos meios que podem guiar esse aprendizado, principalmente, hoje em dia que contamos com uma infinidade de jogos que são feitos para cada idade. As tecnologias também se apropriaram desse meio, e hoje, muitos desses jogos nascem do mundo virtual e são também aprimorados para uma melhor experiência do jogador. A inserção do ser humano na sociedade é guiada por estratégias que o interessem e o façam nortear seu engajamento, essa proposta também é reafirmada séculos mais tarde por outros estudiosos como Schiller. O autor indaga que “o impulso sensível [...] precede o racional na atuação, pois a atuação precede a consciência” (SCHILLER, 2002, p.101). Neste curto fragmento, entendemos que o filósofo se apropria e apoia o sensível como meio de atrair o ser humano para o seu contexto e vivências, e nesse entendimento, os jogos podem ser algo que vai de encontro a essa sensibilidade humana, devido a essa característica que o lúdico pode proporcionar quando aplicado de forma eficiente.

Ainda segundo Schiller (2002), tem-se também a questão da racionalidade e da sensibilidade, estas unidas e que são primordiais no papel que toca o ser humano. O filósofo descreve que a sensibilidade pode superar a racionalidade demasiadas vezes, porém, o racional não pode ser deixado de lado, pois é tão importante quanto. O autor fala sobre o lúdico e reitera sobre a harmonização do sensível com o racional para que o ser humano, principalmente os de tenra idade – que são os trabalhados neste artigo, possam aprender a equilibrar-se entre o racional e a sensibilidade, e pelo lúdico, ou seja, pelo jogo, é possível haver uma conciliação entre ambos os conceitos.

Sobre ludicidade, o teórico Luckesi exemplifica esse conceito que não é tão simples quanto parece, mas sim, de extrema significância para o aprendizado intelectual do educando:

[...]ludicidade é um estado interno, que pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das “brincadeiras”. Pode advir de qualquer atividade que faça os nossos olhos brilharem. Ela não é igual para todos. Experiências que podem gerar o estado lúdico para um não é o que pode gerar o estado lúdico para outro, à medida que ludicidade não pode ser medida de fora, mas só pode ser vivenciada e expressa por cada sujeito, a partir daquilo que lhe toca internamente, em determinada circunstância. (LUCKESI, 2014, p.18)

O teórico descreve que a ludicidade é algo interno do ser humano, mesmo que ele esteja rodeado por outras pessoas. A confirmação para essa proposição, é afirmada dado que o intelecto é único assim como também a mente, que vai ser aprimorada individualmente mesmo com atividades iguais. Cada sujeito reage e participa de uma forma distinta, mesmo que a atividade posta em sua Zona de Desenvolvimento Proximal seja igual a todos à sua volta, a reação de cada sujeito será distinta. A experiência precisa ser impactante de alguma forma, mesmo a mais sutil, para então ser compartilhada com os demais, com o interno do coletivo e do grupo segundo Luckesi (2014). Também Caillois (1962), destaca que entre o jogo e o brincar existe uma associação e a necessidade do imagético e da fantasia devido ao jogo em si ser algo incerto no seu fim. Assinala ainda que essa surpresa que o jogo proporciona, revela a curiosidade e o prazer, porque aguça a vontade de criar e se recriar no descobrimento do que sempre esteve ali, mas que ainda não veio à tona para o educando.

Em um artigo da obra *Tecnologias para aprender* organizado por Carla Viana Coscarelli, Ribeiro (2016) cita Vigotsky para ressaltar a importância sobre a teoria do jogo como meio educacional, pois o psicólogo afirmou que essa experiência faz a criança se apropriar do mundo ao seu redor e ajuda-o a desenvolver o social e também sua personalidade. Ainda no posicionamento de Vigotsky (1998), o autor apoia também que a brincadeira envolvendo jogos permite o indivíduo na organização do pensamento, desenvolvendo toda a sua cognição e constrói um alicerce para o inserimento no contexto social em que vive.

A partir do entendimento do jogo como ludicidade e meio de ensino, pode-se partir então para as discussões dos multiletramentos, que fazem parte deste relato, bem como investigar sobre outras perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa que dialoga com o tema socioeducacional.

A proposta dos multiletramentos foi nomeada pelo Grupo de Nova Londres (GNL), que era composta por vários professores e pesquisadores de diversos países. O estudo tinha como objetivo propor um tipo de globalização das diversidades das linguagens em seus diferentes campos, incluindo o visual, o verbal, o espacial, o sonoro e também o cultural (GNL, 1996). Mais tarde, seria “incluído” por Cope e Kalantzis (2009), a forma escrita, oral, gestual e emocional, que vieram para acrescentar o estudo sobre o tema. Tal perspectiva fundada, permitiu um olhar mais aguçado para as questões em torno do ensino, não somente referente à escola, mas também ao mundo e seus muitos espaços que transitam em torno do ser humano, abarcando toda e qualquer forma de comunicação e discurso que permeiam o mundo contemporâneo, aliada a

Uma educação linguística é necessária, importante e fundamental para as pessoas viverem bem em uma sociedade e na cultura que se veicula por uma língua e configura essa língua por meio de um trabalho sócio-histórico-ideológico que estabelece tanto os recursos da língua como as regularidades a serem usadas para comunicar quanto os significados/sentidos que cada recurso é capaz de pôr em jogo em uma interação comunicativa.” (TRAVAGLIA, 2003, p. 23)

Essa importante contribuição aliada ao enfoque dos multiletramentos agregam-se ao projeto e fazem do jogo uma forma de buscar esse letramento, pois por meio da ludicidade, como já mencionado nos parágrafos anteriores baseados em teóricos que estudaram o assunto, o uso do jogo é um mecanismo perfeito e eficaz para o desenvolvimento social e intelectual da criança. Nesse sentido, compreendemos um ensino mais dinâmico, sem a necessidade de estabelecer regras para que os alunos venham se apropriar dos conteúdos, e é isso que essa perspectiva dialoga, que é a de buscar pelo contexto, procurando incluir vídeos, imagens, cores, sons e outros mecanismos aos métodos de ensino (ROJO, 2012).

A experiência dos jogos envolvendo a gramática na sala de aula

Com base no que já foi exposto sobre as teorias que sustentam esse projeto e seu objetivo, pode-se então partir para a prática, que é aquilo que se exerce na realidade da escola na qual executamos nossas atividades como bolsistas. As turmas que compreendem a de 6° e 7° anos, podem ser consideradas ainda turmas de transição, principalmente os de 6° anos, que saíram há pouco do

5º ano e ainda precisam de uma atenção maior, voltada para a adaptação e para a autonomia dos alunos, visto que para eles é uma mudança muito grande, por vezes. As crianças dessas turmas, com idades entre 11 e 12 anos, no contexto do ensino público, apresentam muitas dificuldades na leitura e escrita, e por isso, precisam de meios que facilitem esse engajamento e afeição nessa etapa tão importante. Outro ponto que deve ser pautado é que esses alunos que estão no ensino presencial saíram de um ensino remoto com múltiplas dificuldades, dentre elas educacionais, sociais e psicológicas. O déficit advindo do período remoto causou lacunas que dificultam diretamente no processo de aquisição dos conteúdos, em especial os alunos do 6º e 7º anos.

As crianças dessa fase sempre são mais atentas, estão de olho em tudo o que está acontecendo em sua volta e a grande maioria se mostra sendo participativa e ativa em tudo que o professor leva para a aula. Nesse momento é que o professor deve ser atento e astuto, pois esse comportamento contagiante dos alunos é um elemento primordial para que eles possam se interessar pelo aprendizado individual e também coletivo, pois estão aptos a toda proposta que o professor levar. Qualquer que seja o conteúdo passado, deve-se ter um impulsionamento que desperte a curiosidade e que possa utilizar as energias dos alunos, que estão prontas e abertas para o novo, que é o que eles tanto procuram nessa fase da vida.

O momento na sala de aula – voltado aqui para a disciplina de Língua Portuguesa, deve ser conduzido pelo professor de modo convincente e atrativo, uma vez que é isso que desperta os alunos. Nesse entendimento, não se pode considerar como único recurso para a aula somente os livros didáticos, por exemplo, nem tampouco abordar explicações que não vão envolver os alunos em alguma tarefa. O trato com a leitura e a escrita são primordiais, mas se não forem repassados de forma contextualizada e diversificada, não vai gerar um aprendizado realmente eficaz e necessário. Na BNCC atualizada e reformulada com propostas mais eficazes, ver-se a importância do ensino de linguagens ser contextualizado e fazer sentido para o aluno de acordo com a realidade vivenciada por ele e também por outras pessoas, atentando para a diversidade e o alargamento de repertório, para que o educando possa construir saberes necessários à sua vivência (BRASIL, 2017).

Em Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática, temos excelentes exemplos para essas questões gramaticais de ensino. O autor fala sobre a polissemia da palavra gramática e de como é importante atentar para o ensino não somente da forma, mas principalmente do conteúdo, que abrange os falares e os contextos sociais. Fala que conhecer sobre a nomenclatura dessa palavra não deve ser o objetivo, mas sim o de fazer os alunos compreenderem e entenderem sua competência de comunicação de falantes que são (OLIVEIRA, 2010).

Nessa perspectiva, o intuito deste projeto já em segunda etapa⁷¹, foi o de trabalhar com aspectos gramaticais por meio de jogos que foram adaptados para os conteúdos propostos. O intuito não era o de criar novos jogos, mas sim, recriá-los e fazer uma nova roupagem para que os alunos pudessem aprender e fixar os conteúdos de forma dinâmica e interativa, fazendo-os analisarem cada situação, lembrá-los do que tinham estudado anteriormente e também poderem brincar vivenciando conteúdos necessários ao aprendizado. Entretanto, como o conteúdo sobre a gramática

71 A primeira etapa deste projeto se deu no ano de 2021 de forma remota devido ao contexto excepcional pandêmico, em que o mesmo intuito foi mantido e trabalhado na mesma escola, mas com turmas de 9º anos e seus respectivos conteúdos. As dinâmicas e os jogos eram feitos todos em plataformas digitais e projetados no Google Meet, que era onde ocorriam os encontros escolares.

normativa é muito diverso, o professor de Língua Portuguesa precisa se ater a essas questões, para não padronizar um ensino, e sim, dinamizar, fazendo os alunos entender na prática como são as palavras e suas funções, entendendo a multiplicidade da linguagem, seja ela falada ou escrita.

Os jogos adaptados para os momentos em sala de aula, foram com os conteúdos de substantivos, adjetivos e verbos, estes pautados na grade curricular da escola. O primeiro conteúdo pautado foi a classe gramatical substantivos, a qual foi utilizado uma adaptação do jogo Bingo, em que foram feitas cartelas individuais e na hora foram feitos os sorteios dos tipos de substantivos que os alunos deveriam riscar, caso houvesse na sua cartela palavras que se encaixavam. Esse jogo tinha como fundamento o aluno recapitular os conceitos de substantivos e suas tipologias, assim ao sortear um substantivo concreto o discente deveria saber o que era um substantivo concreto, identificá-lo na cartela e marca-lo.

Outro exemplo de jogo adaptado foi o de Dominó, este seria pautado com verbos. O dominó foi construído com frases e verbos no presente do indicativo. Dividiu-se grupos em sala e os alunos ganharam envelopes contendo as peças necessárias para cada participante. Nesse jogo, cada aluno teria sua chance de jogar, assim como no dominó convencional, quem conseguisse zerar as peças, ganharia, e depois podiam trocar as peças com os colegas para outras rodadas de jogo. O jogo tinha como propósito os alunos organizarem as frases de forma correta respeitando os complementos dos verbos e o sentido semântico da frase.

Realizamos também, uma dinâmica com adjetivos, que ocorreu utilizando o próprio espaço da sala de aula, que consistia em cada aluno produzir 5 frases contendo adjetivos que viam ao redor. Como a sala era grande, colorida e cheia de informações, os alunos tinham uma grande gama de objetos e, assim, podiam usar da criatividade para pensarem e escreverem frases com diversos adjetivos. Essa dinâmica foi muito significativa também, pois os alunos tiveram autonomia para criarem suas próprias frases sem auxílio do livro, somente dos conteúdos que foram trabalhados em sala de aula pela professora e dos exemplos que foram mostrados. Outro ponto a ser destacado é que os alunos usaram os objetos que estão ao seu redor, mostrando que o conteúdo não está distante da sua realidade, e, sim, está inserido diretamente a sua realidade. Daí a importância de estabelecer uma ponte entre o conteúdo ministrado em sala e o contexto de vivência do aluno. Diante dos jogos realizados nas turmas o resultado foi bastante satisfatório em todas as atividades, principalmente essa última citada, que envolveu o saber do aluno para a observação e a escrita.

Resultados

A partir das vivências obtidas nas aplicações dos jogos nas salas de aulas dos 6º e 7º anos do fundamental dos anos finais, observou-se que os alunos tiveram uma aprendizagem significativa após o término dos jogos, já que alguns antes de iniciar os jogos não tinham 100% do domínio do conteúdo e com o exercício por meio da dinâmica, os alunos puderam praticar e exercitar certas deficiências e dominar o conteúdo com excelência.

A professora das turmas que foram aplicadas as dinâmicas elogiou bastante o desenvolvimento das atividades e como essa intervenção pedagógica foi primordial para o aprimoramento dos conteúdos. Observou-se, também, que os alunos ficaram bastante entusiasmados com as intervenções e participavam ativamente dos processos lúdicos propostos.

Portanto, os resultados observados durante as práticas lúdicas foram satisfatórios e provei-

tosos. Diante do contexto que os alunos e os professores enfrentam com a pandemia é de extrema importância, haja vista que esses tipos de intervenções pedagógicas são essenciais para aprimorar a recomposição e construção da aprendizagem do componente curricular de Língua Portuguesa, já que o prejuízo advindo das aulas remotas e os diversos contextos que impediram a total construção do aprendizado em sala.

Considerações finais

Este trabalho contendo um relato de experiência e também de pesquisa que aborda as vivências em sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa, que foi sustentada por teorias que comprovam o ensino sobre o viés dos multiletramentos e dos meios socioeducacionais, conseguiu alcançar seus objetivos. O trabalho em sala de aula, apesar das dificuldades do ensino público, foi satisfatório e trouxe um retorno que era esperado, que foi justamente a participação das turmas, o engajamento e o resultado esperado. Com esse resultado, podemos observar que os alunos aprenderam de forma dinâmica, com a ludicidade unida aos ensinamentos de gramática e, assim, constatamos na prática, que a teoria do ensino por meio de jogos é muito eficaz, pois trabalha com diversas áreas, principalmente a intelectual e a social da criança, fortalecendo seu espaço escolar e contribuindo para o conhecimento que a criança precisa aprender sobre sua língua. Com os jogos e as dinâmicas, o ensino ficou mais facilitador, as crianças tinham curiosidade, gosto de brincar e de aprender ao mesmo tempo, e isso não se tornava um fardo para elas, visto que o jogo conseguiu atraí-las para aquele momento de partilha de conhecimentos e que também era do interesse delas, pois o jogar enleva a criança a se encaixar no ato do jogo, fazendo com que se sintam capazes e responsáveis por aquilo que fazem e principalmente sobre a noção de testar seus conhecimentos sobre o assunto que estava sendo trabalhado no próprio jogo.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017.
- CAILLOIS, R. *Man Play and Games*. Glencoe: The French Press, 1962.
- CAMBI, F. *História da Pedagogia*. São Paulo: Fundação Editora Da UNESP (FEU), 1999.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. "Multiliteracies": New literacies, new learning. *Pedagogies: An international journal*, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009. Disponível em: <https://www2.iel.unicamp.br/tecle/encyclopedia/multiletramentos/>. Acesso em: 28 set. 2022.
- FREIRE, Paulo *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRUPO DE NOVA LONDRES. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. *Harvard Educational Review*, Spring, v. 66, n. 1, 1996.
- LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade*, [S. l.], v. 3, n. 2, 2014. DOI: 10.9771/2317-1219rf.v3i2.9168. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/9168>. Acesso em: 27 set. 2022.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- RIBEIRO, Andréa Lourdes. Jogos online no ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana. (org.). *Tecnologias para aprender*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

- ROJO, R.; MOURA, Eduardo. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012.
- SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem - numa série de cartas. 4. ed. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- TRAVAGLIA LC. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º grau. São Paulo. Cortez. 2003.
- VIGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

16 ABORDAGEM EDUCATIVA À PUÉRPERAS NO INCENTIVO À AMAMENTAÇÃO EXCLUSIVA EM HOSPITAL DE REFERÊNCIA

Bianca Rodrigues de Sousa (UECE)¹

Dalila Sousa Freitas (UECE)²

Antonio Rodrigues Ferreira Júnior (UECE)³

Introdução

A amamentação é uma estratégia com inúmeros benefícios à saúde da criança e da mãe. De fato, é o alimento mais completo que resulta não somente em prevenir doenças, como também intensifica o vínculo, a proteção e o afeto do binômio mãe-bebê. Segundo o Ministério da Saúde, a amamentação é uma prática fácil, econômica e acessível e gera um grande impacto positivo na promoção da saúde para ambos (BRASIL, 2022). É comprovado que o leite materno possui anticorpos que protegem o recém-nascido e componentes que contribuem para seu sistema imunológico, prevenindo infecções, diarreia, diabetes, hipertensão, obesidade, hipercolesterolemia e favorecendo o desenvolvimento cognitivo (SANTOS; MEIRELES, 2021).

O leite materno é tão completo que em uma situação de amamentação exclusiva, não há necessidade de introduzir outro alimento antes dos seis meses de vida do recém-nascido, pois ele é o único alimento adaptado exatamente à nutrição do lactente (OLIVEIRA, 2011). Um recém-nascido em situação de introdução alimentar antes do tempo preconizado pode desencadear prejuízos como hospitalizações por doenças respiratórias, risco de desnutrição, menor absorção de nutrientes essenciais, entre outras problemáticas (BRASIL, 2015).

Além dos contributos à criança, a mãe também é beneficiada com o retorno do peso pré gestacional brevemente, com a diminuição do sangramento uterino no pós-parto, tendo uma relação direta com o menor índice de anemia materna, com a diminuição da ansiedade, estresse, e maior vínculo com o bebê. Sendo evidenciado inclusive como método contraceptivo, pois a elevação da prolactina, hormônio responsável pela produção de leite, também age inibindo os hormônios que estimulam a ovulação (SANTOS; MEIRELES, 2021).

Dessa forma, buscando incentivos à prática da amamentação exclusiva até os seis meses de vida, o Brasil conta com o suporte de ações voltadas para essa temática, como a Iniciativa Hospital Amigo da Criança, Guia Alimentar para Crianças Brasileiras menores de dois anos, e a Rede Brasileira de Banco de Leite humano (OPAS, 2021).

No entanto, há muitos desafios que ainda precisam ser ultrapassados, que implicam na não concessão da amamentação. A ausência de experiências nas mães primigestas, a pega e o posicionamento incorreto, a ausência das consultas no pré-natal e o senso comum que perpassa as gerações com premissas como “leite fraco”, são algumas das muitas dificuldades que o sistema de saúde enfrenta para a adoção da amamentação exclusiva até os seis meses. Segundo o Ministério da Saúde, atualmente o aleitamento materno exclusivo está aproximadamente em 46%, sendo que a meta proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS) seria chegar a 50% até o ano de 2025 (BRASIL, 2022).

1 Discente do Curso de Graduação em Enfermagem, e-mail: bianca.sousa@aluno.uece.br

2 Discente do Curso de Graduação em Enfermagem, e-mail: dalila.freitas@aluno.uece.br

3 Docente do Curso de Graduação em Enfermagem, e-mail: arodrigues.junior@uece.br

Desse modo, fica evidenciado que há a necessidade do desenvolvimento de educação em saúde voltada para a temática. Instruindo não somente as mulheres no processo gravídico-puerperal, como também às famílias em rede de apoio, demonstrando a necessidade de ações educativas voltadas para os profissionais da saúde como forma de melhorar a assistência prestada à essas mulheres.

Para o sucesso total do processo de amamentação exclusiva, o papel do profissional de saúde, especialmente o enfermeiro, é essencial, visto que este acompanha todo o processo de gestação, desde o pré-natal até o pós-parto. Cabe ao profissional proporcionar uma visão ampla das dificuldades que a lactante possa vir a enfrentar, e assim, em conjunto com a paciente, desenvolver um olhar mais abrangente com os aspectos culturais, emocionais e sociais, com o amparo da sua rede social de apoio, incentivando a mulher ser a protagonista do seu processo de amamentação (BRASIL, 2015).

Nessa conjuntura, tendo em conta a importância da amamentação exclusiva e seus benefícios, relata-se a experiência do desenvolvimento de práticas educativas em um hospital de referência, desempenhadas por discentes bolsistas de um projeto de extensão, incentivando o exercício da amamentação para que o processo resulte em uma melhor qualidade de vida da mãe e do bebê, a partir de promoção da saúde.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, com uma abordagem qualitativa, baseado em um projeto de extensão. O Tecendo Diálogos na Maternidade é um projeto de extensão vinculado à Universidade Estadual do Ceará (UECE) em parceria com o Hospital e Maternidade Dra. Zilda Arns Neumann (HMDZAN), que contempla acadêmicas de enfermagem e tem como objetivo disseminar conhecimento sobre o ciclo gravídico puerperal e promover a promoção da saúde às mulheres em condições hospitalares.

As abordagens de educação em saúde foram desenvolvidas no alojamento conjunto e centro de parto do HMDZAN, localizado na cidade de Fortaleza, Ceará. Trata-se de um hospital que integra a rede hospitalar do município como unidade de retaguarda, dando suporte exclusivo para a assistência à mulher. A unidade oferece atendimento nas diversas áreas, com ênfase na ginecologia e obstetrícia (incluindo atenção à gravidez de alto risco, malformação fetal e infecção gestacional). No setor de obstetrícia, há quatro salas para parto vaginal, centro cirúrgico obstétrico, Unidade de Terapia Intensiva (UTI) adulto com dez leitos disponíveis, além de UTI neonatal.

As atividades desenvolvidas por meio do projeto de extensão foram executadas por duas discentes bolsistas do curso de graduação de enfermagem da UECE, com o auxílio do professor e orientador do projeto e supervisão de uma enfermeira coordenadora do centro de estudos, no período de março a agosto de 2022, com o intuito de aperfeiçoar o conhecimento relacionado à saúde da mulher, com ênfase no ciclo gravídico puerperal e de melhorar a democratização e socialização da informação.

Inicialmente foi apresentada a proposta de educação em saúde às mulheres à coordenação do hospital, havendo uma grande aceitação. Os encontros ocorreram semanalmente e foram planejados com palestras, conversas explicativas, discussões, tira-dúvidas com o uso de folders e panfletos e consultorias de amamentação individualizada com demonstrações da forma correta da pega, posição e duração da amamentação, intensificando também o processo de ensino e aprendizagem e incluindo as discentes na prática de promoção da saúde na atenção terciária.

Relato da experiência

A mulher no período gravídico puerperal requer uma atenção especial da equipe de saúde, pois está em um dos momentos mais importantes do seu ciclo vital e sofre modificações biológicas, fisiológicas, emocionais e sociais. É fundamental que os profissionais de saúde tomem consciência dos fatores determinantes desse processo, compreendendo suas particularidades e atuando em prol da promoção de saúde dessas mulheres. Com isso, as práticas educacionais e cuidadoras entram como melhorias pela saúde individual e coletiva das puérperas e gestantes (ALMEIDA et al, 2008).

Na sequência da análise efetuada ao longo dos meses de aplicação do projeto, foi considerada relevante a apresentação de duas temáticas: Ação educativa sobre a representação do mês do agosto dourado e Implantação da Iniciativa Hospital Amigo da Criança como estratégia de intervenção.

Ação educativa sobre a representação do mês agosto dourado

O mês de agosto foi designado pela OMS como Agosto Dourado, por simbolizar a luta pelo incentivo à amamentação. A cor dourada está relacionada ao padrão ouro de qualidade do leite materno. Visto isto, as discentes desenvolveram uma ação de educação em saúde em prol de disseminar informações referente a essa temática.

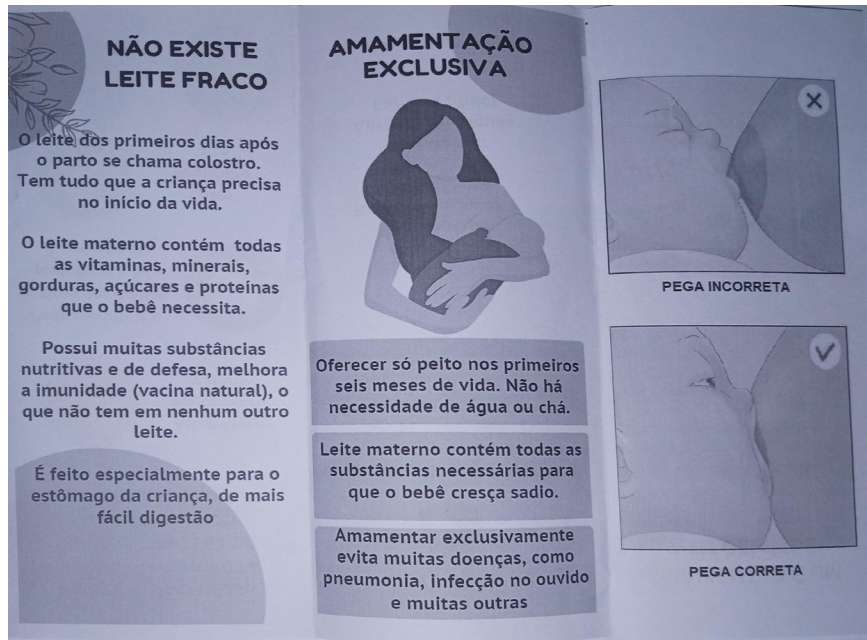
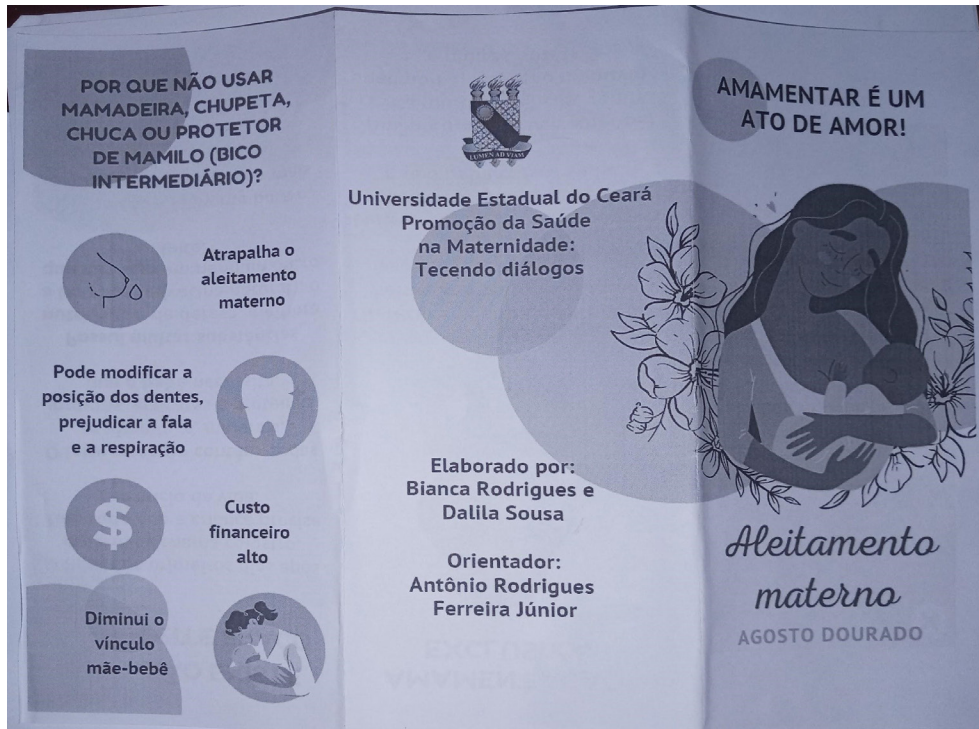
Em relação ao material utilizado na ação, foi realizada a confecção e distribuição de broches de fita de cetim dourada aos profissionais e pacientes como forma de demonstrar apoio à causa. As bolsistas se equiparam também com folders educativos e dinâmicos desenvolvidos com informações retiradas de cartilhas do Ministério da Saúde, em que todo o conteúdo exposto foi supervisionado e aprovado antes de sua distribuição.

Figura 1- Ação educativa Agosto Dourado



Fonte: autores (2022).

Figura 2 - Ação educativa Agosto Dourado



Fonte: autores (2022).

A ação ocorreu uma vez por semana no mês de agosto nos períodos vespertinos. Inicialmente, as discentes abordavam as pacientes individualmente, sempre respeitando a escolha da participação ou não da mesma. Com a aprovação, era repassado a motivação da temática e a explicação da denominação agosto dourado. Em seguida, com apoio do material desenvolvido intitulado "Amamentar é um ato de amor", ocorria uma conversa explicativa sobre os benefícios da amamentação, a pega e posição correta, motivos pelos quais não se deve usar mamadeira, chupeta ou protetor de mamilo, tira dúvidas sobre o senso comum do leite materno ser considerado fraco e era reservado um momento para a ênfase nos benefícios da amamentação exclusiva.

Logo após esse momento, a gestante/puérpera era questionada sobre possíveis dúvidas e assim as alunas procuravam saná-las da forma mais explicativa possível. Por fim, houve o mo-

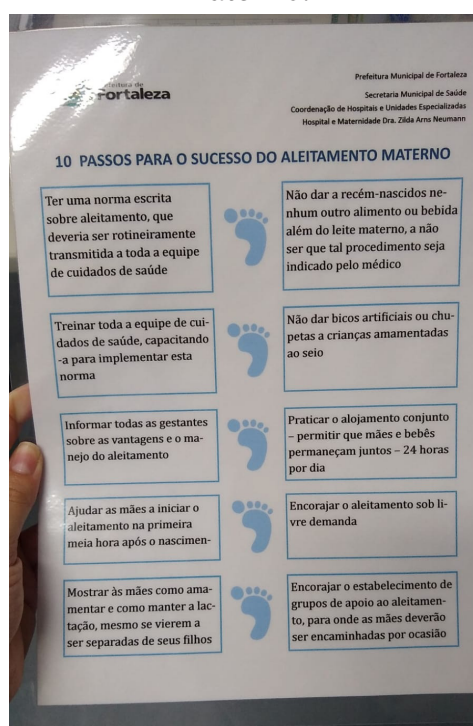
mento de demonstrar a pega e posicionamento correto do bebê na amamentação. No caso das puérperas, com a permissão da mãe, realizamos o passo a passo da pega correta com ela e com o recém nascido: queixo do bebê encostado na mama, lábios virados para fora e nariz livre, tendo o bebê abocanhado o máximo possível do mamilo e aréola. Analisamos a sucção e mostramos possíveis opções de posicionamento para o conforto de ambos na amamentação. Com as gestantes, simulamos com o uso do folder para melhor entendimento.

Com a grande adesão das mulheres à ação, notou-se uma considerável importância da assistência à saúde da mulher no período gravídico. De acordo com Silva et al., (2021), é válido que ações e intervenções educativas estabeleçam melhor entendimento e fomentem novas atitudes frente ao ato de amamentar, principalmente nos primeiros seis meses de vida. Sendo assim, torna-se fundamental a elaboração e continuidade de ações que contribuam para esta prática, com o auxílio dos profissionais de saúde, especialmente o enfermeiro que acompanha mulheres nas consultas de pré-natal e puericultura oferecendo todo suporte necessário para a garantia ao aleitamento materno.

Implantação da Iniciativa Hospital Amigo da Criança como estratégia de intervenção

Como forma de promover o aleitamento materno exclusivo, oferecer uma assistência de qualidade e avaliar os serviços de saúde já prestados às puérperas e gestantes, o HMDZAN vem buscando a aprovação do selo Iniciativa Hospital Amigo da Criança. A iniciativa é composta por 10 passos que precisam ser cumpridos em prol de resgatar o direito da mulher de aprender e praticar a amamentação com sucesso, potencializando as políticas de saúde da criança e da mulher, no contexto das redes de atenção à saúde, principalmente da rede cegonha e trabalhando com os profissionais da atenção hospitalar o modelo de boas práticas no cuidado prestado (BRASIL, 2019).

Figura 3- Iniciativa Hospital Amigo da Criança- 10 passos para o sucesso do aleitamento materno.



Com isso, foi desenvolvido um processo avaliativo segundo a percepção das clientes. O processo consiste na entrevista e preenchimento de formulários com perguntas sistemáticas direcionadas ao cumprimento e garantia dos 10 passos para o sucesso do aleitamento materno. Ao passo da vinculação do hospital com o projeto Tecendo Diálogos na maternidade, as bolsistas entraram nessa avaliação como colaboradoras, juntamente com três enfermeiras e uma fisioterapeuta.

Inicialmente as bolsistas foram orientadas sobre os objetivos da implementação do selo e da sua importância e foram submetidas a um treinamento básico de como abordar e colher as informações necessárias para o preenchimento do formulário. A coleta de dados ocorre duas vezes por semana, sendo realizado separadamente um dia para cada aluna no alojamento conjunto e centro de parto.

Figura 4- Iniciativa Hospital Amigo da Criança



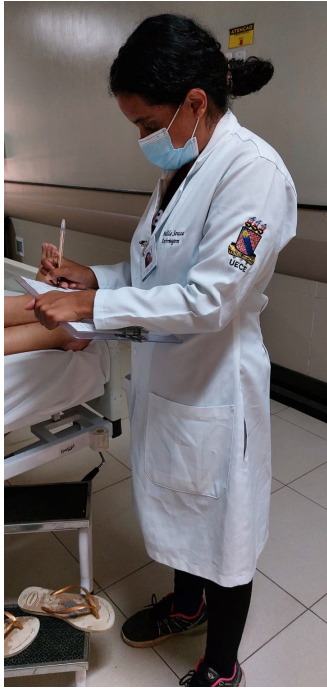
Fonte: autores (2022).

Há a identificação da discente à entrevistada e um breve esclarecimento do motivo da entrevista. Logo após a aceitação da paciente, são realizadas perguntas identificadoras como nome, idade, onde mora. Em seguida entram as questões relacionadas com a iniciativa hospital amigo da criança. São levantadas questões sobre a o contato pele a pele e amamentação na primeira hora de vida do bebê, se há o interesse em amamentar, se o RN está somente no aleitamento materno exclusivo ou na fórmula, se há problemas durante a amamentação e a classificação do atendimento recebido desde o momento do parto até a assistência no alojamento conjunto.

Nos casos de relatos de dificuldades na amamentação, foi oferecido apoio para sanar as dúvidas existentes e melhorar a situação para a mãe. O momento é composto por demonstração de pega correta, posicionamento correto e é passado a manobra de ordenha para as gestantes e puérperas com grande produção de leite.

Dessa forma, esse instrumento de coleta de dados é uma estratégia de incentivo à alterações necessárias na assistência que também abrange entre estimular o desejo de amamentar e a prática do aleitamento materno exclusivo.

Figura 5- Iniciativa Hospital Amigo da Criança



Fonte: autores (2022).

Considerações finais

As ações de extensão realizadas no hospital foram bem recebidas, beneficiando as puérperas, disseminando cuidados e informações a respeito do processo de amamentação, ajudando-as em um momento tão especial na sua vida, através do apoio, incentivo, alcançando maior número de mães que aderiram a amamentação, e foram ensinadas como proceder nesse processo.

Dessa forma, a extensão universitária foi importante para as discentes, resultando em uma experiência acadêmica de forma multidisciplinar, ao conhecer e vivenciar histórias reais, de como saber lidar com as diversas realidades ali existentes, abordagens que objetivaram escutar a puérpera e acolhê-la. Experiência singular na qual a promoção e a educação em saúde no processo de amamentação não somente beneficia as mães, mas as graduandas.

Em virtude dos benefícios já citados, considera-se que a equipe de enfermagem também é beneficiada, por isso se faz necessário sua capacitação, sua busca para obter as práticas técnicas e humanização na hora do atendimento e ensinamento sobre amamentação, porque tem seu papel essencial para utilizar de conhecimentos e práticas para ajudar as puérperas em todas as suas dúvidas.

Outro fator importante é o acompanhante lá presente em todo momento da atividade de extensão, ouvindo e tirando suas dúvidas, mostrando a pega correta, como ajudar no momento da massagem, como extrair o leite, posições corretas, em todo tempo ressaltando a importância da ajuda deles nesse processo, o que confirma a importância da educação em saúde abrangendo não só as mães, e a capacitação dos profissionais, mas também a rede de apoio das puérperas.

Sendo assim, no decorrer destas ações, abordagens, criação de folder, agostinho dourado, comunicação com as lactantes, aproximação com sua rede de apoio, potencializou-se o conhecimento acerca do aleitamento materno. Momento em que muitas mães aderiram, sabendo de todos os benefícios para seus bebês e para elas.

Referências

ALMEIDA, G. G. et al. Proteção, promoção e apoio ao aleitamento materno em um hospital universitário. *Ciências da Saúde coletiva*. V. 13, n. 2, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000200024>. Acesso em: 24 de set de 2022.

Brasil. Ministério da Saúde. Campanha Nacional Busca Estimular Aleitamento Materno. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/agosto/ministerio-da-saude-lanca-campanha-na-semana-nacional-de-amamentacao>. Acesso em: 26 de set de 2022.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança : aleitamento materno e alimentação complementar, 2. ed. – Brasília, 2015. 184 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf. Acesso em: 26 de set de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC). Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. 31 p. 2019. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/iniciativa-hospital-amigo-da-crianca-ihac/>. Acesso em: 26 de set de 2022.

OLIVEIRA, K. A. Aleitamento Materno exclusivo até os seis meses de vida do bebê: Benefícios, dificuldades e intervenções na atenção primária à Saúde. Mato Grosso, 2011. 22 p. Monografia (Conselheiro Lafaiete). Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/4621/1/2950.pdf>. Acesso em: 25 de set de 2022.

Organização Pan-Americana da Saúde. Importância de participação de toda sociedade na promoção do aleitamento materno, em lançamento de campanha no Brasil. Brasília (DF); 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/29-7-2021-opas-destaca-importancia-participacao-toda-sociedade-na-promocao-do-aleitamento>. Acesso em: 27 de set de 2022.

SANTOS, A. C.; MEIRELES, C. P. A Importância da Amamentação Exclusiva Nos Seis Primeiros Meses de Vida e o Papel da Enfermagem. *Revista Coleta Científica*, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 58–69, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5111606. Disponível em: <http://portalcoleta.com.br/index.php/rcc/article/view/56>. Acesso em: 26 de set de 2022.

SOUZA et al. A educação em saúde como ferramenta para promoção de aleitamento materno exclusivo. *Rev Research, Society and Development*. v. 10, n. 6, 2021 | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15187>. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15187>. Acesso em: 25 de set de 2022.

17 A PRÁTICA EXTENSIONISTA NA ARTE DE PODAR PLANTAS DE PEQUENO E MÉDIO PORTE NA CIDADE DE TAUÁ

Silvio César Gomes de Lima (CECITEC/UECE)¹

Fabiula da Silva Loiola (CECITEC/UECE)²

Franciso Herbert Carlos Teixeira (CECITEC/UECE)³

Jose Eduardo de Andrade (CECITEC/UECE)⁴

Introdução

O objetivo do presente capítulo é demonstrar as práticas extensionistas dos discentes do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas do Centro de Educação, Ciências & Tecnologia da Região dos Inhamuns da Universidade Estadual do Ceará (CECITEC/UECE), bolsistas e voluntários na arte de realizar podação de forma correta nos espaços públicos e privados da cidade de Tauá (CE).

A arborização de uma cidade, assim como os espaços verdes nela contida, é fundamental para a qualidade de vida das pessoas no meio urbano, a vegetação contribui para o conforto térmico, fornece sombra, possibilita a redução da velocidade do vento, contribui para o aumento da umidade do ar, sem mencionar os aspectos estéticos relacionados com ambientes verdes, sendo assim planejar a arborização é indispensável para o desenvolvimento urbano de uma cidade, para não ocorrer prejuízos ao meio ambiente, com consequências deletérias para os habitantes. A arborização é fator determinante da salubridade ambiental, por ter influência direta sobre o bem-estar da população humana, em virtude dos múltiplos benefícios que proporciona ao meio, além de contribuir para a estabilização climática, fornece abrigo e alimento a fauna e proporciona sombra e lazer nas praças, parques e jardins, ruas e avenidas das cidades. Nos últimos anos, tem-se percebido um aumento da população urbana, em virtude da preferência da própria população mundial pela ambiência urbana, e esse crescimento urbano tem se dado de maneira acelerada e muitas vezes sem planejamento, o que ocasiona sérios danos ambientais e tem influência direta na qualidade de vida dessas pessoas.

O município e a cidade de Tauá (Figuras 1), situa-se na região do Sertão dos Inhamuns, encontra-se a 340 km de Fortaleza, tendo como via principal de acesso à capital a Rodovia Federal BR-020. Apresenta uma extensão territorial de 4.018,19 km², com uma população de 57.701 habitantes, dos quais 32.259 estão na área urbana (IBGE, 2016; IPECE, 2014). Possui densidade demográfica de 13,9 hab./km², Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,633 e Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM) de 21,92. A cobertura vegetal nativa é caracterizada por Flores-

1 Professor Efetivo/Pesquisador - CECITEC, e-mail: silvio.cesar@uece.br

2 Discente do Curso de Ciências Biológicas – CECITEC; Bolsista PROEX, e-mail: fabiuila.loiola@aluno.uece.br

3 Discente do Curso de Ciências Biológicas – CECITEC; Bolsista IC/UECE, e-mail: herbert.teixeira@aluno.uece.br

4 Discente do Curso de Ciências Biológicas – CECITEC; Bolsista IC/FUNCAP, e-mail: eduardo549.andrade@aluno.uece.br

ta Caducifolia Espinhosa e Caatinga Arbustiva Aberta (IPECE, 2014), com clima semiárido, característica do bioma em que está situado.

Figura 1 – Vista do alto da cidade de Tauá (2021)



Fonte: Silvio César Gomes de Lima.

É um fator notável que a arborização urbana da cidade de Tauá-Ce é feita sem planejamento e com predominância de espécies exóticas, algumas com potencial invasor, demonstrando que a população não tem conhecimento sobre os riscos de se utilizar esse tipo de espécie, demonstra também que os órgãos públicos estão sendo lenientes com relação à questão. Todavia, torna-se justificável que sejam tomadas atitudes concretas sobre como deve ser feito o manejo correto das espécies arbóreas ora existentes na urbanização da cidade com a construção de um manual sobre poda adequada para cada tipo de árvores existentes na cidade de Tauá-Ce. Portanto, a atividade extensionista, por meio de bolsas de extensão concedidas à discentes do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas do CECITEC, assim como as atividades inseridas no currículo das disciplinas, tornou-se relevante para iniciar projetos sobre a forma correta de realizar a arte da poda, inicialmente em plantas de pequeno e médio porte, assim como desenvolver outras atividades de melhoria dos espaços públicos por meio de uma vegetação bem cuidada e de qualidade ambiental compatível com uma cidade inserida no semiárido em um contexto de aquecimento global.

Metodologia

Foi realizada pesquisa em plataformas digitais como Google acadêmico e secretarias estaduais do meio ambiente, para a coleta de dados sobre a normatização dos métodos de poda ao longo do primeiro semestre de 2021. A metodologia também se baseia em pesquisa bibliográfica; na coleta de dados usando fotografia digital com uso de smartphone nos espaços públicos da cidade de Tauá; e nas atividades extensionistas realizadas em instituições de ensino fundamental e médio da cidade de Tauá no decorrer do ano de 2021/2022.

Discussão

No atual contexto sobre a questão da normatização das boas práticas de podaçaõ fica evidente que 70% das capitais brasileiras apresentam normas para a podaçaõ de plantas, incluindo, a capital do Estado do Ceará, Fortaleza. No entanto, cerca de 30% das capitais do Estados brasileiros não apresentam uma padronizaçaõ e normatizaçaõ com relaçaõ às práticas de podaçaõ (Figura 2; Quadro 1). Salientando que a existência de uma normatizaçaõ estatal não garante que elas estão sendo efetivamente praticadas. Um bom mal exemplo,  caminhar pelas ruas de cidades como Fortaleza e Tau (Figura 3).

Figura 2 – Mapa colorido do Brasil



FONTE: <https://www.infoescola.com/geografia/mapa-do-brasil>.

Quadro 1 – Os Estados brasileiros e a normatizaçaõ da Podaçaõ.

ESTADOS DA FEDERAÇÃO	MANUAL
ACRE	X
ALAGOAS	+
AMAPA	+
AMAZONAS	+
BAHIA	+
CEARA	+
ESPÍRITO SANTO	+
GOIAS	+
MARANHAO	+
MATO GROSSO	+
MATO GROSSO DO SUL	+
MINAS GERAIS	+
PARÁ	+
PARAIBA	+
PARANÁ	+
PERNAMBUCO	+
PIAUI	+

RIO DE JANEIRO	+
RIO GRANDE DO NORTE	+
RIO GRANDE DO SUL	+
RONDONIA	+
RORAIMA	+
SANTA CATARINA	+
SÃO PAULO	+
SERGIPE	+
TOCANTINS	+
DISTRITO FEDERAL	+

Fonte: autores

SIM +

NÃO x

A arborização urbana é toda cobertura vegetal de porte arbóreo existente nas cidades (LACERDA et al., 2011). Fazer o planejamento da arborização é imprescindível para o desenvolvimento urbano, para não trazer prejuízos para o meio ambiente. Considerando que a arborização é um dos fatores determinantes da salubridade ambiental, por ter influência direta sobre o bem-estar do homem, em virtude dos múltiplos benefícios que proporciona ao meio, em que além de contribuir para a estabilização climática, fornece abrigo e alimento à fauna, embeleza pelo variado colorido que exhibe, e propiciam sombra e lazer nos parques, jardins, praças, ruas e avenidas de nossas cidades (DANTAS; SOUSA, 2004). A qualidade de vida urbana está diretamente atrelada a vários fatores que estão reunidos na infraestrutura, no desenvolvimento econômico-social e àqueles ligados à questão ambiental. No caso do ambiente, as áreas verdes públicas constituem-se elementos imprescindíveis para o bem-estar da população, pois influencia diretamente a saúde física e mental da população (LOBODA; ANGELIS, 2005).

As árvores na paisagem urbana, quando implantadas de forma arquitetada tendem a fornecer somente benefícios. Mas, deve-se ser feita uma exceção quando se tem espécies com capacidade de realizar invasão biológica, intitulada atualmente como “exóticas invasoras” (BLUM; BORGO; SAMPAIO, 2008). Atualmente, são consideradas nativas ou exóticas as espécies de árvores que constituem a arborização urbana, porém o uso de espécies nativas deve ser priorizado e de exóticas evitada.

As espécies nativas possuem diversas predominâncias favoráveis em relação às exóticas, sendo algumas delas: adaptabilidade garantida ao clima e solo; melhor desenvolvimento metabólico; maiores possibilidades de produção de flores e frutos saudáveis proporciona a alimentação para animais também nativos, conservando a fauna local, promulga a proliferação da espécie, evitando a sua extinção, evita o aumento de espécies invasoras exóticas e as doenças e pragas ocasionadas pelas mesmas, além de oferecer os benefícios comuns a todos os gêneros arbóreos (ALVAREZ, 2004).

Atualmente, a vegetação nativa existente apresenta-se completamente devastada nas cidades e os plantios de reposição ocorrem sem planejamentos e com utilização de espécies exóticas (ALVAREZ et al, 2012). É conspícuo na cidade de Tauá práticas de poda realizadas de forma totalmente incorretas (Figura 3).

Figura 3 – Exemplos de poda incorretas realizadas na área urbana da cidade de Tauá (CE).



Fonte: autores

Portanto, em decorrência da ausência de boas práticas de poda na cidade de Tauá e dada a sua imensa importância para a cidade e seus cidadãos, as práticas extensionistas começaram a ser praticadas, inicialmente por bolsistas de Extensão via PROEX (Pró reitoria de Extensão da UECE) com quatro focos iniciais: 1) a construção de um manual sobre boas práticas de poda para uso dos cidadãos da cidade de Tauá; 2) a orientação contida no manual como uma ferramenta à população para que seja consultado e colocado em prática no ato da poda; 3) práticas extensionistas nas instituições de ensino fundamental e médio, como uma forma de gerar multiplicadores das boas ações na arte da poda (Quadro 2; Figura 4); e 4) a criação da chamada, informalmente, “turma da poda”, que será constituída por bolsistas, discentes não-bolsistas do CECITEC e voluntários para expandir as boas práticas de poda na cidade de Tauá e seu entorno.

Atualmente, a prática extensionista via bolsa ou implantada no currículo das disciplinas do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, abrange um espaço amostral de pelo menos 4.000 estudantes dos ensinos fundamental e médio da cidade de Tauá e nas localidades do entorno (Quadro 2; Figura 4). Dadas as dificuldades logísticas, materiais, financeiras e de recursos humanos, as práticas extensionistas ora em plena atividade devem ser mantidas por um longo período para atender ao público dos ensinos fundamental e médio, e posteriormente, com o estabelecimento da “turma da poda” para os moradores da cidade de Tauá e seu entorno.

Metaforando, plantamos uma semente que está germinando, e o tempo é um recurso que precisamos; assim como os recursos materiais, financeiros e de pessoal, todos necessários.

Quadro 2 – As 8 instituições de ensino (Fundamental, Médio e Técnico) com práticas extensionistas

INSTITUIÇÃO DE ENSINO	MODALIDADE	NÚMERO DE ALUNOS
MARIA DO LIVRAMENTO BARRETO DA COSTA LEITÃO	Ensino Fundamental 2.	400
DONDON FEITOSA	Ensino Fundamental 2	480
LICEU LILI FEITOSA	Ensino médio	500
RAIMUNDO ADJACIR CIDRÃO DE OLIVEIRA	Ensino médio e ensino fundamental.	310
INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ	Ensino médio e técnico	900
DORINHA CIDRÃO	Ensino médio	500
MONSENHOR ODORICO DE ANDRADE	Ensino médio e técnico	360
JOAQUIM PIMENTA	Ensino médio	449

Fonte: autores

Figura 4 – Atividade de Extensão in loco (A teoria precede à prática) na Escola de Ensino Médio Maria das Dores Cidrão Alexandrino.



Fonte: autores

Considerações finais

No Sexto Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2021) ficou claro que as mudanças climáticas já estão nos afetando e os prognósticos para o futuro são

potencialmente perigosos. Embora não existam soluções rápidas e fáceis de serem implementadas, é inquestionável que cidades mais arborizadas representam uma forma de minimizar os impactos nefastos do aquecimento global. Sendo assim, otimizar as boas práticas de poda nas cidades, via a atividade extensionista, devem se tornar mais frequentes, assim como realizar práticas educativas que anabolizem tais práticas. Em um cenário de mudanças climáticas e redução no regime de chuvas é imprescindível que as boas práticas de manutenção e conservação dos recursos bióticos sejam otimizadas. A vegetação urbana da cidade de Tauá representa uma barreira capaz de minimizar os efeitos deletérios das altas temperaturas assim como de manutenção dos aquíferos existentes na cidade. As boas práticas de poda devem ser melhoradas e ampliadas. Não só na cidade de Tauá, mas em todas as cidades de pequeno, médio e grande porte, notadamente aquelas localizadas em áreas do semiárido, como as existentes no Nordeste brasileiro. O tripé ensino-pesquisa-extensão, deve se fazer como ação prática. No atual momento, a práxis extensionista atua de forma plena e auspiciosa.

Referências

- ALVAREZ, Ivan André. Qualidade do Espaço Verde Urbano: uma proposta de índice de avaliação. Piracicaba-SP. 2004.
- ALVAREZ, I. A.; OLIVEIRA, U. R.; MATTOS, P. P.; BRAZ, E. M.; CANETTI, A. Arborização urbana no semiárido: espécies potenciais da Caatinga. EMBRAPA Florestas. Documentos, 243. Colombo – PR, dezembro 2012.
- BLUM, C. T; BORGIO, M; SAMPAIO, A. C. F. Espécies exóticas invasoras na arborização de vias públicas de Maringá – PR. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba – SP, v. 3, n. 2, p. 78-97, 2008.
- DANTAS, I.C.; SOUZA, C.M.C. Arborização urbana na cidade de Campina Grande – PB: inventário e suas espécies. Revista de Biologia e Ciências da Terra. João Pessoa-PB, v.4, n.2, set. 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: www.ibge.gov.br. (Acesso em 23/06/2016).
- IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Perfil Básico Municipal, 2014, Tauá.
- LACERDA, R. M. de A; FILHO, J. A. de L; SANTOS, R. V. dos. Indicação de espécies de porte arbóreo para a arborização urbana no semi-árido paraibano. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba - sp, v. 6, n. 1, p. 51-68, 2011.

18 O USO DE RPG COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Gabrielle Barros da Silva (FECLESC/UECE)¹

Maria Guíllia Targino Lôbo (FECLESC/UECE)²

Vivian Suelen Rodrigues Teófilo (FECLESC/UECE)³

Felipe Queiroz Siqueira (FECLESC/UECE)⁴

Introdução

Vygotsky (1989), em seus estudos, apontou para a existência de uma relação entre jogos e o processo de aprendizagem, considerando que o jogo permite o desenvolvimento social, intelectual e moral do indivíduo. Sendo assim, o presente capítulo tem o objetivo de apresentar uma experiência de extensão a qual permite que o professor motive o aluno no ensino de produção textual, por meio de atividades lúdicas, possibilitando, através de um momento de interação, que o estudante entre contato com o conteúdo programático da disciplina por intermédio do RPG (Role Playing Game).

Conforme Prietto (2013), RPG é a sigla, em inglês, para Role Playing Game, ou jogos de interpretação de papéis, numa tradução livre. Esse tipo de jogo surgiu em 1974, criado a partir da junção dos universos advindos da literatura fantástica com os aspectos práticos e mecânicos de Jogos de Guerra. No entanto, existem também outros tipos de RPGs, como os RPG Solo ou Aventura Solo definidos como:

(...) um tipo de RPG no qual uma aventura é apresentada em um livro e o jogador seguirá um roteiro de possibilidades que serão oferecidas durante sua leitura. A história avança de acordo com suas escolhas, podendo o jogador chegar ao final da narrativa ou não. A diferença entre este RPG e o tradicional é que nele não existe uma interação entre outros jogadores, assim, suas escolhas é que definirão qual rumo a seguir, visto que não possui uma narrativa linear. (SILVA, 2020, p.45).

A utilização de jogos RPG em sala de aula é uma possibilidade, pois seu potencial de despertar o interesse dos alunos através do seu caráter inovador e lúdico é evidente. Além de que através de seu uso o professor tem a oportunidade de contextualizar a produção textual, a partir

1 Estudante de Letras Português pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) – Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista PIBIC/CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa de Literatura e as Metodologias para a Formação de Leitores (LIMEFLE). E-mail: gabrielle.barros@aluno.uece.br.

2 Estudante de Letras Português pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) – Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista BICT/FUNCAP. Membro do Grupo de Pesquisa de Literatura e as Metodologias para a Formação de Leitores (LIMEFLE). E-mail: guillia.lobo@aluno.uece.br.

3 Estudante de Letras Português pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) – Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: vivian.teofilo@aluno.uece.br.

4 Professor do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) – Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: felipeq.siqueira@uece.br

de simulações que trazem o aluno para uma participação mais ativa nas aulas, possibilitando uma mediação no ensino de produção textual, responsável por proporcionar maior dinamicidade e conversar de forma mais próxima com os alunos.

Segundo Freire (2003), “educação libertadora”, também conhecida como “educação problematizadora”, consiste num tipo de ensino e metodologias que colocam o discente na posição de protagonista no exercício da produção de seu saber, em que cabe ao professor estimular o aluno, deixando-o livre para questionar o mundo ao seu redor e se posicionar de forma crítica. Isso significa que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47). Essa concepção se opõe ao termo “educação bancária”, o qual refere-se a metodologias educacionais que colocam o discente numa posição de passividade, incumbindo-o unicamente de absorver de forma vazia o conteúdo dado pelo docente, sem ter autonomia no processo do aprendizado.

No contexto dessa educação problematizadora, a proposta de sequência didática que será apresentada a seguir foi pensada buscando dar uma roupagem mais dinâmica, lúdica e atual às aulas de produção textual, visando desmistificar algumas noções preestabelecidas advindas de um ensino de produção textual raso e despertar o potencial criativo e comunicativo dos alunos ao utilizar uma metodologia diferenciada com o auxílio de jogos RPG.

Metodologia

A atividade de extensão foi realizada tanto no primeiro ano do Ensino Médio, quanto para alunos do segundo semestre do Ensino Superior do curso de licenciatura em Letras. Utilizando como base o modelo de sequência didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), elaboramos a seguinte proposta de sequência didática para aulas de produção textual. Tivemos o auxílio do RPG Solo, Ronin (JUNGES, 2019), que retrata as aventuras e batalhas de um Ronin, andarilho e samurai do período feudal japonês. A partir da criação do perfil do personagem, o jogador é responsável por construir a história de seu personagem, tendo escolhas definidas e moldadas através do resultado obtido nos dados.

Sendo um importante instrumento pedagógico, a sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 82). Sabendo que é de suma importância adotar metodologias didáticas que propiciem ao aluno desenvolver sua habilidade discursiva, o modelo de sequência didática foi adaptado para as aulas de produção textual, tornando-se: pré-escrita, escrita e pós-escrita, respectivamente.

Os recursos necessários à ministração do minicurso podem variar de acordo com a vontade e criatividade daqueles que o ministrarem. No entanto, os recursos básicos consistem em: 1) dados de mesa, 2) o livro-jogo Ronin, e 3) o conto feito utilizando o jogo a ser lido e discutido com os alunos. É possível também contar com a utilização de slides que ilustrem a explanação, além de músicas e imagens que ambientalizem os alunos, auxiliando-os na imersão da história para que possam construir suas narrativas com maior facilidade.

Partindo da concepção de escrita enquanto processo, ao invés da usual concepção de escrita enquanto produto, o processo de avaliação foi pensado para consistir em três momentos distintos. O primeiro consiste na avaliação da participação do aluno em sala de aula, seus comentários

e contribuição na discussão dos textos, avaliando os conhecimentos prévios na pré-escrita, a organização na escrita e sua evolução pela discussão de pós-escrita. O segundo trata-se de avaliar os textos produzidos. O terceiro, por fim, refere-se a uma autoavaliação de desempenho, em que os alunos são questionados a respeito da experiência de produção. Ressalta-se que a concepção de escrita enquanto produto é responsável por criar “uma visão limitada sobre o ato de escrever, tendo em vista que o texto passa a ser julgado e avaliado, levando em consideração, em geral, aspectos formais, linguísticos e características superficiais” (ARCOVERDE et. al., 2007, p. 09).

Elaboramos um modelo de aplicação para a sequência proposta, com intuito de proporcionar, de forma lúdica e diferente das aulas usuais de produção de escrita, condições para o desenvolvimento de conhecimentos a respeito do gênero conto, já que “a escrita varia, na sua forma, em decorrência das diferenças de função que se propõe a cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros em que se realiza” (ANTUNES, 2003, p. 48). Além disso, permite-se a assimilação de ideias e interpretação de textos para produção textual e habilidades discursivas por meio da escrita. Ademais, busca-se apresentar o jogo de interpretação de papéis, evidenciando seu potencial enquanto ferramenta no ensino de produção escrita e auxiliar na construção de aprendizagens através da ludicidade. A Tabela 1, a seguir, apresenta o modelo utilizado.

Tabela 1 - Modelo de aplicação para a sequência proposta

INTRODUÇÃO (PRÉ- ESCRITA)
<ul style="list-style-type: none"> ● Iniciar ativando os conhecimentos prévios dos alunos, através de indagações a respeito do que eles entendem por conto, objetivando, em um momento posterior, explicar de forma mais aprofundada a estrutura do gênero; ● Introduzir alguns conceitos prévios do que seria o Role Playing Game (RPG) para que assim seja apresentada a proposta didático-pedagógica da produção textual utilizando o RPG Solo, diferenciando uma narrativa linear de uma não-linear;
DESENVOLVIMENTO (ESCRITA)
<ul style="list-style-type: none"> ● Elucidação a respeito do gênero conto, sua estrutura e características principais; ● Leitura e discussão de um conto autoral oriundo do livro-jogo Ronin, evidenciando as características e aspectos próprios do gênero; ● Apresentar e explicar a proposta de produção textual utilizando como suporte o RPG Solo “Ronin”, que tem como plano de fundo um Japão fictício baseado na era feudal japonesa. Diante disso, iremos esclarecer alguns aspectos na produção do conto que os alunos devem se atentar: quem escreve, para quem está escrevendo, sobre qual assunto e com que objetivo. Dessa maneira, a produção se dará a partir de uma partida do RPG solo “Ronin” jogada pelo aluno através do material disponibilizado em PDF, em que, o leitor inicia o texto e vai escolhendo pouco a pouco para onde sua leitura será direcionada obtendo não apenas um desfecho à narrativa, mas diversas possibilidades distintas; ● Contextualizar de forma breve a ambientação e o período histórico em que o jogo se passa, e conseqüentemente, os contos produzidos se passarão, para que os alunos possam se ambientar melhor e produzir contos mais ricos com mais facilidade; ● Além disso, propor a confecção de um ebook com uma antologia dos contos produzidos pelos alunos. Assim, incentivando a produção dos contos com um propósito comunicativo real, a antologia de contos. ● Por fim, cabe ressaltar que é necessário acompanhá-los e orientá-los durante o processo de escrita dos contos.
CONCLUSÃO (OU PÓS-ESCRITA)
<ul style="list-style-type: none"> ● No segundo dia, questionar aos alunos a respeito do que acharam da atividade, dos problemas/dificuldades encontrados e os pontos positivos relacionados ao processo de desenvolvimento da proposta; ● Comentar a respeito do processo de correção, buscando evidenciar os aspectos positivos, para poder incentivá-los em suas produções futuras; ● Apresentação do ebook e divulgação do link com acesso ao livro digital com os contos dos alunos; ● Leitura e discussão de alguns dos contos produzidos pelos alunos.

Fonte: Próprios autores

Resultados e discussão

Sabendo que o atual ensino de produção textual possui um enfoque maior na produção de texto dissertativo-argumentativo, gênero textual exigido pelo ENEM, fica claro que as instituições de ensino não preparam os alunos para se comunicar de forma efetiva nas mais diversas situações comunicativas, ela detém-se em uma prática textual artificial e vazia (ANTUNES, 2003), em que os alunos produzem redações sem propósito, decorando frases prontas e palavras difíceis, sem ao menos conhecer sobre o quê e porquê estão escrevendo, contrariando todo o propósito da escrita. Entende-se que

O grande equívoco em torno do ensino da língua tem sido o de acreditar que, ensinando análise sintática, ensinando nomenclatura gramatical, conseguimos deixar os alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos, conforme as diversificadas situações sociais. (ANTUNES, 2003, p. 46).

Assim, a ideia de levar um jogo de RPG para sala de aula era um pouco arriscada, apesar de que a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estimula o uso de novos saberes, para que se amplie o ensino de Língua Portuguesa, buscando novas “práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências” (BRASIL, 2017, p. 134). De todo modo, esperamos um certo estranhamento ou dificuldades. No início, estávamos conscientes que apesar dos possíveis obstáculos que pudessem surgir, o jogo é bastante intuitivo e basta ler o livro-jogo para elucidar quaisquer dúvidas. Consideramos, ainda, que o ato de aprender envolve sempre uma ação do sujeito, e nesse sentido relaciona-se também com os princípios da concepção construtiva piagetiana que postula a aprendizagem sendo algo que é criado, descoberto e construído (ZAMARIAN, 2017).

Constatamos que, apesar do nosso receio, os alunos do Ensino Médio foram receptivos em relação à ideia por se tratar de uma proposta mais lúdica. Todavia, alguns alunos do Ensino Superior se mostraram bem receosos quanto à metodologia. Isso talvez se deva ao fato de que os estudantes de Ensino Médio, por estarem saindo do ensino fundamental, estão mais habituados a um contexto no qual as aulas de produção textual ainda não são focadas apenas em textos dissertativo-argumentativos.

Os alunos do Ensino Médio faziam parte do 1º ano de Desenvolvimento de Sistemas de uma Escola Estadual de Educação Profissional, sendo escolhidos por se tratarem de uma turma mais tranquila, porém “não muito participativa”, conforme dito pela professora da turma, que nos ajudou na mediação para que fosse possível fazer a aplicação da proposta. No entanto, apesar do alerta vindo da professora, eles demonstraram empolgação desde o momento em que pedimos para que baixassem o aplicativo usado para substituir o dado físico, e no dia da aplicação isso não foi diferente. Os alunos se mostraram bastante receptivos tanto para nós quanto para a proposta, até mesmo aqueles que pareciam não gostar muito da ideia de início, no decorrer da partida, mostraram ter ideias de como poderiam montar a produção deles a partir da rolagem do jogo. Vale destacar que, como estava se iniciando a semana de provas, infelizmente não conseguimos realizar o momento de culminância com os alunos, como descrito no plano de aula. Esse momento consistia em discutir o que eles acharam da proposta, dos problemas ou dificuldades, e dos pontos

positivos e negativos encontrados no decorrer do processo de desenvolvimento da produção de cada um. Apesar disso, recebemos algumas produções, elaboradas pelos próprios alunos.

Por outro lado, a aplicação no Ensino Superior nos surpreendeu de forma bem diferente. A despeito de a turma ser bastante numerosa, percebemos a participação apenas de quem já tinha um contato mais próximo com o mundo geek ou de quem havia achado a proposta interessante e inovadora. Outros alunos se mostraram bastante relutantes, como no caso de algumas estudantes que não leram as regras e preferiram continuar sem entendê-las. Outros desistiram sem ao menos tentar. Tentamos tirar as dúvidas e explicar que a leitura do livro-jogo no decorrer do processo ia ajudar a entender. Todavia, não obtivemos êxito com alguns. Um comentário em especial nos chamou atenção: uma das alunas disse que “essa atividade não é nada intuitiva”, o que nos fez refletir o porquê. Afinal, não seria intuitivo um documento que você precisa apenas ler e preencher uma tabela seguindo o resultado obtido através da rolagem de dados? E foi aí que percebemos que os alunos estão mais acostumados com o ensino bancário e presos às metodologias engessadas do que imaginávamos. Afinal, por que tentar inovar e trazer algo dinâmico, se posso apenas permanecer repassando o que me foi ensinado?

A partir disso, podemos perceber que, quando uma atividade fora do convencional é sugerida em sala de aula, a recepção pode nem sempre ser a mais positiva, visto que pode estar indo contra o que se espera de aulas de produção textual. Isso nos leva a questionar que tipo de metodologias serão utilizadas quando os alunos de licenciatura se tornarem professores e estiverem em sala de aula. Considerando o fato de que os eles tiveram um bloqueio maior contra a proposta, será que eles realmente estão disponíveis a trabalhar com algo mais “ousado”? É importante destacar que o ensino bancário (FREIRE, 2003) não se relaciona a uma aprendizagem de fato, mas à pura reprodução dos conteúdos. Se professores em formação replicarem esse método de ensino, é bem provável que o ciclo se repita.

No entanto, a recepção positiva vinda por parte dos alunos do Ensino Médio foi uma grata surpresa e nos mostrou que ainda há esperança e que muitos alunos podem ter seu interesse na escrita despertado através metodologias que fogem do convencional. Nesse sentido, o jogo reforça o maior compromisso das instituições de ensino em relação a práticas mais contemporâneas e dialógicas de ensino de produção textual (SANTOS et al., 2013). Além disso, muitos deles demonstraram ter seu lado artístico e lúdico aflorado, o que muitas vezes é podado na escola por conta do ensino tradicionalista que desconsidera a importância de incentivar e acolher esse aspecto nos alunos, e eles puderam manifestar esse lado com a proposta.

Tendo em vista esses resultados, sugerimos, portanto, a utilização do RPG no ensino da produção textual. É importante, porém, que atividades de extensão futuras busquem encontrar outras formas de aplicação que engajem também os estudantes dos cursos de licenciatura. Dessa forma, é possível contribuir com a formação dos futuros professores, promovendo avanços nos âmbitos acadêmico, social e científico.

Considerações finais

Entendemos que o objetivo do capítulo foi atingido, visto que a experiência apresentada permitiu que os estudantes entrassem em contato, por meio do RPG, com o ensino de produção textual. Concluímos, então, que a atividade de extensão, apesar de muitas vezes ter sido desafiadora,

foi uma experiência muito engrandecedora e comprovou que vale a pena desmistificar o ensino de produção textual e buscar metodologias diferentes que motivem e tornem os alunos figuras ativas no processo de aprendizagem. Consideramos que os jogos são meios de utilização da linguagem espacial e audiovisual que modificam a forma como nos comunicamos e como nos relacionamos com o conhecimento. O potencial desse tipo de atividade, enquanto ferramenta didático-pedagógica, é evidente, pois, ao se utilizar da escrita criativa, objetivando incentivar a produção textual por meio da ludicidade, o engajamento dos alunos quanto aos conteúdos desenvolvidos é fomentado e aplicado.

Ademais, assim como pontuado por Friedman (1996), o jogo funciona como uma atividade dinâmica que se transforma de um contexto para outro, de um grupo para outro: a sua riqueza para que essa qualidade de transformação dos contextos não possa ser ignorada. Portanto, percebe-se a sua utilização como um recurso que favorece e proporciona processos de aprendizagem construtivos, aptos a manifestar a criatividade e criticidade dos alunos.

Nessa perspectiva, o RPG Solo evidencia sua ação didático-pedagógica focada na formação crítica e reflexiva dos alunos diante das suas produções textuais como sendo um processo contínuo tanto para a aquisição ou para o desenvolvimento de suas capacidades linguísticas, pois considera-se que o ato de aprender envolve ações do sujeito e, nesse sentido, relaciona-se também com os princípios da concepção piagetiana que postula a aprendizagem como algo criado, descoberto e construído.

Referências

- ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima; ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. Leitura, Interpretação e Produção Textual. 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dezsitesite.pdf>.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento¹ In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. (p.81-108).
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- JUNGES, Tiago. Ronin. Porto Alegre: Edição do autor, 2019.
- FRIEDMANN, Adriana. Jogos tradicionais. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_07_p054-061_c.pdf. Acesso em: 13 set. 2022.
- SANTOS, Leonor Werneck; RICHE. Rosa Cuba; TEIXEIRA. Claudia Souza. Produção de textos orais e escritos. In: Análise e produção de textos. 1. ed., 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013. (p. 97 - 133)
- SILVA, Ulissivaldo Caetano Costa da. Criação de narrativas mediadas pelo RPG solo: contributo para o desenvolvimento da competência escritora de alunos do ensino fundamental. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18436>
- PRIETTO, Thiago Goulart. Literatura e os jogos de RPG: Trajetória de apropriações e intertextos. Revista Translatio, Porto Alegre, n. 6. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/>

view/44670. Acesso em: 13 set. 2022.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZAMARIAM, Franciela. Literatura em jogo: Ensino de leitura por meio do RPG. In: Congresso Latino-americano de Formação de Professores de Línguas, 5., 2017, São Paulo: Blucher, 2017. (p. 302-316). Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article/details/literatura-em-jogo-ensino-de-leitura-por-meio-do-rpg-25484>. Acesso em: 08 de out. 2021.

19 PLANO DE UNIDADE CURRICULAR DE EXTENSÃO – UCE: para o atendimento da Resolução nº 7 de dezembro de 2018

Alfredo José Machado Neto (Uni-FACEF) ¹

Flávia Haddad França (Uni-FACEF)²

João Baptista Comparini (Uni-FACEF)³

José Alfredo de Pádua Guerra (Uni-FACEF)⁴

Melissa Cavalcanti Bandos (Uni-FACEF)⁵

Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira (Uni-FACEF)⁶

Introdução

As discussões sobre o ensino superior, no Brasil, perpassam por demandas históricas, entretanto, sempre atrelam a formação universitária a técnicas e humanidades, na construção e transmissão do conhecimento.

Inúmeras políticas públicas contemporâneas, como o Programa Universidade para Todos – Prouni (2004), o Programa de Financiamento Estudantil – FIES (1999) e outros projetos e programas federais têm proporcionado acesso a universidades, como ações afirmativas de ingresso de indivíduos afrodescendentes, egressos de escolas públicas e pessoas com deficiências. As ações visam à universalização, à permanência e à qualidade do ensino superior.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, nº 9394/96, dispõe, no Capítulo IV – da Educação Superior, as finalidades, dentre elas, o desenvolvimento do espírito científico, do pensamento reflexivo e da criação artística.

Nesse sentido, mais que receber o conhecimento pronto, faz-se necessária sua produção, em permanente interação com as comunidades envolvidas, especialmente, descritas, no Artigo 43, Inciso VI – “estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade”.

Ainda, no mesmo Artigo, são destacadas as atividades correlacionadas à extensão, que articulam a formação universitária com o protagonismo dos estudantes, vide em: “VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição”. Trata-se de 1 Doutor em Administração, pela FEA/USP, Reitor, Uni-FACEF Centro Universitário Municipal de Franca, alfredo.unifacef@gmail.com.

2 Mestre em Desenvolvimento Regional, pelo Uni-FACEF, Coordenadora de Extensão, Centro Universitário Municipal de Franca, flaviahdd@gmail.com.

3 Doutor em Engenharia Hidráulica: Saneamento, pela Poli/USP, Vice-Reitor, Centro Universitário Municipal de Franca, jbcomparini@gmail.com.

4 Doutor em Serviço Social, pela Unesp, Pró-Reitor de Administração, Centro Universitário Municipal de Franca, josealfredopaduaguerra@gmail.com.

5 Doutora em Administração, pela USP, Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Desenvolvimento Comunitário, Centro Universitário Municipal de Franca, melissafcb@gmail.com.

6 Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, pela Unesp, Pró-Reitora Acadêmica, Centro Universitário Municipal de Franca, sheilafacef@gmail.com.

se do ensino superior a favor das diversas comunidades com as quais se envolve.

Articulada com as questões de extensão, o Ministério da Educação, por meio do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior estabeleceu a Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018, que dispõe sobre as “Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024”. Nela, são apresentadas as principais Concepções, Diretrizes e Princípios. Além disso, as formas de Avaliação e Registro das atividades de extensão.

No presente estudo, o foco se faz no Capítulo III – Do Registro – da Resolução, por meio do compartilhamento de experiência, trazida de uma IES Municipal do Estado de São Paulo. Mesmo sendo regulada pelo Conselho Estadual de Educação de São Paulo, a referida IES prepara-se para a implantação das atividades de curricularização da extensão, nos seus 13 cursos de graduação, a serem implantadas nas matrizes curriculares, a partir de 2023.

A IES, objeto de estudo, tem 71 anos de existência, é uma autarquia municipal, cuja mantenedora é a Prefeitura Municipal, mas que se sustenta com recursos das mensalidades dos estudantes. Atualmente, oferece 13 cursos de graduação, pós-graduação lato sensu, em diversas áreas e um programa stricto sensu, mestrado interdisciplinar em desenvolvimento regional. Possui, aproximadamente, dois mil estudantes, matriculados nas seguintes áreas do conhecimento: saúde, engenharias, licenciaturas, ciências da gestão e computação.

Assim, o objetivo geral do estudo é apresentar parte da documentação de planejamento das atividades extensionistas, assim como formas de registro delas, a fim de institucionalizar a política e as estratégias, estabelecidas pela Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, especialmente, no Capítulo III – Do Registro, em uma IES, municipal do estado de São Paulo.

Para cumprir o objetivo geral da discussão, são estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) discutir sobre a função social da universidade brasileira;
- b) debater a relevância da extensão na formação dos universitários;
- c) apontar as principais diretrizes trazidas pela Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018; e
- d) apresentar parte da documentação, do planejamento – Plano de Unidade Curricular de Extensão – UCE, como elemento de registro de atividades de curricularização.

As discussões se constituem em dois caminhos. Inicialmente, os autores tratam, a partir de perspectivas teórica e legal, da função social da universidade, assim como da relevância da extensão, especialmente na formação dos universitários, na possibilidade da intervenção em diversas comunidades. São empregadas concepções como extensão, e também, de curricularização da extensão, especialmente o que dispõe a Resolução nº 7 (2018).

Em um segundo momento, é apresentado o Plano de Unidade Curricular de Extensão – UCE, elaborado pelos autores deste estudo, e que consta do Portal Docente da IES, para que acolha o planejamento de unidade extensionista de cada curso da Instituição. Trata-se do documento inicial do planejamento da curricularização e que possibilita o registro formal e institucional de cumprimento da Resolução. O documento é relevante, porque amplia as possibilidades de planejamento das atividades, de forma sistemática.

A função social da universidade face às atividades de extensão

As diversas políticas e estratégias propostas pela Organização das Nações Unidas (ONU)

levam em conta os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODSs, estabelecidos, em 2015, para fomentar a educação e a cultura da sustentabilidade ambiental e social, como forma de tornar os negócios mais responsáveis, em âmbito global, e concretizar políticas públicas com olhares efetivos para a humanidade. Para tanto, a ONU implementou a Agenda 2030, traçando metas e ações norteadoras, com vistas à constituição de um mundo melhor para as pessoas e demais seres vivos.

Especialmente, o Objetivo 4 – Educação de Qualidade – que se refere ao ensino superior, aparece nas Metas 4.3 e 4.4. A primeira traz: “até 2030, assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo universidade”. Já a Meta 4.4 pretende: “até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo”. Infelizmente, até o presente momento, não há dados sobre as ações e nem mesmo sendo produzidos (ODSBRASIL, 2022).

No caso nacional, é necessário considerar o Plano Nacional de Educação – PNE - 2014/2024, que determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período 2014-2024. É instituído pela Lei nº 13.005/2014. Constitui-se de 20 metas, sendo que as de números 12, 13, 14, 15 e 16 tratam de ensino superior, conforme Quadro 1 seguinte:

Quadro 1 – Metas do PNE que tratam do ensino superior

Metas	Objetivos trazidos no PNE
Meta 12	Elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro) anos, assegurada a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público.
Meta 13	Elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para 75% (setenta e cinco por cento), sendo, do total, no mínimo, 35% (trinta e cinco por cento) doutores.
Meta 14	Elevar gradualmente o número de matrículas na pós-graduação de modo a atingir a titulação anual de 60.000 (sessenta mil) mestres e 25.000 (vinte e cinco mil) doutores.

Meta 15

Garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 (um) ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam.

Meta 16

Formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos (as) os (as) profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino.

Fonte: BRASIL PNE, 2022c, online.

Como se pode observar, as metas enfatizam índices, com propostas de expandir o número de matrículas, para a população de 18 a 24 anos. Também, trata da ampliação dos títulos docentes para 75% (mestres e doutores) e 35% para doutores. A Meta 14 estabelece a titulação anual de 60.000 mestres e 25.000 doutores. Na Meta 15, o ensino superior corrobora na formação de profissionais da educação, em nível superior. Por fim, a Meta 16 aponta a pós-graduação como garantia de formação continuada de profissionais da educação.

Como dito, o PNE ainda não apresenta dados da conclusão das metas específicas para o caso do ensino superior. Todavia, é o resultado de uma política pública que, por hora, traça, genericamente, os rumos da educação no país. E, pelas inferências nele trazidas, pode-se considerar a relevância dada à formação inicial e continuada de estudantes, por meio do tripé essencial do ensino superior: ensino, pesquisa e extensão.

Nesse sentido, a função social do ensino superior deve se prestar à formação consistente e sistemática dos estudantes, como forma de impulsionar a transformação social e potencializar a resolução de problemas, para garantir o desenvolvimento humano.

Entretanto, a formação de jovens universitários não cabe, exclusivamente, às instituições formadoras, mas sim à interação dos diversos atores sociais envolvidos no processo. É preciso formar o cidadão global (ONU, 2018) ou o cidadão do mundo (se vista a perspectiva de Nussbaum (2015)). Quanto à cidadania global:

[...] é estar desperto e mobilizar-se para a transformação social, acrescentando valor à comunidade. Significa criar pontes entre o local e o global, descobrindo no bairro, na vila, na cidade o que nos liga ao mundo. É estar receptivo aos

desafios atuais e pensar nos prós e nos contras desses desafios. É fazer erguer a voz na promoção dos direitos humanos e no respeito pela diferença e pela diversidade. É compreender que habitamos uma casa comum e que só temos este planeta, pelo que temos de o proteger. Cidadania Global é não estar acomodado, mas sim incomodado com as injustiças sociais, ambientais, políticas e económicas. Cidadania Global é tirar as mãos dos bolsos e atuar para garantir um mundo mais justo, mais digno, mais inclusivo e mais sustentável (ONU, DICIONÁRIO DO DESENVOLVIMENTO, 2018, p. 15).

Dessa forma, para contemplar também a formação humana, é necessário pensar na interdependência de conhecimentos, técnicas, tecnologias e artes. Por isso, muitas polémicas surgem e se tornam objetos de investigação, em razão da necessidade de balancear a formação técnica, destinada ao mercado de trabalho, e à esfera de formação humana, que priorize os aspectos socioemocionais.

Nussbaum (2015), filósofa estadunidense, professora da Universidade de Chicago, dedica estudos sobre o ensino superior, e defende que este deve educar cidadãos globais responsáveis, defensores da democracia e do desenvolvimento humano, de forma colaborativa, a partir de competências constituídas no ensino superior.

A filósofa defende as artes e as humanidades como elementos de autoconhecimento.

Ao discutir os “cidadãos do mundo”, a estudiosa, ao apresentar um contexto indiano, afirma que: “[...] todas as nações e povos estão por demais unidos hoje para que qualquer um deles imagine que possa viver sozinho” (NUSSBAUM, 2015, p. 79).

Mas reforça que:

Mais do que em qualquer época do passado, dependemos de pessoas que nunca vimos e elas dependem de nós. Os problemas que precisamos resolver – económicos, ambientais, religiosos e políticos – têm um alcance global. Não há esperança de resolvê-los a não ser que as pessoas outrora distantes se aproximem e cooperem como nunca fizeram antes (NUSSBAUM, 2015, p. 79).

Pelo que se constata, há a necessidade de ações cooperativas e colaborativas, em âmbito global. Os aspectos sociais, económicos, ambientais, que trazem à tona a questão da sustentabilidade exigem união, empatia e estabelecimento de objetivos comuns que traduzam na sobrevivência e vivência do mundo.

Nesse sentido, do pessoal ao global,

[...] as faculdades e as universidades do mundo têm uma tarefa importante e urgente: desenvolver nos estudantes a capacidade de se perceberem como membros de uma nação heterogênea (pois todas as nações modernas são heterogêneas) e de um mundo ainda mais heterogêneo, e inteirar-se um pouco da história e da natureza dos diversos grupos que nele habitam (NUSSBAUM, 2015, p. 80).

Para cumprir uma formação integral, é necessário colocar em interação conhecimentos, competências, habilidades, resultantes de diversas áreas e colocá-los à luz de pensamento observador e crítico.

A discussão faz lembrar Santos (1987), quando critica formas de produção de conhecimento em matriz positivista, e a defende em um paradigma chamado emergente, que, para além das questões científicas, também constitui um paradigma social. Aponta quatro preceitos para articular a ciência e a sociedade, em que: 1) todo conhecimento científico-natural é científico social; 2) todo conhecimento é local e global; 3) todo conhecimento é autoconhecimento; e 4) todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum.

Tendo em vista as discussões, enfatiza-se a necessidade de: formação universitária individual, mas envolvida pelas questões sociais; articulada com as comunidades e com os atores locais e globais; apreensão de técnicas, tecnologias e conhecimentos pelos estudantes, de forma que ajam autônoma e criticamente, como protagonistas na construção do próprio conhecimento.

Dessa forma, considera-se que as atividades de extensão são relevantes e significativas para o cumprimento da função social da universidade.

Extensão e curricularização da extensão

A Extensão Universitária se constitui em um dos tripés das Instituições de Ensino Superior (IES) e se apresenta como um processo que se articula com o ensino e com a pesquisa, visando à interação transformadora entre a IES e a sociedade. A relação ensino, pesquisa e extensão fortalece o processo de aprendizagem do estudante universitário, permitindo a socialização do conhecimento acadêmico articulado, contribuindo para a participação da comunidade na vida universitária.

São consideradas atividades de extensão: projetos, programas, cursos e oficinas, eventos acadêmicos científicos e culturais, prestação de serviços, apoio a associações estudantis, entre outras atividades.

Nesse contexto, deve-se levar em consideração o princípio da indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão, formalmente enunciado no Art. 207 da Constituição Federal Brasileira de 1988. Art. 207. As universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Parágrafo único. A lei poderá estender às demais instituições de ensino superior e aos institutos de pesquisa diferentes graus de autonomia (BRASIL, 2022a – grifo nosso).

Gonçalves (2015) explica que a consolidação deste princípio deve ser vista como um desafio. Tauchen (2009, p. 93) observa que “todo deixa de ser todo quando se dissocia”. Para Santos e Almeida Filho (2008), ensino, pesquisa e extensão formarão a universidade se abordados em conjunto na formação de graduação e pós-graduação. A palavra universidade aqui deve ser compreendida também como unidade em que ensino, pesquisa e extensão são elementos que se articulam e se conectam para formar o todo.

O princípio da indissociabilidade pode ser entendido como uma resposta a demandas sociais, por uma universidade socialmente responsável, dialogando ativamente com os setores da sociedade (GONÇALVES, 2015). Integrar ensino, pesquisa e extensão oportuniza currículos inovadores e mais próximos do mercado de trabalho (BRAIDO et al., 2020).

É importante observar que não basta que a extensão seja assumida como uma das funções da IES, a coexistência não quer dizer indissociabilidade (GONÇALVES, 2015), a articulação e a integração são fundamentais.

Tornando essa articulação e integração mais significativa, a Resolução nº. 7/2018 ampliou o espaço da extensão na universidade, que deixou de ser exclusivamente atividade complementar e formativa, muitas vezes, não obrigatória, e passou a ter protagonismo no currículo, sendo inserida como componente curricular obrigatório. A esta mudança, deu-se o nome de “curricularização da extensão”. Curricularizar a extensão significa conceber um processo de aprendizagem que transcenda a mera transferência de conteúdos (ensino) e se reconfigure em conhecer para transformar, quer seja uma epistemologia crítico-dialética conexa a aprendizagens experienciais. Pressupõe, portanto, transcender o ato educativo a contextos, conflitos e demandas reais que afluam a interlocução dialógica universidade/comunidade a partir do entrelaçamento de processos teóricos e práticos forjados na e pela práxis (IMPERATORE, 2019, p. 153).

Imperatore (2019) considera o termo “curricularização da extensão” como neologismo, mas está contextualizado na estratégia 12.7 do Plano Nacional de Educação (PNE), sancionado pela Lei 13.005/2014. Esta legislação institui que pelo menos 10% das matrizes curriculares deverão estar relacionadas à extensão. Verifica-se, portanto, que a integração da extensão junto ao ensino no contexto curricular a fortalece, ampliando sua atuação no contexto universitário. É fato que a extensão gera experiências significativas de aprendizagem ao estabelecer a relação dos conhecimentos teóricos com a realidade prática (BRAIDO et al., 2021).

A necessária triangulação do ensino, pesquisa e extensão, de maneira articulada, propiciando um “todo maior que a soma das partes” oportuniza o desenvolvimento de habilidades e competências no estudante como agente de mudança no contexto de transformação social, por meio do desenvolvimento de uma comunicação oral, escrita e articulada com as necessidades sociais.

Verifica-se aqui a relevância do diálogo entre os diversos stakeholders envolvidos no processo: docentes, discentes, gestores, instituições externas, órgãos públicos, comunidade, permitindo a socialização dos conhecimentos e a efetiva implantação da curricularização da extensão.

Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018

No intervalo de um ano (2020 a 2021), a população do Brasil aumentou em 1,5 milhão de pessoas, e a mundial, cerca de 120 milhões. Como atingir os objetivos de desenvolvimento humano, eliminando os enormes déficits atuais e alcançando os novos entrantes? Que profissionais, em todos os campos do conhecimento, serão demandados? Como conciliar a necessidade de conhecimento e os interesses dos estudantes, numa atualidade efervescente de informações?

É, nesse contexto, ainda mais amplo que, entendemos, veio a bom tempo a Resolução nº 7/2018, estabelecendo as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, que regulamentam as atividades acadêmicas de extensão dos cursos de graduação, na forma de componentes curriculares para os cursos.

E a definição da Extensão na Educação Superior Brasileira é clara, como processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que “promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade”, por

meio da “produção e da aplicação do conhecimento” (BRASIL, Resolução nº 7/2018, 2018).

Por mais dificultosa que possa parecer, às IESs, num primeiro momento, a meta de assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social, a Resolução vem ao encontro das necessidades da sociedade, e, de uma formação mais holística dos estudantes, na medida em que busca:

a) a interação da comunidade acadêmica com a sociedade;

b) a formação cidadã dos estudantes;

c) a produção de mudanças na própria IES e nos demais setores da sociedade, a partir da construção e aplicação de conhecimentos, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais; e

d) a articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico.

E, para a articulação entre ensino, extensão e pesquisa são previstas modalidades abrangentes, através de um amplo leque que inclui programas, projetos, cursos e oficinas, eventos e prestação de serviços, sempre tendo o estudante como protagonista, de forma a conciliar a formação específica e inserção social do conhecimento acadêmico, em todos os campos.

A Resolução também é assertiva em reforçar: a importância do compromisso social das instituições de ensino superior; a promoção da reflexão ética quanto à dimensão social do ensino e da pesquisa; o incentivo à atuação da comunidade acadêmica e técnica no enfrentamento das questões da sociedade brasileira; a atuação na produção e na construção de conhecimentos, atualizados e coerentes com a realidade brasileira.

Importante destacar que a extensão deve estar sujeita à contínua autoavaliação crítica, que se volte para o seu aperfeiçoamento, à melhoria contínua em direção ao propósito estabelecido na Resolução.

Plano de Unidade Curricular de Extensão – planejamento e registro de UCE

Na presente seção, é apresentado o Plano de Unidade Curricular de Extensão – UCE, planejado para iniciar o registro das atividades extensionistas, que comporão as matrizes curriculares dos cursos oferecidos pela Instituição.

A significância do documento, dentre outras, está no estabelecimento da distinção entre atividades de extensão e atividades de curricularização da extensão e, ainda, na distinção de planos de ensino.

Aqui, apresentam-se as propostas para o planejamento e o registro das atividades de curricularização, resultantes da transposição de componentes curriculares de ensino para extensão.

Nesse sentido, os docentes das Unidades Curriculares de Extensão irão organizar as atividades, começando pelo Plano, cujo formulário é disponibilizado no Portal Docente, conforme segue:

Figura 1 – Tela inicial do Portal Docente



Fonte: Uni-FACEF- Portal Docente, 2022, online.

Ao clicar, na opção destacada anteriormente, o docente se deparará com o seguinte formulário.

Figura 2 – Formulário de Unidade Curricular de Extensão - UCE

PLANO DE UNIDADE CURRICULAR DE EXTENSÃO - UCE

Curso: (CAMPO 1)

UCE:

Professor:

Titulação:

Semestre:

Carga Horária:

Turma:

Ano:

Objetivo da UCE (CAMPO 2)

Conteúdo associado à UCE (CAMPO 3)

Articulação da UCE com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS (CAMPO 4)

Ementa (CAMPO 5)

Metodologia (CAMPO 6)

Sistema de Avaliação (CAMPO 7)

Bibliografia (CAMPO 8)

Documentação (Projeto, Modelo de convênio, modelos de relatórios etc.) (CAMPO 9)

Espaço para upload dos arquivos necessários ao desenvolvimento da atividade extensão

Cronograma (CAMPO 10)

Espaço para upload do documento

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022, online.

O docente deverá preencher o cabeçalho (CAMPO 1) do formulário, que reúne as informações iniciais sobre a Unidade. As informações apresentadas, no cabeçalho, são relevantes para cumprir o disposto no Art. 13, inciso IV, da Resolução nº 7/2018, ao abordar as estratégias de creditação curricular e também as orientações a ser disponibilizadas aos estudantes, para subsidiar o processo de desenvolvimento das atividades. As informações sobre o título da UCE, a carga horária, o docente e a respectiva titulação compõem as informações do Histórico Escolar dos estudantes, exigências legais dos entes estadual e federal da educação.

Após o cabeçalho, o docente deve informar o Objetivo geral (CAMPO 2), de forma a relatar a proposta e a meta da UCE. Podem ser incluídos, ainda, os objetivos específicos, para recortar a proposta geral e facilitar a condução das atividades. Ao escrever o objetivo, devem ser observados os verbos, no modo imperativo, de modo a contemplar a Taxonomia de Bloom (conhecer, compreender, aplicar, analisar, sintetizar e avaliar, respectivamente) e as competências de aprendizagem que se deseja construir (FERRAZ; BELHOT, 2010).

Segue a informação sobre o Conteúdo Associado à UCE (CAMPO 3), em que o docente deve apontar o conhecimento e os objetos de conhecimento que devem ser apreendidos pelos estudantes. O docente deve observar que, para se desenvolver um projeto, os estudantes deverão aprender as abordagens acadêmico-teóricas, envolvidas nas práticas que serão desenvolvidas na UCE.

Em seguida, é necessário informar a correlação do projeto com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODSs (CAMPO 4). Para tanto, deverá consultar <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> (2022, online), observar o(s) ODS(s) correspondentes e argumentar sobre a articulação do projeto. Deve, ainda, discutir sobre as metas e as possibilidades de potencializar o cumprimento do(s) ODS(s), a partir das atividades extensionistas.

A Ementa (CAMPO 5) deve ser elaborada como uma narração rápida que resume o conteúdo da UCE, de forma a esclarecer a essencialidade da unidade. A ementa articula conceitos e procedimentos que serão desenvolvidos na condução do projeto. É redigida na forma de frases nominais (sem verbos) e com redação contínua. Não deve aparecer em forma de tópicos. Também não pode se resumir a um acúmulo de assuntos, separados por pontos.

A Metodologia da UCE (CAMPO 6) é um termo derivado de “método”, do Latim “methodus”, cujo significado é “caminho usado para se atingir um fim ou chegar a uma conclusão”. De acordo com Veiga (2015), métodos de ensino e aprendizagem devem perpassar três dimensões: globalização, individualização e socialização, promovendo um diálogo entre o individual e o coletivo e entre uma variedade de atividades de aprendizagem. Os métodos e as técnicas centrados no professor (estudo dirigido, estudo de texto, aula expositiva e dialogada etc.) caracterizam a dimensão global. O método de individualização centra-se no estudante, exigindo deste, por exemplo, leituras, resumos, resenhas etc. e este deverá ser o contemplado na UCE, uma vez que o protagonismo discente deverá ser prioridade na construção de conhecimento, em atividades de curricularização. Por fim, com a socialização, o docente pode trabalhar com projetos, seminários, debates, discussões etc., métodos que podem ser empregados para a avaliação da UCE. Assim, no campo Metodologia da UCE, o docente deverá planejar e registrar os métodos que serão empregados para avaliar o projeto de extensão.

No campo Sistema de Avaliação (CAMPO 7), é necessário reunir as avaliações das atividades, etapas e cronograma de condução do projeto, salientando que são necessárias duas avaliações (uma para o primeiro bimestre e outra para o segundo bimestre), para compor a nota do semestre, resultante do desenvolvimento de atividades de extensão. Nesse sentido, o docente deve levar em conta, principalmente, o desempenho apresentado em fases do projeto.

No campo Bibliografia V (CAMPO 8), o docente deve apresentar o conjunto de fontes de consulta utilizadas para a construção do conhecimento na área e que serão efetivamente estudadas durante o desenvolvimento do projeto, devidamente apresentadas, conforme as normas da ABNT (NBR 6023). São fontes: livros, artigos de revistas acadêmicas, científicas, documentos etc. As fontes deverão estar disponíveis para consultas na Biblioteca física ou digital da Instituição e, ainda, disponibilizadas, em repositórios e plataformas de periódicos.

No campo Documentação (CAMPO 9), o docente deve fazer o upload dos arquivos necessários ao desenvolvimento e produtos do projeto. Devem ser apresentados, pelo menos, o Projeto, modelos de documentos de parcerias e convênios com comunidades, modelo de relatório final e outros que sejam necessários para o cumprimento da UCE. Os arquivos devem esclarecer conteúdos, ações, instrumentos de coleta de dados, formas de intervenção em comunidades, socialização de conhecimento e outras interações necessárias com as diversas comunidades envolvidas.

No campo Cronograma (CAMPO 10), deve ser feito o upload de uma planilha, a qual deverá ser alimentada a cada nova fase do projeto. No Plano, aparece exclusivamente como modelo de acompanhamento do projeto. A planilha deverá ser disponibilizada para os envolvidos, para preenchimento oportuno, conforme acordo entre docente e discentes.

Considerações finais

O presente artigo apresentou e analisou a legislação sobre as atividades de curricularização da extensão, em especial as constantes da Resolução nº 7, de dezembro de 2018, do Conselho Nacional da Educação, com foco no Capítulo III – Do Registro.

Além desse objetivo geral, o estudo discute a função social da universidade brasileira, a relevância da extensão na formação dos universitários e apresenta o Plano de Unidade Curricular

de Extensão – UCE, como elemento de registro das atividades de curricularização.

A Instituição de Ensino Superior objeto do estudo é uma autarquia municipal de regime especial do estado de São Paulo, com 71 anos de existência, que oferece diversos cursos de graduação e pós-graduação lato sensu, além de um programa stricto sensu, o mestrado interdisciplinar em desenvolvimento regional. A IES não recebe recursos público e se sustenta com as mensalidades cobradas de seus estudantes.

Ao discutir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, estabelecidos pela Organização das Nações Unidas – ONU, em 2015, o estudo tem por foco o Objetivo 4, que trata do acesso de todos e uma Educação de Qualidade, até o ano de 2030, em especial no ensino superior. Nesse sentido apresenta as diretrizes, metas e estratégias constantes do Plano Nacional de Educação – PNE (2014/2024), em especial as metas de 12 a 16, que tratam daquele nível de ensino.

Mostra que a função social do ensino superior é a formação consistente e sistemática dos estudantes, a fim de impulsionar a transformação social, potencializar a resolução de problemas, garantir o desenvolvimento humano e formar o cidadão do mundo.

Em seguida o estudo discute as atividades de Extensão Universitária e a relevância da curricularização, pois, articuladas com o ensino e a pesquisa, possibilitam uma interação transformadora entre a IES e a sociedade. Essas atividades incluem programas, cursos e oficinas, eventos e prestação de serviços, pelos estudantes, como forma de conciliar a formação específica e a inserção social do conhecimento acadêmico.

Em conclusão é apresentado o Plano de Unidade Curricular de Extensão, bem como as orientações necessárias para o seu adequado preenchimento e constituição de informações para o registro e a memória das atividades.

Referências

BRAIDO, G.G et al. Desenvolvendo habilidades por meio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: a experiência da “Vivência em Gestão”. Em *Extensão*, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 57-75, jan./jun. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 22 set. 2022a.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira... Brasília, MEC, 2018.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 - LDB. Brasília: MEC, 2022b.

_____. MEC. Plano Nacional de Educação (PNE). Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 21 set. 2022c.

FERRAZ, Ana Paula do Carmo Marcheti; BELHOT, Renato Vairo. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gp/a/bRkFgcJqbGCDp3HjQqFdqBm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2022.

GONÇALVEZ, N. G. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: um princípio necessário. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, set./dez. 2015.

IMPERATORE, S.L.B. Curricularização da extensão: experiência da articulação extensão-pesquisa-ensino-extensão como potencializadora da produção e aplicação de conhecimentos em contextos reais. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

NUSSBAUM, Martha C. Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

ODSBRASIL. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Objetivo 4 – Educação de Qualidade. Disponível em: odsbrasil.gov.br/objetivo/objetivo?n=4. Acesso em: 21 set. 2022.

ONU. Dicionário do desenvolvimento: todos contam para cidadania global. Coordenação Fundação Cidade de Lisboa. Lisboa, 2018. Disponível em: https://ddesenvolvimento.com/wp-content/uploads/2019/01/Diciona%CC%81rio_do_Desenvolvimento.pdf. Acesso em: 22 set. 2022.

SANTOS, Boaventura Souza. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez, 1987.

_____; ALMEIDA FILHO N. (Org.). A universidade no século XXI: por uma universidade nova. Coimbra: Almedina, 2008.

TAUCHEN, G. O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – PUC RGS, Porto Alegre, 2009.

Uni-FACEF. Portal Docente. Disponível em: <http://sga.unifacef.com.br/EddydataApp-war/pages/teacher/professor.jsf>. Acesso em: 15 set. 2022.

VEIGA, Ilma. Passos Alencastro et al. (Orgs.). Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas [livro eletrônico]. Campinas: Papirus, 2015.

20 O RUÍDO DOS HOMENS

Juliana Oliveira Santos (UESB)¹

Angélica Mascarenhas Brandão (UESB)²

Odilza Lines de Almeida (UESB)³

Introdução

Este trabalho trata-se de um relato de experiência das autoras com grupos reflexivos, durante o ano de 2022, de homens acusados de violência doméstica, atividade que articula o componente curricular estágio supervisionado com a extensão e ao NEPP (Núcleo de Pesquisa em Prisões, Violência e Direitos Humanos), no âmbito do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em parceria com a Vara de Violência da Mulher do município de Vitória da Conquista (BA), desde o ano de 2018.

A atividade tem especificamente como propósito a realização de grupos operativos reflexivos com homens acusados de violência doméstica. Objetiva-se com essa prática a discussão de temáticas similares à violência doméstica como: a dinâmica dos relacionamentos, questões de gênero, parentalidade, masculinidades, violência, entre outros assuntos que podem ser trazidos pelos participantes. A prática dos grupos reflexivos foi iniciada a partir da modificação da lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, a Lei Maria da Penha, responsável por criar mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Em abril de 2020 a lei nº 13.984, alterou o art. 22 da Lei Maria da Penha, para estabelecer como medidas protetivas de urgência a frequência do agressor a centro de educação e de reabilitação e acompanhamento psicossocial, por meio de atendimento individual e/ou em grupo de apoio. Sendo as medidas protetivas de urgência “providências garantidas por lei, às vítimas de violência doméstica, que tem a finalidade de garantir a sua proteção e a de sua família.” (TJDFT, 2014). O capítulo II da Lei Maria da Penha é dedicado somente à medida protetiva de urgência, enfatizando no art. 19, § 1º que “as medidas protetivas de urgência poderão ser concedidas de imediato, independentemente de audiência das partes” (BRASIL, 2006), situação essa compartilhada por vários membros do grupo. Desenvolvida em grupo, também é meta da atividade a reflexão dessas temáticas através da troca de experiências dos integrantes, tendo em vista que cada um se coloca de uma forma, fortalecendo o encontro de subjetividades. Ainda, através de disparadores que surgem nas falas dos integrantes, é interessante que os sujeitos reflitam acerca da construção de gênero na sociedade e como isso implica em suas relações, o que pode ser pensando em uma medida preventiva de futuros casos de violência doméstica.

Para a realização da atividade de extensão, o principal marco teórico utilizado foi a técnica

1 Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: joliveiras007@gmail.com.

2 Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: angelicambrandao1@gmail.com.

3 Pós-doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), psicóloga clínica e professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: odilzalines@uesb.edu.br.

de grupo operativo criado por J. Enrique Pichon-Riviere. O psiquiatra argentino criou a técnica após realizar a atividade no hospital de Las Mercedes, em Buenos Aires, onde os pacientes “menos comprometidos” exerciam uma assistência para com os “mais comprometidos” (BASTOS, 2010). De acordo com o próprio Pichon-Riviere, o grupo operativo ocorre através de “um conjunto de pessoas com um objetivo comum” (BLEGER, 1998, p. 59). Através desse conjunto, uma equipe seria formada. Entretanto, “a estrutura de equipe só se consegue na medida em que opera; grande parte do trabalho do grupo operativo consiste, em resumo, no treinamento para trabalhar como equipe.” (BLEGER, 1998, p. 59). Dessa forma, a base do grupo operativo é possuir pessoas com o mesmo objetivo, neste caso, pessoas acusadas de violência doméstica e, através dessa estrutura, propor formas de (re)pensar coletivamente estratégias para suas vidas. Isso acontece devido ao fato de que “cada um vai incorporando momentos dos demais e retifica assim [...] sua própria estereotipia: com isso atinge-se não só um alto rendimento grupal, como, também, uma integração da informação, da aprendizagem e do eu de cada membro.” (BLEGER, 1998, p. 89).

Metodologia

Os atendimentos em grupo são realizados no NUPPSI (Núcleo de Práticas Psicológicas), clínica-escola do Curso de Psicologia, com até dez pessoas por grupo, sendo cada grupo conduzido por dois extensionistas ou estagiários. Os participantes são intimados pela Medida Protetiva de Urgência a comparecer ao Núcleo para participar dos grupos reflexivos. Ao se apresentarem, eles são encaminhados para entrevista preliminar que consiste em um momento de escuta, de anamnese e explicação sobre o funcionamento dos grupos, e encaminhamento para um dos grupos⁷². Os grupos reflexivos se desenvolvem através de encontros semanais, com 2h de duração cada encontro. Cada grupo possui horário de funcionamento fixo. O grupo coordenado pelas autoras se desenvolveu durante as segundas-feiras das 9h00 às 11h00. Os grupos possuem como metodologia a teoria de grupo operativo criado e desenvolvido por Pichon-Riviere.

Os grupos reflexivos tinham como disparador aquilo que surgisse no grupo como demanda dos membros. Através dos debates e conversas, as mediadoras levavam semanalmente algo que pudesse servir de mobilizador de subjetividades, a fim de que o grupo se desenvolvesse da melhor forma. Sendo assim, foram utilizados como disparadores algumas técnicas de dinâmicas de grupo do livro Coolkit (ROJÃO et al., 2011), obra audiovisual (filmes, documentários), imagens que debatiam os tipos de violência, manchete de jornal, entre outros.

Devido a pandemia da COVID-19 e a suspensão das atividades presenciais durante esse período, o início da prática dos grupos no semestre acompanhou o retorno das atividades presenciais no NUPPSI. Dessa forma, os estagiários e extensionistas tiveram que contatar um a um dos encaminhados para que fossem até o local. Essa busca ativa pelos sujeitos foi uma forma de tentar dar andamento ao processo que caminhava vagarosamente. Além disso, outros impasses encontrados durante a prática foram os cancelamentos e/ou resistência dos sujeitos ao irem até o local. Muitos desmarcaram suas entrevistas ou remarcaram mas nunca apareceram.

Ademais, também é realizado pelos extensionistas a devolutiva imediata à Vara de Violência Doméstica através de informes sobre aqueles que compareçam à entrevista preliminar, aqueles

72 No ano de 2022 cinco grupos estavam em funcionamento em dias e horários diferentes na semana.

que são encaminhados para os grupos e/ou lista de espera, bem como aqueles que descumpriram a medida protetiva, por exemplo, faltando dois encontros do grupo seguidos sem nenhuma justificativa. Também é feito um relatório de cada participante quando eles cumprem os 10 encontros, destacando como foi sua participação e o que pôde ser percebido pelas mediadoras.

Funcionamento dos grupos

As temáticas que atravessam o grupo surgem como disparadores para problemáticas que, geralmente, não haviam sido anteriormente discutidas pelos membros em outros locais. Apesar de ter alguns tópicos inicialmente estabelecidos para levar ao grupo como a Lei Maria da Penha e as questões de gênero, não é possível determinar o rumo que o grupo operativo tomará, isso, pois “o grupo operativo tem objetivos, problemas, recursos e conflitos que devem ser estudados e considerados pelo próprio grupo à medida que vão aparecendo” (BLEGER, 1998, p. 59). No grupo abordado, por exemplo, surgiram temáticas ao longo do processo como parentalidade e homofobia, temas que inicialmente não haviam sido discutidos e/ou pensados para serem trabalhados no grupo. Entretanto, como o processo do grupo operativo é dialético e fluido, encontro após encontro é que surgem as temáticas e inquietações a serem trabalhadas no encontro seguinte.

É dessa forma que as temáticas debatidas no grupo apareciam, emergindo do que os próprios integrantes trazem como experiência pessoal e o olhar do grupo diante daquilo. É importante ressaltar, entretanto, que “quando se trabalha um objeto, não apenas o objeto está sendo modificado, mas também o sujeito, e vice-versa, e as duas coisas ocorrem ao mesmo tempo.” (BLEGER, 1998, p. 70). Por isso, é importante o momento de reflexão desses sujeitos. Esse momento existe justamente para repensar acerca do novo ou do desconhecido que aparece para ele naquele momento, e que futuramente, irá trazer uma nova perspectiva diante de seu passado e/ou futuro. Com isso, a proposta do grupo operativo de Pichon-Riviere também requer o funcionamento espiralar, que seria a ideia da atualização dos pressupostos estabelecidos sendo trazidos sempre pelos próprios integrantes. Logo, “o restabelecimento da espiral e a ruptura de estereótipos são as ações conjuntas às quais o coordenador do grupo operativo deve estar atento: à medida que o consegue, as dissociações vão sendo superadas.” (BLEGER, 1998, p. 71). Dessa forma, é possível exemplificar que ao discutir os tipos de violência reconhecidos pela Lei Maria da Penha os integrantes são apresentados a um tipo de violência menos conhecida por eles, como a violência psicológica. Em encontros futuros após essas discussões, a violência psicológica já é abordada nos discursos deles mesmos, que passam a entender os xingamentos como uma forma de violência, e inclusive perceber que já foram também vítimas de violência. Dessa forma,

O grupo operativo trabalha a partir de certa informação, porém ela pode aparecer de diferentes maneiras no grupo; pode ser trazida diretamente em forma intelectual e, nesse caso, o grupo reconstrói a totalidade a partir do que foi trazido fragmentado por seus membros, e as dificuldades são examinadas em função do fracionamento e das omissões e distorções. O grupo enriquece a informação à medida que a reconstrói, e quando a aprende, ela já é superior à informação originariamente fragmentada. (BLEGER, 1998, p. 82).

Para debater as temáticas que perpassam o objetivo do grupo foram utilizadas como referencial teórico Machado (2001) e sua reflexão sobre a violência à luz das masculinidades; Levy e Gomes (2011) e sua percepção psicanalítica sobre relacionamentos e rompimentos; Siqueira (2015) e as relações possíveis entre a psicanálise e a criminalidade; Muszkat (2020) e seu aprofundamento acerca da violência de gênero. Esses autores e temáticas juntamente com a lei Maria da Penha, além de outras bibliografias vistas no decorrer do curso de psicologia, proporcionaram maior embasamento teórico sobre questões recorrentes no grupo como a vitimização, injustiça, ciúmes, a ideia do que é ser homem/mulher, a construção dos relacionamentos (principalmente monogâmicos heterossexuais), ideal de família patriarcal e possibilidades de diálogos dentro dessas conjunturas.

O grupo reflexivo em análise neste relato foi composto por sete membros. Dez pessoas estavam inscritas, entretanto três membros nunca compareceram, descumprindo assim a medida protetiva. O grupo foi mediado pelas extensionistas Angélica Mascarenhas e Juliana Oliveira, sendo realizado todas as segundas-feiras das 9h00 às 11h. Inicialmente o grupo ocorria das 10h às 12h, mas no terceiro encontro o horário de funcionamento foi alterado devido à solicitação de um dos integrantes que vinha da zona rural para a cidade para o grupo reflexivo.

Inicialmente com poucos membros, o grupo possuía somente dois integrantes, no terceiro encontro outros participantes começaram a integrá-lo. Apesar de ser algo particular de cada um, é possível afirmar que de uma forma geral todos os membros chegam meio reclusos e acanhados, entretanto, não demora muito para que comecem a se abrir e se sentir mais à vontade. Destaca-se que as mediadoras que guiaram o grupo sempre ressaltaram a cada novo encontro o lugar de sigilo no qual estão e o grupo como espaço de escuta, já que sempre se queixam de não serem ouvidos pelo sistema judicial.

Integrando-se como os “Injustiçados”

Algo comum entre todos eles era o sentimento de injustiça ou de inconformismo por terem que cumprir a medida: “quem deveria estar aqui era ela”. O não reconhecimento do seu ato como violento também foi uma constante nas falas dos homens: “eu não bati, não empurrei, só xinguei”. Falas como essa ressaltam como, inicialmente, a violência psicológica, a violência moral e a violência verbal ainda não são reconhecidas pelos agressores, e muitas vezes nem mesmo pela vítima. Outras falas como “todo casal xinga um ao outro” fortalece a forma como somente a violência física e sexual são destacadas como atos de violência. Para Miller (1999), citada por Fonseca e Lucas (2006, p. 7) a violência psicológica pode ser caracterizada por comportamentos sistemáticos formando um padrão específico, que tem como objetivo a obtenção do controle sobre a mulher. Ela costuma ser a primeira violência dentro de uma série de outras, que, de forma progressiva, deixam de ser através de palavras e acabam chegando ao ato físico.

A população que compunha o grupo foi formada por homens com faixa etária variada entre 30 a 60 anos, que se identificam como heterossexuais, de variadas classes econômicas e raciais. Com uma população que majoritariamente se vê “em um lugar errado”, muitos não se reconhecem enquanto responsáveis por aquilo pelo qual está sendo acusado, logo, não “deveriam estar ali”. Foi possível aproveitar esse espaço para que houvesse discussões de coisas que os inquietam diante dessa situação de não pertencimento. Sendo esse um fator que, posteriormente, os fez sentir-se

pertencentes naquele grupo em específico, isso principalmente por conseguir reconhecer na fala do outro, algo com o qual se identificava.

Isso foi tido como disparador inicial já que é algo que demarca a relação deles com o ocorrido para que estivessem ali. A frase “como é para você estar aqui” foi o norteador inicial de significados atribuídos pelos membros que possuem relações diversas com o ocorrido tendo em vista que cada caso é diferente do outro. O que foi percebido como uma característica peculiar do grupo é a noção de que mais de um membro estava ali por uma denúncia feita não por seu cônjuge ou ex-cônjuge, mas por alguém com quem possui outro laço familiar. E, se nos casos advindos de relações conjugais os homens já se sentiam injustiçados, nestes que envolviam outras relações (como mãe-filho, prima da cônjuge) despertava mais ainda esse sentimento de injustiça. Face a essa primeira etapa relacionada à injustiça, surgiram novos tópicos dentro do grupo como o porquê estão ali, a falta de conhecimento judicial e os tipos de violência. Ao se colocarem diante do delito cometido, grande parte dos participantes não sabiam, por exemplo, que o “só xingar” é visto como violência psicológica pelo sistema judicial. Isso indica perceber a forma como os sujeitos entendem os relacionamentos e as relações de gênero, para entender também como os xingamentos são vistos como algo comum e parte de sua dinâmica. A partir de então se tem o debate do porque vieram os xingamentos dentro dessas estruturas, o reconhecimento de que eles também ouviram xingamentos e palavras de baixo calão dentro do relacionamento, e o processo de entendimento de violência psicológica. Isso indica reconhecer-se também como vítima de violência, algo que não é fácil para aqueles que cresceram com um ideal de homem machão, protetor, violento, etc. Muszkat (2020) analisa esse comportamento como sendo “violência de desamparo identitário”, isso pois, para a autora essa violência “marca, de fato, a falta de recursos e a impotência para enfrentar situações de fragilidade ou de vulnerabilidade. A violência é a manifestação desesperada de tentativa de resgate da identidade masculina.” (MUSZKAT, 2020, p. 76). Assim, “a violência, nesse caso, é fruto do sentimento de não poder preencher os requisitos que o definem como homem.” (MUSZKAT, 2020, p. 76).

Deus e a Polícia

Com essa estrutura posta, alguns outros feitos são discutidos como o fato de o homem também não reconhecer seus direitos e ou a possibilidade de buscar a justiça quando estiver sofrendo violência em seu relacionamento. Ou a ideia de que isso ocorre em todo tipo de família e/ou relação, principalmente sustentado pela ideia construída de família patriarcal impulsionada pelo catolicismo. Esse foi um fator interessante destacado no grupo, a presença da religiosidade e “como Deus sabe de todas as coisas” ou como “Ele sabe que sou inocente”. A forma como a religião cristã se apresenta até na fala daqueles que não são praticantes, ou como um dos integrantes do grupo, por exemplo, que buscou a igreja após ter vivenciado essa experiência judicial.

A forma como a ideia da religião e de Deus aparece no grupo também surge como uma resposta contra o meio jurídico que entende esse homem como agressor. Para eles, o único que sabe a verdade seria Deus, enquanto afirmam que a justiça deveria averiguar a situação de cada um direito antes de incriminá-los. Quando abordadas as questões que perpassam a justiça e o que ela entendem como violência, surgem falas interessantes que norteiam e localizam a individualidade de cada, como “medo de ser preso”, “medo do quartinho”, “ter o nome sujo”, além do sentimento

de vergonha e tristeza por estar passando por essa situação. “Ter construído tudo e perder desse jeito” e até mesmo a ideia de normalidade já que “todo mundo passa por isso”. Essas foram algumas das impressões interessantes que surgiram quando os membros do grupo trouxeram sua relação com o fato de estarem vivendo uma questão judicial.

Além do fator religioso e da noção de justiça perante a Deus, também foi interessante perceber a ideia que muitos têm de ser sensíveis. Quando abordado no grupo acabou sendo um grande movimento para que cada um trouxesse suas vivências como a frase “nunca chorei na vida, mas gostaria de conseguir chorar” dita por um dos integrantes mais sensíveis do grupo, enquanto outro integrante que se identificou no grupo como sendo vítima de violência doméstica que não consegue denunciar a parceira afirma “choro sempre, por tudo”. A noção do que significa chorar e/ou poder chorar diante de situações que machucam e como essa ideia está ligada ao ideal imaginário da sociedade patriarcal do que é ser homem rendeu reflexões interessantes acerca do silenciamento dos homens que, nem mesmo quando são vítimas de violência, falam sobre.

Outro fenômeno que se destacou no grupo foi a forma como eles percebem a parentalidade em suas vidas. Enquanto um se afastou de suas filhas devido ao ocorrido e aborda isso com mágoa apesar de não reconhecê-la, outros membros afirmam fazer algumas práticas diferentes daquelas que seus pais fizeram com eles. Ser mais amoroso, afetivo, participativo e parceiro são alguns exemplos. Essa foi uma discussão que surgiu principalmente após a exibição do documentário ‘O Silêncio dos Homens’.

Desafios enfrentados

Uma das maiores dificuldades encontradas no grupo foi a espera dos sujeitos encaminhados ao serviço para as atividades realizadas. De forma vagarosa, os homens encaminhados foram procurar o serviço, mas, ainda assim, a busca por conta própria foi bem abaixo do esperado. De 100% das pessoas que passaram a integrar os grupos ofertados desde que iniciados, 9,6% descumpriu a medida protetiva ao deixar de comparecer ao grupo.

Percebendo a resistência de alguns participantes na entrevista preliminar, uma forma que a dupla encontrou para tentar deixá-los mais confortáveis no espaço foi ser franca acerca do objetivo da entrevista, momento de escuta sobre sua situação e olhar individual para aquele sujeito. E, após isso, instrução de funcionamento do grupo. Foi possível perceber que ao entenderem que estavam em um lugar de sigilo e voltado para reflexões que envolvem, também, a saúde mental deles, os participantes acabavam ficando mais relaxados e dispostos à iniciativa.

Pequenos ruídos ou grandes barulhos?

Após a experiência da atividade prática com homens em situação de violência doméstica, evidencia-se a necessidade de que esses grupos reflexivos ocorram sempre, sendo possível inclusive como prática de extensão em outras universidades com cursos de Psicologia. Isso porque é sabido que a primeira intervenção feita é com a vítima, e a vítima possui a chance de sair do relacionamento e/ou relação com a pessoa denunciada e dar continuidade a sua vida de forma menos violenta. Entretanto, os homens que passam por essa situação, ao terem somente o processo judicial contra eles, nada muda em suas vidas, além do fato de se voltarem contra a própria instituição jurídica. Inclusive propicia com que esses sujeitos possam entrar em novos

relacionamentos e vivenciar tudo de novo, sendo vítimas ou agressores. Logo, as atividades do grupo reflexivo operativo permitem o debate acerca do comportamento cotidiano que muitas vezes passam despercebidas, bem como vivências que eles acreditavam serem normais (como o caso da violência psicológica) e que não são. Essa prática permite a troca de vivências com outras pessoas que estão na mesma situação e isso facilita o processo de entendimento que não estão passando por essa desconstrução sozinhos, mas que, naquele espaço, todos estão ali para ouvir e aprender uns com os outros, possibilitando que ocorra mudança nos seus esquemas referenciais.

Considerações finais

Tendo em vista a temática abordada e o objetivo deste relato de extensão, evidencia-se como o olhar para as relações e debater sobre elas é um trabalho que exigiu um outro local para que fosse efetivo, principalmente porque muitos dos participantes não se dispõem a fazer essa reflexão em seus relacionamentos. Entretanto, essa movimentação aparece através das posturas que mudam conforme os encontros vão passando, na forma como o homem mais calado passa a falar quando algo o mobiliza na fala do outro, entre outros. Ou seja, o silêncio dos homens apresentado no documentário citado anteriormente, apesar de existir, é possível se transformar em ruídos, falas e reflexões, e esse conjunto de práticas podem vir a gerar frutos em seus próximos relacionamentos, sejam eles românticos ou não.

Para os participantes, um caminho relativamente longo que se inicia com a resistência. Passando pela incapacidade, a princípio, de perceber-se reproduzindo a violência. Até que ocorra o reconhecimento: dos seus atos, de si, do seu espaço, do espaço do outro; e como se movimentar diante deles, sendo atravessados constantemente. É comum, enquanto mediadoras do grupo ou no momento da escuta individual (que não possui caráter obrigatório, parte do desejo deles ou/e recomendação das mediadoras), escutar sobre o desprazer que os sujeitos sentiam em estar ali. Alguns relataram que após os encontros iniciais iam direto ao bar para beber, apresentavam que não eram escutados pela “justiça”. Essa narrativa ganhou outras formas, ao se darem conta já estavam operando junto ao grupo. Perceberam que aquele é o espaço de escuta deles e, como tantos trouxeram, estar naquele espaço pode não mudar o passado, mas já apresenta resultado na mudança de esquemas enquanto percepção e formas de se relacionar. Aqueles que sentiram-se mais à vontade compartilharam como mudou a forma com que se relacionam com a atual parceira, com seus filhos ou até mesmo a mudança de perspectiva acerca de novas relações.

A idéia de que serão julgados ao participarem do grupo, é quebrada aos poucos conforme voltam a cada encontro dispostos às atividades propostas que, muitas vezes, os colocam em locais incomuns como em pé em um quadrado de emborrachado apertado para debater espaço no relacionamento, ou quando utilizam desenhos para discutir a comunicação assertiva na relação. Aos poucos, ideias são trocadas quando um participante pensa diferente do outro. Com duas formas distintas de enxergar o mundo, essas duas pessoas - e mais - passam por uma situação semelhante, ambos acusados de violência doméstica. Isso, além de deslocá-los e mobilizá-los para perceberem que não são exceções ou únicos no mundo (“foi um deslize”, “foi a primeira vez que aconteceu”, “eu nunca tinha encostado nela”), faz com que a resistência dê espaço a algo novo que os mobiliza, não só a voltar no encontro seguinte (tendo em vista que precisam cumprir os 10 encontros) mas que mobiliza a falar, ouvir e repensar sobre suas próximas ações.

Para as autoras, que se interessam pela temática desde o início da graduação, a experiência, além de ter sido muito enriquecedora pensando na formação como futuras profissionais, também agregou em suas vidas pessoais. Trocas com pessoas que possuem outras formas de entender o mundo, as relações sociais fazendo perceber que as mudanças não ocorrem do dia para a noite. Entretanto, uma árvore já foi uma semente, uma muda, uma planta. Os tópicos debatidos sempre geraram novas reflexões para os integrantes e também para as mediadoras. Poder perceber a movimentação que ocorre com aqueles que passam por uma situação de fragilidade é poder, de alguma forma, contribuir para que histórias como aquela sejam evitadas no futuro. Para além do ato judicial existe um sujeito carregado de subjetividade que precisa ser olhado com atenção, para assim, talvez, poder olhar com cuidado suas outras relações sociais.

Referências

- BASTOS, A. B. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicol inf.*, São Paulo, v. 14, n. 14, p. 160-169, out. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 mai. 2022.
- BLEGER, J. Grupos operativos no ensino. In: . *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 59-100.
- BRASIL. Lei Federal Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 29 set. 2022.
- LEVY, L.; GOMES, I. C. Relações amorosas: rupturas e elaborações. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v.43.1, p. 45-57, 2011.
- MACHADO, L. Z. Masculinidades e violências: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. *Série Antropológica*. Brasília: UnB, 2001.
- MUSZKAT, S. Violência de Gênero. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera. *Gênero*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 67-81.
- O SILÊNCIO dos Homens. Direção: Ian Leite, Luiza Oliveira. Brasil: Papo de Homem e Instituto PdH, 2019, 1 Vídeo (60 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>. Acesso em: 29 set. 2022.
- ROJÃO, G. et al. *Coolkit: jogos para a não-violência e igualdade de gênero*. Covilhã: Coolabora, 2011. 100 p.
- SIQUEIRA, F. G. Da culpa em Freud à responsabilidade em Lacan: paradigmas para uma articulação entre psicanálise e criminologia. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 141-157, 2015.
- TJDFT. *Das medidas protetivas de urgência*. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2014. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/das-medidas-protetivas-de-urgencia>. Acesso em: 29 set. 2022.

21 AÇÃO EDUCATIVA REALIZADA POR ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM PARA ALUNAS DO ENSINO MÉDIO SOBRE SAÚDE FEMININA

Ana Eulária Silva Costa (UECE)¹

Ana Carolina Oliveira da Silva (UECE)²

Alana Bezerra Lima (UECE)³

Christian Raphael Fernandes Almeida (UECE)⁴

Thaisnara Rocha dos Santos (UECE)⁵

Ana Virgínia de Melo Fialho (UECE)⁶

Introdução

A adolescência compreende uma fase na qual os indivíduos afirmam sua personalidade e vivenciam descobertas do ponto de vista biológico, social e psicológico. Nesse período, muito se pensa sobre sexualidade, principalmente após o início da puberdade, sobre mudanças do corpo, o que favorece o surgimento de déficit de conhecimento, que muitas vezes, decorre da falta acesso a fontes confiáveis ou comunicação entre os familiares para que possam se apropriar sobre as temáticas e assim sanarem suas dúvidas (BALDOINO et al., 2018).

A sexualidade ainda é considerada por muitos um tabu. Quanto ao contexto brasileiro, sua abordagem se vê com restrições, principalmente no ambiente escolar, visto que muitos profissionais se sentem inseguros em abordar essas questões, pois possuem receios, principalmente pela forma com o qual os pais desses alunos iriam encarar tais temáticas, todavia muitos acreditam que falar sobre sexualidade é influenciar a vida sexual de seus filhos. Dessa forma, torna-se ainda maior a dificuldade da abordagem dessas com esse público (EW, et al., 2017).

Os jovens encontram-se em um período de descobertas, assim, a experiência com a sexualidade torna-se mais aguçada, o que pode predispor a gravidez não planejada, o aumento de risco para as Infecções Sexualmente Transmissíveis, principalmente quando expostos a situações de vulnerabilidade, em decorrência do baixo nível de escolaridade, condições socioeconômicas desfavoráveis e prática sexual precoce. Assim, as ações educativas voltadas para saúde sexual nas escolas, podem proporcionar maior conhecimento para aqueles que estão iniciando ou já iniciaram a vida sexual, colaborando no processo de formação e fazendo com que os mesmos se conheçam, além de uma melhor qualidade de vida e da redução de riscos à saúde desses adolescentes (FRANCO et al., 2020).

Outro fator que impacta a adolescência é a menstruação, visto que a menarca acontece por volta dos 13/14 anos de idade, meninas muitas vezes imaturas que não conhecem o próprio corpo. Interligado a menstruação, existe a pobreza menstrual, em que trata-se de a escassez ou o acesso inadequado de saneamento básico, itens de higiene pessoal, absorventes menstruais e até mesmo banheiros (VIEIRA; LOPES; CARVALHO, 2021).

1 Acadêmica de Enfermagem UECE. eularia.costa@aluno.uece.br

2 Acadêmica de Enfermagem UECE. anacarolina.silva@aluno.uece.br

3 Acadêmica de Enfermagem UECE. alana.lima@aluno.uece.br

4 Acadêmica de Enfermagem UECE. christian.fernandes@aluno.uece.br

5 Acadêmica de Enfermagem UECE. thaisnara.rocha@aluno.uece.br

6 Enfermeira. Professora Doutora do Curso de Enfermagem UECE. virginia.fialho@uece.br

Em porcentagens, o Brasil obtém cerca de 26% da população feminina impactada pela pobreza menstrual, e cerca de 10% das meninas adolescentes que são impactadas por esse fator, deixam de frequentar a escola durante o período menstrual (VIEIRA; LOPES; CARVALHO, 2021). Como também, em um estudo feito em cinco países, mais de 50% das mulheres participantes da pesquisa não sabiam absolutamente ou quase nada no que se refere ao ato de menstruar e todas suas alterações fisiológicas e corporais, quando tiveram o seu primeiro sangramento, dessa forma, esses dados trazem a importância de ser debatido essa temática dentro das escolas, como também encontrar meios de minimizar essa problemática (ASSAD, 2021).

Dessa forma, esta pesquisa objetiva relatar a experiência vivenciada por acadêmicas do Curso de Enfermagem durante uma atividade de extensão em uma escola técnica de Fortaleza, sobre saúde feminina, envolvendo as temáticas: menstruação, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, do tipo relato de experiência, a partir de vivências dos acadêmicos de enfermagem, membros da Liga Acadêmica de Enfermagem em Saúde da Mulher e Obstetrícia (LAESMO) da Universidade Estadual do Ceará, frente a uma atividade de extensão feita para alunas de ensino médio de uma escola pública profissionalizante da cidade de Fortaleza, desenvolvida no dia 01 de abril de 2022 no período da tarde. A ação teve como finalidade a promoção de conhecimento sobre saúde sexual a essas adolescentes e a distribuição de produtos higiênicos, proporcionando a construção de um saber coletivo e uma melhor qualidade de higiene menstrual para essa população.

A Escola Estadual de Educação Profissional fica localizada no bairro Maraponga, é uma escola de turno integral e oferece desde o 1º ano do ensino médio, cursos profissionalizantes de Técnicos em Administração, Nutrição e Dietética, Produção de Moda e Redes de Computadores. Atendendo alunos de ambos os gêneros, destacando-se uma maior quantidade de estudantes meninas.

A principal meta dessa atividade foi sanar as dúvidas dessas meninas referentes a sua saúde sexual e íntima, visto que esses assuntos muitas vezes, não são debatidos em sala de aula e principalmente dentro de casa, dessa forma, por meio dessa troca de conhecimentos, poderia ser possível oferecer conhecimento sobre a saúde sexual de qualidade, favorecendo a prevenção da gravidez na adolescência e das infecções sexualmente transmissíveis. A abordagem sobre a temática da higiene menstrual, que, além de ser um direito, deve ser tratado como um problema de saúde pública, merece ser levada em consideração a discussão da mesma com essas jovens, pois na maioria dos casos, as adolescentes que estão iniciando esse período apresentam dúvidas e inseguranças sobre a saúde íntima, além disso. Por fim, realizar a distribuição de kits de higiene pessoal arrecadados para esse público.

A atividade foi desenvolvida com um público de 80 meninas da turma de produção de moda, sendo realizada em um auditório cedido pela escola, com duração de uma hora uma hora de apresentação com utilização de material expositivo na modalidade slides para auxiliar durante a palestra.

Discussão

No último ano, um tema ganhou destaque no meio informativo, a pobreza menstrual é uma nomenclatura utilizada para relatar a situação de vulnerabilidade social e econômica, bem como a precariedade à qual muitas pessoas que menstruam ao redor do mundo se encontram por não terem acesso adequado a itens de higiene pessoal e ao saneamento básico. Dessa forma, o principal público afetado por conta de necessidades biológicas específicas, são as mulheres, que necessitam da higiene adequada para a prevenção de infecções (ASSAD, 2021).

Tendo em vista a necessidade dessas mulheres diante da precariedade de itens de higiene pessoal, foi promulgada a Lei Federal 14.214/2021, que cria o Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual. Essa lei determina que os estudantes de ensino fundamental e médio, presidiárias e mulheres em situação de vulnerabilidade possam receber, de forma gratuita, itens básicos de saúde menstrual para essa população (BRASIL, 2021).

Diante disso, os ligantes decidiram-se organizar para criar um projeto que pudesse atender esse público, não somente a partir da distribuição de itens de higiene, mas que também pudesse orientar sobre esse período que é de mudanças fisiológicas e psicológicas para muitas das adolescentes. Com isso, o projeto combatendo a pobreza menstrual foi pensado e organizado para levar a essas adolescentes o conhecimento sobre a nova fase que está se iniciando para elas.

Vale ressaltar que durante as instâncias governamentais que vive-se o país, muitos desmontes e as proteções às pessoas em situações de vulnerabilidade vem diminuindo cada vez mais. O acesso ao absorvente deve ser universal a todas as pessoas que menstruam, tendo em vista, que não apenas as mulheres possuem esse ciclo. Precisa-se ressaltar a importância do contato com a diversidade, homens transsexuais também menstruam e, muitas vezes, são excluídos desses debates que são tão importantes para as mulheres cis.

A ação ocorreu de forma satisfatória, sem intercorrências para os membros da liga acadêmica ou para os alunos, tal atividade ocorreu em parceria da LAESMO com o Curso de Graduação em Enfermagem e o Centro de Ciências da Saúde (CCS). Movidos por um projeto intitulado “Combatendo a pobreza menstrual”, os ligantes uniram-se aos acadêmicos do primeiro semestre e ao Centro Acadêmico de Enfermagem Ana Néri e fizeram arrecadação de materiais de higiene para serem distribuídos na escola para essas adolescentes. Os materiais foram arrecadados através de uma dinâmica de grupos com calouros do curso de enfermagem da Universidade Estadual Do Ceará, para que estes pudessem obter a maior quantidade de produtos durante a semana de integração do curso, os mesmos conseguiram arrecadar cerca de 1206 unidades de absorventes, entre outros materiais de higiene.

Figura 1: Kit de higiene montado para distribuição

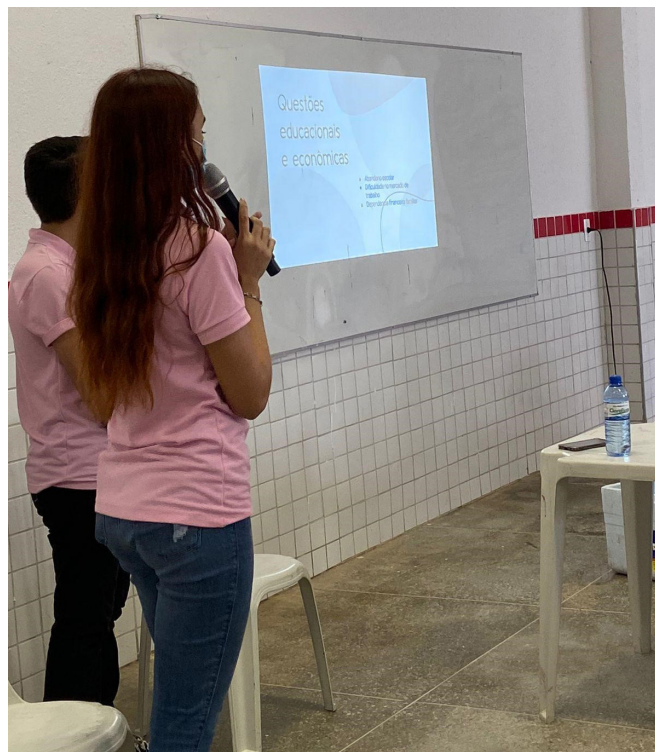


Fonte: Autores (2022).

Assim, pediu-se para que a escola selecionasse as adolescentes que estivessem em uma maior situação de vulnerabilidade social para o recebimento dos kits de higiene. Foram confeccionados 80 kits, cada um contendo um sabonete, dois pacotes de absorventes e, em alguns houveram também, uma pasta de dente, uma escova, xampu, condicionador, papel higiênico e desodorante. Com o foco de auxiliar essas jovens no processo mensal da menstruação que para aquelas em menor favorecimento socioeconômico pode ser um processo extremamente complicado.

A palestra realizada com as alunas foi dividida em três momentos: um de apresentação do conteúdo, onde se foi abordado sobre o ciclo menstrual, explicando que e como ocorre todos os meses esse processo, formas de utilizar corretamente o absorvente e a importância de usar da forma adequada, também discutiu-se o impacto da pobreza menstrual e como isso acomete muitas estudantes brasileiras. Em seguida foi dialogado sobre os métodos contraceptivos e a importância de conhecer o próprio corpo para evitar a contaminação por Infecções Sexualmente Transmissíveis, a gravidez na adolescência e seus riscos para o público jovem. Para facilitar a visualização do que estava sendo falado, foi utilizado material expositivo em powerpoint.

Figura 2: Apresentação do material expositivo.



Fonte: Autores (2022)

Após a exposição do material, o segundo momento foi destinado para sanar as dúvidas das alunas presentes, como forma de obter essas perguntas, foi distribuído papéis em branco para aquelas que tivessem alguma dúvida sobre o que foi discutido, mas tivessem vergonha de fazer na frente de todos. As alunas demonstraram bastante interesse no assunto, algumas relataram suas experiências sobre os temas discutidos e outras também escreveram nos papéis sobre o que não queriam falar abertamente, havendo assim, uma interação entre os ligantes e as alunas, tornando esse momento mais rico, sem verticalização do conhecimento. Para finalizar a atividade, foi realizada a entrega dos kits de higiene pessoal para as alunas ali presentes.

Para corroborar com a importância desse tipo de educação em saúde, Melo et al., (2021), retrata que a educação em saúde para a promoção à saúde e prevenção de doenças para adolescentes é um instrumento necessário dentro das escolas, visto que, ocorre uma escassez desse tipo de temática na rotina escolar. Dessa forma, esse tipo de promoção à saúde, contribui elevando a autonomia feminina, e o conhecimento fisiológico e anatômico do próprio corpo.

Vale ressaltar que essa ação também foi de grande importância para os membros da LAESMO que organizaram e prepararam o momento de forma que fosse proveitoso e enriquecedor para as pessoas que iriam participar, como também, praticaram um dos papéis profissionais da enfermagem que é a educação em saúde e sabe-se que essa vivência durante a graduação é de grande importância para o desenvolvimento e amadurecimento dos estudantes.

Figura 3: Distribuição dos Kits de Higiene.



Fonte: Autores (2022)

Considerações finais

Foi perceptível que fornecer informações seguras sobre o corpo feminino, sexualidade e IST'S é de suma importância para a obtenção de conhecimento corporal, e uma visão realista do processo de desenvolvimento e reprodução humana, no contexto do adolescente. Podendo assim, evitar uma gravidez indesejada e transmissão de IST.

Dessa forma, a aproximação dos acadêmicos de enfermagem, membros da Liga Acadêmica de Enfermagem em Saúde da Mulher e Obstetrícia da Universidade Estadual do Ceará, com o espaço escolar foi de suma importância para experienciar a compreensão do espaço e importância do enfermeiro no apoio à ações de educação e saúde, e aproximação mais realista do déficit dos adolescentes ao assunto de saúde sexual. Conclui-se assim que é de suma relevância a realização de intervenções educativas voltadas para a promoção da saúde sexual, reprodutiva e da higiene no período menstrual.

Referências

- ASSAD, B.F. Políticas Públicas acerca da pobreza menstrual e sua contribuição para o combate à desigualdade de gênero. *Revista Antinomias*. v. 2, n. 1, jan-jun., 2021.
- BALDOINO, L.S. et al. Educação em Saúde para adolescentes no contexto escolar: um relato de experiência. Recife. *Rev. Enferm Online*. UFPE. v.12 n.4, p. 1161-1167, abr, 2018.
- BRASIL, LEI Nº 11.340, DE 6 DE OUTUBRO DE 2021. Brasília, DF, 2021.
- EW, R.A.S. et al. Diálogos sobre sexualidade na escola: uma intervenção possível. *Psicologia em Pesquisa*, UFJF. v.11, n. 2. p. 51-60. jul-dez, 2017.

FRANCO, M.S. et al., Educação em Saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. Recife. Rev. Enferm Online. UFPE. 2020.

MELO, A.G.X. et al. Ações de educação e saúde e gravidez na adolescência na extensão universitária. RealizAção, v.8, n.16, p. 178–191, 2021.

VIEIRA, L.M.H.P; LOPES, L.P; CARVALHO, M.G.F. POBREZA MENSTRUAL: UMA QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA. RAHIS, v.18, n.4, 2021.

22 RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PROJETO DE EXTENSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO: DESAFIOS E ADAPTAÇÕES DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO

Jonas Lima Cavalcante (UECE)¹

Miguel Angelo Monteiro Lessa (UECE)²

Leonardo Torres Marques (UECE)³

Francisco Evaldo Pereira Mariano (UECE)⁴

Eudásio Rodrigues de Sousa (UECE)⁵

Introdução

Diante da pandemia que se propagou no ano de dois mil e vinte (2020), ocasionada pelo novo coronavírus SARS – Cov2 – também chamado de COVID-19 – a humanidade sofreu um grande impacto e precisou readaptar sua vivência no mundo físico e social. Uma das medidas adotadas pelos governantes de diferentes países, foram as restrições do contato em aglomeração entre as pessoas, interrompendo com o funcionamento de comércios e serviços não essenciais, bem como o fechamento de universidades e escolas. Conforme dado publicado pela UNESCO (2020), noventa e um por cento 91% de estudantes do mundo tiveram suas atividades escolares presenciais suspensas.

No ensino superior brasileiro, muitos desafios surgiram, sobretudo em como solucionar a continuidade das atividades acadêmicas no ensino, pesquisa e extensão durante a pandemia. Uma das soluções adotadas foi a realização dessas atividades no ambiente on-line, chamado de ensino remoto emergencial (GUSSO et al., 2020).

Assim, surgiu a necessidade em migrar para o sistema de atividades remotas, adaptando também a extensão universitária em um novo estilo acadêmico, com foco na continuidade das atividades acadêmicas nas instituições de ensino, quando os governantes, por meio de um decreto, na portaria (Portaria N° 343), autorizaram o ensino remoto, com o intuito de garantir aos cursos de graduação, segundo Beahr (2020); Wu e McGoogan (2020), a realização e continuação dos projetos.

1 Discente de Licenciatura em Computação, Bolsista em Projeto de Educação Tutorial (PET), pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Campus Mombaça. lima.cavalcante@aluno.uece.br

2 Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente no setor de estudos Fundamentos Psicológicos da Educação, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Campus Mombaça. miguel.lessa@uece.br

3 Mestre em Ciência da Computação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação (UFERSA/UERN). Docente no setor de estudos Algoritmos e Programação, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Campus Mombaça. leonardo.torres@uece.br

4 Especialista em Alfabetização e Multiletramentos, Engenharia de Software. Professor/Coordenador do curso de Desenvolvimento de Sistemas da EEEP João Jackson Lobo Guerra. evaldo1985g@gmail.com

5 Discente de Licenciatura em Computação, bolsista no Projeto de Extensão em 2020, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). eudasio.rodrigues@aluno.uece.br

Segundo Santos, Rocha e Passaglio (2016), a participação em projeto de extensão universitária é uma grande experiência durante a formação do discente de graduação. Suas ações têm o importante papel em aproximar a universidade à sociedade ao qual está inserida. É através dela que a instituição pode cumprir com a sua missão, sempre atendendo as necessidades da comunidade e buscando a melhoria na qualidade de vida da população (COSTA e NETO, 2013; NUNES e SILVA, 2011).

Ao serem implantadas as atividades remotas no âmbito universitário, como sendo a extensão universitária, definida por Carneiro (2011) e Carneiro (2015), em um processo educativo, cultural e científico que integra a pesquisa e ao ensino, proporcionando uma relação de estabilidade favorável e proveitosa entre universidade e sociedade, sendo vista como uma saída, no qual é voltada a atender as necessidades da comunidade interna e, principalmente, externa.

Muitos projetos de extensão, antes da pandemia, já colocavam as universidades em contato direto com a sociedade, com atividades, atendimentos e, de fato, uma proximidade maior (DINIZ et al., 2020; MÉLO et al., 2021). Por isso, ao se deparar com o novo estilo para se executar determinadas tarefas, fez necessário se reinventar nesse período. Segundo Diniz et al. (2020), a tecnologia permitiu um novo caminho para vários dos projetos, momento em que passaram a manter seu vínculo com os envolvidos e, principalmente, com a comunidade, através das mídias digitais e educacionais.

Sabendo que a extensão tem a capacidade de se moldar às necessidades do contexto em que está inserido, objetiva-se, a partir deste estudo, em descrever, por meio de um relato de experiência do projeto de extensão, intitulado Informatizando e Educando. A Tecnologia e a educação caminhando juntas para um objetivo comum. Este foi desenvolvido durante a pandemia da COVID-19, no ano de dois mil e vinte (2020), abordando os desafios e as adaptações para o ensino remoto, com os discentes extensionistas do curso de Licenciatura em Computação, da Universidade Estadual do Ceará, Campus Mombaça - CE. Desse modo, busca-se identificar: Quais desafios foram encontrados no desenvolvimento das atividades acadêmicas? Como foi a adaptação da extensão universitária durante sua migração para a modalidade de ensino remoto?

O restante deste trabalho está dividido da seguinte forma: na Seção 2, apresenta-se a metodologia aplicada para se encontrar os resultados esperados; na Seção 3, são apontados os resultados do estudo; na Seção 4, abordam-se as principais discussões e problemáticas; e, por fim, na Seção 5, são apresentadas as conclusões e possíveis trabalhos futuros.

Metodologia

Esta pesquisa aborda o problema de forma qualitativa, pois os fenômenos são interpretados e significados de acordo com a experiência do pesquisador, vivenciada no próprio ambiente em que o objeto de estudo se encontra (PRODANOV; FREITAS, 2013). Também é descritiva, pois busca descrever as características de determinado fenômeno sem intervir nele (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Buscando apresentar os objetivos deste estudo, em como foram realizadas as ações que visassem a continuação do projeto, mesmo com a problemática inserida, a fim de dar suporte após a pandemia, de maneira remota, os extensionistas começaram a trabalhar semanalmente, durante doze (12) horas, através de encontros virtuais, com a utilização da plataforma Meet. Com a expectativa de uma execução das atividades de forma presencial, os trabalhos continuaram com

a produção e criação de pastas no Google Drive, como mostra a Figura 1.

Figura 1: Pasta criada para compartilhamento do material didático.



Nome ↓	Proprietário	Última modificação	Tamanho do arquivo
 Material Didatico	Evaldo Pereira	30 de jun. de 2020 Evaldo Pere...	–
 Livros-Apostilas	Evaldo Pereira	6 de abr. de 2020 Evaldo Pereira	–
 EM-Aulas	Evaldo Pereira	3 de abr. de 2020 Evaldo Pereira	–
 EF-Aulas	Evaldo Pereira	3 de abr. de 2020 Evaldo Pereira	–
 Artigos e Fichamentos	Evaldo Pereira	3 de abr. de 2020 Evaldo Pereira	–

Fonte: autoria própria (2020).

Foram criadas, pelo orientador do projeto, pastas que pudessem ser anexadas o material didático, bem como os livros e apostilas que poderiam ser utilizadas para a criação do próprio material, além da leitura de artigos e fichamentos, todos estes voltados futuramente para extensão dos cursos propostos. Os discentes envolvidos no projeto, mesmo atuando de forma remota, ficaram responsáveis em produzir e elaborar, durante o período pandêmico, este material e, visando a participação na Semana Universitária (SU), um artigo em que abordariam suas experiências, bem como os avanços percebidos durante o período remoto.

Com a produção do material proposto, mesmo pensando na continuidade do projeto durante a pandemia, os extensionistas, além do orientador do projeto, visaram a realização das atividades, com o ensino de Informática Básica e Educativa para alunos das escolas de ensino fundamental e médio, no município de Mombaça, Ceará. O primeiro contato com os alunos, após a realização da pesquisa qualitativa, seria através das aulas de Computação Desplugada e, em seguida, oferecidos os cursos de Lógica de Programação, Pacote Office, Boas Práticas de navegação na internet (reconhecendo informação e notícia falsa, navegação segura e responsável). Os cursos poderiam ser ministrados em laboratório de informática da escola beneficiada ou no laboratório da sede atual do curso de graduação.

Resultados

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, é possível avaliar que os extensionistas conseguiram dar continuidade ao material didático, assim como mostra a Figura 2.

Nome ↓	Proprietário	Última modificação	Tamanho do arquivo
 Scratch	Eudasio Rodrigues De Sousa	1 de jul. de 2020 Eudasio Rodr...	–
 Módulo Office	Katiana Araújo	5 de jul. de 2020 Katiana Araújo	–
 Modulo Basico	Evaldo Pereira	6 de jul. de 2020 Evaldo Pereira	–
 HTML/CSS	Jonas Lima Cavalcante	4 de jul. de 2020 Jonas Lima C...	–

Fonte: autoria própria (2020).

Diante das dificuldades existentes durante o período pandêmico, não é possível comparar de forma precisa entre a modalidade remota e a presencial, já que as atividades desenvolvidas foram adaptadas, nem medir com precisão os reais impactos dessa mudança de ensino.

Entretanto, é possível destacar que ao longo do ano de dois mil e vinte (2020), foi possível desenvolver, durante algumas supervisões on-line, um espaço em que foram compartilhadas as vivências por parte dos bolsistas envolvidos no projeto, no período de encontros virtuais. Estes aspectos facilitaram, de muitas maneiras, com o desenvolvimento e engajamento de todos, e que abriram possibilidades em manter os vínculos com o projeto e universidade, mesmo diante das incertezas apresentadas pela pandemia, do modelo remoto.

Vínculos estes que foram vistos como necessários, e pensando no planejamento dos projetos para a vigência no ano de dois mil e vinte e um (2021), a UECE lança a chamada pública do Programa de Bolsas de Estudos e Permanência Universitária – PBEPU, com as devidas adaptações feitas pela equipe da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis – PRAE, em que foram divididas um total de quinhentos e quarenta (540) bolsas, para todas as unidades e centros da instituição, conforme Quadro 1:

Quadro 1: Distribuição de bolsas entre as unidades de ensino da UECE.

CAMPUS	QUANTIDADE DE VAGAS 2021
ITAPERI E FÁTIMA	232
CECITEC	19
FACEDI	48
FAEC	36
FAFIDIM	73
FECLESC	55
FECLI	48
POLO MOMBAÇA	6
UAB	23
TOTAL	540

Fonte: Seleção-PBEPU-Chamada-pública-03-2021-1 (2021).

Discussão

Após o Decreto N° 235/2020, estabelecido pelo município de Mombaça, seguindo as orientações por parte do estado, buscando encontrar medidas para o enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do novo coronavírus, e dá outras providências, resolve decretar o que se segue: Art. 2º Ficam suspensos, no âmbito do município de Mombaça – CE, pelo prazo de quinze (15) dias: II – atividades educacionais em todas as escolas da rede de ensino pública.

Com as medidas de distanciamento social, que foram impostas pela pandemia, as atividades que antes seriam realizadas nas escolas, de forma presencial, foram suspensas. Não sendo possível dar continuidade, naquele momento, já que não era possível se adaptar ao contexto problemático inserido. A partir disso, o projeto continuaria sendo produzido de maneira remota, até que fosse possível vislumbrar outras possibilidades de atuação. As reuniões, que antes eram presenciais, passaram a ocorrer de forma remota pela plataforma Meet.

Segundo Bezerra et al. (2020), cerca de quarenta e sete vírgula cinco por cento (47,5%) das Instituições de Ensino Superior (IES), no Brasil, ofertaram o ensino remoto, enquanto apenas dez por cento (10%) optaram em não prosseguir com as aulas. Porém, ao mencionar às ações de extensão, é de extrema importância e cautela o processo de decisão da suspensão, tendo em vista a imensa capacidade de contribuição com a prestação de serviços durante a pandemia, sendo capaz de proporcionar atendimento e apoio às comunidades vulneráveis (RICCI, et al., 2020).

Com as exigências, foram necessárias adaptações e reformulações nas extensões universitárias, sendo que nem todos os projetos teriam como dar continuidade às suas atividades. Segundo Mèlo et al. (2021), em sua pesquisa sobre extensões universitárias, apenas cinquenta e um por cento (51%) das instituições de ensino que foram analisadas, diante dos desafios, continuaram atendendo a comunidade externa durante a pandemia.

Desta forma, ao pensar sobre a atuação dos bolsistas do projeto, visando promover os cursos de forma remota, surgiram ainda mais problemas. Para que fosse possível e viável ministrar os cursos de extensão de forma remota, pensando no processo de ensino e aprendizagem, (Gusso et al. 2020) apontam fatores que devem estar presentes, como: o acesso à internet de qualidade, a computadores adequados e ao lugar apropriado para participar das reuniões. Além disso, e muito mais importante, em como os alunos e professores envolvidos se adaptariam ao ensino remoto.

Considerações finais

Devido às problemáticas criadas pelo período de pandemia, causado pela Covid-19, grande parte dos projetos de extensão precisaram ser reinventados, com a intenção de dar prosseguimento, cumprindo o seu importante papel na sociedade. Deste modo, através deste artigo, buscou-se discorrer brevemente um relato de experiência, visando apresentar os desafios encontrados e o processo de adaptação para a modalidade virtual, no ano de dois mil e vinte (2020), bem como as atividades desenvolvidas de um projeto de extensão: Informatizando e Educando. A Tecnologia e a educação caminhando juntas para um objetivo comum, refletindo tais aspectos na vida acadêmica e formação das extensionistas.

Apesar dos inúmeros obstáculos gerados pela pandemia, a participação no projeto concedeu aos discentes envolvidos, do mês de março a dezembro, um grande aprendizado, adquirindo novas habilidades e conhecimentos que transformaram de maneira significativa sua formação e futura prática profissional. De fato, os bolsistas puderam crescer como pessoas, aprofundando

seus estudos sobre a temática envolvida.

Em grande parte das IES, as ações de extensão continuaram através de adaptações e reformulações, visando flexibilizar as atividades de forma remota. Diante disso, percebeu-se que a extensão universitária cumpriu com a sua função, embora tenha sido virtualmente. Além disso, as instituições de ensino, deram continuidade às atividades em dois mil e vinte e um (2021), enfatizando o formato híbrido que foi a proposta com maior aceitação pelas IES.

Por fim, destaca-se a persistência em continuar com as atividades de extensão, que possibilitaram a realização de várias ações, e que contribuíram significativamente para diminuir os impactos causados pela paralisação. Ademais, para planos futuros, torna-se necessário, por parte dos da instituição e dos docentes, a pretensão em prosseguir com o projeto, submetendo-o novamente. Assim, se possível, em realizar uma nova seleção de bolsistas.

Referências

- BEZERRA, Kelianny Pinheiro. et al. Ensino remoto em universidades públicas estaduais: o futuro que se faz presente. *Research, Society and Development*, 9 (9), 1-17, 2020.
- RODRIGUES, A. L. L.; COSTA, C. L. N. do A.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B. S.; PASSOS NETO, I. de F. Contribuições da extensão universitária na sociedade. *Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE*, [S.l.], v.1, n.2, p.141-148,2013.
- NUNES, Ana Lucia de Paula Ferreira; DA CRUZ SILVA, Maria Batista. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. *Mal-Estar e Sociedade*, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011.
- CARNEIRO, Jair Almeida. et al. Unimontes solidária: interação comunitária e prática médica com a extensão. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 35(2), 283-288, 2011.
- CARNEIRO, Jair Almeida. et al. Liga acadêmica: instrumento de ensino, pesquisa e extensão universitária. *Gestão e Saúde*, 6(1), 667-679, 2014.
- GUSSO, Helder Lima. et al. Ensino Superior Em Tempos De Pandemia: Diretrizes À Gestão Universitária. *Educação & Sociedade*, 41, 1-26, 2020.
- DINIZ, E. G. M. et al. A Extensão Universitária Frente Ao Isolamento Social Imposto Pela Covid-19. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 9, p. 72999-73010, 2020.
- MÉLO, Cláudia Batista. et al. A extensão universitária no Brasil e seus desafios durante a pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 3, p. e1210312991-e1210312991, 2021.
- MUNIZ, A. M. et al. Luto na pandemia: relato de experiência de um projeto de extensão universitária. *Cadernos de PsicologiaS, Curitiba*, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://cadernosdepsicologias.crprr.org.br/luto-na-pandemia-relato-de-experiencia-de-um-projeto-de-extensao-universitaria/>>. Acesso em: 23/09/2022.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RICCI, Ellen Cristina. et al. University experiences of occupational therapy in Brazil during the Covid-19 pandemic: Contributions and support in mental health for the population. *World Federation of Occupational Therapists Bulletin*, 76 (2), 75-77, 2020.
- SANTOS, João Henrique de Sousa; ROCHA, Bianca Ferreira; PASSAGLIO, Kátia Tomagnini. Extensão universitária e formação no ensino superior. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, v. 7, n. 1, p. 23-28, 2016.

UNESCO [UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION] COVID-19 Educational disruption and response. Paris: Unesco, 30 July 2020. Disponível em: <http://www.iiep.unesco.org/en/covid-19-educational-disruption-and-response-13363>. Acesso em 26 de setembro de 2022.

WU, Zunyou; MCGOOGAN, Jeniffer. M. Characteristics of and important lessons from the coronavirus disease 2019 (COVID-19) outbreak in China: summary of a report of 72 314 cases from the Chinese Center for Disease Control and Prevention. *Jama*, 323(13), 1239-1242, 2020

23 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS NO NÚCLEO DE ESTUDOS DE DIDÁTICA, INTERAÇÃO E METODOLOGIAS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO - NEDIMPE

Francisca Joselena Ramos Barroso (SME/CASCAVEL-CE)¹

Maria Leticia de Sousa David (SME/ITAPIPOCA-CE)²

José Erison Matias Oliveira (FACEDI/UECE)³

Jefferson Soares Galvão (FACEDI/UECE)⁴

José Valdemir de Sousa Soares (FACEDI/UECE)⁵

Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro (FACEDI/UECE)⁶

Introdução

A constituição da identidade profissional docente tem sido um tema recorrente em pesquisas e estudos na área educacional. Compreender os processos de sua constituição, seu início e desenvolvimento ou ainda os empecilhos que apresentam a sua efetivação, são conhecimentos fundamentais para os sujeitos que estão no início de sua formação docente ou de sua atuação

1 Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE), professora da Secretaria Municipal de Cascavel – Ceará nos anos iniciais do Ensino Fundamental. E-mail: joselenabarroso12@gmail.com

2 Especialista em Ludopedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (GEPESAD). Professora na Secretaria Municipal de Educação de Itapipoca - SME/Itapipoca-CE, na Educação Infantil. E-mail: leticiadavid16@gmail.com

3 Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE), tutor de Língua Portuguesa da rede Estadual. E-mail: erison.oliveira@aluno.uece.br.

4 Licenciando em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista do projeto de Monitoria Acadêmica, na disciplina de Pesquisa Educacional, financiado pelo Programa de Monitoria Acadêmica da Pró-reitoria de Graduação da UECE. Integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (GEPESAD) e do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (NEDIMPE). E-mail: jefferson.soares@aluno.uece.br.

5 Licenciando no curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (NEDIMPE). Integrante do Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (GEPESAD) e do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (NEDIMPE). E-mail: valdemir.soares@aluno.uece.br

6 Docente do curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), Campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UECE. Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Educação pela UECE. Coordenador do Projeto de Extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (NEDIMPE) e do Grupo de Estudo Pesquisas em

profissional. Nesse sentido, Nóvoa (2017) indica que se faz indispensável pensar a formação de professores a partir da perspectiva de uma formação profissional universitária, ou seja, a constituição da profissionalização ocorre desde o curso de uma licenciatura.

Portanto, dentro do contexto do Ensino Superior, os projetos de Extensão Universitária mostram-se como uma dimensão capaz de contribuir nesse processo. Sob esse aspecto, Rodrigues et al (2013, p. 146) expõe que “[...] É de fundamental importância que a universidade estabeleça a interação ensino-pesquisa-extensão, pois é o grande objetivo, para a formação de profissionais competentes”. Nesse sentido, a ação extensionista possibilita a integração não apenas com os outros dois pilares da Universidade, o ensino e a pesquisa, como também promove a aproximação com os sujeitos e as realidades para além do campus universitário.

Os projetos de extensão no âmbito das licenciaturas, por sua vez, propiciam a imersão em diferentes contextos do ensino escolar, o que favorece a aprendizagem da docência, uma vez que se acredita que “[...] o ensino é um processo intencional, sistemático e flexível, que visa à obtenção de determinados resultados (conhecimentos, habilidades, atitudes etc.). [...]” (VEIGA, 2011, p. 21). Para isto se faz necessário um planejamento, no qual haja clareza a respeito dos objetivos que se pretendem atingir, das metodologias e formas de avaliação que serão adotadas. Em virtude disso, participar de um projeto de extensão na formação inicial, dentre outros objetivos de aprendizagem, conduz à reflexões críticas sobre a realidade educacional e, principalmente, sobre o ensino, formando o aluno para tornar-se professor.

Sob essa perspectiva, apresenta-se como problema neste texto: Que experiências formativas a participação em um projeto de Extensão Universitária potencializa na constituição da profissionalização docente, tomando como ponto de análise a experiência de integrantes do projeto? Dessa forma, o objetivo geral consistiu em analisar que experiências formativas a participação em um projeto de Extensão Universitária potencializa na constituição da profissionalização docente, tomando como ponto de análise a experiência de integrantes do projeto. O estudo foi pautado no projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (NEDIMPE), do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Este trabalho apresenta relevância para o meio acadêmico, uma vez que o ingresso no nível superior visa promover os conhecimentos de uma determinada área com o objetivo de vir a atuar nela enquanto profissional. Logo, entender que possibilidades, em um curso de licenciatura, são fomentadas no diálogo entre a extensão e os outros entes da universidade se mostra importante. Essa relevância estende-se ao meio social, tendo em vista que os sujeitos que concluem essa formação inicial irão atuar nas áreas da Educação daquela comunidade, portanto, impactando-a diretamente com os aspectos que constituem sua profissionalização.

O capítulo estrutura-se da seguinte forma: esta Introdução, que apresenta os elementos iniciais que compõem a pesquisa; a Metodologia, que apresenta os caminhos traçados na elaboração e a construção dos relatos; a seção Caracterização do NEDIMPE, na qual se relata o histórico e as formas de atuação do projeto de extensão; a seção Relatos de Experiência, na qual os autores compartilham suas vivências com a extensão na sua construção profissional tanto em formação inicial como no início da carreira; as Considerações Finais, que remata os principais aspectos apresentados nos relatos e responde ao problema proposto; e as Referências, indicando

todo o material que deu subsídio na elaboração deste trabalho.

Metodologia

Este trabalho é um relato de experiência, produzido em 2022 de modo coletivo, elaborado por integrantes do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (NEDIMPE), do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Alguns dos sujeitos estão em formação inicial docente e outros já iniciaram sua atuação profissional, permitindo a apresentação de diversas perspectivas sobre as potencialidades que a participação em um projeto de extensão instiga na profissionalização docente.

Nesse sentido, a pesquisa tem caráter qualitativo e subsidia-se na Pesquisa Bibliográfica, caracterizada por Gil (2008) como aquela que desenvolve-se a partir de material já elaborado, o que permite aos pesquisadores analisar uma gama de produções mais ampla. Nesse sentido, o referencial teórico averiguado é constituído por: Barroso, David e Castro (2022); Castro (2022); Corrêa-Silva, Penha e Gonçalves (2019); David, Barroso e Castro (2022); D'Ávila et al (2019); Fávero e Alves (2011); Freire (2020); Nóvoa (2017; 2019a; 2019b); Rodrigues (2013); Ribeiro, Ponte e Silva (2017) e Veiga (2011).

Caracterização do NEDIMPE

Ao longo de todo o processo formativo no âmbito acadêmico, a formação do sujeito está perpassada por inúmeros fatores e atividades que tendem a potencializar esse processo de aquisição de conhecimentos, tornando-se um profissional mais qualificado. Assim, a formação docente não é diferente, pois coexistem um conjunto de atividades que se desenvolvem dentro do meio acadêmico que contribuem para a formação desse profissional. Diante disso, pode-se elencar as atividades extensionistas porque “[...] a extensão surge como um importante meio a ser consolidado pela Universidade para a realização do seu compromisso social e também como articuladora de suas relações. [...]” (CORRÊA-SILVA; PENHA; GONÇALVES, 2017, p. 76). Por meio das relações estabelecidas entre essas duas instâncias, é possível perceber o avanço para ambas. Em suma, é necessário que se tenha essa interação, a fim de que, a sociedade possa progredir, bem como a produção do conhecimento.

Dessa forma, as atividades desenvolvidas não são teorias isoladas, inclusive porque a teoria é inter-relacionada com a prática, dialogando com o contexto e o ambiente em que se propõe a atuar, sendo significativo e passível de reflexão sobre a sua futura prática enquanto profissional. Foi nessa perspectiva que trouxemos o Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (NEDIMPE), que é um projeto de Extensão Universitária coordenado pelo professor Mirtiel Frankson do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

O projeto foi criado em 2018 e tem aproximado alunos dos cursos de licenciatura da FACEDI (Pedagogia, Ciências Sociais, Química e Ciências Biológicas), estudantes de outras Instituições de Ensino Superior (IES), professores atuantes na Educação Básica do município e profissionais de outras áreas da Educação. No primeiro ano teve apenas uma escola envolvida nas atividades. Esse número foi aumentando e, atualmente, em 2022 o projeto é realizado em quatro escolas, o

que demonstra sua relevância à formação docente. O desenvolvimento das atividades acontece tanto no espaço da faculdade como nas escolas do município. E tem como objetivo geral conectar esses diferentes núcleos a fim de proporcionar uma formação acadêmica e profissional para os integrantes através de estudos, experiências e o compartilhamento de conhecimentos entre os sujeitos de diversas áreas da Educação.

O NEDIMPE apresenta seis objetivos específicos, dentre os quais: integração ensino-pesquisa-extensão em conjunto com as escolas; diagnosticar demandas e promover oficinas e minicursos para os professores; instigar o ensino com pesquisa e para a pesquisa, por meio das ações de extensão universitária; fomentar, nos professores que participam do projeto, o desenvolvimento de pesquisas sobre suas experiências; por fim, promover debates e publicações acadêmicas sobre temas da área da Didática no cenário escolar.

Quanto aos aspectos metodológicos do NEDIMPE, seu desenvolvimento ocorre por etapas. Inicialmente, estabelece-se os procedimentos, divisão de grupos e alocação nas escolas da rede municipal. Posteriormente, cada grupo elabora seus instrumentos para a pesquisa de campo, que inicia-se na segunda etapa. Nesta, os subgrupos apresentam-se nas escolas e desenvolvem sua pesquisa-ação. A terceira etapa inicia-se após a coleta de dados, ocorrendo a transcrição, a análise e a interpretação dos dados, objetivando identificar necessidades formativas para aquele campo pesquisado, cabendo a cada equipe definir os temas que serão propostos. Finalmente, realizam-se as ações de intervenção propostas às instituições parceiras.

Desse modo, o NEDIMPE atua com projetos anuais e temáticas escolhidas visando a construção de estudos por parte dos participantes e possibilidades de intervenção que proporcionem uma formação continuada aos docentes daquela instituição. Além disso, durante a trajetória do projeto, algumas práticas significativas são realizadas, como: a elaboração de estudos dirigidos, baseados nos eixos que circundam a atividade pedagógica; a produção de resumos expandidos e apresentação destes em encontros acadêmicos; leitura e fichamento de textos com temáticas intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento do trabalho docente; produção de roteiros e questionário, dentre outros. A seguir constam os relatos de experiência de cinco integrantes do NEDIMPE, inclusive 4 deles atuaram como bolsistas de extensão. Os três primeiros relatos são de egressos do curso, já em exercício profissional e os dois últimos relatos são de discentes do curso de licenciatura, com sessenta por cento do curso concluído.

Relatos de experiência

Francisca Joselena Ramos Barroso

Comecei a participar do Projeto de Extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (NEDIMPE) em 2018, nesse ano era bolsista de monitoria da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico. Em continuação, no ano seguinte iniciei a bolsa de extensão do referido projeto, uma vez que desde o início do curso percebia a necessidade de me envolver em outras atividades além do ensino das disciplinas curriculares na sala de aula, porque “[...] a universidade como centro de produção de conhecimento novo, de ciência, tecnologia e cultura, cuja disseminação deve ser feita através de atividades de ensino e extensão. [...]” (FÁVERO; ALVES, 2011, p. 57).

Dessa maneira, a bolsa de extensão foi muito relevante à minha formação, pois ao longo dos encontros interagi com professores em exercício que também buscavam aprender mais sobre a docência e que compartilhavam suas experiências e saberes conosco. Além de realizar diversos estudos, tanto teóricos como práticos, a respeito de assuntos que emergem da prática pedagógica docente, a fim de compreender melhor como ocorrem os processos de ensino e de aprendizagem, além de perceber a pesquisa científica como uma atividade de reflexão e de análise crítica da realidade, capaz de auxiliar o professor a avaliar e melhorar o trabalho pedagógico.

A metodologia de desenvolvimento do NEDIMPE é muito didática e formativa pela pesquisa, porque primeiramente os integrantes do projeto (professores da Educação Básica e do Ensino Superior, bolsistas do curso de Pedagogia e alunos de outras licenciaturas) participam de encontros para realizar estudos e discussões no que diz respeito, por exemplo, ao campo de conhecimento da Didática e sobre os diversos tipos de pesquisa e caminhos utilizados para realizar um trabalho científico, o qual denominamos como metodologia.

Com essas aprendizagens consolidadas, os participantes elaboram os instrumentais para desenvolver a pesquisa de campo e se preparam para entrar em contato com a escola que receberá o projeto, denominadas de escolas parceiras. Esse momento formativo, assim como os outros, é bastante relevante, pois aprendemos em um contexto colaborativo como elaborar, por exemplo, um questionário e/ou uma entrevista semiestruturada, saberes que me auxiliaram em outras pesquisas científicas ao longo da graduação, inclusive na monografia.

Participar de um projeto de extensão como bolsista foi muito significativo, já que pude me dedicar as atividades que estavam sendo realizadas. Após a elaboração dos instrumentais e a organização da equipe para aplicação, adentramos na escola escolhida e começamos a participar um pouco da rotina das instituições. Além dos professores responderem ao questionário, em alguns momentos participei de observações não participantes que foram essenciais para que nós analisássemos quais as demandas formativas aqueles professores estavam precisando. Dando continuidade, retornávamos para a universidade e em grupos fazíamos a análise dos dados coletados (tínhamos uma formação direcionada previamente para tal atividade) e por conseguinte, elegíamos a principal necessidade formativa daquela escola pesquisada.

Desse modo, com o tema escolhido começamos a planejar as ações formativas que iríamos desenvolver junto aos professores das escolas parceiras do projeto. As reuniões marcadas para o planejamento das atividades eram muito relevantes, porque aprendemos como elaborar um plano de intervenção. Elaboramos uma palestra, uma oficina e um minicurso, ações planejadas de acordo com a necessidade formativa que os professores apontavam. Além dessas atividades serem desenvolvidas e realizadas pelos próprios sujeitos do NEDIMPE, eram frutos da pesquisa que tínhamos feito no início e isso foi muito significativo, porque contribuiu diretamente com a nossa formação e a prática pedagógica dos professores.

Assim, é necessário a criação de ambientes propícios de aprendizagem e socialização profissional (NÓVOA, 2019a). Logo, a Universidade desenvolve suas atividades baseadas no seguinte tripé ensino, pesquisa e extensão, a fim de promover uma formação teórico-prática mais crítica, significativa e reflexiva aos futuros professores. E por sua vez, o NEDIMPE é um dos ambientes criados com essa finalidade formativa e que são propícios para que a aprendizagem colaborativa e a socialização profissional aconteçam. Então, participar desse projeto de extensão foi relevante

a minha formação acadêmica e profissional.

Maria Leticia de Sousa David

Os projetos de extensão são essenciais para a formação inicial de professores. Em minha formação, comecei a participar destes projetos nos primeiros semestres do curso de Pedagogia e, assim, vivenciei o diferencial de tê-los na Universidade, nos possibilitando adentrar no espaço escolar e conhecer, por meio de um olhar reflexivo a docência. Acredito, então, que

[...] a participação de licenciandos em diferentes projetos de extensão traz implicações diretas à sua futura prática pedagógica, pois são constituídos saberes pedagógicos relevantes para a docência, além de promover a interação com professores em exercício do magistério, estimular a realização de pesquisas científicas e ampliar a visão dos discentes acerca da dinâmica escolar [...] (BARROSO; DAVID; CASTRO, 2022, p. 188).

Iniciei minha participação no Projeto de Extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação – NEDIMPE no ano de 2018, quando era monitora voluntária da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico. Logo em meu primeiro ano enquanto participante do projeto, interagi com professores da Educação Básica e, junto com eles, realizei uma pesquisa-ação em uma escola dos anos iniciais do Ensino Fundamental do município de Itapipoca, em que intervimos diante das relações interpessoais, visto que, pela aplicação do questionário e realização das observações, essa foi a necessidade formativa identificada.

A intervenção aconteceu por meio de palestras e momentos com dinâmicas de grupo. Essa pesquisa foi de extrema relevância para a minha formação, me possibilitando relacionar teoria e prática e interagir com docentes que vivenciavam o cotidiano profissional do magistério no espaço escolar. Além disso, também aprendi muito com os próprios integrantes do meu grupo, considerando que os integrantes do projeto são divididos em grupos menores para realizar as ações do projeto em escolas diferentes, como exposto na seção anterior, que contava com a presença de professores e alunos de graduação.

Em 2019, fui bolsista PRAE/UECE e escolhi atuar no NEDIMPE. O tema central das ações do projeto, deste ano, eram as metodologias de ensino e o subgrupo em que fui incluída pesquisou e desenvolveu suas ações em um Centro de Educação Infantil – CEI. Observamos o que docentes, que ministram aula na Educação Básica, compreendiam e desenvolviam como métodos de ensino, ou seja, se analisou a utilização do lúdico, a realização da rotina e a relação entre cuidar e educar. Com suporte nestas experiências, adentrei no contexto de formação de crianças de dois a cinco anos, o que causou grande interesse por essa etapa da Educação Básica. Diante disso, passei a me interessar por esse campo de atuação e também da pesquisa, uma vez que múltiplas inquietações foram surgindo. Após a pesquisa, analisamos os dados e organizamos, em equipe, estratégias para discutir e auxiliar os professores no desenvolvimento de estratégias lúdicas e na educação inclusiva.

Foram realizadas palestras, com a mediação de professoras da Educação Básica, que tinham propriedade na discussão da ludicidade e da educação inclusiva. Também realizamos uma

oficina, com a discussão da importância dos jogos didáticos e a produção destes recursos. Por fim, realizamos um minicurso, para auxiliar, os professores, na inclusão e ludicidade, ao exemplificar alternativas a serem utilizadas na prática pedagógica.

Em 2020, fui bolsista de Monitoria Acadêmica da disciplina de Pesquisa Educacional e também participei do NEDIMPE. Neste ano, por conta da pandemia, apenas realizamos estudos de modo remoto e produzimos trabalhos acadêmicos, as ações não se deram em escolas específicas, mas abertas à comunidade de modo geral, com minicursos, essas produções aumentavam a experiência prática da realização de pesquisas bibliográficas e de campo e produção de relatórios de pesquisa, bem como o contato com professores.

Em 2021, fui bolsista de Iniciação Artística no Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisa em Educação (NEDIMPE) – Teatro com Fantoques, que me possibilitou estudar sobre contação de histórias infantis, por meio do teatro com fantoches. No NEDIMPE, o foco das discussões do primeiro semestre foram as metodologias de ensino e no segundo semestre do ano foram organizadas as equipes, com vistas a serem organizadas as formações nas escolas parceiras do projeto. Foram realizadas três ações no grupo em que estava inserida: minicurso, oficina e palestra. O minicurso e a oficina tiveram como título: “Metodologias de ensino na Educação Infantil em tempos de pandemia”. As duas palestras foram mediadas por professoras da Educação Básica e tiveram os respectivos títulos: “Metodologias de ensino: Inter-relações e diálogos com a Base Nacional Comum Curricular” e “Os desafios, as aprendizagens, perceptivas do ensino híbrido e suas metodologias”.

Além disso, juntamente com os outros bolsistas de Iniciação Artística e integrantes do NEDIMPE, planejei e mediei o minicurso “Lúdico em sala de aula: contribuições das metodologias ativas de ensino” com duração de três dias, para professores das escolas parceiras do NEDIMPE. Nesse contexto, cada bolsista contou histórias, em formato de vídeo e ao vivo, bem como se ensinou a construir e produzir fantoches com materiais variados. Produzi dois vídeos, o primeiro com a contação da história “A Galinha Fofqueira”, com o uso de fantoches feitos com EVA, e o segundo explicando como confeccionar estes fantoches da referida história.

Além disso, enquanto bolsista e participante do NEDIMPE, nestes quatro anos, realizei leituras e fichamentos de textos científicos e produzi resumos expandidos, artigos e relatos de experiência, que foram apresentados em eventos científicos locais, regionais, nacionais e internacionais e publicados em anais. Também produzi com meu orientador e outros bolsistas capítulos de livro, a partir dos estudos enquanto bolsista. Vivenciar esses quatro anos de formação inicial como participante do NEDIMPE foi extremamente relevante para minha aprendizagem da docência, pois “A participação de professores e estudantes de licenciatura em projetos de extensão suscita inquietações e contribuições formativas à docência; isso ocorre por intermédio da interação.” (DAVID; BARROSO; CASTRO, 2022, p. 240).

José Erison Matias Oliveira

A Universidade propõe aos estudantes a participação de atividades que vinculem os eixos: ensino, pesquisa e extensão. Com o projeto de extensão o aprofundamento desses eixos se torna uma realidade possível, já que envolve não somente a leitura de textos acadêmicos, mas também

aproxima a comunidade escolar. Frente a isso, “[...] A construção do conceito de extensão tem como base persuadir a Universidade e a comunidade proporcionando benefícios e adquirindo conhecimentos para ambas as partes.” (RODRIGUES et al, 2013, p. 142). Este é o principal propósito do NEDIMPE, proporcionar a troca de experiências e conhecimentos entre os professores em exercício e futuros docentes.

Com as vivências no projeto de extensão, lidamos com teorias e experiências diferentes, diversas pessoas, relatos distintos, o que contribuiu significativamente para ampliação do repertório de saberes teóricos e práticos dos sujeitos. “[...] Aquele que está na condição do aprender acaba aprendendo muito mais quando há esse contato, pois torna-se muito mais gratificante praticar a teoria recebida dentro da sala de aula. Esse é o conceito básico de extensão.” (RODRIGUES et al, 2013, p. 142). Além disso, o posicionamento dos membros de alguma forma, motiva aos demais a tentarem metodologias similares a dos colegas, e até mesmo de um aluno de graduação. O respeito é mútuo e cada um tem algo a contribuir e/ou um conhecimento a partilhar.

Particparei como bolsista do projeto de extensão por 10 meses, no ano de 2018. Inicialmente fui voluntário, me foi apresentada essa oportunidade logo no meu primeiro semestre da faculdade. Ao longo dos meses fui amadurecendo novas visões não somente quanto a atuação no projeto, mas também enquanto pesquisador. Me foi oportunizado experiências que me estimularam o senso crítico cotidianamente e entendi que, pesquisar é uma ação inerente ao processo de formação, visão que se constitui a partir das vivências no projeto de Extensão NEDIMPE, especialmente nas ações que desenvolvemos nas escolas parceiras.

Após ter encerrado o período de vigência na bolsa vinculada ao projeto de extensão, ainda continuei no projeto como integrante, e passei a ser bolsista de Monitoria Acadêmica. Não importava o viés da bolsa, mas o coordenador de ambos os projetos foi o mesmo, logo nos era orientado a desempenhar demandas em que ocorria a vinculação do ensino, da pesquisa e da extensão. Esses eixos integrados promovem contribuições não somente para quem integra o grupo extensionista, mas também a outros âmbitos, já que em sua essência o projeto de extensão não se restringe ao espaço da universidade, mas vai até as escolas, transportando perspectivas significativas de aprendizagem e de construção.

Jefferson Soares Galvão

Minha experiência no NEDIMPE iniciou-se em 2020, quando ingressei como bolsista de Extensão Universitária. Foi uma experiência ímpar, pois não apenas foi minha primeira participação em um projeto de extensão na Pedagogia, como também realizou-se quase que integralmente de forma remota, em decorrência da pandemia de Covid-19. Nos anos de 2021 e 2022 segui e sigo como integrante do projeto, mas agora enquanto Monitor Acadêmico da disciplina de Pesquisa Educacional, permitindo uma conexão ensino-pesquisa-extensão.

A participação nesse projeto tem me possibilitado a vivência de diversas situações e práticas que envolvem diretamente o processo de profissionalização decente. Uma das ações executadas são os estudos coletivos de obras voltadas a formação de professores e seu processo de identidade e constituição enquanto profissional. Nesses momentos, além do conhecimento apresentado pelos autores, ainda é possível realizarmos trocas de experiência entre estudantes das licenciaturas e

professores em atuação nas escolas, possibilitando o intercâmbio de saberes.

Esse processo é importante, pois durante a realização das ações nas escolas, esses conhecimentos compartilhados podem ser reelaborados através das trocas com os docentes, construindo novas perspectivas a respeito da profissionalização do professor. Essa ação direta nas escolas é fundamental, uma vez que, de acordo com D'Ávila et al (2019, p. 51) “[...] reconhecer que a possibilidade de construção de saberes a partir da prática é uma condição profissional inerente à atividade do professor.” Nesse sentido, poder ter contato com essa realidade desde a formação inicial tem impactado diretamente minha formação inicial, ainda reconhecendo-me como futuro integrante de uma profissão.

As possibilidades que são fomentados por meio das atuações dentro do projeto NEDIMPE mostram-se como fundamentais na estruturação da minha percepção enquanto sujeito em formação inicial e enquanto um futuro profissional docente. Tardif (2014) indica que interessar-se pelos saberes dos professores nos permite compreender o processo de escolarização que ocorre através da relação deles com os alunos e demais atores educacionais. Portanto, a diversidade de profissionais que participam do projeto – professores da Educação Infantil, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, profissionais que atuam na gestão ou na Secretaria Municipal de Educação, etc. – possibilita aos estudantes diversos olhares de como o licenciado pode atuar profissionalmente, em especial como professor.

José Valdemir de Sousa Soares

O estudante em sua formação inicial que se propõe a participar de projetos de extensão como o NEDIMPE, está inserido em um universo de possibilidades que fortalecem a o seu processo formativo, principalmente porque irá atuar como um sujeito protagonista na construção e reflexão de novos saberes nessa relação dialógica estabelecida com os professores que atuam nos vários níveis da Educação Básica. Os componentes curriculares estudados ao longo da licenciatura são extremamente relevantes, entretanto, acabam sendo insuficientes para a apropriação de saberes relacionadas a situações do cotidiano escolar ao qual o futuro profissional irá atuar. Portanto, as atividades extensionistas que são desenvolvidas no âmbito acadêmico em consonância com as escolas parceiras, atuam como elemento potencialmente formativo de inserção e interação com situações corriqueiras do contexto escolar.

Percebendo a necessidade de aprofundar-me em temáticas voltadas para o fazer docente, tornei-me integrante do NEDIMPE em 2021 e sou bolsista no ano de 2022. As atividades extensionistas desenvolvidas no referido projeto possibilitam aos estudantes a percepção da docência enquanto uma profissão dinâmica e não estática. Por meio da interação fica evidente o quão complexo é o exercício de tal profissão, fazendo com que a formação contínua seja uma inerência de sua prática. Por isso, o papel da pesquisa se mostra indispensável tanto na formação quanto no exercício da prática enquanto profissional. Corroborando com essa ideia, Freire (2020, p. 31) adverte que “[...] Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. [...]”. A pesquisa é um elemento que é estimulado no NEDIMPE, ou seja, somos instigados a aprender investigar e a refletir sobre a nossa própria prática e na mesma medida propor soluções possíveis para determinados problemas em nossa futura atuação.

Diante disso,

Os participantes elaboram produções acadêmicas sobre os assuntos das formações nas escolas para serem publicadas em eventos da Universidade e outros eventos científicos, por meio de estudos sobre Didática e Interação, com enfoque na forma com e para a pesquisa, valorizando os saberes e os diferentes tempos de aprendizagem da docência dos participantes. (CASTRO, 2022, p. 162).

Há o estímulo por escrever aquilo que é experienciado na prática, haja vista que é uma forma de socializar os conhecimentos articulados e produzidos nas situações que se conectam com a docência. Todas essas experiências vivenciadas nessas atividades possibilitam o desenvolvimento do trabalho coletivo e a sentir-se como docente, pois como coloca Nóvoa (2019b) não é possível se integrar a uma profissão sozinho, é necessária essa relação com os outros para nos tornarmos professores. E esse aspecto, é evidente nos momentos de discussão entre discentes e docentes sobre o fazer docente, permitindo o contato com a prática que se realiza por esses profissionais.

Considerações finais

De acordo com o que foi apresentado nas seções anteriores, é possível perceber que a participação em um projeto de extensão no processo de formação inicial docente potencializa a constituição do estudante enquanto profissional, partindo das trocas de experiências entre sujeitos e da integração dos ambientes universitário e escolar. O processo de identificação de pontos de relevância e fragilidades formativas nas escolas possibilitou reflexões sobre aquele âmbito antes mesmo de adentrá-lo enquanto profissional. Este aspecto tem relevância considerável não apenas para a escola que recebe e executa as atividades, mas também para os próprios integrantes do projeto, pois instiga sua formação.

A participação no NEDIMPE, durante a formação inicial, foi de suma importância na promoção da descentralização da aprendizagem apenas ao ambiente da sala de aula da Universidade, fortalecendo o tripé ensino-pesquisa-extensão. Ainda, a interação com os professores (integrantes do projeto ou atuantes nas escolas) possibilitou aprender sobre aspectos inerentes da docência, como planejamento, as metodologias de ensino e a avaliação. Essa vivência é importante para os graduandos, pois os impulsiona a realizar mais leituras e pesquisas científicas, o que contribui com a escrita da monografia. Ainda, possibilita a entrada do estudante na escola, um dos seus principais lócus de atuação profissional, experiência que costuma acontecer apenas ao final do curso, nas disciplinas de Estágio Supervisionado.

O projeto de extensão ampliou a capacidade de análise reflexiva que o docente precisa ter acerca de sua prática pedagógica, possibilitando visualizar quais aprendizagens e práticas precisam ser consolidadas. Ao longo deste estudo, foi evidenciado que a participação na extensão proporciona uma formação mais contextualizada, contribuindo com futuras práticas pedagógicas educativas. Ou seja, ao vivenciar o ensino, a pesquisa e a extensão, de modo articulado a essas experiências, conseqüentemente vai se construindo significados para além dos muros da Universidade, assim estimulando à formação pessoal e profissional dos membros.

Referências

- BARROSO, F. J. R. B.; DAVID, M. L. S. D.; CASTRO, F. M. F. M. A extensão universitária e as implicações dos projetos de extensão para a aprendizagem da docência. In: RIBEIRO, L. T. F.; OLIVEIRA, D. N. S.; GUIMARÃES, M. D.; FEITOSA, A. M. S. (Orgs.). Educação Brasileira: Itinerários da Pesquisa Educacional. São Paulo: Alexa Cultural, Manaus: EDUA, 2022. p. 183-196.
- CASTRO, F. M. F. M. Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (NEDIMPE): concepção e objetivos. In: CASTRO, F. M. F. M.; MORAES, A. C.; RODRIGUES, C. S. D. (orgs.). Docência (s): experiências e sentidos. Fortaleza: EdUECE, 2022. cap. 18, p. 157-164. Disponível em: http://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2022/09/Doc%C3%A4ncias_Experi%C3%A4ncias-e-sentidos.pdf. Acesso: 21 set. 2022.
- CORRÊA-SILVA, A. M.; PENHA, N. R.; GONÇALVES, J. P. Extensão universitária e formação docente: contribuições de um projeto de extensão para estudantes de pedagogia. Revista Formação Docente, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 74-86, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-izabela/index.php/fdc/article/view/1192/842>. Acesso em: 04 mar. 2022.
- DAVID, M. L. S. D.; BARROSO, F. J. R. B.; CASTRO, F. M. F. M. Projetos de extensão: Implicações para a realização de pesquisas científicas e para a aprendizagem da docência. In: RIBEIRO, L. T. F.; SILVA, S. M. A.; CASTRO, F. M. F. M. (Orgs.). Formação Docente: Experiências Contemporâneas e Contextos Curriculares. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2022. p. 239-260.
- D'ÁVILA, C.; MARIN, A. J.; FRANCO, M. A. S.; FERREIRA, L. G. (Orgs.). Didática: saberes estruturantes e formação de professores. Salvador: EDUFBA, 2019. cap. 3, p. 51-70. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30772/1/Did%C3%A1tica-Saberes%20estruturantes%20forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20professores.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2022.
- FÁVERO, M. L. A.; ALVES, N. (org.). Formação de Professores: pensar e fazer. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011. cap. 3 p. 57-76.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 64. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020. 143 p.
- GIL, A. C.. Delineamento da Pesquisa. In: GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 49-59.
- NÓVOA, A. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 1, p. 198-208, jan./abr. 2019a. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss1articles/novoa.pdf>. Acesso em: 28 abril. 2022.
- NÓVOA, A. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. Educação e realidade, 2019b, Porto Alegre, v, 44, n. 3, p. 1-15. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt>. Acesso em: 09 dez. 2021.
- NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente, Revista Cadernos de Pesquisa, vol. 47, n.166, p.1106-1133, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCbd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2022.
- RODRIGUES, A. L. L.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B. S.; COSTA, C. L. N. A.; PASSOS NETO, I. F. Contribuições da Extensão Universitária na Sociedade. Rev Cadernos de Graduação, Ciências Humanas e Sociais. Aracaju, v. 1, n.16, p. 141-148, mar. 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/494/254> . Acesso em: 26 set. 2022.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 227-244.
VEIGA, I. P. A. (Org.). Lições de didática. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2011. p. 13-33.

24 “BEBÊ AGORA NÃO”: PROPAGAÇÃO DE CONHECIMENTO ACERCA DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS NAS REDES SOCIAIS

Eliana Mesquita Alves (UECE)¹

Leticia Teles Mesquita (UECE)²

Camila Loren Costa Lima (UECE)³

Elton Rodrigues Santos (UECE)⁴

Maria do Socorro Litaiff Rodrigues Dantas (UECE)⁵

Andrea Caprara (UECE)⁶

Introdução

O projeto de extensão “Bebê Agora Não” foi desenvolvido em 2019 por estudantes do curso de Medicina, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que fazem parte da Liga Acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia da Universidade Estadual do Ceará-UECE (LIGEO), com o objetivo de promover educação em saúde com adolescentes e jovens adultos no que tange ao planejamento familiar, levando conhecimentos atualizados e descomplicados, em linguagem inclusiva, acerca de métodos contraceptivos, com o intuito de ajudar esse público alvo a se precaver de gestações indesejadas.

No ano de sua fundação, 2019, o projeto de extensão “Bebê Agora Não” foi projetado para funcionar por meio de ações de educação em saúde presenciais, em escolas públicas ou em Unidades Básicas de Saúde. Ademais, o público alvo dessas intervenções são adolescentes e jovens adultos, que geralmente são sexualmente ativos e, portanto, mais susceptíveis a gestações acidentais.

Apesar disso, em março de 2020, o Brasil, além de grande parte dos outros países, passou por uma mudança drástica na sociedade devido à Pandemia de Coronavírus, que exigiu medidas de isolamento social. A exemplo disso, escolas, universidades e comércios não essenciais foram fechados por certo período para impedir ou mitigar a propagação desse vírus até então desconhecido. Por isso, foi preciso realizar mudanças no estilo de intervenções a serem feitas pelos bolsistas do projeto de extensão “Bebê Agora Não”, que passaram a ser predominantemente

1 Graduando de Medicina. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: eliana.mesquita@aluno.uece.br

2 Graduando de Medicina. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: leticia.teles@aluno.uece.br

3 Graduando de Medicina. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: camila.loren@aluno.uece.br

4 Graduando de Medicina. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: elton.rodrigues@aluno.uece.br

5 Mestre. Doutoranda em Saúde Coletiva. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: maria.litaiff@aluno.uece.br

6 Pós-Doutor. Docente. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: andrea.caprara@uece.br

7 São grupos ou espaços específicos na Internet, que permitem partilhar dados e informações, sendo estas de caráter geral ou específico, das mais diversas formas (textos, arquivos, imagens, fotografias, vídeos, etc.) (WIKIPEDIA, 2022).

8 É uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais (FROMMER, 2010).

o online, por meio das redes sociais virtuais⁷³, como Instagram⁷⁴ (MALTA et. al, 2020).

Esse letramento em saúde na temática de prevenção de gestações não planejadas, vem sendo, desde então, alcançado por meio da propagação de conteúdo respaldado cientificamente em redes sociais, com ilustrações e linguagem informal, deixando de lado os academicismos que segregam o conhecimento, e investindo em simplicidade. Esse é o *modus operandi* do projeto de extensão “Bebê Agora Não”, que faz do Instagram uma ferramenta de difusão de saberes a respeito de planejamento familiar.

Letramento em Saúde ou Educação em Saúde significa “o grau de habilidade que cada indivíduo tem para encontrar, compreender e utilizar informações e serviços para tomar decisões e ações para a própria saúde e de outros”, conforme a atualização de agosto de 2020 do “U.S Department of Health and Human Services” (Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, em português). Assim, percebe-se que esse novo conceito valoriza mais a utilidade dos conhecimentos difundidos que a simples difusão de teorias, de modo que o agente passivo da ação, a pessoa que recebe a conscientização, está em evidência nesse processo, uma vez que essas informações precisam fornecer subsídio para que esses indivíduos possam ter entendimento sobre si e sobre sua saúde sexual e reprodutiva, com o intuito de possibilitar escolhas sábias, que se adequem às suas necessidades cotidianas e que, mesmo assim, possam protegê-los de gestações não planejadas (CDC, 2019; MARAGNO et al., 2019).

Segundo a Lei n.º9.263, de 12 de janeiro de 1996, a qual regula o § 7º do artigo 226 da Constituição Federal de 1988, que trata do planejamento familiar e dá outras providências, o planejamento familiar pode ser definido como “o conjunto de ações de regulação da fecundidade que garanta direitos iguais de constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal”, as quais devem ser realizadas dentro de uma visão de atendimento global e integral à saúde (BRASIL, 1996). Assim, é importante que adolescentes e jovens adultos tenham acesso a informações baseadas em estudos científicos acerca de métodos contraceptivos, para que possam se precaver de gravidezes acidentais, já que cerca de 50% das gestações no mundo não são planejadas, segundo dados extraídos do relatório “O Estado da População Mundial 2022” produzido pelo Fundo de População das Nações Unidas. Ademais, há de se evidenciar o panorama brasileiro, o qual consoante ao estudo “Nascer no Brasil”, realizado em 2012 pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, revela que cerca de 55% das gestantes com 9 meses, no momento da pesquisa, não haviam planejado aquela gravidez. Outrossim, nesse país, no ano de 2014, a taxa bruta de fecundidade das adolescentes na faixa etária compreendida entre 15 e 19 anos, foi de 65,1 a cada mil mulheres, o que notabiliza a necessidade de políticas que consigam conter o avanço das taxas de gravidezes na adolescência, visto que gestações durante esse período da vida acarretam problemas tanto no âmbito da saúde quanto no âmbito social (TRINDADE et. al, 2021).

Gestações não planejadas, sejam na adolescência ou na vida adulta, geram maior incidência

73 São grupos ou espaços específicos na Internet, que permitem partilhar dados e informações, sendo estas de caráter geral ou específico, das mais diversas formas (textos, arquivos, imagens, fotografias, vídeos, etc.) (WIKIPEDIA, 2022).

74 É uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais (FROMMER, 2010).

de complicações gestacionais, que se relacionam, muitas vezes, a um número inferior ao mínimo preconizado de consultas de pré-natal, a questões sociais maternas, que propiciaram essa gravidez acidental, como a baixa escolaridade, além do peso pré-gestacional. Ademais, grande parcela das adolescentes grávidas, meninas com idades entre 10 e 18 anos, possuem perfil socioeconômico caracterizado por vulnerabilidade social, situação que propicia maior evasão escolar motivada pela gestação não planejada. Conseqüentemente, essas garotas terão uma menor escolaridade e, com isso, uma pior taxa de inserção no mercado de trabalho formal, e uma baixa expectativa com o futuro, contribuindo para a manutenção da desigualdade social (DE SOUSA, 2022). Portanto, faz-se mister ações de educação em saúde, como as intervenções promovidas pelo projeto de extensão “Bebê Agora Não”, com o intuito de conscientizar essa população brasileira de adolescentes e jovens adultos acerca da importância de praticar sexo seguro.

O projeto de extensão “Bebê Agora Não” é pautado na divulgação e orientação acerca de métodos contraceptivos, com o intuito de evitar gestações não planejadas por meio da educação em saúde. As redes sociais são utilizadas como estratégia educativa de largo alcance junto a essa população por meio de postagens mensais em rede social (Instagram) acerca de temáticas relevantes em contracepção, como os meios de controle de natalidade, modo usar, comparações de eficácia, indicações e contra indicações. Esses posts educativos são fundamentados em pesquisas em bases de dados sobre os temas, sintetizados a partir de uma revisão e transcritos em uma linguagem acessível para a população. Produz posts utilizando aplicativos e variadas estratégias de marketing, objetivando assegurar a leitura pelo público, especialmente o público-alvo, adolescentes e jovens adultos (pessoas com idades de 10 a 24 anos).

Assim, objetiva-se descrever o processo de elaboração, implantação e verificação das estratégias de fortalecimento de vínculo com o leitor adolescentes e jovens adultos (indivíduos entre 10 e 24 anos de idade), através da promoção da manutenção de sua atenção, podendo apresentar artifícios que favoreçam a curiosidade por meio da exploração da linguagem verbal e visual.

Metodologia

Trata-se de estudo descritivo. Para selecionar os artigos científicos previamente foram identificados os descritores na plataforma DeCS/MeSH - Descritores em Ciências da Saúde/Medical Subject Headings (DECS, 2022), utilizados como base para a construção desse capítulo os descritores em português “Anticoncepção” e “Educação em Saúde”, utilizando-se o operador booleano “AND” (Tabela 1). A pesquisa foi feita na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), na qual, foram achados 867 artigos. Foram utilizados os filtros “texto completo disponível”, “idioma português” e “últimos 5 anos”, restando, assim, 13 trabalhos científicos que abrangem a temática do capítulo, servindo de referencial teórico para a escrita dessa produção.

Dentre as redes sociais são utilizadas como estratégia educativa de largo alcance junto a essa população por meio de postagens mensais em rede social, utilizou-se o Instagram, destacando-se temáticas selecionadas segundo a relevância encontrada nos estudos, tais como contracepção, meios de controle de natalidade, modo usar-los, comparações de eficácia, indicações e contra indicações. Buscou-se produzir posts educativos fundamentados em pesquisas em bases de dados sobre os temas, sintetizados a partir de uma revisão e transcritos em uma linguagem acessível para a população. A produção gráfica dos posts utilizou o aplicativo/site Canva Pro.

Tabela 1: Descritores utilizados na pesquisa, selecionados segundo o Tesouro DeCS/MeSH. 2022.

Descritor	Contraception
Inglês:	
Descritor	Anticoncepción
Espanhol:	
Descritor	Anticoncepção
Português:	
Descritor	Health Education
Inglês:	
Descritor	Educación en Salud
Espanhol:	
Descritor	Educação em Saúde
Português:	

Fonte: Desenvolvido pela LIGEO. UECE. 2022.

Desenvolvimento

1.1 Rede social

As redes sociais apresentaram, de forma mais evidente na última década, um forte meio de influência social, seja de consumo de produtos seja de informações. O crescente compartilhamento de “fake news”⁷⁵ fragiliza a comunidade pela disseminação de conteúdos deturpados (LAMPE et al., 2021). Diante disso, somados aos fatores de isolamento social pela pandemia pelo Coronavírus (COVID-19), a continuidade do uso da rede social como meio para execução da extensão universitária vem sendo uma estratégia para atingir diversos públicos. O Instagram foi a rede social escolhida pela possibilidade da propagação de imagens e vídeos de diversos nichos e alto alcance.

Nesse contexto, o funcionamento do meio virtual funciona diante da concentração de muitas informações e anúncios atualizados ao deslizar o dedo na tela, propiciando o looping⁷⁶ de posts e a permanência do usuário no aplicativo. No entanto, com a crescente fluidez da informação, o internauta dificilmente apresenta uma leitura efetiva de um post (RAMOS, 2018). Diante disso, as estratégias de fortalecimento de vínculo com o leitor se dão pela manutenção de sua atenção, podendo apresentar artifícios que favoreçam a curiosidade por meio da exploração da linguagem verbal e visual.

1.2 Estratégias de alcance

1.2.1 Linguagem e Informação

Nesse contexto, a importância de adaptar a informação para um post na rede social torna-se evidente pela linguagem e quantidade da informação, pois jargões médicos tendem a distanciar o leitor leigo. Além disso, textos muito extensos desmotivam a leitura rápida ao “rolar o feed”, tornando-se prioridade a utilização de textos menores e linguagem informal. Com efeito, a utilização de tags são formas de ampliar a divulgação da postagem, a exemplo de #saudedamulher162 Significa "notícias falsas". São as informações noticiosas que não representam a realidade, mas que são compartilhadas na internet como se fossem verdadeiras, principalmente através das redes sociais (SIGNIFICADOS, 2022).

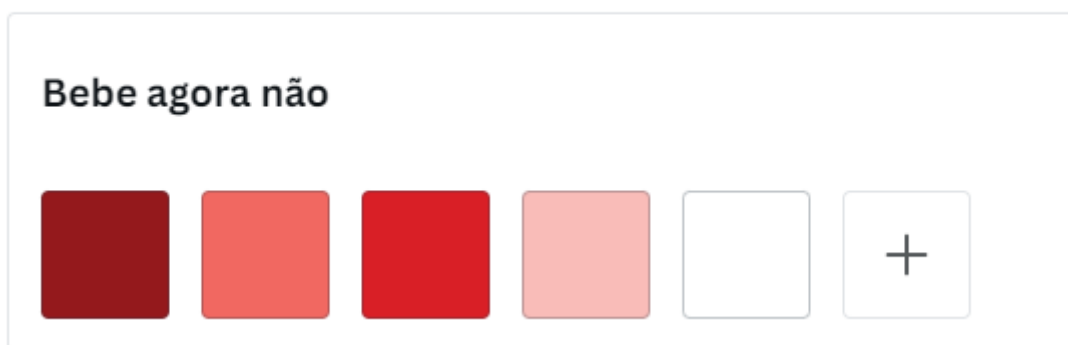
76 Loop é uma palavra da língua inglesa e significa “aro”, “laço”, “circuito” ou “sequência” na tradução para o português. Dependendo do contexto, o loop pode significar diferentes ações relacionadas a repetição (SIGNIFICADOS, 2022).

1.2.2 Identidade visual e método carrossel

Em uma reunião de planejamento foram escolhidas as cores para o fortalecimento de uma identidade visual, com a finalidade de nortear as postagens na construção de um padrão geral de cores. Ademais, com o fito de amenizar o abandono da leitura da postagem foi consolidado o método em "carrossel". Tal método se destaca pela primeira imagem "puxar" a próxima, necessitando que o leitor "passe para o lado" para ver a continuação. A estratégia é cortar parte das frases ou imagens para que a sua visualização seja feita após o internauta consumir toda a informação. O Carrossel (ou sequência) é um formato de publicação lançado em 2017 pelo Instagram e que permite que o usuário poste mais de uma imagem de uma única vez, podendo ter entre 2 e 10 imagens por post. O formato suporta tanto fotos estáticas quanto vídeos de até 1 minuto, como já acontece em posts normais do Feed também (MORAES, 2021).

Figura 1. Identidade visual. Projeto Bebê Agora Não. 2022.

✓ Cores da marca (8)



Fonte: Desenvolvido pela LIGEO. UECE. 2022. Nota: Desenvolvido com o aplicativo CanvasPro.

Figura 2. Imagem reproduzida pelo Método Carrossel. Projeto Bebê Agora Não. 2022.



Fonte: Desenvolvido pela LIGEO. UECE. 2022. Nota: Desenvolvido com o aplicativo CanvasPro.

1.2.3 Imagens

O objetivo do projeto de extensão é informar a população sobre uma temática de forma adequada para o entendimento/aprendizado. Diante disso, colocamos como prioridade a clareza dos assuntos, de forma adequada, relacionados à contracepção, usando de artifícios gráficos a abordagem mais real. Nesse sentido, a desmistificação dos métodos se dá pelo acesso à informação bem referenciada e pelo contato com o material. Diante disso, a exemplo da temática do método de Billing (Figura 4), usamos tanto ilustração gráfica como imagens reais do muco cervical, buscando aproximar a teoria da prática e instigar o leitor a pesquisar mais sobre o método. Outro exemplo se refere à apresentação dos métodos de barreira, ampliando as opções além do método mais popular que é a camisinha masculina (Figura 3) e métodos naturais (Figura 4). Por fim, o método de colocação é ilustrado pelas imagens e legendas, facilitando o entendimento da localização e abordagem de uso. Vale salientar o cuidado em não ferir os direitos do aplicativo, trocando algumas imagens reais pela ilustração gráfica, considerando o risco do algoritmo de controle restringir a página por “linguagem imprópria”.

Figura 3. Métodos contraceptivos de barreira. LIGEO. UECE. 2022.



Fonte: Desenvolvido pela LIGEO. UECE. 2022. Nota: Desenvolvido com o aplicativo CanvasPro.



Fonte: Desenvolvido pela LIGEO. UECE.. 2022. Nota: Desenvolvido com o aplicativo CanvasPro.

Figura 5. Métodos contraceptivos naturais. LIGEO. UECE. 2022.



Fonte: Desenvolvido pela LIGEO. UECE. 2022. Nota: Desenvolvido com o aplicativo CanvasPro.

1.2 Resultados

O perfil do instagram foi criado no mês de Março, com o @bebeagoranao. As bolsistas iniciaram o processo de vínculo com seguidores, por meio da solicitação de seguir, aumentando gradativamente o número de seguidores pela facilidade do algoritmo em sugerir a página para outros perfis. Semanalmente é feita a busca de um público alvo jovem. Contando com 248 seguidores, com ápice de alcance no mês de Setembro de 151 contas. Procurou-se relacionar a LIGEO a outras redes sociais com perfil semelhante, no entanto, dada sua singularidade, torna-se de difícil comparação. No entanto, observa-se a continuidade e persistência dos seguidores ao longo do período analisado.

Está sendo seguido o cronograma de temas planejados no início do semestre, contando com essa ordem de postagens, conforme Quadro 1 abaixo.

Quadro 1. Cronograma sequencial de temas abordados pela LIGEO e características das reações sociais. LIGEO. UECE. 2022.

	Tema da postagem	Curtidas	Salvos	Comentários	Encaminhado
1.	Apresentação da logo do projeto	49	3	6	0
2.	Apresentação do projeto e contribuintes	66	10	11	0
3	O que são métodos contraceptivos?	29	7	5	0

4	Breve histórico dos contraceptivos	27	7	3	0
5.	Planejamento familiar	14	5	1	0
6.	O que é ofertado pelo SUS	15	7	2	0
7.	Método comportamental	31	7	4	0
7.	Método de ovulação de Billings	21	8	3	0
8.	Método de barreira	24	5	1	0
9.	Apresentação dos novos alunos	11	0	1	2

Fonte: arquivo da LIGEO, 2022.

1.3 Críticas/ dificuldades

Das dificuldades encontradas se destaca a distância entre aluno e indivíduo, pois em decorrência do meio virtual o contato torna-se indireto, dificultando a comunicação direta. Dessa maneira, não é claro a efetivação da mensagem, pois a ausência de comprovação da leitura do internauta deixa margem para subjetividade da ação.

No entanto, existem diversos pontos positivos na execução de uma extensão online, como a possibilidade de alcance de um público misto, constituído de homens, de mulheres, de jovens, de adultos de alto ou baixo poder aquisitivo, do estado do Ceará e de outros estados do Brasil. Diante disso, essa diversidade enriquece o processo de disseminação de informações de qualidade para a população geral. Para o aluno da extensão, a necessidade de desenvolver técnicas de designer digital amplia o aprendizado na área tecnológica e artística, potencializando a qualificação de outros campos de atuação do aluno da graduação. Contudo, a permanência da necessidade da revisão bibliográfica para a produção do material seja a extensão presencial ou virtual, enriquece a produção científica do uso das bases de dados, aprimorando conhecimentos sobre a temática.

Considerações finais

O advento das redes sociais proporcionou novas alternativas para a disseminação do conhecimento acadêmico para a sociedade em geral, uma vez que esse método possibilita a difusão de conhecimento à distância, além de atingir um público maior, consequentemente. Assim, essa ferramenta diversificada e abrangente tem sido utilizada para a aplicação das intervenções de educação em saúde do projeto de extensão “Bebê Agora Não”, aliada às estratégias de engajamento de mídias sociais e de letramento em saúde, com o fito de informar e sensibilizar, com embasamento científico, sobre planejamento familiar e o uso de métodos contraceptivos o público de interesse, composto por adolescentes e jovens adultos (indivíduos entre 10 e 24 anos de idade), o qual consome muitos conteúdos nas redes sociais, favorecendo, assim, o acesso a esse tipo de conteúdo educativo.

Sob esse prisma, demonstra-se a relevância do projeto de extensão “Bebê agora não”, visto

que esse mecanismo utiliza um instrumento de comunicação acessível e uma linguagem de fácil compreensão, abordando uma temática que produz impacto na saúde e na situação social de mulheres adolescentes e jovens.

Referências

- BARBOSA, Fernando Kleber Martins et al. Letramento em saúde de adolescentes sobre métodos contraceptivos. *Cogitare Enfermagem*, v. 25, 2020.
- BEZERRA, E. de J. et al. Reproductive planning and Family Health Strategy: care dynamics and the challenges of the program. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, v. 22, n. 2, p. 99-108, 2018.
- BRASIL. Lei nº 9263, de 12 de janeiro de 1996. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar e dá outras providências. Disponível em: (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19263.htm). Acesso em outubro de 2022.
- BRASIL, Marcela Estevão; CARDOSO, Fabrício Bruno; SILVA, Lauanna Malafaia da. Conhecimento de escolares sobre infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, v. 13, p. e242261, 2019.
- CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. CDC. Health Literacy: Accurate, Accessible and Actionable Health Information for All. Health Literacy. Centers for Disease Control and Prevention. Retrieved março 2021.
- DE LACERDA, Erica Dionísia et al. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA-AÇÕES LÚDICAS NO ENSINO MÉDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PROJETO DE EXTENSÃO. *Cienc Cuid Saude*, v. 16, n. 2, 2017.
- DE SOUSA, Amanda Alcantara et al. Gravidez não planejada na Estratégia Saúde da Família: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 6, p. e59611629455-e59611629455, 2022.
- DESCRITORES EM CIÊNCIAS DA SAÚDE. DeCS. 2022. ed. rev. e ampl. São Paulo: BIREME / OPAS / OMS, 2017. Disponível em: < <http://decs.bvsalud.org> >. Acesso em: 30 09 2022.
- FERREIRA, Ediane de Andrade et al. O conhecimento de adolescentes escolares sobre os métodos contraceptivos: desafios. *Rev. Pesqui.(Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*, p. 1316-1321, 2020.
- FRANCO, Maurilo de Sousa et al. Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. *Rev. enferm. UFPE on line*, p. [1-8], 2020.
- FROMMER, Dan. Enciclopédia Wikipedia. Publicado em: 01 de novembro de 2010. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram#cite_note-nov2010-6 . Acesso em: 30 09 2022.
- LAMPE, Leandro et al. As redes sociais como promotoras de extensão universitária: em campanha contra a COVID-19. *Revista Thema*, v. 20, p. 328-341, 2021.
- MALTA, Deborah Carvalho et al. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 29, n. 4, e2020407, set. 2020.
- MARAGNO, C. A. D., MENGUE, S. S., MORAES, C. G., REBELO, M. V. D., GUIMARÃES, A. M. de M., & PIZZOL, T. da S. D. Teste de letramento em saúde em português para adultos. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v: 22. e 190025. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190025> . Acesso em: 30 09 2022

NASCIMENTO, Thiago Luis Cardoso et al. Fatores associados à variação espacial da gravidez na adolescência no Brasil, 2014: estudo ecológico de agregados espaciais. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 30, 2021.

NOGUEIRA, Isabela Lima et al. Participação do homem no planejamento reprodutivo: revisão integrativa. *Rev Pesqui Cuid Fundam Online*, v. 10, n. 1, p. 242-7, 2018.

MORAES, Ana Tereza. Blog do Postgrain. Post carrossel no Instagram: 13 ideias de conteúdo pra usar. Publicado em 19 de maio de 2021. Disponível em <<https://postgrain.com/blog/post-carrossel-no-instagram-ideias-de-conteudo/>>. Acesso em 30 09 2022.

PRAXEDES, Marcela Lima Silveira; QUEIROZ, Maria Veraci Oliveira; VIEIRA, Roberta Peixoto. Efetividade de jogo educativo sobre contracepção com adolescentes escolares: pesquisa de intervenção. *Online Brazilian Journal of Nursing*, v. 18, n. 4, 2019.

PRAXEDES, Marcela Lima Silveira; QUEIROZ, Maria Veraci Oliveira. Efetividade de intervenções educativas sobre contracepção na adolescência: revisão sistemática da literatura. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 20, 2018.

RAMOS, Larissa de Andrade Silva et al. Uso de métodos anticoncepcionais por mulheres adolescentes de escola pública. *Cogitare Enfermagem*, v. 23, n. 3, 2018.

RAMOS, Penha Élide Ghiotto Tuão; DE OLIVEIRA MARTINS, Analice. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. *Texto Digital*, v. 14, n. 2, p. 117-133, 2018.

REIS, A. C. dos; GALDINO, C. V.; BALBINO, C. M.; SILVINO, Z. R.; SANTOS, L. M. dos; JOAQUIM, F. L. Family Planning: the knowledge of women served in the Unified Health System about reproductive health. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e393985459, 2020.

RIBAS, Késsia Hellen; DE ARAÚJO, Andrey Hudson Interaminense Mendes. A importância do Letramento em Saúde na Atenção Primária: revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 16, p. e493101624063-e493101624063, 2021.

SIGNIFICADOS. Sem data. Disponível em: <https://www.significados.com.br/loop/> Acesso em: 30 09 2022.

SORGI, Camila Marino; CALLEGARI, Fernanda Vieira Rodovalho; CARBOL, Maristela. Conhecimentos, atitudes e práticas de universitárias em relação aos métodos contraceptivos reversíveis de longa duração (LARC). *Medicina (Ribeirão Preto)*, v. 52, n. 3, p. 213-222, 2019.

SOUZA, Érika Tostes de et al. Grupo educativo em planejamento reprodutivo: experiência durante a residência em enfermagem obstétrica. *Rev. enferm. UFPE on line*, p. 232-238, 2017.

TRINDADE, Raquel Elias da et al. Uso de contracepção e desigualdades no planejamento reprodutivo das mulheres brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, p. 3493-3504, 2021.

WIKIPEDIA. Enciclopédia Livre. Editado em 5 de agosto de 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_social_virtual. Acesso em: 30 09 2022.

25 USO DE MÍDIA DIGITAL COMO FERRAMENTA DE AUXÍLIO NA PREVENÇÃO DO INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO E ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Geovana Cristina Silva de Sousa (UECE)¹

Wellison Moreira Arcanjo (UECE)²

Mateus Gomes de Oliveira (UECE)³

Andressa Nogueira Cardoso (UECE)⁴

Denis Francisco Gonçalves de Oliveira (UFC)⁵

Sthefane Gomes Feitosa (UECE)⁶

Introdução

Este capítulo possui o objetivo de evidenciar a experiência de alunos do projeto de extensão “Infarto Agudo do Miocárdio e Acidente Vascular Encefálico: um like para a prevenção”, vinculados à Liga de Emergência da Universidade Estadual do Ceará (LEMERG), por meio da utilização da rede social "Instagram" para promoção da educação em saúde para a comunidade, de forma acessível, no que tange a fornecer informações objetivas de prevenção das principais doenças cardiovasculares: infarto agudo do miocárdio (IAM) e o acidente vascular cerebral (AVC).

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2022), as doenças cardiovasculares são um grupo de condições patológicas que acometem o coração e os vasos sanguíneos. Tal situação patológica suscitibiliza o indivíduo à ocorrência de isquemias cardíacas e acidentes vasculares cerebrais, geralmente, eventos súbitos, oriundos do prejuízo do fluxo sanguíneo aos órgãos nobres: coração e cérebro.

As doenças cardiovasculares (DCV), principalmente o IAM e o AVC, são doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) que apresentam alto grau de morbimortalidade, uma vez que são responsáveis por mortes prematuras, diminuição da qualidade de vida, além dos impactos negativos no contexto socioeconômico. As DCNT são causadoras de cerca de 70% das mortes globais, equivalente a mais de 38 milhões de mortes por ano, destas, por volta de 17 milhões, são devido à DCV (OLIVEIRA et al., 2020). No Brasil, as doenças cardiovasculares são responsáveis por 27% do total de mortes, sendo a primeira causa de óbitos entre os brasileiros (COSTA et al., 2021).

Segundo a Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), no ano de 2020 houve um aumento expressivo de 31,82% no número de óbitos em domicílio por doenças cardiovasculares, incluindo AVC, infarto e outras patologias inespecíficas (SBC, 2021). Os maus hábitos de vida, como o uso de cigarro, obesidade, sedentarismo e dietas ricas em gorduras em consonância com diabetes e

1 Acadêmica do Curso de Medicina. Universidade Estadual do Ceará. geovana.cristina@aluno.uece.br

2 Acadêmico do Curso de Medicina. Universidade Estadual do Ceará. wellison.arcanjo@aluno.uece.br

3 Acadêmico do Curso de Medicina. Universidade Estadual do Ceará. mats.oliveira@aluno.uece.br

4 Acadêmica do Curso de Medicina. Universidade Estadual do Ceará. andressa.nogueira@aluno.uece.br

5 Enfermeiro e Doutorando em Ciências Morfofuncionais Universidade Federal do Ceará. denisfgo@ufc.br

6 Professora de Patologia Geral Universidade Estadual do Ceará. Doutoranda em Odontologia- Universidade Federal do Ceará. sthefane.feitosa@uece.br

hipertensão são fatores que predisõem o IAM e o AVC (PASSINHO et al., 2018).

A notória presença dessas patologias no país possui relação intrínseca com os maus hábitos de vida da população em associação com o baixo nível de informação dos indivíduos sobre tais circunstâncias. Nesse contexto, as doenças crônicas devem ser atenuadas, no entanto, a escassez de informações faz com que os indivíduos ignorem os sinais de alerta e retardem a busca dos serviços de emergência (PONTES-NETO, 2014).

Nesse contexto, o projeto de extensão “Infarto Agudo do Miocárdio e Acidente Vascular Encefálico: um like para a prevenção” foi criado buscando promover a disseminação de informações sobre IAM e AVC para a população, por meio do incentivo a mudanças no estilo de vida para a prática de bons hábitos. Desse modo, o presente estudo tem por objetivo descrever a experiência vivenciada por membros da Liga de Emergência da Universidade Estadual do Ceará no projeto de extensão, durante o ano de 2021.

Metodologia

O projeto de extensão “Infarto Agudo do Miocárdio e Acidente Vascular Encefálico: um like para a prevenção” foi desenvolvido pelos membros da Liga de Emergência da Universidade Estadual do Ceará (LEMERG), juntamente com a orientadora, por meio da escrita, submissão e institucionalização do projeto dentro das instâncias universitárias. Foi elaborado durante o período da pandemia do novo coronavírus, assumindo, dessa forma, um caráter predominantemente remoto, tendo como o objetivo disseminar informações sobre a prevenção do IAM e do AVC de maneira acessível.

A primeira etapa do projeto de extensão foi a elaboração de uma cartilha informativa, a qual abordava conteúdos sobre o IAM e AVC. O cerne das cartilhas foi a criação de um material com um conteúdo acessível, de fácil compreensão – linguagem clara e objetiva, com envolvimento do leitor por meio da inclusão de ilustrações. Os conteúdos produzidos na cartilha também foram convertidos em postagens, com o intuito de alcançar mais indivíduos no meio virtual, uma vez que ações presenciais ainda não eram viáveis devido à pandemia da COVID-19.

A segunda etapa do projeto consistiu na criação de um perfil na rede social "Instagram", com a conta: “@umlikeparaprevencao” com o intuito de criar um canal de fluxo de divulgação de informações sobre a temática do projeto (Figura 1). Os bolsistas, nessa etapa, tinham como atividade criar postagens no “Instagram” abordando temas como, controle dos fatores de risco da prevenção cardiovascular, noções básicas de como identificar sinais e sintomas de isquemia, infarto e acidente vascular, e como prevenir doenças cardiovasculares.

Figura 1. Página do projeto na plataforma Instagram

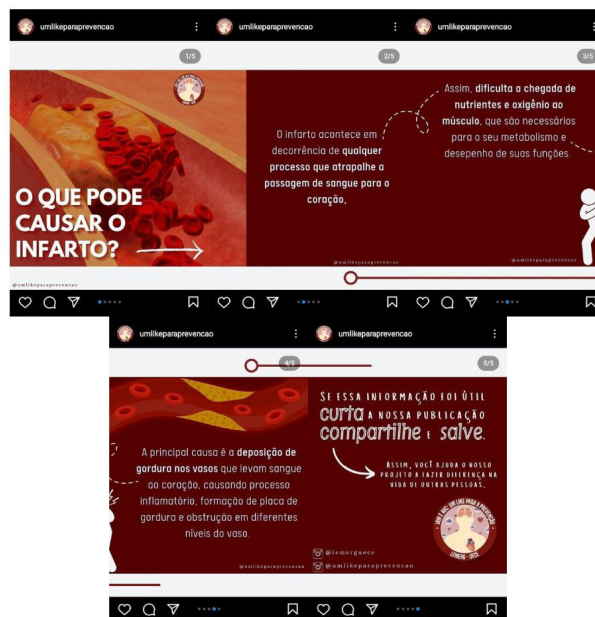


Fonte: Próprio autor

Discussão

Ao finalizar o projeto, a presença online da extensão conta com 15 publicações e 122 seguidores. Nas publicações, foram divulgados tópicos sobre definições, causas, fatores de risco, sintomas e como identificar uma pessoa que está apresentando um evento vascular como IAM ou AVC (Figura 2).

Figura 2. Postagens no Instagram sobre Infarto



Fonte: Próprio autor

Diante das postagens feitas no meio virtual, foi notório um maior engajamento do público-alvo em postagens com o título “O que pode causar o infarto?” e “Apenas o acúmulo de gordura nos vasos causa o infarto?”, isso evidencia uma maior curiosidade e atenção do público em conhecer a patogenia do infarto. Isso foi essencial para os membros do projeto, pois tornou possível direcionar os temas na elaboração da cartilha e a produção de novos conteúdos para a plataforma digital, de maneira que chamasse a atenção do público.

Além do infarto, o AVC representa uma patologia de extrema relevância para a saúde pública, dado que essa doença é a quarta causa de morte nos Estados Unidos. Vale destacar que o AVC também é considerado como a primeira doença no ranking daquelas que trazem incapacidades a longo prazo (CAPRIO e SOROND, 2019). Nesse sentido, o tratamento dos fatores de risco cardiovasculares demonstram ser a estratégia mais eficaz para prevenção primária do evento vascular.

Quanto ao AVC, estudos apontam como limitações de ações preventivas, a seleção de público-alvo que se baseia quase exclusivamente em pacientes com risco elevado para doenças cardiovasculares (CARVALHO et al., 2021). Dessa forma, apenas uma pequena parcela das pessoas que serão acometidas por essas condições será atingida, além de promover uma falsa sensação de segurança naqueles com risco baixo a moderado de desenvolver tais patologias. Além do mais, em países com baixos índices de desenvolvimento socioeconômico ou áreas remotas, lida-se com a subnotificação de risco cardiovascular, uma vez que a investigação precisa de visitas frequentes a serviços de saúde e exames laboratoriais (HILL e TOWFIGHI, 2017).

O estudo anterior corrobora a abordagem deste projeto de extensão, o qual busca a divulgação abrangente de informações em meios virtuais, de forma a ampliar o alcance além das pessoas com risco cardiovascular elevado. No presente trabalho, é possível estimular a população a reconhecer seus fatores de risco e medidas para atenuar seus danos, de forma que o indivíduo participe ativamente do cuidado com a sua saúde.

Dessa forma, percebe-se que a perspectiva do presente estudo com enfoque nos fatores de risco modificáveis tem fundamento na literatura científica, que evidencia que a prevenção primária, ou seja, reconhecer esses fatores e realizar mudanças no estilo de vida, é a melhor medida para reduzir a incidência das condições cardiovasculares. Assim, o projeto de extensão buscou divulgar de forma aberta ao público informações básicas sobre o que são as doenças cardiovasculares, como elas se desenvolvem, quais os fatores de risco, como modificá-los e como viver bem após um evento, incluindo também a prevenção terciária, destinada à reabilitação.

Estudos indicam que a abordagem de redução do risco cardiovascular em países com menor potencial econômico pode ser mais efetiva se abordada na perspectiva familiar. O trabalho mostrou que visitas domiciliares e lembretes frequentes obtiveram impacto positivo na adesão de mudanças no estilo de vida como dieta saudável, cessação do tabagismo, monitorização da pressão arterial em casa, monitorização da glicemia e exercícios físicos diários (SAWHNEY e MADAN, 2021). O conceito de engajar todo o núcleo familiar se torna relevante no cenário socioeconômico brasileiro e poderia ser melhor explorado em intervenções futuras com possibilidade de ações presenciais.

A abordagem do presente estudo se restringiu ao meio virtual pelo contexto da pandemia do novo coronavírus. Apesar dessa limitação, percebeu-se que é possível atuar como um lembrete

da importância de manter hábitos saudáveis para prevenir algumas das doenças com maior morbimortalidade no mundo. A perspectiva deste projeto de extensão se aproxima do enfoque do trabalho citado anteriormente ao atuar em um ambiente virtual e informal, buscando mobilizar a população e fornecer as informações básicas para o processo de mudança de estilo de vida.

Considerações finais

Ações voltadas à promoção da saúde representam uma importante estratégia nos cuidados à saúde e prevenção das doenças cardiovasculares. Nesse âmbito, o presente projeto de extensão realizou atividades de divulgação de informações confiáveis, em linguagem acessível e direcionada para estimular mudanças de estilo de vida em plataforma virtual. Vale ressaltar que o público-alvo da intervenção foi amplo, não se restringindo àqueles com maior risco e o enfoque foi nos fatores de risco modificáveis, de forma a abranger o máximo de pessoas com informações mais efetivas. Acrescenta-se ainda a perspectiva de incluir uma abordagem familiar futuramente na tentativa de melhores resultados na adesão.

A participação de graduandos no projeto de extensão promove a experiência com a educação em saúde em múltiplos contextos sociais, isso possibilita o desenvolvimento de habilidades multidisciplinares.

Referências

- CAPRIO, F. Z.; SOROND, F.A. Cerebrovascular disease: primary and secondary stroke prevention. *Medical Clinics*, v. 103, n. 2, p. 295-308, 2019.
- CARVALHO, B. Q., et al. Conhecimento dos usuários de um serviço de emergência sobre síndrome coronariana aguda e acidente vascular cerebral. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 6, p. 28259-28272, 2021.
- COSTA, L. R., et al. O Redescobrimto do Brasil Cardiovascular: Como Prevenimos e Tratamos a Doença Cardiovascular em Nosso País. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, v. 116, n. 1, p. 13-16, 2021. Acesso 27 set.2022 pp. 117-118. Disponível em: <https://doi.org/10.36660/abc.20201295>.
- HILL, V. A.; TOWFIGHI, A. Modifiable risk factors for stroke and strategies for stroke prevention. In: *Seminars in neurology*. Thieme Medical Publishers, 2017. p. 237-258.
- MEDEIROS, T.L.F., et al. Mortalidade por Infarto Agudo do Miocárdio. *Revista de Enfermagem: UFPE Online*, v. 12, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/230729/27890>. Acesso em: 27 set. 2022.
- OLIVEIRA, G. M. M., et al. Estatística Cardiovascular – Brasil 2020. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, v. 115, n. 3, p. 308-439, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36660/abc.20200812>. Acesso em 27 Set. 2022.
- Organização Pan-Americana da Saúde. OPAS. Doenças cardiovasculares. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/doencas-cardiovasculares>. Acesso em 22 set. 2022.
- Sociedade Brasileira de Cardiologia. SBC. Mortes por doenças cardiovasculares em domicílio aumentaram mais de 30% durante a pandemia. 2020. Acesso em 26 set. 2022.
- PASSINHO, R. S., et al. Sinais, Sintomas e Complicações do Infarto Agudo do Miocárdio. *Revista de Enfermagem: UFPE Online*, v. 12, n. 1, p. 247-264, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/22664>. Acesso em: 26 set. 2022.

PONTES-NETO, O. M. Stroke awareness in Brazil: what information about stroke is essential?. *Arq. Neuropsiquiatria*, [s. l.], v. 72, n. 12, p. 909-910, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/3NRFYD6T6K4CSYrn4LxrvVw/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 27 set. 2022.

SAWHNEY, J. P. S.; MADAN, Kushal. Family-based approach in cardiovascular risk reduction. *The Lancet Global Health*, v. 9, n. 10, p. e1351-e1352, 2021.

26 KARATE COMO BASE EDUCACIONAL E FILOSÓFICA EM UM PROJETO DE EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Ana Raquel Reginaldo Vieira (UECE)¹

Alana Maria Nunes Dos Santos Ribeiro (UECE)²

Heraldo Simões Ferreira (UECE)³

Introdução

O tripé acadêmico se compõe de Ensino, Pesquisa e Extensão, sendo este último o foco de nosso estudo. A extensão é uma atividade acadêmica complementar que busca através de suas ações compartilhar saberes, sejam estes científicos, artísticos ou filosóficos, visando contribuir com a formação dos alunos da universidade e atender as demandas sociais da comunidade universitária e extra universitária (SANTOS, 2008).

Consistindo numa parte indispensável da formação dos universitários, a extensão é um dos pilares do processo de aprendizagem contribuindo para os discentes e docentes colocarem em prática seus conhecimentos da sua área de formação e submeter a uma reflexão teórica a sua experiência, enriquecendo seus conhecimentos. Além de proporcionar a democratização do conhecimento e até na solução de problemas sociais.

A extensão é uma atividade acadêmica complementar, que busca através de suas ações compartilhar saberes, sejam estes científicos, artísticos ou filosóficos, visando contribuir com a formação dos alunos da universidade e extra-universitária (SANTOS, 2008).

Sendo assim, ela é um processo que relaciona o conhecimento teórico e a prática, estabelecendo uma via de mão-dupla entre a universidade e a sociedade, na qual permite à comunidade em geral ser o palco para a prática das ações dos alunos e seus conhecimentos acadêmicos (SANTOS JÚNIOR, 2013).

De acordo com o site da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará (PROEX), atualmente a universidade conta com 110 projetos de extensão, sendo 5 do curso de Educação Física. Um desses projetos é o Núcleo de Danças e Lutas - NUDAL da Universidade Estadual do Ceará- UECE.

Dito isso, o presente texto possui como objetivo relatar a experiência da modalidade de Karate, praticada com fins educacionais e filosóficos, em um projeto de extensão intitulado Núcleo de Danças e Lutas da UECE – NUDAL, que possui como cenário a UECE.

A metodologia e o relato de experiência

Utilizaremos neste texto a metodologia de relato de experiência, que nada mais é do que a descrição das experiências vividas em determinada área de atuação, por seus participantes. Para

1 Graduanda em Educação Física, monitora do Núcleo de Danças e Lutas, Universidade Estadual do Ceará. raquel.vieira@aluno.uece.br.

2 Graduanda em Educação Física, monitora do Núcleo de Danças e Lutas, Universidade Estadual do Ceará. alana.nunes@aluno.uece.br

3 Doutor em Saúde Coletiva, Professor Adjunto, coordenador do Núcleo de Danças e Lutas Universidade Estadual do Ceará. heraldo.simoese@uece.br.

tanto recorreremos a uma abordagem qualitativa, já que o relato se dá por meio da subjetividade e da percepção da realidade pelos envolvidos.

O cenário foi a Universidade Estadual do Ceará, local onde se situa o Complexo Esportivo, onde, por sua vez, ocorrem as aulas do projeto NUDAL, na modalidade de Karate. Os participantes do relato são: o coordenador do projeto e as duas monitoras, responsáveis pela modalidade de Karate.

O NUDAL é um projeto de extensão criado em 2009 pelo Professor Doutor Heraldo Simões Ferreira, docente do curso de Educação Física da UECE, faixa preta 6º grau (CBK/FCK). A modalidade de Karate possui como monitoras as alunas Ana Raquel Reginaldo Vieira, faixa preta 3º grau (CBK/FCK) e Alana Maria Nunes Dos Santos Ribeiro, faixa marrom (CBK/FCK).

Figura 1 - Logo do Núcleo de Danças e Lutas da Universidade Estadual do Ceará



Fonte: Reprodução/Whatsapp

O NUDAL tem como objetivo promover a prática orientada de atividades de Lutas e Danças para os alunos e a comunidade ao redor da UECE, buscando oferecer interação e qualidade de vida por meio da prática de exercícios específicos estimulando assim o hábito da vida saudável (NUDAL, 2022).

O projeto tem a iniciativa de oferecer atividades de danças e lutas sob a docência de alunos monitores do curso de Educação Física. A seleção dos monitores é feita através de análise de currículo, entrevista e tempo de graduação do aluno, ou seja, o aluno com mais tempo de universidade tem a prioridade da vaga. Esse método de seleção faz com que a rotatividade dos monitores seja pequena e garante maior tempo de experiência do monitor e a qualidade da docência no projeto.

Atualmente o projeto conta com 12 modalidades entre lutas e danças, sendo as modalidades de dança Jazz, Balé, Stiletto, K-Pop e Dança de Salão. Já as modalidades de lutas são Krav Maga, Kung Fu Wushu, Kung Fu Moderno, Capoeira, Brazilian Jiu Jitsu, Judo e Karate, foco deste relato.

Figura 2 - Quadro de modalidades ofertadas




Núcleo de Danças e Lutas

HORÁRIOS

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
Kung Fu Wushu 11-12:30h	Forró 11:30-13h	Kung Fu Wushu 11-12:30h	Jazz 11:40-13h	Jazz 11:40-13h
Karate 11:30-12:30	K-Pop 11:40-13h	Karate 11:30-12:30	Karate 11:30-12:30	Kung Fu Wushu 11-12:30h
Capoeira 11:30-12:30	Balé 12-13h	Jiu-Jitsu 11:30-13h	Forró 11:30-13h	Jiu-Jitsu 11:30-12:30h
Stiletto 11:30-13h	Judo 11:30-13h	K-Pop 11:40-13h	Balé 12-13h	Capoeira 11:30-12:30
Krav Maga 13-14h	Kung Fu Moderno 11-12h	Krav Maga 13-14h	Judo 11:30-13h	
			Kung Fu Moderno 13-14h	

@nudaluece

Fonte: Reprodução/Instagram

O Karate é uma arte marcial japonesa desenvolvida e utilizada pelos habitantes da ilha de Okinawa, no Japão, com o objetivo de defender-se de invasores. (FUNAKOSHI, 1994). O arsenal de movimentos dessa arte é composto por defesas, contra ataques e ataques, para tanto recorre aos membros superiores (mãos - punho, dedos, palma e laterais da mão e cotovelo) e membros inferiores (pés e joelhos).

Inicialmente, o Karate era praticado às escondidas e, por conta de algumas leis instauradas no Período Edo (1603 - 1868), somente durante a noite para não chamar atenção das autoridades locais (BARTOLO, 2010). Segundo o autor citado, essa rotina perdurou até pouco depois do início do Período Meiji (1868 - 1912). Após esse período, o Karate passou de uma prática marginalizada para uma atividade corporal praticada massivamente na ilha, o que levou Mestre Gichin Funakoshi (1868 - 1957) a apresentar a modalidade de luta em Edo (atual Tóquio), em 1922 (FUNAKOSHI, 1994; BARTOLO, 2010). Depois dessa apresentação, o Karate se popularizou em todo o Japão, e após a 2ª Guerra Mundial, por conta da imigração, em todo o mundo. O Karate passou pelo processo de esportivização, o que levou a modalidade, após diversas competições pelo mundo, a estar dentre os esportes olímpicos nas Olimpíadas de Tóquio, em 2021.

Com a popularização da arte marcial, o Karate passou a ser praticado em diversas possibilidades, dentre elas um Karate mais educacional e filosófico (FERREIRA, 2012).

O Karate no NUDAL ocorre desde 2009 e muitos foram os monitores que já passaram pela modalidade, tais como Felipe Brasileiro, Barroso Junior, Helder Lima e Heraldo Simões. Durante todo esse período os alunos foram incentivados a participarem dos exames de faixa, cursos ofertados por academias e ex-monitores e, embora não seja o foco do projeto, competições universitárias. Além disso, alguns alunos foram estimulados a cursar Educação Física na própria UECE.

As aulas da modalidade de Karate no NUDAL, especificamente, ocorrem três vezes na semana, às segundas, quartas e quintas-feira e são divididas dentro dos três pilares do Karate: Kumite (Luta com adversário real), que são ministradas pelo Professor Dr. Heraldo Simões, Kata

(Luta imaginária) e Kihon (Fundamentos), ministradas pelas monitoras Ana Raquel e Alana Nunes. Os treinos possuem duração de uma hora possibilitando um treinamento de qualidade em todos os pilares.

Em todos os treinos, independente do pilar a ser treinado, é realizado o cerimonial, que tem forte presença dentro da arte marcial. O início do cerimonial é representado pelo alinhamento dos alunos para a saudação ao Mestre Funakoshi, fundador do estilo Shotokan, estilo treinado no projeto, e a pessoa que está conduzindo o treino, como forma de demonstrar respeito e gratidão pelos conhecimentos que serão repassados. Feito o cerimonial inicial, é iniciada a prática com exercícios de aquecimento e em seguida o conteúdo a ser explanado naquele treino. Ao final da aula é dado início ao cerimonial de encerramento, onde os alunos perfilam novamente em posição de Seiza, sentado sobre os joelhos, e é iniciado o Mokuso, a meditação, onde o aluno tem a oportunidade de refletir sobre o treinamento. Após o Mokuso, é recitado o Dojo-Kun e feito novamente a saudação ao Mestre e a pessoa que ministrou o treinamento (Bartolo, 2022).

Por ser um Karate educacional/filosófico, é dado ênfase na filosofia presente dentro da arte marcial e seu cerimonial. Funakoshi (1994) relata que o Karate deve ser incentivado dentro do âmbito educacional, já que o mesmo ajuda a formar o caráter e fortalecer os laços sociais do praticante. Uma das filosofias do mestre era o Niju-Kun. O Niju-Kun é um conjunto de ensinamentos que formam a base filosófica do Karate (JKA-DF). Frases como “no Karate não existe atitude ofensiva”, “o Karate dará frutos quando associado à vida cotidiana”, são alguns exemplos de como essa arte marcial pode ser considerada um modo de vida. Foi com base no Niju-Kun que o Mestre Funakoshi também criou o Dojo-Kun.

Figura 3 - Dojo-Kun



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Como citado anteriormente, o Dojo-Kun consiste em cinco preceitos, deixados pelo Mestre Gichin Funakoshi, para que os praticantes pudessem saber o verdadeiro significado do Karate (BARTOLO, 2010). O Dojo-Kun também é utilizado para repassar lições que os alunos poderão usar de maneira concreta em sua vida pessoal, acadêmica e profissional.

Outra ação que também é bastante incentivada dentro dos treinos por conta do Dojo-Kun, é a utilização da palavra “Oss”. Segundo Bartolo (2022) palavra “Oss” foi criada dentro da Escola Naval Japonesa e era utilizada em momentos de grande pressão, contudo, dentro do Karate ela pode ser interpretada como um obrigado, um pedido de desculpas ou uma afirmação.

O Karate pode ser praticado como autodefesa ou esporte, mas também, para alcançar objetivos relacionados à saúde, educação e filosofia (FERREIRA, 2012). O uso dessa última vertente no NUDAL, se deve pelo fato do projeto não possuir a finalidade de formar atletas, e sim, promover a qualidade de vida da comunidade e colaborar com propósitos educacionais e filosóficos.

Figura 4 - Monitoras e alunos da modalidade Karate



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Durante os treinos de Kumite, é dado ênfase na parte defensiva e não na parte esportiva, já que o projeto tem como vertente o Karate filosófico/educacional, buscando sempre trazer algum ensinamento que o Dojo-Kun possa transmitir, como uma luta justa, respeito com o colega de treino, entre outros. A mesma didática é utilizada nos treinos de Kata e Kihon.

Para manter a filosofia do Karate sempre presente dentro e fora do tatame, os alunos, desde o primeiro treino, são incentivado a evitar o uso de palavras de baixo calão e gírias, manter a limpeza do Karate Gi (quimono), a preservarem os materiais usados nos treinos, respeitarem os mais graduados e os demais colegas, manter uma postura adequada, arrumar o Karate Gi sempre na borda do dojo e de costas para todos, entre outros comportamentos. Esses incentivos são incentivados por conta da disciplina existente entre os orientais.

Considerações finais

O texto do capítulo buscou relatar a experiência da modalidade de Karate no NUDAL, projeto de extensão da UECE, e suas finalidades educacionais e filosóficas.

O NUDAL proporciona um espaço de socialização e estimulação de hábitos saudáveis

por meio da prática das modalidades ofertadas. Mais especificamente no Karate, o sentido da sua realização se volta para uma vertente educacional/filosófica, em que se busca a formação do caráter dos alunos, a promoção da qualidade de vida e não apenas a formação de atletas de alta performance.

Com isso, o projeto se torna capaz de proporcionar benefícios físicos, mentais e sociais que a arte marcial pode oferecer.

Referências

BARTOLO, Paulo. Karate do: História geral e no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Bueno, 2014.

BARTOLO, Paulo. Manual do Karate Kids. 1ª ed. São Paulo: Karate Paulo Bartolo, 2022.

FUNAKOSHI, Gichin. Karate Do: O meu modo de vida. São Paulo: Cultrix, 1994.

FERREIRA, Heraldo Simões. Coleção Esportes. Ensino de Lutas na Escola. v.4. Ceará: Peter Röhi, 2012

ASSOCIAÇÃO JAPONESA DE KARATE DO DISTRITO FEDERAL - JKA-DF. Disponível em: <http://jkadf.com.br/niju-kun/>. Acesso em: Outubro 2022.

NÚCLEO DE DANÇAS E LUTAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - NUDAL. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1-JHCM4jhEt1KVAvPim7FoAy2MH69ziot/view>. Acesso em: Outubro de 2022.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Disponível em: http://www.prae.ufrpe.br/sites/prae.ufrpe.br/files/pnextensao_1.pdf. Acesso em: Outubro de 2022.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Disponível em: <http://www.uece.br/proex/programas-projetos/centros/>. Acesso em: Outubro de 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI : para uma universidade nova. 2008. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/link/review?uri=urn:aaid:scds:US:c525878d-fd8f-314b-9544-ed86b0b85b14>. Acesso em: Outubro de 2022.

27 PROGRAMA DE EXTENSÃO UEA CIDADÃ

Fabrício Bruno dos Santos (UEA)¹

Marcia Gonçalves Costa (UEA)²

Introdução

O Programa UEA CIDADÃ desenvolvido pela Escola Superior de Ciências da Saúde, tem as condições de gerenciar esse processo de aproximação da universidade com a comunidade carente, criando projetos concretos para melhoria da qualidade de vida da população mais necessitada. E durante 12 anos atendeu em média de 30.000 pessoas com ações de prevenção de promoção de saúde com seus 11 líderes responsáveis por gerenciar o projeto de extensão, bem como articular todas as atividades desenvolvida, contando com mais de 220 voluntários ativos dos cursos de medicina, odontologia e enfermagem. De outra forma, a experiência do aluno ainda, só virá a garantir o desenvolvimento de sua habilidade no que tange ao conhecimento do mundo que o cerca e a necessidade de uma ação solidária constante.

A vida nos municípios do interior do Amazonas é sustentada, principalmente, por atividades de sobrevivência. A economia desses municípios, quase sempre extrativista e artesanal, tem pouco peso no produto interno bruto do Estado. A situação de precariedade das condições de vida e de trabalho no interior exige soluções diferentes daquelas que vêm sendo tentadas há muito tempo. A UEA CIDADÃ visa proporcionar maior interação entre acadêmicos e comunidade, de maneira presencial.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Constituição Federal, artigo 205).

A Educação Superior tem por finalidade: estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade (Lei de Diretrizes e Bases da Educação, artigo 43, VI).

Metodologia

Os voluntários que fazem parte do projeto, passam por um processo de seleção

Curso de Odontologia

- Apresentar ao estudante de odontologia a inserção social da profissão;
- Os conceitos de saúde que deverão pautar a sua prática; a história da saúde pública, culminando com o conceito de “saúde bucal coletiva”;
- Os determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais de saúde das populações; os fundamentos de epidemiologia.
- Apresentar ao estudante de odontologia a filosofia da educação e sua utilização como mecanismo transformador de realidades, visando conscientizar e instrumentalizar o acadêmico

1 Universidade do Estado do Amazonas (Acadêmico do curso de odontologia, bolsista do Projeto de Extensão UEA Cidadã). Fbs.odo@uea.edu.br.

2 Universidade do Estado do Amazonas (Prof. Dra. E Coordenadora do Programa UEA Cidadã). E-mail.

para sua atuação como educador enquanto profissional de saúde.

Curso de Enfermagem

- Verificação de pressão arterial com orientação para hipertensos;
- Verificação da taxa de glicemia com orientação para diabéticos;
- Verificação de peso e altura com orientação para obesos;
- Pesquisa a respeito do grau de informações públicas sobre o exame Papanicolau;
- Exames do couro cabeludo, cortes de cabelos gratuitos e orientações preventivas.

Curso de Medicina

- Estreitar o vínculo entre o paciente, sua família e comunidade e o médico que os assiste;
- Disseminar informações adicionais que leve a condutas mais adequadas.
- Realizar promoção em saúde, visando diminuir a incidência de doenças.

Desenvolvimento

O programa de extensão UEA cidadã visa realizar atendimentos básicos a população, tanto nos bairros da capital do Amazonas, quanto nos municípios do interior. Trabalho este realizado através do voluntariado, sendo composto pelos acadêmicos dos cursos de medicina, odontologia, enfermagem e educação física da Escola superior de Ciências da Saúde - ESA.

As ações são realizadas em parceria com diversos órgãos que buscam atender a população vulnerável, onde são oferecidos os serviços de aferição de pressão arterial, índice de massa corporal (IMC), testes rápidos de glicemia, Orientação em saúde bucal e aplicação de flúor e demais serviços e palestras relacionados a diversos temas que sejam de interesse a população.

O projeto consiste em formar parcerias com as Unidades da universidade do Estado do Amazonas e escolas estaduais afins, para a prestação de serviços de cidadania para as comunidades carentes. Todas as faculdades (com seus diversos cursos) poderão participar, devendo haver uma agenda positiva que gradativamente envolva os responsáveis pelos cursos e as ações que poderão ser executadas. A primeira Unidade a ser convidada para participar será a da Saúde, em seguida a de Artes e Turismo, por já desenvolverem um trabalho no PROSAMIN, posteriormente a de Direito e assim sucessivamente, envolvendo alunos de várias áreas e habilidades.

As faculdades de odontologia, por meio da direção, dos núcleos de atendimento à população e dos centros acadêmicos, juntamente com a ABCD (Associação Brasileira de Cirurgiões-Dentistas) e o Conselho Regional de Odontologia - CRO poderão realizar um trabalho de participação popular no que tange à prevenção da saúde bucal. Não se trata de um trabalho de exercício da profissão de dentista. Trata-se de um trabalho preventivo com palestras, cursos, distribuição de material apropriado (escovas de dente, fio dental, pastas, etc.). Assim sucessivamente as demais faculdades serão convidadas a participar.

As atividades são realizadas nos finais de semana, em vários locais da capital e interior, de modo que não interfira nas atividades acadêmicas dos alunos envolvidos no projeto.

Professores e Alunos levam seus conhecimentos técnicos à comunidade, resolvendo problemas, orientando, compartilhando o saber, ao mesmo tempo que aprofundam contato com a realidade do país, ganhando experiência, sensibilidade social e vivência cidadã.

Imagem 1



Fonte: UEA Cidadã – Seleção dos novos voluntários

Imagem 2



Fonte: UEA Cidadã – Seleção de novos voluntários

Imagem 3



Fonte: UEA Cidadã – Ação realizada na Aldeia Cipiá

Imagem 4



Fonte: UEA Cidadã – Ações de Saúde no interior do Estado do Amazonas

Imagem 5



Fonte: UEA Cidadã – Ações de Saúde no Shopping Manaus Plazza

Imagem 6



Fonte: UEA Cidadã - Ações de saúde em parceria com o grupo ASAS

Considerações finais

O projeto tem realizado diversas atividades e atingido um grande número da população que não tem acesso aos serviços básicos de saúde. Este oferece suporte para aqueles que tem dificuldade aos meios básicos para seu bem estar, levando em consideração a desigualdade social que é comum em nosso país, serviços como este presente Projeto de Extensão, ligado a Universidade do Estado do Amazonas são de grande importância e impacto para a população.

O projeto busca alcançar todos os meios sociais sem distinção de classe social e econômica. Há mais de 12 anos vem sendo executado e contando com um grande número de voluntários sendo formado por acadêmicos e ex-alunos já formados, buscando oferecer todo o apoio a quem necessita.

Referências

BARELI, Paulo; DE SOUSA LIMA, Aldo José Fossa. A importância social no desenvolvimento do trabalho voluntário. *Revista de Ciências Gerenciais*, v. 14, n. 20, 2010.

NUNES, Denise Cardoso Garcia. Qual a importância do trabalho voluntário para sustentabilidade de organizações não-governamentais?. 2009. Tese de Doutorado.

GIROTO, Ana Paula Santana; MARQUES, Anselmo Pereira. A importância dos projetos sociais como ferramenta para a inclusão sócio-educacional da criança: a experiência do Projeto Degraus-Criança. *ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498*, v. 3, n. 3, 2007.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, p. 219-230, 2000.

PAIM, Jairnilson Silva. *Desafios para a saúde coletiva no século XXI*. EdUFBA, 2006.

PEREIRA, Stela Márcia et al. Extensão universitária e trabalho voluntário na formação do acadêmico em Odontologia. *Arquivos em Odontologia*, v. 47, n. 2, 2011

MARQUES, Vera Lúcia. *Voluntariado: motivos e repercussões na vida pessoal, social e acadêmica dos alunos de graduação em medicina, voluntários em programas na área de saúde*. 2006.

SILVA, Kênia Lara; RODRIGUES, Andreza Trevenzoli. Ações intersetoriais para promoção da saúde na Estratégia Saúde da Família: experiências, desafios e possibilidades. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 63, n. 5, p. 762-769, 2010.

28 PREVENÇÃO DA HIPERTENSÃO E DIABETES NA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Roberta Duarte Maia Barakat (UECE)¹

Sarah Ellen da Paz Fabrício (UECE)²

Vitória Pessoa Nogueira (UECE)³

Edna Maria Camelo Chaves (UECE)⁴

Thereza Maria Magalhães Moreira (UECE)⁵

Introdução

A formação acadêmica em Saúde inicia seu processo de aprendizagem tendo como desafio o estabelecimento do vínculo com a população. Tal condição de aproximação com os usuários do Sistema Único de Saúde e rede de saúde suplementar representa uma etapa primordial para que se efetive a aprendizagem (CASTRO JÚNIOR, 2019). Este capítulo relata uma experiência de extensão universitária junto a graduandos do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em ações preventivas de Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), Diabetes Mellitus (DM) e suas complicações no ambiente da universidade. Trata-se de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) que podem causar lesões incapacitantes irreversíveis, bem como podem levar à morte (SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2019). A prevenção dessas DCNT, bem como de suas complicações é relevante e necessária, por representarem doenças de elevada prevalência mundial (OMS, 2021).

Ademais, no contexto da formação de profissionais, ações de educação em saúde realizadas durante a graduação possibilitam ampliação do conhecimento sobre os temas abordados nas atividades, aumento da motivação na aprendizagem, além de vínculos com a comunidade (SANTOS, et al., 2019). A formação em saúde implica assegurar coerência, fortalecimento e consolidação de ações em permanente reflexão sobre o campo teórico conceitual em tela e a interlocução com o campo das práticas em saúde, daí derivando estímulo à melhoria das matrizes curriculares, valorização da integração ensino-serviço-comunidade e sua relevância no compromisso estabelecido pelas estratégias formuladoras dos programas e políticas públicas de saúde.

Neste sentido, a potencialidade de valores como integralidade, cuidado, perspectiva ampliada de saúde e ações no território são indicados para a formação e a educação de profissionais, especialmente em oportunizar formações em sintonia com apostas estruturantes para o Sistema Único de Saúde (SUS) (FEUERWERKER, 2022). O cenário escolar é reconhecido como espaço de

1 Mestra em Saúde Coletiva. Doutoranda em Saúde Coletiva - UECE. robertadumaia@gmail.com.

2 Mestranda em Saúde Coletiva - UECE. sarahellenpaz@hotmail.com.

3 Mestranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde - UECE. vitoriapessoanogueira@gmail.com

4 Docente do curso de Enfermagem da UECE. edna.chaves@uece.br.

5 Docente do curso de Enfermagem da UECE. Pós-Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora nível 1A do CNPq. E-mail: thereza.moreira@uece.br

excelência para a educação por meio da transmissão de informações. Logo, promoção e educação em saúde envolvem planejamento e prática de intervenções que resgatem a concepção

de saúde como produção social, portanto, requisitando ações no âmbito coletivo para atuar nos determinantes sociais relacionados à prevenção e controle de agravos (BARAKAT, 2021).

Metodologia

Trata-se de relato de experiência vivenciado no campus Itaperi junto a estudantes do curso de enfermagem matriculados no 7º semestre da Universidade Estadual do Ceará (UECE) a partir do projeto de extensão: “Prevenção de hipertensão e diabetes na comunidade universitária”. Este visou instrumentalizar alunos de graduação para o trabalho preventivo junto a pessoas saudáveis e também junto a hipertensos e diabéticos com vistas a promover diferentes níveis de prevenção de hipertensão e diabetes, e suas complicações junto a essas populações.

Os estudantes foram acompanhados pela proponente e coordenadora do curso de extensão, bem como por discentes da pós-graduação stricto sensu da UECE, participantes do Grupo de Pesquisa Epidemiologia, Cuidado em Cronicidades e Enfermagem (GRUPECCE). O curso de extensão ocorreu presencialmente no período de 10 de junho a 08 de julho de 2022, totalizando carga horária de 20 (vinte) horas aula. A atividade teve colaboração de 12 alunos da graduação em Enfermagem, duas (02) supervisoras de campo, discentes do Mestrado e Doutorado, totalizando 15 colaboradores.

As ações foram realizadas em exposição dialogada e vivências, nas quais os alunos utilizaram ferramentas educativas, como banners e folders com a definição de HAS e DM, suas causas, sintomas, tratamento, parâmetros normais e alterados das cifras de pressão arterial e glicemia, além de diário de campo para anotação dos parâmetros dos participantes (Figuras 1-3).

Figura 1: Folder informativo sobre HAS e DM tipo 2.



Fonte: Autoras

Figura 2: Folder informativo sobre HAS e DM.

Fonte: Autoras.

Figura 3: Planilha de registro de diário de campo.

NOME	SEXO	IDADE	COMORBIDADES	PA	GLICEMIA	IMC	CA	PROFISSÃO	Sat o2
D. G.A	M	37	HAS	142x110	65 pp2h	0	0	DI	96%
V.L.M	M	20	0	120X70	49 PP 2h	0	80	Acad. EF	98%
K. O. L	F	19	0	118X80	65 j	0	80	Acad. SS	97%
J.L.R.F	M	26	0	130X80	73 pp 2h	0	79	Acad. EF	98%
I. V. C	F	22	0	120x80	68 pp2h	0	68	Acad. SS	96%
J.B.F	M	19	0	120X80	67 J	0	85	Acad. Geo	97%
M.E.A.M	F	17	0	110x80	82j	0	73	Acad. Geo	99%
L.S.S	F	18	0	120x60	102 pp2h	0	75	Acad. Quí	98%
I.C.W.A	F	17	0	130X90	59 j	0	75	Acad. Geo	98%
K.P.N	F	17	0	120x60	79 j	0	74cm	Acad. Quí	92%
JMAS	M	32	0	120X70	83PP 1h	0	80	Prof	99%
MEAO	F	22	Lúpus e SAF	130x80	ñ	0	ñ	Acad. SS	ñ
SV	F	33	0	110x80	79 pp2h	0	ñ	Func RU	98%
APBL*	M	48	DM, HAS, GOTA	140X80	336 pp2h	0	110	Func Uece	97%
FESS*	M	55	0	119X84	65	0	*	Func Uece	98%
MNF	M	25	0	130X80	101	0	100	Mestrado	98%
SS*	M	25	0	138X85	116	0	79	Acad. Músi	96%
VA	F	20	0	120X80	ñ	0	ñ	Acad. Mús	ñ
PGC	M	42	0	130X80	95 PP1H	0	87	Professor	98%
BPS	M	26	0	130X70	84 PP2H	0	91	Acad Mus	98%
GCC	M	18	0	132X96	78 j	0	77	Acad EF	99%
JVF	M	62	HAS	110X80	84 PP4H	0	90	Func Uece	98%
ACFS	M	47	DM	140X90	166 PP40min	0	117	Pai de A	97%
RFS	F	56	0	130x80	86PP	0	104	Mãe de A	97%
MBCLB	F	68	HAS, DM	150X80	211PP	0	101	Aposent	98%
FRSL	M	27	0	113X80-	79 PP3H	0	107	Acad Física	98%
JFA	F	25	0	120X82	90 PP2H	0	90	Acad SS	98%
PHRR	M	27	0	120X70	135 PP 40m	0	90	Acad EF	97%

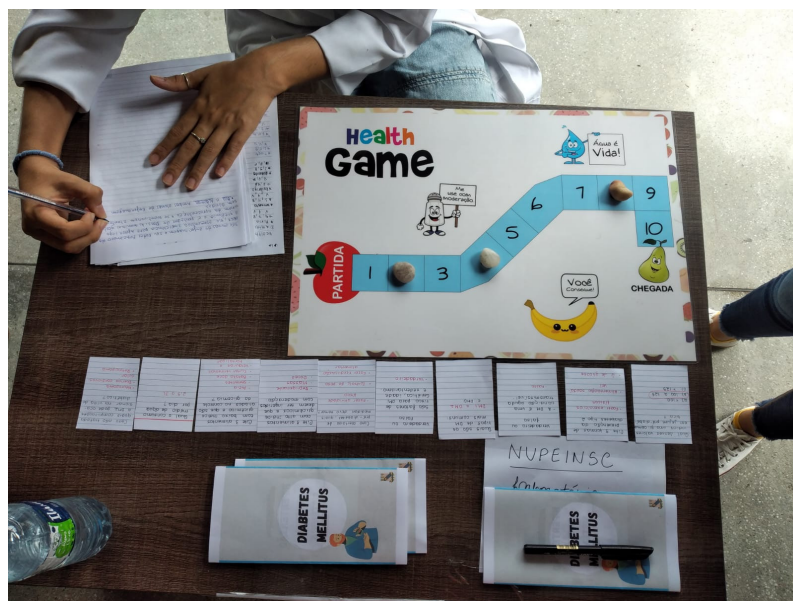
Fonte: Autoras.

No dia das ações, o local foi decorado com banners e organizado com mesas e materiais para aferição de pressão arterial (PA) e glicemia, tendo como intuito proporcionar ambiente acolhedor aos participantes. A ação teve como cenário escolhido o corredor principal da universidade, local de constante fluxo de pessoas, contando com a participação total de 71 sujeitos, dentre eles, estudantes, servidores da universidade e docentes. As etapas consistiram em: a) Definição de suspeita de caso de HAS e/ou caso de DM tipos 1 e 2; b) Identificação do tratamento adotado; c) Mensuração da adesão ao tratamento; d) Monitoramento de PA e glicemia e) Medição da circunferência abdominal e f) Saturação de O₂. Dessa forma, cada aluno avaliou cerca de cinco participantes.

Concomitante às etapas referentes às aferições, foram realizadas ações de educação em saúde por meio de jogos interativos (Figura 4) e exposição dialogada (Figuras 5 e 6) com banners

educativos. O curso de extensão foi realizado em consonância com a Resolução no 4719/2022 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da UECE, de 11 de abril de 2022.

Figura 4: Jogo interativo para avaliar o conhecimento sobre DM e HAS⁷⁷.



Fonte: Registro autoras.

Figura 5: Exposição dialogada sobre veia arterial, HAS e DM.



Fonte: Registro autoras.

Discussão

Como mencionado, as atividades aconteceram no corredor central da universidade, ponto estratégico de maior circulação de pessoas no local. O público-alvo foi de alunos, servidores da universidade e comunidade circunvizinha. A ação foi dividida em duas estações de cuidado: na

⁷⁷ Jogo interativo, Health Game, para avaliar o conhecimento prévio sobre DM e HAS em que cada participante escolhe 03 perguntas das 10 do tabuleiro.

primeira estação, explicava-se aos participantes sobre os conceitos iniciais de DM e HAS e quais os parâmetros considerados alterados ou não para as cifras de PA e glicemia. Na segunda estação, realizava-se aferição da PA, da glicemia, Índice de Massa Corporal (IMC), circunferência abdominal (CA) e verificação da saturação de Oxigênio (SatO₂). Ao final, todos recebiam orientações sobre seguimento terapêutico (naqueles com diagnóstico prévio de HAS/DM), prática de exercícios físicos e alimentação saudável para prevenção e controle das doenças crônicas.

Na primeira estação, percebeu-se que os discentes haviam se preparado previamente, não havendo dificuldade de abordar os participantes acerca do tema. Na segunda estação, a principal dificuldade foi durante a aferição da glicemia, pois alguns nunca haviam a aferido antes. Mas, depois de explicar o passo a passo desse procedimento, eles desempenharam a técnica corretamente.

Projetos de extensão se apresentam como possibilidade de desenvolvimento de habilidades técnicas e sociais necessárias ao trabalho em saúde, permitindo experienciar a proximidade com a realidade dos atores sociais e facilitando a compreensão do processo saúde/doença em suas múltiplas dimensões, contribuindo para fortalecer o vínculo ensino-serviço-comunidade (CASTRO JÚNIOR, 2019).

Para que os discentes tivessem as experiências nas duas estações, revezaram-se as equipes da primeira e segunda estação. Dessa forma, todos teriam percepção global da intervenção. Outro desafio foi fazer com que os participantes tivessem interesse em passar pelas duas estações, pois, geralmente, eram atraídos pela estação de aferição. Para tanto, utilizou-se da estratégia de somente aferir os dados de quem já havia passado pela primeira estação.

Ressalte-se a relevância da realização destas ações no âmbito da aprendizagem destes futuros profissionais, pois no ano de 2019, as DCNT representaram 73,6% das mortes globais ocorridas e 41,8% entre as mortes prematuras no Brasil, ou seja, que acontecem na faixa etária de 30 a 69 anos no mesmo ano (OMS, 2021; BRASIL, 2021). Desde 2013 a Organização Mundial de Saúde (OMS) aprovou o Plano Global de Ação para Prevenção e Controle das DCNT que estabeleceu, dentre seus nove objetivos, a redução relativa de 25% na taxa de mortalidade prematura por DCNT até 2025 (UNA-SUS, 2018). Entretanto, alguns fatores contribuem para que as estatísticas das pessoas que possuem DCNT aumentem nos próximos anos no Brasil: aumento do número de idosos no país, pois 11,5% da população em 2025 terá 60 anos ou mais, transformações nutricionais e epidemiológicas (IBGE, 2020; SILVA, et al. 2018), dentre outros. Portanto, faz-se necessário recomendar adoção de hábitos e comportamentos saudáveis, como a prática de atividades físicas, redução da ingestão de bebidas alcoólicas, abandono do tabaco e alimentação saudável (PEREIRA, SANTOS, UEHARA, 2020), o que não tem sido um desafio fácil.

No Brasil, desde o ano 2011 foi estabelecido um plano de ações que inclui prevenção das DCNT com um de seus objetivos e defende que isso se dê com o desenvolvimento e implementação de estratégias para qualificação da formação profissional e fortalecimento da área de educação em saúde para DCNT. Essas atividades podem favorecer o envelhecimento populacional saudável e reduzir o impacto negativo dessas doenças para os indivíduos e o país (UNA-SUS, 2018).

A prevenção e o controle da HAS e diabetes, bem como suas complicações, é relevante e necessária, por representarem doenças de elevada prevalência mundial. Instrumentalizar alunos de graduação em saúde para o trabalho junto a essa população implica relevante dimensão para o fortalecimento de orientações relevantes a serem observadas no nível do aprendizado, das matrizes

curriculares, apreensão do conteúdo e no desempenho técnico destes futuros profissionais.

Figura 6: Ação educativa de extensão universitária.



Fonte: Autoras.

Considerações finais

A atividade foi desempenhada de maneira satisfatória pela turma, que se mostrou atenta e comprometida com o processo, não havendo dificuldades de comunicação entre discentes e docentes. Por meio dessas ações durante o estágio docência de pós-graduandos foi possível interlocução e troca de experiências entre graduandos, mestrandos e doutorandos, em prol de impactar a comunidade universitária acerca da relevância de adotar hábitos saudáveis para a prevenção e controle de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão.

Referências

American Diabetes Association. Standards of medical care in diabetes. *Diabetes Care*. 2017;40(Suppl 1): S1-131.

BARAKAT, R.D.M; CAPRARA, A. Abordagem ecobiossocial e promoção da saúde na escola: tecendo saberes para a vigilância comunitária no controle do *Aedes aegypti*. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online]. 2021, v. 25 [Acessado 5 Outubro 2022], e190805. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/interface.190805>>. Epub 24 Feb 2021. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/interface.190805>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: Diabetes mellitus. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 160p. (Cadernos de Atenção Básica, n. 36).

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigitel Brasil 2020: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico : estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados

brasileiros e no Distrito Federal em 2020. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021.

CASTRO JÚNIOR, A.R.; OLIVEIRA, M.A.; SILVA, M.R.F. Promovendo Educação em Saúde com adolescentes: estratégia didática e experiência discente. *Rev. Saúde em Redes*.2019;5(2):175184. DOI: <http://dx.doi.org/10.18310/24464813.2019v5n2p175184>

Cefalu WT, Leiter LA, de Bruin TW, Gause-Nilsson I, Sugg J, Parikh SJ. Dapaglifozin's effects on glycemia and cardiovascular risk factors in high-risk patients with type 2 diabetes: a 24-week, multicenter, randomized, double-blind, placebo-controlled study with a 28-week extension. *Diabetes Care*. 2015;38(7):1218-27.

Chamberlain JJ, Herman WH, Leal S, Rhinehart AS, Shubrook JH, Skolnik N et al. Pharmacological therapy for type 2 diabetes: synopsis of the 2017 American Diabetes Association Standards of Medical Care in Diabetes. *Ann Intern Med*. 2017;166(8):572-8.

Chor D, Ribeiro AL, Carvalho MS, Duncan BB, Lotufo PA, Nobre AA, et al. Prevalence, awareness, treatment and influence of socioeconomic variables on control of high blood pressure: results of the ELSA-Brasil Study. *PLOS One*. 2015;10(6):e0127382.

Diretriz Brasileira de Hipertensão Arterial-DBHA, 8. Arquivos Brasileiros de Cardiologia. 2020.

Diretrizes da Sociedade Brasileira de Diabetes 2019-2020 / Organização José Egídio Paulo de Oliveira, Renan Magalhães Montenegro Junior, Sérgio Vencio. -- São Paulo : Editora Clannad, 2020.

FEUERWERKER, L.M.C. EDUCAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE. *Cadernos ESP*, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 8, 2022. DOI: 10.54620/cadesp.v16i3.1347. Disponível em: [//cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/1347](http://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/1347). Acesso em: 5 out. 2022.

Garber AJ, Abrahamson MJ, Barzilay JI, Blonde L, Bloomgarden ZT, Bush MA et al. AACE comprehensive diabetes management algorithm 2013. *Endocr Pract*. 2013;19(2):327-36.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BR). Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica . Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade - 2010-2060. [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

Lima DBS, Moreira TMM, Borges JWP, Rodrigues MTP. Associação entre adesão ao tratamento e tipos de Complicações cardiovasculares em pessoas com hipertensão arterial. *Rev Texto Contexto Enferm*. 2016; 3: 1-9.

Malta DC, Andrade SS, Stopa SR, Pereira CA, Szwarcwald CL, Silva Jr JB, et al. [Brazilian lifestyles: National Health Survey results, 2013]. *Epidemiol Serv Saúde*. 2015;24(2):217-26.

Negrato CA, Zajdenverg L, Montenegro Júnior RM. Diabetes melito e gestação. In: Vilar L, editor. *Endocrinologia clínica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2016. p. 716-29.

OMS- Organização Mundial da Saúde. Cuidados inovadores para condições crônicas: organização e prestação de atenção de alta qualidade às doenças crônicas não transmissíveis nas Américas. Washington, DC: OPAS, 2015.

PEREIRA, H.N.S.; SANTOS, R.I.O.; UEHARA, S.C.S.A. Efeito da Estratégia Saúde da Família na redução de internações por doenças crônicas não transmissíveis. *Rev. enferm UERJ*, Rio de Janeiro, 2020; 28:e49931. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.49931>.

SANTOS A.F.S., et al. Action for the prevention and control of hypertension and diabetes in the community: nursing benefits . *Rev Enferm UFPI*, [S. l.], v. 8, n. 4, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/607>. Acesso em: 1 out. 2022.

SILVA, Érika M. da; SABÓIA, V. M.; BERARDINELLI, L. M. M.; BRITO, I. da S.; SILVA, J. S. da. Grupos Educativos e a Saúde de Pessoas que Vivem com Doenças Crônicas Não Transmissíveis. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, [S. l.], v. 86, n. 24, 2019. DOI: 10.31011/reaid-2018-v.86-n.24-art.111. Disponível em: <https://teste.revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/111>. Acesso em: 30 set. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. UNA-SUS/UFMA. Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis no Brasil. São Luís, 2017. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/10381>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

Vigitel Brasil 2020. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. [Internet]. [Citado em 2022 Fev 19]. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2015/abril/15/PPT-Vigitel-2014-.pdf>. Acesso em 19/02/2022.

World Health Organization, editor. *Global health risks: mortality and burden of disease attributable to selected major risks*. Geneva, Switzerland: World Health Organization; 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World health statistics 2021: a visual summary*. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/data/stories/world-health-statistics-2021-a-visual-summary>. Acesso em: 30 de setembro de 2022.

29 RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIA DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM NA UTILIZAÇÃO DA AURICULOTERAPIA NO CUIDADO DE IDOSAS COM DOR EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA - ILPI

Jamylle de Almeida Braz (UECE)¹

Cícera Abiliana da Silva Lopes (UECE)²

Vitoria Regia Santos Alves Ramos (UECE)³

Francisca Dalila Paiva Damasceno de Lima (UECE)⁴

Introdução

O Brasil vem passando por transformações significativas em diversos aspectos, como conseqüências, o índice de desenvolvimento humano (IDH) vem aumentando e a população envelhecendo (CASTRO, 2020). Atualmente, os idosos representam 14,3% dos brasileiros, ou seja, 29,3 milhões de pessoas. Em 2030, o número de idosos deve superar o de crianças e adolescentes, de zero a quatorze anos (BRASIL, 2018). Com o aumento no número de idosos, aumenta-se a atenção para o cuidado, prevenção e manutenção da saúde desse público pois esse fenômeno vem acompanhado de uma série de particularidades e desafios a serem enfrentados no âmbito da saúde da pessoa idosa, aspecto esse ainda permeado de muita desinformação (ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE, 2005).

Quando consideramos o panorama do envelhecimento populacional, evidencia-se um aumento no surgimento de síndromes dolorosas (SANTOS; GIACOMIN; FIRMO, 2020). Portanto, é necessário um olhar atento para o gerenciamento do processo doloroso, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população idosa, especialmente, realizando o controle da dor, por meio das diversas abordagens analgésicas.

Com isso, faz se necessário o acompanhamento adequado a esse público, por meio, da prestação de uma assistência integral, sob o parecer de uma perspectiva ampla que reflete também nos diversos métodos de tratamento disponíveis a serem ofertados conforme as singularidades apresentadas, sejam elas de cunho farmacológico, ou por meio de terapias não farmacológicas, como as descritas nas técnicas das terapias integrativas e complementares em saúde.

Além disso, é necessária uma maior atenção aos aspectos relacionados com a saúde dos idosos, com a criação de estratégias que atendam a esse crescimento populacional em andamento, que cria um contexto de pressão de demanda principalmente sobre os sistemas de atendimento de emergências, pelos quadros clínicos agora predominantes, exigindo mudanças organizacionais e estruturais e dentre elas consideramos as instituições de longa permanência para idoso – ILPI, como uma das mais necessária para essa transformação por receberem um grande contingente dessas pessoas.

As instituições de longa permanência para idosos são domicílios destinados a acolher as pessoas idosas em algumas situações de vulnerabilidade como, aqueles abandonados pelas famílias, solitários que não possuem moradia, moradores de rua ou mesmo aqueles que pela dinâmica da vida seus familiares não os podem oferecer a atenção necessária com o intuito de

1 Acadêmica de Enfermagem da UECE.

2 Acadêmica de Enfermagem da UECE.

3 Enfermeira pela UECE.

4 Enfermeira pela UECE. Especialização em andamento em Urgência e Emergência.

proporcionar descanso e bem-estar a todos os seus moradores na fase de envelhecimento.

Percebe-se que nas ILPIs há uma preocupação com esse cuidar do idoso, algumas mais voltadas para procedimentos básicos e outras com uma experiência mais ampla sobre novas possibilidades de um cuidado mais integrativo e geral. No entanto, ainda é notável a necessidade de promover mais atividades de Educação em Saúde, ressaltando a sua importância nas ILPI como uma estratégia eficaz para a melhoria e manutenção da qualidade de vida das pessoas idosas, enfatizando as questões de complicações de comorbidades, prevenção de doenças e promoção da saúde.

Para resposta a demandas que buscavam uma promoção a saúde da população, o Ministério da Saúde através da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) em 2006, inseriu no Sistema Único de Saúde cinco práticas que englobam práticas milenares de origem oriental, como a Medicina Tradicional Chinesa. Dentro dessa estratégia o Ministério busca prevenir agravos, promover e restaurar a saúde dos usuários do SUS de uma maneira mais humanizada e integral que esteja totalmente voltada ao cuidado do ser humano (BRASIL, 2006), destacando-se aqui o atendimento às pessoas idosas por serem as mais vulneráveis e as que mais necessitam desse tipo de atendimento.

Essas práticas por se oporem ao modelo biomédico, possuem uma perspectiva que visa o ser humano como um todo, tratando da causa e não apenas dos sintomas. As Práticas Integrativas e Complementares (PICS) fazem parte de um grupo de terapias que não estão incluídos no meio tradicional da medicina. Recebem esse nome por fazerem auxílio ao tratamento biomédico, ajudando o mesmo a ser eficaz. Elas são capazes de incentivar a redução de complicações e promover a saúde por meio de inovações eficientes e seguras, possuindo em um dos seus pilares a escuta acolhedora, desenvolvimento de um elo entre o paciente e o terapeuta e a socialização do ser com o universo (MATOS et al., 2018).

Para Contim (2019) tais práticas envolvem abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade.

Dentre essas práticas destaca-se a Auriculoterapia, uma das Práticas Integrativas e Complementares, que considera a orelha um segmento do corpo bastante inervado com pontos que ao serem estimulados por agulha, semente de mostarda e esferas de cristais provocam reações no sistema neurovegetativo em órgãos ou regiões específicas do corpo.

Seleciona-se durante sua aplicação, os pontos auriculares de acordo com os preceitos da MTC e/ou de acordo com a reflexologia, estudada e sugerida pelo francês Paul Nogier em 1951. Nesse contexto a Auriculoterapia vem ganhando espaço a cada dia no âmbito da saúde e sendo considerada como uma das formas que mais podem promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas, especialmente das pessoas idosas por serem elas pertencentes a uma faixa etária que, por questões de desgastes são as mais vulneráveis a sofrerem comorbidades características dessa faixa etária, como as impactantes nos aspectos psíquicos, físicos, sociais e emocionais.

Logo a Auriculoterapia vem sendo utilizada, principalmente, para patologias que se caracterizam pela presença da dor, além disso, vale salientar a crescente aceitação por parte da sociedade ocidental em relação a legitimação dessa abordagem terapêutica (VAS., et al 2008).

Pode-se considerar um avanço essa aceitação progressiva, tendo em vista, uma nova forma de

aprender e praticar a atenção em saúde, levando em consideração a natureza dessa abordagem que se destaca pela interdisciplinaridade e por seu sistema singular que contempla a totalidade do ser humano se apresentando em contramão ao modelo fragmentado em especialidades (JÚNIOR,2016).

Por conseguinte, este capítulo objetiva descrever a experiência de quatro acadêmicas do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará -UECE, inseridas em um projeto de extensão voltado para às Práticas Integrativas e Complementares, especificamente a Auriculoterapia, no contexto de vida e no cuidado de idosas com dor vivendo em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos - ILPI.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência sobre a participação de estudantes de enfermagem, bolsistas do projeto intitulado TRATAMENTO COM AURICULOTERAPIA COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO DA SAÚDE MENTAL DE IDOSAS DE UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA - ILPI, em uma atividade de um projeto de extensão da UECE e que foi realizada com as idosas residentes em uma ILPI, onde todos relatavam queixas de dores e de problemas com a saúde mental. A investigação se deu no mês de julho de 2022 e investigou 30 idosas que residiam na ILPI.

Ao início das sessões foi realizado uma anamnese, sendo essa etapa crucial para entender as queixas das idosas e, assim, determinar o ponto da aurícula a ser estimulado. Além disso, foi explicado o procedimento antes de ser realizado, esclarecendo como iria ser feito e seus benefícios. Foi orientado também sobre a possibilidade de surgir alguma dor, ardor, vermelhidão ou coceira no lugar do ponto, mas isso seria o corpo reagindo ao processo.

Os dados gerados foram tratados tanto quantitativamente como qualitativamente, onde foram fundamentos pela literatura pertinente.

Resultados e discussões

A dor se caracteriza como uma manifestação subjetiva e multidimensional, que altera o bem estar das pessoas. Ela envolve dimensões emocionais, ambientais, sociais, cognitivas e individuais. Portanto, compreende-se que a dor sofre diversas influências em seu significado prático (HAUEISEN., et al 2019).

Levando em consideração que a dor é uma experiência individualizada, deve-se atentar para a descrição e as queixas relatadas pelo indivíduo e sua vivência sensorial ao estímulo doloroso, mesmo nos casos em que não exista lesões que possam ser detectadas, visto que suas emoções e expectativas são fatores influentes (HAUEISEN., et al 2019). Nesse sentido, a Auriculoterapia se apresenta como um recurso terapêutico alternativo e complementar, por meio, do estímulo a vários pontos de pressão específicos na orelha externa que apresentaram resultados esperados para muitos transtornos, incluindo os estímulos dolorosos (SUEN; WONG; CHUNG; YIP, 2007).

A Auriculoterapia se trata de um método de tratamento que possui o intuito de normalizar a disfunção do corpo por meio da estimulação de pontos definidos sobre a superfície da orelha. É um tratamento difundido em todo mundo, e seus padrões seguem os princípios da acupuntura. (SANTORO et al., 2015).

O pavilhão auricular é dividido em várias zonas, em que são identificados pontos específicos que

estão ligados a várias partes do corpo humano. Esses pontos são estimulados por meio da compressão (ROMOLI; AVGERINOS; BARATTO; GIOMMI, 2014). Um dos principais pontos é chamado “Shenmen”, um ponto de grande importância para o alívio da dor. A localização desses pontos é detectada por meio do gráfico de pontos do ouvido padrão chinês (SUEN; WONG; CHUNG; YIP, 2007).

Vale salientar que a escolha dos pontos auriculares, no caso de dores, se faz de acordo com o lugar no pavilhão auricular, correspondente ao órgão afetado. Para tanto pode ser usado, tanto as sementes, quanto as agulhas, as esferas, (ouro, prata e neutro) os cristais radiônicos e harmônicos e também os stiper.

A pressão realizada nesses pontos, geralmente se dá através de uma pequena semente redonda chamada “vacaria”, contudo, não possui efeito terapêutico se não for realizada nenhuma pressão na bandagem que contém a semente (SUEN; WONG; CHUNG; YIP, 2007).

Com a utilização da auriculoterapia, é possível um tratamento vinculado a diversos sinais e sintomas de adoecimentos apresentados pela população, mostrando-se como terapia bem sucedida na manutenção da saúde, indo além do tratamento biomédico, pois é visto sua eficácia no tratamento vinculado à dor pela liberação de endorfinas, controle da inflamação vinculado à ação da acetilcolina e o controle do processamento emocional através do sistema límbico (Lima et al., 2015).

Nesse estudo observou-se que dos 30 participantes da intervenção, 29 (96,67 %) eram do sexo feminino e um 1 (3,33%) era do sexo masculino estando entre a faixa etária de 60 a 81 anos. O predomínio de pessoas do gênero feminino pode ser justificada pelo maior interesse de mulheres neste tipo de atividade, fato difícil de ser investigado, pois a participação de idosos e idosas difere em relação a aspectos sociais, culturais, regionais e tradicionais (Pinto & Neri, 2017).

Analisando os dados, verificou-se que 86,67% dos idosos declararam que sentiram alívio da dor, além de terem se sentido mais relaxados e calmos após a sessão de auriculoterapia, apontando a melhora na disposição física para realização de atividades de vida cotidianas; do humor e na sensação de bem-estar; minimização das dores e otimização do sono. O resultado corrobora com a pesquisa de MORAIS (2018) onde a auriculoterapia mostrou-se como uma importante aliada na manutenção e preservação da saúde, podendo agir não somente no alívio da dor, mas também como auxiliar no tratamento do estresse, ansiedade, na melhora da autoestima.

Com a experiência, foi perceptível que a Auriculoterapia é considerada um meio eficaz e de baixo custo, portanto, a Auriculoterapia pode ser apontada como uma estratégia não farmacológica a ser utilizada para o alívio da dor, principalmente, diante das experiências álgicas relatadas pela pessoa idosa, podendo ser usada também de modo complementar e concomitante com outros tipos de tratamentos.

Considerações finais

Analisando os benefícios mencionados pelas idosas, decorrentes das práticas aplicadas, percebeu-se que por ser uma aliada importante no tratamento de doenças, dores e outros desequilíbrios, a Auriculoterapia possuiu um papel fundamental no dia a dia das idosas, visto que as mesmas referiram as melhoras físicas e mentais com o uso da técnica auricular.

Logo, este estudo pôde identificar que o uso da Auriculoterapia como um método não farmacológico, usado de forma complementar, que pode ser eficaz quando aplicado de forma adequada para que produza seu efeito terapêutico, podendo então alcançar os resultados desejados

no cuidado do idoso.

Ademais, as acadêmicas de Enfermagem foram beneficiadas com outra forma de enxergar a saúde e o cuidado ao idoso, sendo essa de uma maneira mais humanizada e menos tecnicista, um cuidado que não seja focado apenas na doença e sim na saúde, onde foi vislumbrado que cada pessoa envolvida passasse a ter consigo a noção do quanto as práticas integrativas e complementares juntamente com a atenção e a interação – seja através de um olhar, de uma conversa, de um toque, de um olhar humanístico são importantes para um cuidado de qualidade.

Referências

CONTIM, Carolina Lélis Venâncio; SANTO, Fátima Helena do Espírito; MORETTO, Isadora Górski. Aplicabilidade da auriculoterapia em pacientes oncológicos: revisão integrativa da literatura. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 54, e03609, 2020.

Envelhecimento ativo: uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.60p.: il.

Lima, Felipette, et al. (2015). Uso de terapias integrativas e complementares por pacientes em quimioterapia. *Av. Enferm*, 372–380. <https://search.bvsalud.org/gim/resource/en/lil-769053>.

HAUEISEN, Alice; FARIA, Aloisio; GOMES, Ana Clara; et al, 2019 – Guia Prático para o Manejo da Dor.

MATOS, P. C. et al. Práticas integrativas e complementares na atenção primária à saúde. *Cogitare Enferm*, v.23, n.2, 2018. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Políticas de Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Plano de reorganização da atenção à hipertensão arterial e ao diabetes mellitus. Departamento de ações programáticas estratégicas. Brasília: Ministério da saúde; 2001.

MORAIS, Bruna Xavier et al. Auriculotherapy and reducing chronic musculoskeletal pain: integrative review. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v. 73, supl. 6, e20190394, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020001800302&lng=en&nrm=iso>.

Pinto, J. M., & Neri, A. L. (2017). Trajectories of social participation in old age: a systematic literature review. *Revista Brasileira de Geriatria E Gerontologia*, 20(2), 259–272. <https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.160077>.

ROMOLI, Marco; AVGERINOS, Chrissanthi; BARATTO, Luigi; GIOMMI, Andrea. Auriculotherapy for Persisting Postoperative Pain Caused by Total Knee Replacement. *Medical Acupuncture*, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 97-102, abr. 2014. Mensal. Mary Ann Liebert Inc. <http://dx.doi.org/10.1089/acu.2014.1023>.

SANTORO, A; NORI, SL; LORUSSO, L; SECONDULFO, C; MONDA, M; VIGGIANO, A. Auricular acupressure can modulate pain threshold. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, Article ID 457390, p.1-7, 2015.

SUEN, Lorna K.P.; WONG, Thomas K.s.; CHUNG, Joanne W.y.; YIP, Vera Y.B.. Auriculotherapy on low back pain in the elderly. *Complementary Therapies In Clinical Practice*, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 63-69, fev. 2007. Semestral. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ctcp.2006.10.005>.

TELESI JÚNIOR, Emílio. Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, uma nova eficácia para o SUS. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 30, n. 86, p. 99-112, mar. 2016. Quadrimestral. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/gRhPHsV58g3RrGgJYHJQVTn/?lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2021. VAS, Jorge; AGUILAR, Inmaculada; CAMPOS, M Ángeles; MÉNDEZ, Camila; PEREA-MILLA, Emilio; MODESTO, Manuela; CARO, Paloma; MARTOS, Francisco; GARCÍA-RUIZ, Antonio J. Randomised controlled study in the primary healthcare sector to investigate the effectiveness and safety of auriculotherapy for the treatment of uncomplicated chronic rachialgia: a study protocol. *Bmc Complementary And Alternative Medicine*, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 1-7, 6 jul. 2008. Semestral. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/1472-6882-8-36>

30 TELECUIDADO DE ENFERMAGEM COM IDOSOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Terezinha Almeida Queiroz (UECE)¹

Carla Stéfanny Pinheiro Pinto (UECE)²

Ana Marília Ancelmo Oliveira Lima (UECE)³

Sadi Antonio Pezzi Junior (UECE)⁴

Rebeca Nogueira Feitosa (UECE)⁵

Samya Coutinho de Oliveira Mousinho (UECE)⁶

Introdução

O idoso, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), é todo indivíduo com 60 anos ou mais. De acordo com dados do IBGE de 2018, respaldado pelo Censo Demográfico de 2010, o Brasil possui mais de 28 milhões de pessoas dentro dessa faixa etária. Evidencia-se que representa cerca de 13% da população total, sendo em sua maioria as mulheres (PERISSE, 2019).

Com o envelhecimento, tem-se que ocorrem alterações funcionais e orgânicas no corpo da pessoa idosa, tornando-a dependente e vulnerável. Com o advento da Pandemia da Covid-19, tornou-se necessário o desenvolvimento de estratégias para a continuidade do cuidado em saúde, inclusive dessa população. Sendo assim, a prática intitulada como Telecuidado ganha destaque, uma ferramenta já antes utilizada, aprimorando o atendimento em saúde (DIAS et al., 2018).

Assim, uma das possibilidades de realização de tal atividade em saúde, seria com os idosos residentes em instituições de apoio. Dentre os principais fatores que influenciam na institucionalização, tem-se as comorbidades; o número reduzido de integrantes da família, bem como a ausência de condições físicas, financeiras e psicológicas para prestar o cuidado em domicílio; e o desejo do próprio idoso em não incomodar os seus familiares (HADDAD, 2020).

Nesse contexto, a enfermagem, por ser uma profissão voltada para o cuidado, tem como dever prestar assistência especializada a esta população. Dentre as principais atividades, destacam-se comumente o monitoramento dos sinais vitais, administração de medicamentos, promoção da segurança no ambiente, prevenção de complicações de comorbidades e de lesões por pressão, orientação e educação em saúde (FERREIRA et al., 2021).

Cabe evidenciar acerca da teleconsulta, na qual está contida e inserida no telecuidado, sendo uma ferramenta em saúde que utiliza as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), como o smartphone, notebook e tablet para realizar atendimento aos usuários. Através das TIC,

1 Doutora em Cuidados Clínicos em Saúde pela Universidade Estadual do Ceará, professora efetiva do curso de enfermagem. terezinha.queiroz@uece.br

2 Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará, bolsista de extensão. stefanny.pinto@aluno.uece.br

3 Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará, bolsista de extensão. lima.marilia@aluno.uece.br

4 Graduando em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará, bolsista de iniciação científica. sadi.pezzi@aluno.uece.br

5 Enfermeira pela Universidade Estadual do Ceará. rebecanogueirafeitosa@gmail.com

6 Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará, professora adjunta do curso de enfermagem. samya.coutinho@uece.br

torna-se possível realizar ligações, videoconferência e trocas de mensagens com eles (RODRIGUES et al., 2021).

Dessa forma, a teleconsulta de enfermagem foi normatizada e respaldada pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), através da Resolução Nº 634/2020. Cabe citar que tal ferramenta viabiliza ao profissional as consultas, esclarecimentos de dúvidas, encaminhamentos, monitoramento e acompanhamento (COFEN, 2020).

Tem-se que as TIC são importantes instrumentos que oportunizam a realização do teleatendimento em saúde. Compreende-se que permitem o intercâmbio à distância entre o enfermeiro e o usuário, ocorrendo tanto on-line, de forma síncrona - contato imediato entre o emissor e receptor -, e assíncrona - o emissor envia a mensagem, mas o receptor não irá recebê-la imediatamente -, como no remoto, que seria voltado exclusivamente ao formato síncrona, através da transmissão em tempo real (MUSSI et al., 2018).

O Telecuidado tornou-se importante iniciativa para qualificar o cuidado de enfermagem. O uso desta prática profissional está em franca expansão nos países desenvolvidos e vem contribuindo diretamente na qualificação da assistência e tomada de decisão do enfermeiro. Além disso, possui associação com a melhora dos resultados e desfechos em relação à saúde da população e na diminuição de barreiras geográficas de acesso (SANTOS et al., 2021).

Embora já exista a tecnologia necessária para que os sistemas de informação sejam interoperáveis, ainda persistem obstáculos, como a falta de uma cultura de compartilhamento de informações, os aspectos legais e normativos e a ineficiência administrativa (SILVA et al., 2021).

Considerando a multiplicidade de fatores relacionados à fragilidade e vulnerabilidade dos idosos frente a pandemia de Covid-19, fez-se necessário considerar uma abordagem inovadora por meio do telecuidado. Assim, foi cogitado esse instrumento em saúde a fim de alcançar o respectivo público e prestar a assistência necessária, sem que houvesse uma exposição indevida dos mesmos, contribuindo assim também, para um dimensionamento mais eficaz e abrangente.

O estudo objetivou relatar a experiência dos discentes de enfermagem na realização do Telecuidado com idosos no contexto da pandemia da Covid-19.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, que vislumbrou descrever a vivência dos membros do Projeto de Extensão voltado à temática do telecuidado de enfermagem com idosos no contexto da pandemia da Covid-19, vinculado ao curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

O relato de experiência em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico científico explicativo, por meio da aplicação crítica reflexiva com apoio teórico metodológico (experiência distante) (MUSSI, 2021).

O estudo foi realizado entre os meses de Agosto e Setembro de 2022, em dois territórios distintos, onde cada extensionista ficou responsável por um local. O primeiro local escolhido foi, uma instituição de longa permanência para idosos na cidade de Fortaleza -CE e o segundo foi um bairro no município de Jaguaribe, também no estado do Ceará.

A amostra final foi composta por 14 idosos entre homens e mulheres com idades igual ou

superior a sessenta anos. Os critérios de elegibilidade para a inclusão na amostra foram: residir em um dos territórios escolhidos para coleta, ter idade igual ou maior que sessenta anos, possuir algum meio de comunicação que possibilitasse as teleconsultas e aceitar participar da pesquisa. Foram excluídos do estudo aqueles que não possuíam aparelho eletroeletrônico para comunicação síncrona ou assíncrona, bem como, aqueles que não aceitaram participar das teleconsultas.

Compreende-se que o projeto tem como objetivo compartilhar informações com respaldo científico para idosos e promover o empoderamento deles acerca de vivências relacionadas ao envelhecimento. Tem-se que as atividades foram desenvolvidas de forma sistematizada, seguindo as seguintes etapas: levantamento bibliográfico, estudo dos determinantes e condicionantes encontrados na literatura sobre a temática, planejamento de ações e divisão de tarefas, elaboração do instrumento para coleta de dados, visita técnica para observação, escuta ativa e colhimento de contato dos idosos, realização das teleconsultas, agrupamento dos dados obtidos e intervenção com base nas demandas encontradas.

Desenvolvimento

As ferramentas utilizadas para a realização do telecuidado foram a observação com anotações em diário de campo; a sistematização da assistência de enfermagem; e as escalas de Lachs, de Katz: atividades básicas de vida diária (AVD), de Lawton e de Depressão Geriátrica.

Figura 1 - Escala de LACHS, Fortaleza, Ce, Brasil, 2022.

Áreas de teste	Procedimento	Resultado anormal
1. Visão	Testar a visão com cartão de Jaeger enquanto o(a) paciente usa lentes corretoras (se aplicável)	Não lê melhor que 20/40
2. Audição	Sussurrar a pergunta "qual é o seu nome?" em cada ouvido, com a face do examinador fora da visão direta do paciente	Não responde
3. Incontinência urinária	Perguntar: "No último ano, o(a) senhor(a) perdeu urina e molhou roupas íntimas sem querer?". "Isso aconteceu em, pelo menos, 6 dias separados?"	Sim à 2ª pergunta
4. AVD/AIVD	Perguntar: "O(a) senhor(a) pode levantar-se da cama sem ajuda? Pode vestir-se sozinho(a)? Pode preparar suas refeições? Pode fazer compras sozinho(a)?"	Não a qualquer pergunta
5. Braço	Pedir: "Toque a nuca com ambas as mãos"; "pegue a colher".	Não consegue um ou outro
6. Perna	Observar o(a) paciente após pedir: "Levante-se da cadeira, ande 3 metros, retorne e sente-se". Tempo de percurso: _____	Não anda, levanta ou faz o percurso em t > 12 s
7. Nutrição	Peso: _____ kg Alt.: _____ IMC: _____ kg/m ²	IMC < 22 kg/m ²
8. Estado mental	Memorize as palavras: carro, vaso, bola. Pedir para repetir depois de 1 min	Não repetir uma das palavras
9. Depressão	Perguntar: "O(a) senhor(a) sente-se muitas vezes triste ou deprimido(a)?"	Sim
10. Ambiente no domicílio	Perguntar: "O(a) senhor(a) tem dificuldades em subir/descer escadas em seu domicílio? Tem banheira ou tapete solto? Há algum lugar na sua casa com pouca iluminação?"	Sim a qualquer pergunta
11. Apoio social	Perguntar: "O(a) senhor(a) tem familiares, amigos ou vizinhos com quem possa contar em caso de doença ou emergência?"	Ninguém

A escala de LACHS tem como função a realização da triagem funcional do idoso. Seu principal objetivo é o rastreamento de indicadores capazes de gerar perda da capacidade funcional. É comumente utilizado para identificar os principais fatores que podem condicionar o idoso a desenvolver alterações funcionais capazes de interferir no desempenho das suas atividades diárias (VERAS, 2020).

Figura 2 - Escala de KATZ, Fortaleza, Ce, Brasil, 2022.

Banho [I] Não recebe assistência () [A] Assistência para uma parte do corpo () [D] Não toma banho sozinho ()	Transferência [I] Deita, levanta e senta sem assistência () [A] Deita, levanta e senta com assistência () [D] Não levanta da cama ()
Vestuário [I] Não recebe assistência () [A] Assistência para amarrar os sapatos () [D] Assistência para vestir-se ()	Continência [I] Controle esfinteriano completo () [A] Acidentes ocasionais () [D] Supervisão, uso de cateter ou incontinente ()
Higiene pessoal [I] Não recebe assistência () [A] Recebe assistência para ir ao banheiro () [D] Não vai ao banheiro para eliminações fisiológicas ()	Alimentação [I] Não recebe assistência () [A] Assistência para cortar carne ou passar manteiga no pão () [D] Com assistência, ou sondas, ou fluidos ()

Fonte: Enfermagem Ilustrada

A escala de KATZ tem como objetivo avaliar o grau de dependência do idoso, baseado na possível necessidade de auxílio para realizar atividades básicas da vida diária, pontuando se este possui dependência parcial ou independência (VIEIRA et al., 2018).

Quadro 1 - Escala de LAWTON, Fortaleza, Ce, Brasil, 2022.

Pergunta	Maior Pontuação	Média Pontuação	Menor Pontuação
1. Consegue usar o telefone?	Sem ajuda 3 ()	Com ajuda parcial 2 ()	Não consegue 1 ()
2. Consegue ir a locais distantes, usando algum transporte, sem necessidade de planejamentos especiais?	Sem ajuda 3 ()	Com ajuda parcial 2 ()	Não consegue 1 ()
3. Consegue fazer compras?	Sem ajuda 3 ()	Com ajuda parcial 2 ()	Não consegue 1 ()
4. Consegue preparar suas próprias refeições?	Sem ajuda 3 ()	Com ajuda parcial 2 ()	Não consegue 1 ()
5. Consegue arrumar a casa?	Sem ajuda 3 ()	Com ajuda parcial 2 ()	Não consegue 1 ()

6. Consegue fazer os trabalhos manuais domésticos, como pequenos reparos?	Sem ajuda 3 ()	Com ajuda parcial 2 ()	Não consegue 1 ()
7. Consegue lavar e passar roupa?	Sem ajuda 3 ()	Com ajuda parcial 2 ()	Não consegue 1 ()
8. Consegue tomar seus remédios na dose certa e horário correto?	Sem ajuda 3 ()	Com ajuda parcial 2 ()	Não consegue 1 ()
9. Consegue cuidar de suas finanças?	Sem ajuda 3 ()	Com ajuda parcial 2 ()	Não consegue 1 ()

Fonte: Autores, 2022.

A escala de LAWTON é comumente realizada em formato de interrogatório, onde o profissional, baseando-se nela, questiona o paciente, ou seu acompanhante, caso este não esteja apto a responder sobre seu desempenho em algumas atividades de rotina, avaliando sua independência total, parcial ou independente (KOBAYASI et al., 2018).

Quadro 2 - Escala de Depressão Geriátrica, Fortaleza, Ce, Brasil, 2022

Pergunta	Afirmação	Negação
Você está basicamente satisfeito com sua vida?	Sim ()	Não ()
Você deixou muitos de seus interesses e atividades?	Sim ()	Não ()
Você sente que sua vida está vazia?	Sim ()	Não ()
Você se aborrece com frequência?	Sim ()	Não ()
Você se sente de bom humor a maior parte do tempo?	Sim ()	Não ()
Você tem medo que algum mal vá lhe acontecer?	Sim ()	Não ()
Você tem medo que algum mal vá lhe acontecer?	Sim ()	Não ()
Você se sente feliz a maior parte do tempo?	Sim ()	Não ()

Você sente que sua situação não tem saída?	Sim ()	Não ()
Você prefere ficar em casa a sair e fazer coisas novas?	Sim ()	Não ()
Você se sente com mais problemas de memória do que a maioria?	Sim ()	Não ()
Você acha maravilhoso estar vivo?	Sim ()	Não ()
Você se sente um inútil nas atuais circunstâncias?	Sim ()	Não ()
Você se sente cheio de energia?	Sim ()	Não ()
Você acha que sua situação é sem esperanças?	Sim ()	Não ()
Você sente que a maioria das pessoas está melhor que você?	Sim ()	Não ()

Fonte: Autores, 2022.

A Escala de Depressão Geriátrica - Geriatric Depression Scale (GDS), foi desenvolvida por Yesavage em 1983, sendo um dos instrumentos mais comumente aplicados para rastreamento de depressão entre a população idosa (TZS, 2018).

Seguindo a sistematização pré-estabelecida sobre as territorializações, a extensionista que ficou responsável pela instituição de longa permanência pode perceber durante a visita que as idosas em sua maioria não tinham livre acesso à internet e poucas possuíam aparelhos eletrônicos que permitem um atendimento assíncrono por meio de aplicativo de mensagem, fato este que não impede o telecuidado, mas o limita.

Cabe ao enfermeiro estimular o uso das TIC pelos clientes idosos, a vista que oportuniza a adesão na atividade de teleconsulta, bem como no vínculo social, mantendo contato com familiares e amigos. Embora, seja válido pontuar que, existem barreiras de acesso à internet e manuseio das tecnologias, bem como as incapacidades físicas e mentais que acometem alguns idosos (PEREIRA, 2020).

No que diz respeito a saúde, pode-se considerar que o ambiente, as relações interpessoais e a rotina influenciam diretamente no bem estar fisiológico e na saúde mental das idosas institucionalizadas, uma vez que, no contexto da pandemia quando a segurança do ambiente, as relações interpessoais e a rotina delas foram afetadas, muitas passaram a referir sinais e sintomas de transtornos de ansiedade e até mesmo depressão, além de uma piora, com picos de instabilidade, daquelas que já possuíam acometimentos crônicos como hipertensão e diabetes mellitus.

A institucionalização gera impactos importantes na saúde mental da pessoa idosa, sendo capaz de causar desequilíbrio dos aspectos biopsicossociais, como a fragilidade do vínculo familiar, declínio funcional com a perda da autonomia e independência. Estes fatores são preponderantes e podem ocasionar danos no bem-estar e qualidade de vida da pessoa idosa (LEAL et al., 2021)

Sendo assim, levando em consideração as observações feitas na visita, além da formação

do vínculo inicial com as idosas, tornou-se possível a prática do telecuidado por meio de ligações telefônicas, devido a limitação de aparelhos que não tinham acesso a aplicativos de videochamada. Com isso, através de uma abordagem popular, clara e concisa foram feitas perguntas relacionadas a história pregressa, comorbidades e medicações utilizadas.

Em seguida, foi realizado o histórico de enfermagem, avaliando comportamentos e queixas referentes à respiração, as eliminações, ao sono e repouso e a integridade tissular. Logo após, iniciou-se a triagem funcional, realizada através da análise das escalas. Assim, a escala de Lachs foi utilizada com o objetivo de identificar fatores de risco para o desenvolvimento de alterações funcionais. Semelhantemente, a escala de Katz foi aplicada para avaliação de atividades cotidianas instrumentais com intuito de rastrear limitações básicas. Ainda, foi possível avaliar o nível de dependência do idoso por meio da escala de Lawton. Além disso, a escala de Depressão Geriátrica norteou os cuidados à saúde mental ao rastrear possíveis sugestões de depressão.

Após a coleta de dados, ainda foi possível realizar um plano de cuidados de acordo com os diagnósticos de enfermagem, os resultados esperados e as intervenções a serem feitas. E para a conclusão do atendimento, a extensionista questionou se haviam dúvidas após as condutas tomadas de acordo com as demandas apresentadas e verificou se todas as informações foram compreendidas. O registro da teleconsulta é obrigatório e pautado na sistematização e processo de enfermagem, para organização e orientação do cuidado centrado nas medidas de isolamento social, proteção ambiental e manejo de complicações (RODRIGUES et al., 2021)

A aplicação das escalas e da sistematização foram de suma importância para o direcionamento e dinamicidade do telecuidado. Tais instrumentos, contribuíram de forma facilitadora na condução da teleconsulta. Apesar de ter sido desafiador em alguns momentos a aplicação por ligação, como em alguns pontos da escala de LACHS, em que a distância impossibilitou a avaliação.

Equitativamente, a extensionista que ficou encarregada de realizar as atividades com os idosos de um bairro do município de Jaguaribe - Ceará, notou que a maioria dos idosos tinha acesso a internet, e conseguiam responder às consultas pelo celular sem nenhum problema, e até mesmo possuíam redes sociais.

Foi observado que os idosos se sentiram acolhidos e satisfeitos com a demonstração de cuidado, evidenciando assim a necessidade de uma atenção especial para esse grupo populacional. Grande parte dessas pessoas não realizam muitas atividades de recreação, causando assim uma rotina entediante, sem diversão e sem grandes expectativas.

Com as teleconsultas houve redução da exposição do paciente ao risco de contaminação por vírus SarsCoV-2; continuidade da assistência durante o isolamento social; amparo no período de maiores dúvidas, anseios e medo no enfrentamento a pandemia; maior aproximação e abertura para a adesão efetiva às orientações com o uso de empatia e de linguagem simplificada nas abordagens; o paciente foi assistido no conforto do seu lar; o paciente desfrutou de maior tempo com seus familiares e teve a participação de outros membros da casa em seu cuidado; houve redução de gastos com transportes e cuidadores contratados (GUERRA et al., 2020).

Nas teleconsultas foram dadas informações e orientações de como evitar a infecção com o vírus da Covid-19, como dicas de higiene das mãos, utilizando uma linguagem de fácil entendimento. Com isso foi deixado claro a disponibilidade da extensionista para auxiliar virtualmente em situações que precisassem de orientação, dando assim o apoio necessário,

no conforto e segurança de suas casas de forma síncrona, por meio de ligações telefônicas ou videochamadas ou assíncronas por redes sociais ou aplicativos de mensagens.

Com base nisto, observa-se que ao transferir estas concepções para o processo de ensino e aprendizagem em educação em saúde, conseguimos explorar as potencialidades da internet e suas mídias sociais de comunicação para socializar a produção do conhecimento em saúde, intermediando assim a relação entre população e profissionais de saúde que estão separados fisicamente (SOUZA et al., 2020)

O telecuidado proporcionou aos discentes vislumbrar um profundamente os enfrentamentos e as vivências das pessoas idosas e atrelar a uma ferramenta tecnológica e inovadora que é a teleconsulta. Evidenciou-se que na prática, o telecuidado é uma realidade acessível e viável aos profissionais e que as informações repassadas por este meio tendem a ser compreendidas tanto quanto tradicionalmente. O telecuidado é um facilitador e gera rapidez e fluidez nos atendimentos e no dimensionamento das demandas. Em contrapartida, no que diz respeito aos idosos, a falta de adesão por algum motivo pessoal e a dificuldade em manusear aparelhos eletrônicos ainda é uma realidade que dificulta a empregabilidade efetiva da teleconsulta para uma parte dessa população.

Considerações finais

Este estudo procurou colaborar ativamente no acolhimento ao idoso durante o período da pandemia de Covid-19, possibilitando a elaboração de medidas de cuidado e prevenção, amenizando os impactos físicos e psíquicos causados pelo isolamento social e, por consequência, do encaminhamento dessa população aos serviços presenciais de saúde.

Podemos ressaltar, por meio de diversos relatos, que a população idosa vem tendo dificuldade no uso dos meios de informação e comunicação voltados para a saúde, tendo em vista fatores comumente relacionados ao medo, dificuldade e até ao desinteresse destes ao uso de aparelhos tecnológicos.

Por isso, iniciativas de extensão voltadas ao telecuidado desta população ainda são fundamentais, tendo em vista que este tipo de ação se caracteriza por ser um meio de acolhimento, mesmo que de forma complementar, garantindo assim a continuidade dos cuidados comumente prestados em domicílio.

Diante do exposto, pode-se concluir que o estudo foi realizado de maneira satisfatória e contribuiu para o aprendizado do grupo, vinculando a teoria à prática, contemplando e beneficiando os idosos por meio da associação da tecnologia à assistência de enfermagem.

Referências

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº 634/2020, de 26 de março de 2020. Autoriza e normatiza, “ad referendum” do Plenário do Cofen, a teleconsulta de enfermagem como forma de combate à pandemia provocada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), mediante consultas, esclarecimentos, encaminhamentos e orientações com uso de meios tecnológicos, e dá outras providências. Brasília: COFEN, 2020. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-0634-2020_78344.html>. Acesso em: 06 out. 2020.

DIAS SCF, et al. Telemedicina Aplicada aos Cuidados dos Idosos no Brasil. In: Anais do V Congresso Brasileiro de Eletromiografia e Cinesiologia e X Simpósio de Engenharia Biomédica;

2018;Uberlândia.p.843-846. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/cobecseb/78999-TELEMEDICINA-APLICADA-AOS-CUIDADOS-DOS-IDOSOS-NO-BRASIL>>. Acesso em: 06/10/2022

FERREIRA, J. M. et al. Gerontotecnologia para prevenção de quedas: cuidado de enfermagem ao idoso com Parkinson. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 55, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1980-220X2020018403748>>. Acesso em: 05/10/2022.

GUERRA E.R. et al. Implementação da teleconsulta na enfermagem de reabilitação durante a pandemia pelo coronavírus: relato de experiência. *Rev. Enferm. Digit. Cuid. Promoção Saúde*. 2021;1-6. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/2446-5682.20210018>>. Acesso em: 07/10/2022

HADDAD, P. C. M. B; CALAMITA, Z. Aspectos sociodemográficos, qualidade de vida e saúde do idoso institucionalizado. *Rev. enferm. UFPE on line*, p. [1-11], 2020. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/esSiqueira/biblio-1095925>>. Acesso em: 05/10/2022.

KOBAYASI, D. Y. et al. Sobrecarga, rede de apoio social e estresse emocional do cuidador do idoso. *Avances en Enfermería*, v. 37, n. 2, p. 140-148, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002019000200140>. Acesso em: 06/10/2022.

LEAL, L.O. et al. Relação entre a institucionalização e a saúde mental da pessoa idosa: uma revisão integrativa. *Rev Enferm Contemp*. 2021;10(1):169-179. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3378rec.v10i1.3033>>. Acesso em 07/10/22

MUSSI, F. C. et al. Telenfermagem: contribuições para o cuidado em saúde e a promoção do conforto. *Rev. Cient. Sena Aires, Goiás*, v. 7, n. 2, p. 76-9, 2018. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/306>. Acesso em: 07/10/2022.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 6 out. 2022.

MALTA, E. M. B. R. et al. Práticas de profissionais da Atenção Primária à Saúde (APS) no cuidado a idosos com demência. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 24, p. e190449, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.190449>>. Acesso em: 06/10/2022.

PEREIRA, F.A.C; CORREIA, D.M.S. O uso da Teleconsulta pelo enfermeiro a cardiopatas: uma reflexão durante a pandemia por COVID-19 no Brasil. *Enferm. foco (Brasília)*;11(2,n.esp): 167-171, dez. 2020. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3729/1001>>. Acesso em: 06/10/2022.

PERISSE, M.M. Agência IBGE Notícias. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencianoticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade>>. Acesso em: 04/10/ 2022.

RODRIGUES, M.A. et al. Teleconsultation as an advanced practice nursing during the COVID-19 pandemic based on Roy and Chick-Meleis. *Rev Esc Enferm USP*. 2022;56(spe):e20210438. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2021-0438en>>. Acesso em: 07/10/2022

RODRIGUES, M.A. et al. Telenursing in the Home Care Service in COVID-19 pandemic: a cross-sectional study. *Online Braz J Nurs [Internet]*. 2021; 20 Suppl 1:e20216462. Disponível em: <<https://doi.org/10.17665/1676-4285.20216462>>. Acesso em: 05/10/2022.

SÁ, G. G. M. et al. Tecnologias desenvolvidas para a educação em saúde de idosos na comunidade: revisão integrativa da literatura. *Revista latino-americana de enfermagem*, v. 27, 2019. Disponível

em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1590>>. Acesso em: 05/10/2022.

SANTOS, L.R. et al. Teleconsultorias síncronas para enfermeiras(os): ferramenta de suporte à prática clínica na atenção primária à saúde. *Enfermagem em Foco*. 2021;12(Supl.1):77-81. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/5168/1163>>. Acesso em: 05/10/2022.

SILVA, R.S. et al. O Papel da Telessaúde na Pandemia Covid-19: Uma Experiência Brasileira. *Ciênc. Saúde Colet* ; 26(6): 2149-2157, jun. 2021. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1278709>>. Acesso em: 05/10/2022.

SOUZA, T.S. et al. Mídias sociais e educação em saúde: o combate às Fake News na pandemia da COVID-19. *Enferm. Foco*. 2020; 11 (1) Especial: 124-130. Disponível em: <<file:///C:/Users/anama/Downloads/3579-21259-1-PB.pdf>>. Acesso em: 07/10/2022

T ZS, S. T. Aplicação da Escala de Depressão Geriátrica de Yesavage em instituições de longa permanência. *Revista Nursing*, v. 21, n. 237, p. 2030-2035, 2018. Disponível em: <http://www.revistanursing.com.br/revistas/237-Fevereiro2018/aplicacao_da_escala_de_depressao_geriatrica.pdf>. Acesso em: 06/10/2022.

VERAS, R. O modelo assistencial contemporâneo e inovador para os idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 23, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200061>>. Acesso em: 06/10/2022.

VIEIRA, S. V. A. et al. Risco de lesão por pressão em idosos com comprometimento na realização de atividades diárias. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, v. 8, 2018. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/2599>>. Acesso em: 06/10/2022

31 FATORES AMBIENTAIS E RISCO DE QUEDAS EM IDOSOS: AÇÃO EDUCATIVA SOBRE PREVENÇÃO E CUIDADOS

Bianca Rodrigues de Sousa (UECE)¹

Livia Elen Silva Lopes (UECE)²

Francisca Luana Gomes Teixeira (UECE)³

Caroline Araújo Lopes (UECE)⁴

Luana Nunes Caldini (UECE)⁵

Introdução

O envelhecer compreende um processo natural que acontece com todos os indivíduos, tal acontecimento afeta diretamente o ser em toda a sua integralidade e essa temática tem estado em constante observação no mundo. Na modernidade, o envelhecimento tem ganhado destaque e causado muitas discussões por constituir não apenas como um fenômeno demográfico, mas econômico, social, cultural, político e ético. Sendo assim, essa parcela significativa da população demandará cuidados, direitos e políticas públicas específicas que possam assegurá-la (MENDONÇA et al, 2021).

Por meio do envelhecimento natural, o ser humano pode apresentar uma série de limitações físicas e fisiológicas, que contribuem para o aumento dos riscos de agravos à saúde ocasionados por causas externas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 28 a 30% das pessoas com mais de 65 anos de idade sofrem um episódio de queda ao ano e a população com idade de 70 anos apresenta valores de 32 a 42%. No ano de 2013, ocorreram 93.312 internações por quedas em pessoas com idade superior a 60 anos, registradas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Quanto à mortalidade, dados do mesmo ano mostram que houveram 8.875 mortes por essa causa no país (ABREU et al, 2021).

O envelhecer natural está ligado à capacidade de adaptação do indivíduo aos eventos e às agressões do meio ambiente. Assim, cada sujeito envelhece do seu modo, dependendo de variáveis como o sexo, origem, lugar em que vive, tamanho da família, aptidões para a vida e as experiências vivenciadas. A exposição ao estresse ou ao tabagismo, a falta de exercícios ou a nutrição inadequada são outros fatores que contribuem para determinar a qualidade do envelhecimento. O envelhecimento e a doença não podem ser tratados como fatores intimamente dependentes ou interligados, porém existe maior vulnerabilidade a adoecer, ou seja, uma predisposição à doença (BRAZ, CIOSAK, 2006).

A fragilidade associada à pessoa idosa revela que o corpo em envelhecimento apresenta alterações morfológicas naturais que podem contribuir para exposição de riscos, onde os fatores intrínsecos e extrínsecos se encontram diretamente relacionados com a ocorrência das quedas. Esses eventos apresentam inúmeras significações, tanto para pessoa idosa por ocasionar fraturas,

1 Discente do Curso de Graduação em Enfermagem, e-mail: bianca.sousa@aluno.uece.br

2 Discente do Curso de Graduação em Enfermagem, e-mail: livia.lopes@aluno.uece.br

3 Discente do Curso de Graduação em Enfermagem, e-mail: llua.gomes@aluno.uece.br

4 Discente do Curso de Graduação em Enfermagem, e-mail: caroline.lopes@aluno.uece.br

5 Docente do Curso de Graduação em Enfermagem, e-mail: luana.caldini@uece.br

incapacidade e até mesmo risco de morte quanto para a sociedade por gerar gastos aos serviços de saúde com internações prolongadas e mudanças na configuração da família que atua diretamente no cuidado (ESTRÊLA; MACHIN, 2021).

Os fatores intrínsecos são aqueles relacionados ao processo de envelhecimento fisiológico, sendo os responsáveis pelo surgimento de comorbidades que acompanham o idoso durante todo o seu percurso e tornam o seu organismo mais frágil e mais vulnerável às possíveis ameaças à estabilidade. Enquanto os fatores extrínsecos estão ligados às condições ambientais que podem estar presentes dentro dos próprios lares, demonstrando assim uma necessidade de adaptação e atenção para facilitar a prevenção da ocorrência de novos eventos.

O risco de quedas em idosos é uma problemática atual e presente na sociedade, tendo em vista que com os avanços na saúde a população tem vivido mais. Por conta disso, o ser em envelhecimento apresenta predisposições que podem o deixar mais vulnerável para tais eventos, gerando assim repercussões como perda de autonomia, internações, institucionalizações, mudança na dinâmica familiar e impactos na saúde física e psicológica. Esses impactos pessoais e sociais são possíveis de prevenção, tendo em vista que a conscientização e disseminação de informações sobre ambientes seguros, calçados adequados e adaptação de pequenos objetos podem transformar positivamente a vida do idoso no que diz respeito a produção de um cenário que afaste os possíveis riscos que podem levar a quedas.

Diante do exposto, é válido ressaltar a necessidade da abordagem dessa temática dentro do contexto da formação em saúde para que as informações adquiridas sejam transmitidas e possam gerar impactos sociais ativos na vida da família, do cuidador e da pessoa idosa. Através das atividades de educação em saúde torna-se possível esclarecer dúvidas, mudar hábitos e pensamentos que podem impactar diretamente nos fatores preditivos que estão relacionados ao risco de queda em idosos.

Nessa conjuntura, tendo em conta a importância da prevenção de quedas em idosos, o presente estudo relata a experiência da elaboração de uma ação educativa desenvolvida por discentes do curso de graduação de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará, incentivando a necessidade de conhecer e levantar os fatores de risco de quedas em idosos com vista à identificação da situação e possível prevenção.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência descritivo, com uma abordagem qualitativa de uma atividade de educação em saúde. Segundo Gil (2017), os estudos descritivos possuem como objetivo definir características de certa população ou evento, assim como, reconhecer a correlação entre as variáveis.

A disciplina de enfermagem geriátrica e gerontológica compõem a matriz curricular do curso de Enfermagem (fluxo 2005/1), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A cadeira é ministrada por duas professoras, semanalmente, no período diurno. Nesta disciplina os discentes são aproximados dos aspectos físicos, sociais e psicológicos que envolvem o envelhecimento. Como forma de avaliar e analisar o conhecimento adquirido ao longo do regulamento, os alunos são estimulados a desenvolver atividades que reverberam de forma positiva na sociedade e no seu aprendizado.

Com isso, a avaliação da disciplina se deu em três tópicos, sendo eles uma atividade teórica impressa, uma apresentação dissertativa em sala de aula e por fim o desenvolvimento de uma educação em saúde extra sala, todos em grupos. Tomando ênfase na prática educativa como assunto principal do presente estudo, as possíveis temáticas da ação e o dia de aplicação foram distribuídas em forma de sorteio. Com a designação do tema sorteado “Fatores ambientais e risco de queda em idosos”, o grupo autor realizou no total de três reuniões em prol de analisar a melhor forma de perpassar o conteúdo escolhido.

Cada reunião foi realizada presencialmente na universidade. Neste momento, as alunas apresentavam, de forma expositiva, suas possíveis ideias e métodos de apresentação do conteúdo, buscando sempre a inovação na aplicação, visto que um dos pontos de avaliação seriam a criatividade e dinâmica na exposição. Dessa forma, após momentos de discussão e escolha de ideias, foi decidido em grupo todos os detalhes da educação em saúde.

Desse modo, buscando não somente atingir uma boa avaliação das docentes, mas também ser canal de conhecimento aos participantes, no mês de Maio de 2022, a intervenção em saúde sobre prevenção de quedas em idosos foi desenvolvida e colocada em prática por graduandas no sétimo semestre de enfermagem. A ação ocorreu no corredor central da UECE localizada na cidade de Fortaleza, Ceará, no período da manhã, uma vez que existe um grande fluxo de docentes, discentes, servidores públicos e terceirizados. Como material de apoio para facilitar a compreensão dos ouvintes e tornar a apresentação mais dinâmica, o grupo fez uso de maquetes, objetos e folders.

Discussão

Ao todo, 20 pessoas participaram da ação. Sendo discentes, docentes, servidores e profissionais terceirizados da universidade de ambos os sexos, classificados etariamente entre jovens, adultos e idosos. A ação contou com a participação de alunos e professores de diversos cursos, como Nutrição, Pedagogia, Administração, Enfermagem, Educação Física, não sendo exclusiva ao curso de Enfermagem. O fluxo de participantes se deu por demanda espontânea, não sendo atribuído nenhum ônus aos envolvidos. Cada experiência, incluindo a maquete, objetos e folder, levou aproximadamente 12 minutos para cada participante.

Implementação da ação educativa sobre o risco de queda em idosos: prevenção e cuidados

A priori o participante foi convidado, pelas graduandas responsáveis, a aproximar-se do local onde estava ocorrendo a ação. Posteriormente, as alunas buscavam identificar os conhecimentos prévios que o mesmo possuía sobre a temática. Após uma breve introdução sobre os aspectos que estão envolvidos com envelhecimento e a apresentação de dados epidemiológicos sobre a quantidade de idosos que caem anualmente e o reflexo na qualidade de vida pós queda, a atenção dos participantes era direcionada para as maquetes.

Utilizou-se duas maquetes (Figura 1), nas quais estavam retratados quartos, salas, banheiros e cozinhas de uma casa. O que as diferenciava era que na primeira havia fios de eletrodomésticos longos e soltos, móveis altos e de difícil acesso, tapetes desarrumados em todos os cômodos e calçados espalhados. Já a segunda maquete representava uma casa ideal, na qual os móveis estavam dispostos em locais que não dificultavam a passagem, os tapetes eram antiderrapantes e os fios dos eletrodomésticos eram curtos ou estavam presos. Os participantes foram convidados a

participar de um “Jogo dos Erros” com a maquete, onde teriam que identificar os erros e possíveis obstáculos, materiais e móveis que poderiam ocasionar quedas.

Somado-se a isto, para proporcionar uma efetiva experiência sensorial, os participantes foram convidados a pisar em um tapete antiderrapante e um tapete de algodão, com o intuito que fosse percebido o risco de escorregar em um tapete que não é apropriado, além disso, os participantes foram instigados a segurar e analisar o tipo de calçado ideal para os idosos (Figura 2).

Por fim, após as orientações, a apresentação das maquetes e a experiência sensorial, todas as dúvidas dos participantes foram sanadas e foi entregue um folder com recomendações de modificações simples que podem ser feitas no ambiente doméstico com o objetivo de minimizar o risco de quedas em idosos.

Figura 1 - Maquete representando os cenários de duas casas. Fortaleza, Ceará. 2022.



Fonte: Arquivo pessoal/Elaboração própria.

Figura 2- Objetos expostos para experiência sensorial



Uso de tecnologias educativas para a promoção do cuidado em saúde

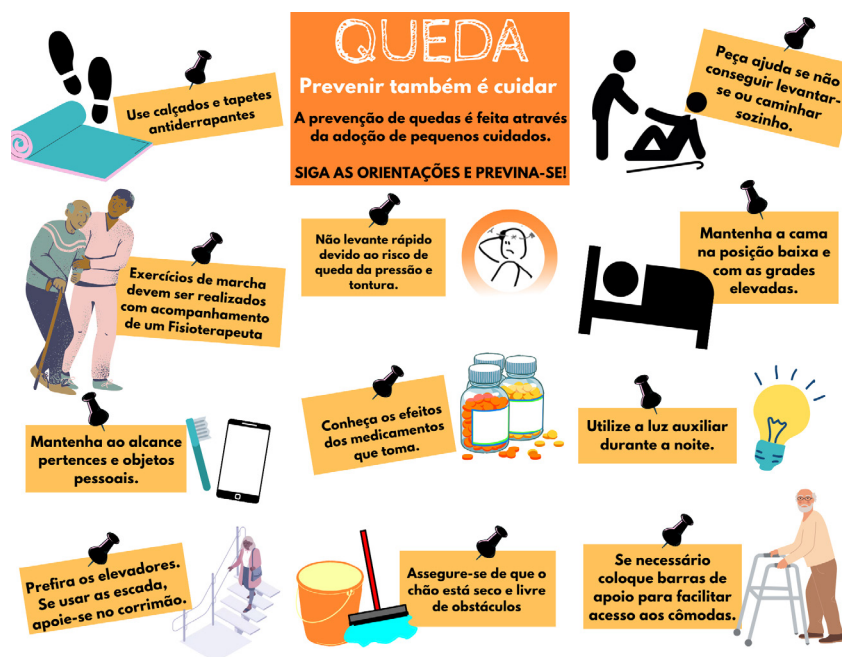
As tecnologias são produtos ou processos que permitem o envolvimento dos profissionais na prestação do cuidado ao usuário e no desenvolvimento do processo de educação em saúde, contribuindo para o fornecimento de informações relevantes ao público-alvo. Na prevenção e cuidados do risco de quedas, ações efetivas de educação em saúde podem ser determinantes para a prática das medidas preventivas. As tecnologias em saúde são resultados provenientes de conhecimentos científicos para a produção de bens materiais, ou não, utilizadas durante a intervenção em situação prática do dia a dia e/ou no âmbito da pesquisa, buscando a resolução de problemas humanos e estruturais relacionados à saúde (SILVA et al., 2019).

De acordo com Abreu, Marinho e Cardoso (2019), a utilização de materiais educativos impressos na área da saúde é uma prática comum no Sistema Único de Saúde (SUS). Manuais, folhetos, cartilhas e folders são capazes de promover significativos resultados para os usuários destas tecnologias. O aporte desses materiais contribui para uma maior interação entre profissional-usuário/usuário-família, a partir de uma leitura posterior, que reforça as orientações verbais, sendo utilizado como guia para consultas em caso de dúvidas e auxiliando no processo de tomada de decisão cotidiana quanto às medidas preventivas e cuidativas.

Assim sendo, na ação foi utilizado um folder explicativo com frases e figuras quanto às medidas de prevenção do risco de quedas em idosos. O folder (Figuras 3 e 4) foi elaborado com o intuito de abranger pessoas de todas as idades, de forma simples e objetiva, onde o repasse de informações fosse simplificado e apto aos usuários. Nele, continha várias medidas simples de prevenção de quedas, além de dados epidemiológicos sobre registros de quedas no Brasil. A partir dessa experiência, reforça-se ainda a importância da utilização de materiais impressos, como o folder, visando englobar toda a população.

Figura 3 - Folder explicativo sobre o risco de quedas em idosos. Fortaleza, Ceará. 2022.





Fonte: Elaboração própria.



Fonte: Elaboração própria.

Considerações finais

De acordo com os resultados do presente estudo, é visto que as ações de educação em saúde para idosos, desenvolvidas ainda dentro da universidade, possuem uma grande relevância na propagação de informações e na promoção do envelhecimento saudável, visto a complexidade do processo de diminuição da capacidade física e sensorial, relacionado principalmente com os fatores que cercam o indivíduo.

As ações de educação em saúde para idosos necessitam de metodologias dinâmicas e de fácil compreensão para melhor adesão do público e para garantir o potencial de melhoria na autonomia do idoso, buscando impactos diretos na sua qualidade de vida e segurança, tanto nos aspectos biológicos como nos psicossociais. Neste sentido, ficou evidenciado que o tipo de estratégia e tecnologias utilizadas pelas discentes favoreceu o aprendizado de forma significativa

e permitiu uma interação social entre o palestrante e o ouvinte.

Através da realização dessa atividade extra paredes da sala de aula, foi possível que as discentes colocassem em prática o conhecimento adquirido durante a explanação teórica da disciplina, além de permitir impactos sociais dentro do próprio ambiente universitário. Por meio de seu planejamento e elaboração, as discentes tiveram a oportunidade de desenvolver suas potencialidades e atuar dentro do tripé acadêmico oferecido pela universidade (ensino, pesquisa e extensão).

A educação permanente de profissionais de saúde na abordagem teórico-metodológica do ensino deve ser incorporada às estratégias de formação e qualificação no Sistema Único de Saúde. Assim, espera-se que esse relato sirva como interconexão entre os serviços de promoção à saúde e a academia, a fim de promover melhorias no cuidado ao idoso. Espera-se ainda que a informação seja repassada e que o público alvo sinta-se sensibilizado quanto à prevenção de quedas, evitando assim, suas consequências e contribuindo para a manutenção do envelhecimento ativo e saudável.

Referências

ABREU, A.C.S.; MARINHO, D.F.; CARDOSO, I.B.P. Tecnologia educativa para os cuidadores de pacientes submetidos a traqueostomia: estudo de validação. *Rev Aten Saúde*. v. 17. n. 59. p. 19-32. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ras.vol17n59.5730>. Acesso em: 18 jun 2022.

ABREU, D.R.O.M.; NOVAES, E.S.; OLIVEIRA, R.R.; MATHIAS, T.A.F.; MARCON, S.S. Internação e mortalidade por queda em idosos no Brasil: análise de tendência. *Ciênc. Saúde Coletiva*. v. 23. n. 4. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.09962016>. Acesso em: 26 set 2022.

SILVA, N.V.N.; PONTES, C.M.; SOUSA, N.F.C.; VASCONCELOS, M.G.L. Tecnologias em saúde e suas contribuições para a promoção do aleitamento materno: revisão integrativa da literatura. *Ciênc. Saúde Coletiva*. v. 24. n. 2. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.03022017>. Acesso em: 27 set. 2022.

ESTRÊLA, A.T.C.; MACHIN, R. O corpo na velhice e suas relações com as quedas a partir da narrativa de idosos. *Ciênc. Saúde Coletiva*. v. 26. n. 11. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.30472020>. Acesso em: 26 set 2022.

MENDONÇA, J.M.B.; ABIGALIL, A.P.C.; PEREIRA, P.A.; YUSTE, A.; RIBEIRO, J.H.S. O sentido do envelhecer para o idoso dependente. *Ciênc. Saúde Coletiva*. v. 26. n. 1. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.32382020>. Acesso em: 26 set 2022.

SILVA, N.V.N.; PONTES, C.M.; SOUSA, N.F.C.; VASCONCELOS, M.G.L. Tecnologias em saúde e suas contribuições para a promoção do aleitamento materno: revisão integrativa da literatura. *Ciênc. Saúde Coletiva*. v. 24. n. 2. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.03022017>. Acesso em: 27 set. 2022.

32 A UTILIZAÇÃO DE HQS COMO INSTRUMENTO À PROMOÇÃO DA SAÚDE E USO CONSCIENTE DOS RECURSOS NATURAIS

Damião Sampaio de Sousa (UECE)¹

Anthony Belarmino Barbosa (UECE)²

Francisco Rogênio da Silva Mendes (UECE)³

Hélcio Silva dos Santos (UVA)⁴

Márcia Machado Marinho (UECE)⁵

Gabrielle Silva Marinho (UECE)⁶

Introdução

O processo de ensino-aprendizagem se constitui em atividades que viabilizam a formação de educandos na qual exigem do educador habilidades e competências que possibilitam a busca de correlações de concepções teóricas e empiristas que permitem a construção de conhecimento do aluno (DE OLIVEIRA NAKAMURA; VOLTOLINI; & BERTOLOTO, 2021).

Ou seja, a aprendizagem é o resultado da prática e experiência que depende dos mecanismos para ampliar e difundir o conhecimento, na qual reflete-se a integração desses conhecimentos no âmbito ao qual os sujeitos ativos (educandos) estão inseridos uma vez que o conhecimento assimilado auxilia no entendimento de fenômenos científicos (DA ROCHA et al., 2017; DOS SANTOS & VERGUEIRO, 2012).

Especificamente, o ensino da ciência na educação básica tornou-se um desafio para os docentes na área baseados em alguns fatores: concepções tradicionais e teóricas na execução do tema, componente curricular pautado em conceitos e teorias; e a dificuldade dos educandos na assimilação do conhecimento teórico-prático com aplicações no cotidiano (DE SOUSA et al., 2020). Dessa forma, a inserção das novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) contribui para a construção do conhecimento em novas formas de alfabetização (científica, informática, literária, gráfica dentre outras) com o intuito de promover a ludicidade na aprendizagem das ciências (FERNANDES; DE TARSO GUERRA & SAITO, 2013).

Nesse contexto, as histórias em quadrinhos (HQs) se inserem no contexto educacional como forma de manifestação intelectual e cultural que devido sua estrutura peculiar (texto – imagem) possibilita uma educomunicação com as propostas de ensino integrando diversos públicos (ensino infantil à nível superior) contemplando o desenvolvimento da linguagem e as perspectivas de compreensão (PESSOA & UTSUMI, 2013; VICENTE & WESCHENFELDER, 2022).

As histórias em quadrinhos são sequências de imagens que buscam construir e transmitir uma mensagem ao leitor, assim, cativar a imaginação para que o próprio leitor possa criar sua interpretação da ação exposta. Devido a seu caráter lúdico e de fácil comunicação, os quadrinhos

<?> Graduando em Química, Bolsista de Iniciação Científica, damiao.sampaio@aluno.uece.br

<?> Graduando em Química, Bolsista de Iniciação Científica, anthony.barbosa@aluno.uece.br

<?> Doutorado em Biotecnologia – RENORBIO, Professor da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE), rogenio.mendes@uece.br

<?> Doutorado em Ciências Farmacêuticas (UFC), Licenciada em Química(UECE), Professora da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu(FECLI/UECE), marcia.marinho@uece.br

<?> Doutorado em Educação(UFC), Professora da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu(FECLI/UECE), gabrielle.marinho@uece.br

conquistaram posição de destaque na construção do conhecimento, permitindo o impacto positivo na promoção da compreensão de conceitos básicos de assuntos voltados para cuidados com a saúde, de forma lúdica, permitindo a formação de estudantes com visão crítica da realidade com as aplicações dos temas de saúde (TEIXEIRA & VASCONCELOS, 2014; RAMA & VERGUEIRO, 2008).

Nesse contexto, os projetos extensionistas “A Arte em Quadrinhos como Ferramenta para a Educação e Promoção da Saúde” e Educação para Saúde e Sustentabilidade Ambiental: Mini Bibliotecas de Objetos de Aprendizagem (Mboa) em Ciências Aplicadas a Hábitos Saudáveis e uso Consciente dos Recursos Naturais” buscam fomentar a formação acadêmica, artístico e cultural, dos licenciandos em Pedagogia e Ciências Biológicas da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI/UECE), através do desenvolvimento de Histórias em quadrinhos voltados para as questões relacionadas a saúde pública, trazendo para a comunidade escolar da região, um recurso didático de fácil acesso e interesse das crianças e jovens (DA SILVA CRISÓSTOMO et al., 2019; SOUSA et al., 2022. O presente trabalho apresentou como objetivo produzir quadrinhos e tirinhas baseados nos conteúdos apresentados na formação dos bolsistas envolvidos.

Metodologia

Inicialmente, foram realizadas várias pesquisas bibliográficas, como o intuito de sabermos mais a respeito do uso das HQs, processo de criação, formas e a funcionalidade de cada tipo de balões utilizados nas histórias em quadrinhos, pensamos qual seria o primeiro tema que íamos abordar na nossa primeira criação, também foi realizado uma variedade de pesquisas em sites que tivessem como função a criação de tirinhas e optamos por usar o (<http://www.toondoo.com/>) (LACERDA; SEPEL & FALKEMBACH, 2017; FATIMAH; SANTIANA & SAPUTRA, 2019; ROBLES, 2017).

O ToonDoo disponibiliza uma variedade de ferramentas que facilitam elaboração do trabalho de criação das tirinhas. Inicialmente, é necessário criar uma conta usando um e-mail, nome de usuário e senha, depois da criação da conta começamos a estudar o site, a descobrir as opções, objetos e personagens disponíveis para o uso, além da opção de criação dos nossos próprios personagens. Após muitas simulações e tentativas, criou-se uma tirinha com o tema de agrotóxicos em alimentos. O tema surgiu após várias pesquisas e debates, dentre vários outros temas relevantes para o tema educação em saúde, em reuniões com a coordenadora e os bolsistas do projeto de extensão. Um outro tema definido para a produção de quadrinho foi “cuidados na utilização de plantas medicinais”. Os temas escolhidos foram bastante apropriados, uma vez que, o intuito era trabalhar com assuntos que envolvessem saúde e meio ambiente.

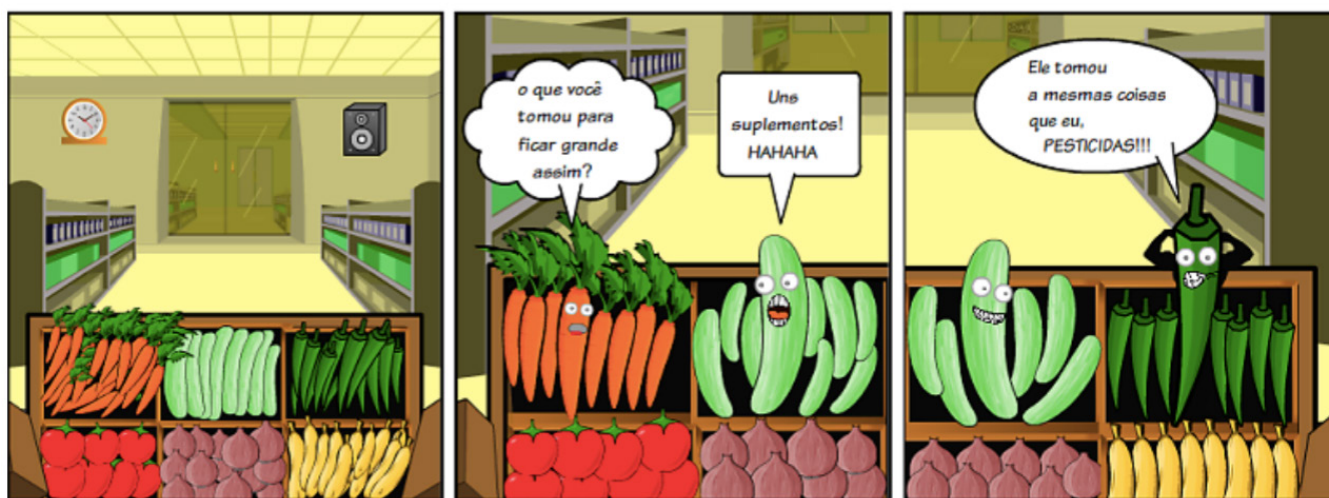
Desenvolvimento

Após, a seleção do tema foi trabalhado e desenhou-se em uma folha de rascunho quadrinho por quadrinho, as verduras, as frutas, as prateleiras, ou seja, utensílios alimentícios que podem ser facilmente encontrados no supermercado, mas com foco na parte das frutas e verduras, e ao mesmo tempo iniciou-se o processo de construção do texto presentes nas tirinhas. Em seguida, colocamos tudo em prática e iniciou a criação da história em quadrinho no site (<http://www.toondoo.com/>).

Buscando trabalhar na tirinha um tema em alta, que é sobre o uso de pesticidas em alguns alimentos, alertando para o risco do consumo destes produtos, tentou-se associar a seriedade

do tema ao humor dentro da tirinha, pelo fato de serem alimentos modificados e ainda como se esses alimentos fossem seres animados, pelo fato de haver um diálogo entre os próprios, como evidencia a Figura 1 que segue.

Figura 1. Tirinha sobre o uso de agrotóxicos nos alimentos



Fonte: Acervo dos autores

No caso do quadrinho sobre utilização das plantas medicinais, o enfoque foi no uso racional e correto das mesmas, posto que as pessoas acreditam não ter problema algum em consumi-las indiscriminadamente. Com uso de apresentação em slides, trabalhou-se o modo de criação da conta no site, as opções das ferramentas e como ocorre o processo de criação dos quadrinhos, com uma turma de biologia educacional, baseando-se no quadrinho produzido das plantas medicinais.

A partir das atividades planejadas e realizadas com a utilização das histórias em quadrinhos escritas pode-se estabelecer que a leitura de uma HQ não pode ser vista de forma simples, podendo ser tão complexa quanto à leitura de outros gêneros textuais (FREIRE et al., 2018). Dessa forma, a compreensão e desenvolvimento das HQs no ensino pode contribuir na construção assimilativa do conteúdo abordado explorando técnicas de leituras, escrita e pesquisas aplicadas tornando o ensino dinâmico, prático e interativo tanto para alunos, quanto aos professores (DOS SANTOS CARVALHO & MARTINS, 2013).

Diante disso, o uso de HQs como instrumento pedagógico é um método na qual pode-se centralizar os interesses próprios dos alunos para a construção e andamento de conteúdos úteis à sua formação, o que favorece a compreensão do mundo provenientes dos meios midiáticos da modernidade na criação de sujeitos independentes e críticos. Assim como, as experiências vivenciadas nesse processo possibilitam a formação docente inicial e continuada de outros docentes, de modo a correlacionar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação acadêmica, além de complementar o processo de ensino e aprendizagem e de fortalecer e enriquecer a formação profissional (FREIRE et al., 2018).

Em suma, a aproximação docente com os usos dos dispositivos tecnológicos e suas linguagens nas práticas de ensino demonstram que tais metodologias são agentes estratégicos que trazem o universo do estudante para a sala de aula, implementar atividades pedagógicas diferenciadas, tornar o aluno protagonista do seu processo de aprendizagem, estimular o trabalho colaborativo e

descentralizar o ensino da figura do professor (DOS SANTOS RODRIGUES & VERSUTI, 2022).

De forma, pode-se observar outros estudos voltados para a integração de novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no ensino responde a uma demanda social latente e importante legado que é oportunizado através do subsídio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), a saber: diversas experiências formativas, mapeamento e tomada de consciência da problemática ambiental, apropriação e inovação de soluções digitais para aprendizagem, bem como, avaliação de objetos educacionais. Importa ressaltar que todas ações desenvolvidas nos projetos, tem a finalidade não somente de ampliar a cultura do uso de recursos, mas também de desenvolver múltiplos recursos as metodologias ativas no ensino escolar, a exemplo: jogos de tabuleiro, animações, histórias em quadrinhos, uso de plataformas virtuais para a promoção de sujeitos ativos, críticos e protagonistas da construção do seu conhecimento, sobretudo, a comunicação entre universidade, escola e sociedade (DA COSTA et al., 2020; DE LIMA SANTIAGO et al., 2021; DE OLIVEIRA GUIMARÃES et al., 2018; DE SOUSA et al., 2021).

Considerações finais

As ações formativas permitiram a produção de várias HQs, a exemplo destaca-se uma tirinha sobre uso de agrotóxicos nos alimentos e um quadrinho sobre os cuidados no uso de plantas medicinais, posto que além de abordar questões inovadoras nas comunidades escolar além de fomentar o planejamento para o desenvolvimento de diversos quadrinhos voltados para a promoção da saúde, com enfoque especial em métodos contraceptivos, combate ao mosquito *Aedes aegypti*, higienização de frutas e legumes.

A concretização do presente trabalho, possibilitou a satisfação dos principais agentes ativos (bolsistas) em experienciar um percurso formativo e de protagonismo junto a comunidade, fruto de ações de mediação advindas desde o planejamento até a executar de produtos concretizados mesmo diante dos inúmeros desafios, que surgem, mas ao final do processo, apesar das dificuldades e limitações são superadas.

Importa ressaltar que dentre o legado dos projetos, destaca-se também a oportunidade de oferecer uma oficina de quadrinhos utilizando como base HQs sobre utilização de plantas medicinais. A oficina exclusiva para uma turma de colegas graduandos de Pedagogia da FECLI/UECE, alunos da disciplina de Biologia Educacional. oportunizou um novo olhar sobre os recursos naturais da região e a troca de vivências na criação e utilização de matérias voltados a aprendizagem lúdica. Por fim importa ressaltar que em continuidade os tem ainda como meta oferecer oficinas e minicursos de elaboração de quadrinhos para a comunidade acadêmica, bem como, elaborar manuscritos para publicizar, os produtos e vivências como o presente registro em um opúsculo institucional que destaca de forma especial a multiplicidade dos projetos propiciados pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará.

Referências

DA COSTA, M. C. R et al. Contextualização do uso racional da água pelas escolas públicas de Limoeiro do Norte (Ceará-Brasil): Experiência formativa na Extensão Universitária. Revista Brasileira de Meio Ambiente, v. 8, n. 1, 2020.

DE LIMA SANTIAGO, M. T et al. Educação ambiental nas escolas de ensino fundamental do

município de Jaguaruana (Ceará). *Educação Ambiental (Brasil)*, v. 2, n. 1, 2021.

DA ROCHA, M. N et al. O uso de quadrinhos didáticos: A ludicidade no ensino das ciências da natureza. *Redin-Revista Educacional Interdisciplinar*, v. 7, n. 1, 2018.

DA SILVA CRISÓSTOMO, L. C et al. Extensão universitária: Contribuições na formação profissional do bolsista. *Redin-Revista Educacional Interdisciplinar*, v. 8, n. 1, 2019.

DE OLIVEIRA GUIMARÃES, F. J et al. Extensão Universitária: Avaliação de impacto do Projeto” Preservação da Água: Conhecer para cuidar” em uma escola de Ensino Médio na cidade de Limoeiro do Norte. *Redin-Revista Educacional Interdisciplinar*, v. 7, n. 1, 2018.

DE OLIVEIRA NAKAMURA, L. O.; VOLTOLINI, A. G.; & BERTOLOTO, J. S. História em quadrinhos: Uma abordagem do percurso a sua inserção oficial no ensino. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, v. 22, n. 2, p. 178-184, 2021.

DE SOUSA, D. S et al. Utilização de animações como metodologia ativa no ensino da Educação Ambiental. *Educação Ambiental (Brasil)*, v. 1, n. 3, 2020.

DE SOUSA, D. S et al. Plataforma MEC RED e portal do professor: Facilitadores metodológicos para o ensino de educação ambiental. *Educação Ambiental (Brasil)*, v. 2, n. 2, 2021.

DOS SANTOS CARVALHO, L.; MARTINS, A. F. P. Formação continuada com quadrinhos nas aulas de Ciências: algum problema?. *Linhas Críticas*, v. 19, n. 39, p. 331-353, 2013.

DOS SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. D. C. S. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. *EccoS–Revista Científica*, n. 27, p. 81-95, 2012.

DOS SANTOS RODRIGUES, V.; VERSUTI, A. C. Transmidiação: uma tática enquanto formação de professores. *Concilium*, v. 22, n. 1, p. 16-35, 2022.

FATIMAH, A. S.; SANTIANA, S.; SAPUTRA, Y. Digital comic: an innovation of using toondoo as media technology for teaching English short story. *English Review: Journal of English Education*, v. 7, n. 2, p. 101-108, 2019.

FERNANDES, H. L.; DE TARSO GUERRA, V.; & SAITO, R. M. Histórias em Quadrinhos e Formação de Professores. IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 9, p. 1-7, 2013.

FREIRE, P. C. R et al. História em quadrinhos para o Ensino de Cinética Química. VII Encontro Nacional das Licenciaturas. VI Seminário do PIBID. I Seminário da Residência Pedagógica. Fortaleza–Ceará, 2018.

LACERDA, C. C.; SEPEL, L. M. N & FALKEMBACH, G. M. Toondoo: O uso de histórias em quadrinhos como objeto de aprendizagem na formação continuada de professores. *Imagens da educação*, v. 7, n. 3, p. 63-73, 2017.

PESSOA, A. R.; UTSUMI, L. M. S. A formação do professor e as histórias em quadrinhos na sala de aula. *Academos*, 2013.

PINHEIRO, J. G et al. avaliação das ferramentas de desenvolvimento da presencialidade virtual, aprendizagem autônoma e colaborativa presentes no AVA MOODLE©. *Redin-Revista Educacional Interdisciplinar*, v. 7, n. 1, 2018.

RAMA, A; VERGUEIRO, W. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. Editora Contexto, 2008.

ROBLES, A. C. M. O. Evaluating the use of Toondoo for collaborative e-learning of selected pre-service teachers. *International journal of modern education and computer science*, v. 9, n. 11, p. 25, 2017.

SOUSA, D. S et al. Experiência extensionista na construção de material didático para o ensino da

Educação Ambiental. Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB, João Pessoa, v. 59, n. 2, p. 619–631, jun. 2022.

TEIXEIRA, L.S; VASCONCELOS, C. A. Histórias em Quadrinhos: um gênero atrativo à leitura e à interpretação textual. Produção Didático-Pedagógica. Caderno PDE, V.II, Ivaiporã, 2014.

VICENTE, L. R.; WESCHENFELDER, G. V. Encontros entre educomunicação e BNCC a partir das eletivas: O desenvolvimento do protagonismo juvenil por meio dos quadrinhos. Comunicação & Educação, v. 27, n. 1, p. 73-84, 2022.

33 CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIFIMES POR MEIO DA REALIZAÇÃO DO CENSO ANIMAL CANINO E FELINO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Eric Mateus Nascimento de Paula (UNIFIMES)¹

Priscila Chediek Dall'Acqua (UNIFIMES)²

Introdução

A formação em Medicina Veterinária, no Brasil, tem passado por diversas mudanças, especialmente voltadas para reorganização curricular. Dentre estas, destacam-se as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária, formalizadas por meio Resolução N° 3, de 15 de agosto de 2019 (BRASIL, 2019) e, a curricularização da Extensão Universitária, instituída pela Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, por meio da Resolução N° 7, de 18 de dezembro de 2018 (BRASIL, 2018).

Em ambas as resoluções, o ponto de convergência versa pelo enfoque na formação humanística dos discentes. A qual é extremamente importante na Medicina Veterinária, pois os médicos veterinários trabalham com seres vivos, que muitas vezes são considerados membros da família de seus tutores. Por isso, esses profissionais precisam ter empatia, compaixão e compreensão do ponto de vista emocional e psicológico tanto dos animais quanto de seus tutores. Os estudantes de Medicina Veterinária podem desenvolver suas habilidades humanísticas por meio de atividades curriculares e extracurriculares, como voluntariado em abrigos de animais, participação em grupos de discussão sobre bem-estar animal e participação em eventos de conscientização sobre a importância da saúde animal. Sendo o objetivo final, formar médicos veterinários que possam prestar cuidados compassivos e de alta qualidade a animais e seus tutores, bem como a solução de demandas importantes da sociedade (TOLSTOVA; LEVASHEVA, 2019).

Neste raciocínio, uma problemática vivenciada cotidianamente, pelos acadêmicos de Medicina Veterinária e pela sociedade, é o crescimento populacional desordenado de cães e gatos no ambiente urbano, cada vez mais comum em muitas cidades ao redor do mundo. Esse problema pode ser atribuído a vários fatores, como o abandono de animais de estimação, a falta de programas de controle populacional adequados, a reprodução descontrolada de animais de rua e a falta de conscientização da população sobre a importância da castração. Tal situação, a longo prazo, pode trazer graves problemas de planejamento urbano, segurança pública e de saúde pública (KARTAL; ROWAN, 2018; FLOCKHART et al., 2022).

Para enfrentar esse problema, é necessário implementar programas de controle populacional adequados, como a castração de animais de rua e de animais de estimação. Além disso, precisam ser instituídas medidas gerais de profilaxia para o controle de zoonoses, por meio de ações integradas de saúde animal e humana. Contudo, para a instituição dessas ações, faz-se necessário o levantamento de dados, quantitativos e qualitativos, reais e concretos sobre o perfil

1 Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. Doutor em Medicina Veterinária (FCAVJ-UNESP). E-mail: ericmateus@unifimes.edu.br

2 Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. Doutora em Medicina Veterinária (FCAVJ-UNESP). E-mail: priscila.chediek@unifimes.edu.br

da população animal urbana. Uma ferramenta estratégica de grande valia para isso é o censo animal (KILGOUR et al., 2017).

Um censo animal de cães e gatos é uma contagem e coleta de informações sobre a população de animais de estimação em uma determinada área geográfica. O censo geralmente envolve a identificação e registro de dados básicos, como o número de cães e gatos na área, bem como informações mais detalhadas, como raça, idade, sexo, tamanho e condições de saúde dos animais. Os dados coletados são usados para entender melhor a situação da população animal em uma determinada área, bem como para desenvolver políticas e programas que ajudem a proteger e cuidar dos animais. Esse tipo de censo pode ser realizado por autoridades governamentais, organizações sem fins lucrativos, outras entidades que trabalham com a proteção animal e instituições de ensino superior (SILVA; BELO, 2015).

A realização de censo animal por estudantes pode ser uma atividade educativa e enriquecedora, desde que seja feita com ética e responsabilidade. É importante que os estudantes tenham conhecimento sobre as espécies que desejam estudar e sobre as técnicas de contagem e registro de dados. Desse modo, caracteriza-se aqui uma atividade prática de Extensão Universitária, que pode ser uma excelente maneira para os estudantes adquirirem habilidades práticas e aplicarem o conhecimento teórico em um contexto real. Além disso, essas atividades podem ajudar a aumentar a conscientização sobre a importância da conservação da vida e a envolver os membros da comunidade em iniciativas de proteção animal e de saúde (BARBIERI et al., 2017).

Considerando que a formação acadêmica em Medicina Veterinária é uma área que requer muito estudo e prática, as universidades oferecem disciplinas teóricas e práticas para que os estudantes possam adquirir conhecimentos e habilidades para atender aos desafios da profissão. No entanto, ações de extensão universitária são de extrema importância para complementar e enriquecer essa formação, proporcionando experiências práticas, como a realização do censo animal de cães e gatos. Com base no exposto, identificando que existe uma interconexão entre os temas aqui propostos, o presente trabalho objetivou relatar a experiência da curricularização da extensão universitária no curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES, por meio da realização do censo animal de cães e gatos da cidade de Mineiros, no Estado de Goiás.

Relato de experiência

A implantação da curricularização da extensão no curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES, por meio da estratégia do censo animal, se deu com base em um projeto de extensão, em andamento, intitulado “Núcleo Acadêmico de Vigilância em Zoonoses”, vinculado à Diretoria de Extensão, Assuntos Comunitários, Estudantis e Culturais (DEACEC) da UNIFIMES, cujo objetivo é desenvolver ações de vigilância em zoonoses no município de Mineiros/GO com foco em saúde única. Para o desenvolvimento deste projeto, torna-se necessário conhecer o perfil demográfico da população animal no ambiente urbano e, os cuidados com a saúde desses animais, no que tange ações de controle de natalidade, manejo profilático e acompanhamento médico veterinário.

Nesse sentido, foi realizada uma parceria com a Secretaria de Saúde do Município para a realização do censo canino e felino na cidade de Mineiros/GO, por meio de um recenseamento demográfico animal direto, ou seja, o levantamento do quantitativo total de animais em cada

residência. A escolha da pesquisa direta se justificou, devido ao fato de vários países fazerem esse tipo de levantamento, porém, por meio de estimativas indiretas, que são baseadas na coleta e compilação de informações de levantamentos inespecíficos ou por dados de atendimentos médico-veterinários com base em suas áreas de trabalho e vigilância passiva. Os métodos científicos baseados em estimativas podem ser imprecisos e provavelmente não serem fidedignos (GILL et al., 2022).

Na ação aqui relatada, foram envolvidos docentes e discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES e, Agentes de Combate à Endemias (ACEs), coordenados pela vigilância ambiental, diretamente ligada ao setor de vigilância em saúde, da Secretaria Municipal de Saúde de Mineiros/GO. A interação de acadêmicos com serviços públicos de saúde é fundamental para o avanço da saúde pública e para a formação de profissionais de saúde mais capacitados e conscientes das necessidades da população, além disso permite que os estudantes e pesquisadores realizem pesquisas, estudos e ações extensionistas sobre temas relevantes para a saúde pública, como doenças emergentes, epidemiologia, políticas públicas de saúde e sistemas de saúde (CAMPOS et al., 2021). Dessa forma, a extensão universitária oferece subsídios ao governo para a elaboração de políticas públicas (FORPROEX, 2012).

O envolvimento dos acadêmicos de Medicina Veterinária possibilitou a curricularização da extensão no curso de graduação, a qual se apresenta de forma integrada a matriz curricular do curso, com carga horária correspondente à no mínimo 10% da carga horária total do curso. Esta, se dá na UNIFIMES por meio de programas, projetos, cursos, oficinas, eventos e prestação de serviços, devidamente registrados na DEACEC e, prevista no projeto político-pedagógico dos cursos na forma de temas amplos relacionados à área de formação (UNIFIMES, 2022).

Portanto, essa atividade, cuja temática envolve a Saúde Única, foi inicialmente proposta aos acadêmicos das disciplinas: Metodologia da Pesquisa (1º período), Epidemiologia Veterinária (4º período), Metodologia da Pesquisa Científica (8º período) e, Saúde Pública (9º período). Estas foram escolhidas por englobarem temas afins da ação em sua ementa, de forma a proporcionar ao graduando o aprendizado em contato com a comunidade. Posteriormente, foi aberto para que acadêmicos de outros períodos do curso, interessados na temática pudessem participar do projeto, permitindo ao acadêmico a escolha de atividades de extensão de seu interesse para cumprir a carga horária destinada à extensão na matriz curricular. Essas ações possibilitam, o enriquecimento da experiência do discente por meio de novas descobertas e questionamentos, em um espaço de construção coletiva do conhecimento, com interação dialógica com a sociedade ao trabalhar com questões contemporâneas de forma interdisciplinar (FORPROEX, 2012).

A interdisciplinaridade das disciplinas acima mencionadas, convergem de maneira comum para a epidemiologia, uma área que tem muito a contribuir para os estudos populacionais de cães e gatos. Em primeiro lugar, os métodos, abordagens e perguntas abordados pelos epidemiologistas são cruciais para entender completamente a demografia, extensão e tipos de problemas, intervenções potenciais e necessidade de avaliação de pontos finais nas populações de cães e gatos que vivem em ambientes urbanos. Em segundo lugar, a formação com princípios epidemiológicos leva os acadêmicos a serem treinados e terem experiência em trabalhar em equipes; eles estarão acostumados com pesquisa interdisciplinar. Tais abordagens interdisciplinares continuarão sendo necessárias no estudo das interações entre doenças e seres humanos, cães e gatos (SLATER, 2001).

Antes do início das ações, foram realizadas capacitações com discentes e ACEs, visando demonstrar a importância desse levantamento de dados para o planejamento estratégico de ações de combate a zoonoses no município, concomitante ao treinamento para a realização das entrevistas (Figura 1). As capacitações foram ministradas por dois docentes do curso de Medicina Veterinária e contaram com a participação de 130 acadêmicos do curso de Medicina Veterinária, 15 ACEs e dois coordenadores da equipe da vigilância em saúde. A capacitação de acadêmicos para ações de extensão universitária é uma iniciativa importante para garantir que os estudantes estejam preparados para atuar de forma efetiva nas comunidades, desenvolvendo projetos que possam contribuir para o desenvolvimento social e cultural dessas regiões (PISSAIA et al., 2018).



Figura 1. Agentes de Combate a Endemias em uma atividade de capacitação realizada na UNIFIMES.

A coleta de dados iniciou em fevereiro de 2023, com execução ao longo de todo o primeiro semestre, e foi realizada pelos discentes do Curso de Medicina Veterinária e pelos ACEs, por meio de entrevistas realizadas in loco nos domicílios da zona urbana da cidade através do preenchimento de um questionário estruturado online elaborado no Microsoft® Forms, por meio do qual é possível obter os resultados em tempo real. Desta forma, os estudantes participaram como membros executores da atividade de extensão, atendendo as exigências institucionais para as atividades de curricularização da extensão (UNIFIMES, 2022).

Inicialmente, as coletas de dados foram realizadas em mutirões, às sextas-feiras no período da manhã, com a presença de discentes e ACEs (Figura 2); posteriormente, optou-se por manter os mutirões às sextas-feiras e incluir também os sábados no período da manhã com os discentes e; os ACEs começaram a realizar as entrevistas ao longo de toda a semana, concomitante a sua rotina diária de visita aos domicílios da área de abrangência das Unidades Básicas de Saúde (UBS) que estão lotados. Além disso, os acadêmicos foram designados para realizar a coleta de dados em seus horários vagos, em locais próximos de suas residências, visando otimizar a coleta de dados.



Figura 2. Agente de Combate à Endemias e uma acadêmica de Medicina Veterinária realizando a abordagem nas residências para a realização da entrevista do censo animal.

A realização do censo animal de maneira rápida é importante para garantir que os dados coletados sejam precisos e atualizados, permitindo a identificação precoce de surtos de doenças, o planejamento adequado de políticas públicas e a tomada de decisão baseada em informações atualizadas, uma vez que podem ocorrer mudanças frequentes na população animal (BELO et al., 2015).

Os locais em que foi realizado cada mutirão, foram previamente selecionados e consistiram em um ou mais bairros da cidade, em que foi determinado um ponto estratégico para encontro da equipe e distribuição das quadras de responsabilidade de cada entrevistador, assim, a coleta de dados foi realizada por bairro da cidade. Com isso, ao longo do período de realização da ação, todos os 89 bairros no município de Mineiros terão os dados coletados. Esse é um ponto de formação universitária importante para os discentes, uma vez que ao visitarem todos os bairros da cidade, esses estudantes são apresentados e entram em contato com diversas realidades socioeconômicas e culturais, o que contribui diretamente para a sua formação humanística.

As diferenças socioeconômicas entre bairros de uma mesma cidade podem ser significativas e ter um impacto importante na qualidade de vida e nas oportunidades disponíveis para os residentes de cada área. Algumas das principais diferenças socioeconômicas que podem ser observadas entre bairros incluem renda, educação, empregos, saúde e segurança (BITTENCOURT; GIANNOTTI; MARQUES, 2021). O contato com diferentes realidades socioeconômicas e culturais é extremamente importante para acadêmicos, pois isso os ajuda a ampliar sua visão de mundo

e a compreender melhor as complexidades da sociedade. Além disso, esse contato pode ajudá-los a desenvolver habilidades importantes, como empatia, tolerância, flexibilidade e capacidade de adaptação. Adicionalmente, os discentes se tornarão profissionais mais conscientes e comprometidos com a promoção da igualdade social e da justiça, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática (PEDRAJA-REJAS; RODRÍGUEZ-PONCE; LABRAÑA, 2022).

A medicina veterinária tem sido lenta em abordar questões relacionadas às humanidades, relevantes para profissão e para a educação dos alunos. Apenas tentativas esporádicas e isoladas de documentar o valor da formação humanística podem ser encontradas na literatura veterinária. Incluir ações e atividades que promovam esse tipo de formação acadêmica são efetivas ferramentas na educação de profissionais veterinários, que trarão muitos benefícios para essa classe profissional (BROSNAHAN, 2023).

Durante a coleta de dados (Figura 3 e 4), um dos responsáveis pelo domicílio e/ou estabelecimento comercial visitado responde ao discente ou ACE que realiza perguntas pré-determinadas, referente a presença de animais, quantidade de cães e gatos; sexo, idade, identificação, castração, vermifugação, vacinação, abrigo, hábitos de passeio, alimentação e visitas ao médico veterinário.

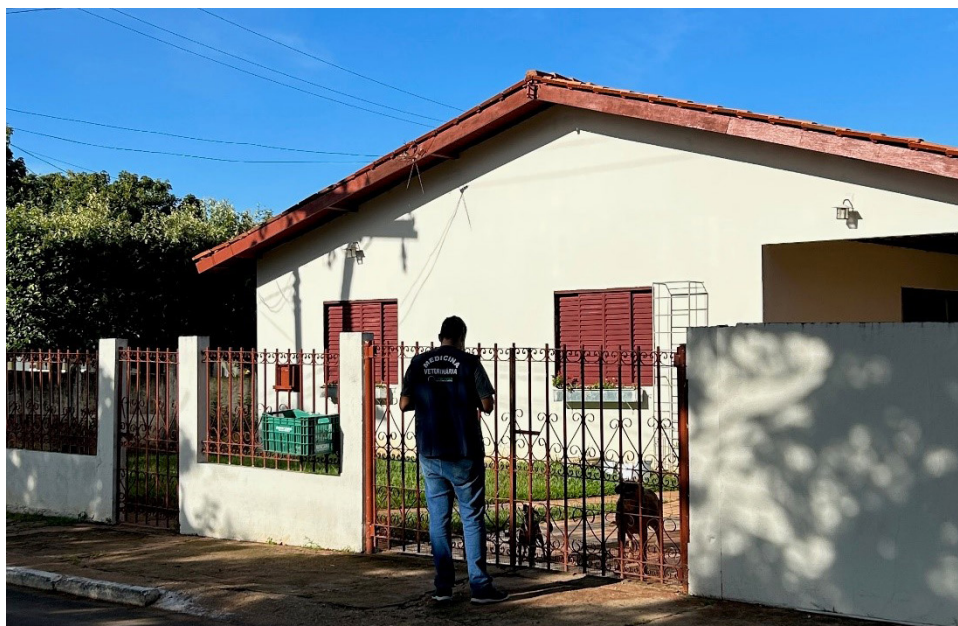


Figura 3. Acadêmico de Medicina Veterinária realizando entrevista in loco em uma residência do município de Mineiros/GO.



Figura 4. Acadêmicas de Medicina Veterinária realizando entrevista in loco em uma residência do município de Mineiros/GO.

Posteriormente, os dados coletados através do censo serão analisados para subsidiar o planejamento estratégico de ações de saúde única no município, nas quais os integrantes do projeto estarão envolvidos. Desta forma, o médico veterinário estará envolvido em questões de desenvolvimento sustentável, por meio da promoção do bem-estar animal, social e econômico, sustentabilidade ambiental, contribuindo para a melhoria das relações sociais entre humanos e com os animais (DE ALMEIDA et al., 2022).

Conclusão

As ações de extensão universitária, como o censo animal de cães e gatos, podem ser uma excelente oportunidade para estudantes de Medicina Veterinária desenvolverem habilidades práticas e contribuir para a comunidade. Essas atividades complementam a formação acadêmica e proporcionam aos estudantes uma visão mais ampla sobre a importância da Medicina Veterinária para a sociedade. A realização dessas atividades deve ser sempre feita com responsabilidade e ética, garantindo a segurança dos animais e das pessoas envolvidas. Entende-se ainda que a realização do censo animal, por meio dos acadêmicos do curso de Medicina Veterinária, proporciona também uma formação humanística envolvendo o desenvolvimento de habilidades interpessoais, comunicação eficaz, respeito à diversidade cultural e capacidade de compreender e lidar com a dor e o sofrimento dos animais e seus proprietários, e dos anseios da sociedade.

Referências

BARBIERI, L. S. et al. Contribuição da extensão universitária para a saúde humana e animal em comunidades carentes da região metropolitana do Recife, PE. Revista de Educação Continuada em

Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 15, n. 1, p. 72-73, 2017.

BELO, Vinícius Silva et al. Population estimation methods for free-ranging dogs: a systematic review. *PLoS One*, v. 10, n. 12, p. e0144830, 2015.

BITTENCOURT, Taina A.; GIANNOTTI, Mariana; MARQUES, Eduardo. Cumulative (and self-reinforcing) spatial inequalities: Interactions between accessibility and segregation in four Brazilian metropolises. *Environment and Planning B: Urban Analytics and City Science*, v. 48, n. 7, p. 1989-2005, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução N°3, de 15 de agosto de 2019. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina Veterinária e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 16 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução N°7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 19 dez. 2018, seção 1, pp 49 e 50.

BROSNAHAN, Margaret M. Life, Death, and Humanity in Veterinary Medicine: Is it Time to Embrace the Humanities in Veterinary Education?. *Journal of Veterinary Medical Education*, p. e20220118, 2023.

CAMPOS, Francisco Eduardo de et al. Caminhos para aproximar a formação de profissionais de saúde das necessidades da atenção básica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 25, p. 53-59, 2021.

DE ALMEIDA, Andreina Pinto et al. Da Proeminência do Médico Veterinário na Sustentabilidade do Meio Ambiente. *RCA Medicina Veterinária*, v. 1, n. 1, 2022.

FLOCKHART, DT Tyler et al. Estimates of domestic cats in urban areas using interdisciplinary science: The Washington DC Cat Count. *Society & Animals*, v. 30, n. 7, p. 703-720, 2022.

FORPROEX - Fórum De Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras Plano Nacional de Extensão Universitária. Política Nacional de Extensão Universitária. 2012.

GILL, Gurlal S. et al. Stray Dogs and Public Health: Population Estimation in Punjab, India. *Veterinary Sciences*, v. 9, n. 2, p. 75, 2022.

KARTAL, Tamara; ROWAN, Andrew N. Stray dog population management. *Field Manual for Small Animal Medicine*, p. 15-28, 2018.

KILGOUR, R. J. et al. Estimating free-roaming cat populations and the effects of one year Trap-Neuter-Return management effort in a highly urban area. *Urban Ecosystems*, v. 20, p. 207-216, 2017.

PEDRAJA-REJAS, Liliana; RODRÍGUEZ-PONCE, Emilio; LABRAÑA, Julio. What do we know about academic culture? A review of the concept in the field of higher education studies. *Educação e Pesquisa*, v. 48, 2022.

PISSAIA, Luís Felipe et al. Relato de experiência: qualificação da extensão universitária na área da saúde por meio de estratégias de ensino contemporâneas. *Research, Society and Development*, v. 7, n. 2, p. 1172188, 2018.

SILVA, Cristian José; BELO, Marco Antônio. Censo canino e felino: sua importância no controle de zoonoses na cidade de Cacoal-RO. *Enciclopédia Biosfera*, v. 11, n. 21, 2015.

SLATER, Margaret R. The role of veterinary epidemiology in the study of free-roaming dogs and cats. *Preventive Veterinary Medicine*, v. 48, n. 4, p. 273-286, 2001.

TOLSTOVA, Olga; LEVASHEVA, Yuliya. Humanistic trend in education in a global context. In: *SHS Web of Conferences*. EDP Sciences, 2019. p. 00121.

UNIFIMES – Centro Universitário de Mineiros. Pró-Reitoria de Ensino, de Pesquisa e de Extensão. Portaria N° 06, de 29 de março de 2022. Dispõe sobre as diretrizes para a Inserção Curricular das Atividades de Extensão nos cursos de graduação da UNIFIMES, e dá outras providências. Mineiros: Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior, 2022.